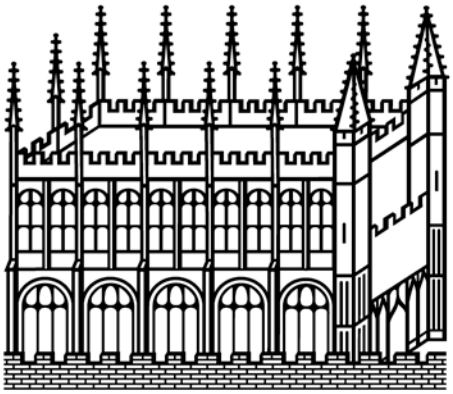


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

H. 82. 1

296 b. 11

H. 32.

M
1895

H. 82. 1

OBRAS
DE
LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

SEGUNDA EDIÇÃO,

Da que, na Officina Luiſiana, ſe fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

TOMO II.

LISBOA.
Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.
ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

ADVERTENCIA DO EDITOR AOS QUE LEREM.

PORque naõ falte couſa que poſſa enriquecer eſta noſſa Ediçaõ, e porque vá acompanhada de tudo o que de alguma maneira póde ſer intereſſante, dar goſto aos Leitores, e ſervir-lhes de inſtrucçaõ; lançaremos aqui o Prologo, feito pèlo excellente Juriſta, e Poeta Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, com o qual, no anno de 1595. em Lisboa, ſahíram impreſſas a primeira vez algumas Rhythmas do noſſo Poeta. He, pois, o referido Prologo como ſe ſegue:

COmo eſte Livro ha de vir ás mãos de muitos, e naõ he poſſivel em todos ſer igual a noticia das couſas, que ſe requerem para entendimento delle, naõ pareceo pouco acertado advertir brevemente algumas, aſſi ſobre o titulo, e diviſaõ da Obra, como tambem ſobre o Author della. E começando pelo titulo, eſta palavra *Rhythmas* (que os Italianos, e Francezes pronunciam ſem aſpiraçõés) deſcende de ῥυθμὸς, vocabulo Grego, que quer dizer, *número*, ou *harmonía*; como declara Diomedes Grammatico, e Nicolão Perotto, na Cornucopia, no Commento do quarto Epigramma: e em ambas as ſignificações convém propriamente ao verſo de medida Italiana, porque naõ ſómente conſiſte em certo número de ſyllabas, mas tambem na harmonía, cauſada dos accentos, e conſoantes, como prova Benedetto Varchi, no Dialogo Herculano, na pergunta 9. Nem iſto recebe dúvida, porque geralmente o corpo de toda a ſorte de Poema ſe forma de número, e harmonía; donde naſceo chamar-lhe Poſſidonio Eſtoico, *Dicçaõ numeroſa*, que conſta de medida certa; co-

como refere Laercio, na vida de Zenaõ. Em tanto, que ſendo Socrates aviſado, por hum Oraculo, ſe queria alcançar a bemaventurança, applicaſſe o animo á Muſica; entendeo que ſatisfazia ao intento daquelle aviſo, em ſe empregar todo em fazer verſos, por ſer a harmonía, e números delles, parte da meſma Muſica, como conta Celio Calcagnino, na Oraçaõ que fez em louvor das Artes. Donde tambem procedeo a etymologia deſte nome *Poeta*, que conforme a opiniaõ de Euſtathio, ſeguida por Rhodegino, no livro quarto, ſe deriva de ποιεῖν, que ſignifica ἐμμέτρως ἀείδειν, que quer dizer *cantar*: e o meſmo nome de *Muſa* ſignifica *Canto*, como affirma o meſmo Nicoláo Perotto, ſobre o quinto Epigramma: e por iſſo Dante chamou á Poeſia, ficçaõ Rhetorica, poſta em Muſica. E que o titulo de Rhythmas convenha a toda eſta Obra, moſtra-ſe tambem claramente por hum Diſcurſo que fez o Cardeal Pedro Bembo, no livro 2. das Proſas, onde diz que as Rhythmas (ou Rimas, como elle eſcreve) ſaõ de tres maneiras; porque ou ſaõ reguladas, ou livres; ou parte livres, e parte reguladas. Reguladas ſe chamam aquel-

aquellas que vaõ ſempre atadas a huma meſma regra, como ſaõ os Tercetos, de que ſe crê ſer inventor Dante, porque antes delle ſe naõ acham feitos por outrem (*). E aſſim as Oitavas, que in-

(*) Poſtoque naõ exiſtam hoje, ſabe-ſe com tudo, que antes de Dante, e Petrarca, houve verſos Hendecaſyllabos, e Tercetos. Na Dedicatoria da ſua Chronica Geral de Heſpanha, impreſſa em Valença no anno de 1546., affirma Pedro Antaõ Beuter, que em Valença hum certo Moſſen Jordi, que floreceo pelos annos de 1250., eſcrevia Sonetos, Sextinas, e Terceroles, que ſaõ Tercetos: e he de opiniaõ o meſmo Beuter, que eſte Author, neſte genero de verſos, imitava a outros ainda mais antigos, como o Imperador Federico II., e ſeu filho, que viviam pelos annos de 1200. Conſta ao certo, que Dante naſceo em 1265., donde naõ fica lugar a duvidar, que antes de Dante ſe eſcreviam verſos Hendecaſyllabos, e Tercetos. Para maior prova copiaremos huns verſos, que do meſmo Jordi traz Beuter naquella Dedicatoria, ou naquelle Prologo; e ſaõ os que ſe ſeguem:

E no he pau, e no tinch quim guarreig:
Vol ſobrel cel, e non movi de terra,
E no eſtrench res, etot lo man altràs:
Hoy he de mi, e vull altri gran bè,
Si no Amor, dons nço que ſem.

Verſos que Petrarca, que naſceo em 1304., imitou; ou para melhor dizer, traduzio deſta maneira:

inventáram os Sicilianos, fazendo-as de dous conſoantes até ao cabo: e deſpois foram reduzidas a melhor fórma pelos Toſcanos, accreſcentando-lhe terceiro conſoante nos dous verſos ultimos: e as Sextinas, que foram invençaõ dos Provençaes, eſpecialmente de Arnaldo Danielo (*). Rhythmas

Pace no trovo, e non ho da far guerra:
E volo ſopra il Cielo, e ghiacio in terra,
E nulla ſtringo, e tutto il mondo abraccio:
Et ho in odio me ſteſſo, & amo altrui
S'amor non è, che dunque è quel ch'io ſento.

A'lém do que fica dito, tambem nos conſta de manuſcriptos dignos de toda a fé, e credito, que o noſſo Rei, o Senhor D. Diniz, que naſceo primeiro que Dante tres ou quatro annos, compuzera muitos verſos Hendecaſyllabos, entre os quaes ſe faz crivel entraſſem tambem Tercetos. Na Chronica de Ciſter, eſcripta por Fr. Bernardo de Brito, liv. 6. cap. 1. m. fol 372., achará o Leitor verſos deſte genero, compoſtos por Gonçalo Hermigues, que florecia pelos annos de 1090., tempo em que o Conde D. Henrique naõ havia ainda entrado em Portugal, e 170. annos antes do Senhor Rei D. Diniz.

(*) Muitos ſe perſuadíram ſerem as Sextinas invençaõ de Petrarca; porém enganáram-ſe, porque 30. annos primeiro que Petrarca, as eſcreveo Dante, e primeiro que Dante o tal Arnaldo Danielo, de quem aqui faz menção Surrupita. Em Portugal foi primeiro em as eſcrever Jorge de Monte Maior, e quaſi pelos meſmos tempos Luis de Camões.

mas livres ſaõ aquellas que naõ guardam regra alguma, nem no número dos verſos, nem na correſpondencia dos conſoantes, como ſaõ os Madrigaes derivados de Mandra, palavra Toſcana; por ſer compoſiçaõ villaneſca, a que reſpondem os noſſos Villancetes. Rhythmas parte livres, parte reguladas, ſaõ as que em algumas couſas vaõ ſujeitas a regra, e n'outras ſaõ iſentas della; como ſaõ os Sonetos, e Canções: porque os Sonetos, ainda que no número dos verſos, e diſpoſiçaõ delles, tem obrigaçaõ de ſeguir ſempre huma meſma regra; com tudo, na correſpondencia dos conſoantes, naõ tem obrigaçaõ certa, como moſtra Rengifo, na ſua Arte Poetica, no cap. 43., ſeguindo todavia a obſervaçaõ, que com muito engenho, e juizo, advertio Torquato Taſſo, no ſeu Dialogo da Poeſia Toſcana: e as Canções tem a meſma natureza, como aponta o meſmo Rengifo, no cap. 59. e nos ſeguintes. E com iſto temos ſatisfeito ao titulo.

Segue-ſe a diviſaõ da Obra, que vai repartida em cinco partes, porque o número quinquenario pertence particularmente a Obras de Poeſia, e Eloquencia: o que ſe vê claramente, porque con-

conforme a doutrina dos Platonicos, era dedicada a Mercurio, e aos outros deoſes, que no ſeu rito Gentilico eram Padroeiros das Artes, como eſcreve Rhodigino, lib. 12. cap. 10. E a Mercurio tinham elles por divindade da Eloquencia; e por iſſo lhe conſagravam as Linguas, como refere Vincencio Cartario no Livro das Imagẽes dos Deoſes, ſobre a Imagem de Mercurio: e ſendo aſſi da Eloquencia, ficava tambem ſendo da Poeſia, pela liança que entre ſi tem, conforme a definiçaõ de Dante, e Poſſidonio. E por iſſo a quinta letra do Alphabeto Grego era dedicada a Apollo, como eſcreve Guillelmo Onciaco, no Livro dos Lugares, cap. 5. E as Muſas, poſtoque ſejam nove, ſó a cinco dellas tocava o miniſterio da Poeſia, porque a Clio ſe attribuia o ſogeito della, preſidindo á Hiſtoria: a Polymnia o ornamento da linguagem: a Calliope o verſo Heroico: a Melpomene o Tragico: a Thalia o Comico, conforme ao Epigramma vulgar, que anda entre os de Virgilio. Seguindo, pois, eſta diviſaõ, ſe deo a primeira parte aos Sonetos, por ſer compoſiçaõ de mais merecimento, por cauſa das difficuldades della, aſſim em naõ admit-

mittir nenhuma palavra ociosa, nem de pouca efficacia, como em haver de cerrar toda a materia delle, dentro no limite de quatorze versos: fechando o ultimo Terceto de maneira, que naõ fique ao entendimento desejo de passar avante; cousa em que muitos Poetas, que andam nas azas da fama, tiveram pouca felicidade (*) A segunda parte le deo ás Canções, e Odes, que ref-

(*) O nosso Antonio Ferreira, pouco feliz na versificaçaõ, cahio neste defeito, por quanto se acham nelle Sonetos, em cujo fim o Leitor fica como esperando pelo mais que o Poeta devia dizer. Apontaremos hum, para que com este exemplo o Estudioso que se applicar a semelhantes composições, tenha cuidado de se acautelar nesta parte, e para que se veja a justificada critica de Surrupita, que pelo que entendemos, naquelle tempo se dirigia ao mesmo Ferreira. O tal Soneto, segundo se colhe do contexto delle, parece que he feito a huns olhos, e diz assim:

O' olhos, donde amor suas frechas tira
Contra mim, cuja luz me espanta, e cega!
O' olhos, onde amor se esconde, e prega
As almas, e em pregando-as, se retira!
O' olhos, onde amor amor inspira,
E amor promette a todos, e amor nega!
O' olhos, onde amor tambem se emprega,
Porque tambem se chora, e se suspira!

reſpondem aos verſos Lyricos, como moſtra Fernando de Herrera, no ſeu doctiſſimo Commento, ſobre a primeira Canção de Garcilaſſo. A terceira a Elegias, e Oitavas, de que naõ achamos que uſaſſe Petrarca (*), mas de ambas eſtas compoſições uſou felicemente Arioſto, e por ventu-

---

O' olhos, cujo fogo a neve fria
Accende, e queima! O' olhos poderoſos
De dar á noite luz, e vida á morte!
Olhos, por quem mais claro naſce o dia!
Por quem ſaõ os meus olhos taõ ditoſos,
Que de chorar por vós lhe coube em ſorte!

Sem por ora fazermos outras reflexões, ſó diremos, que, na opiniaõ de Antonio Ferreira, com o primeiro deſtes quatorze verſos eſtava feito o Soneto, porque os que ſe ſeguem a eſſe meſmo primeiro nenhuma outra couſa accreſcentam.

(*) Naõ compoz Petrarca Elegias com eſte titulo; mas eſcreveo os ſeus Triumphos em Tercetos, que naõ ſaõ outra couſa, que humas puras Elegias. Em algumas Edições das Obras deſte Poeta, aſſim como na de Napoles de 1609., em 16., ſe acha hum pequeno Poema em Tercetos, com o titulo de Capitulo, (talvez poſto por Impreſſores) que naõ deixa de ſer huma Elegia. Principia:

Nel cor pien de amariſſima dolcezza
Riſonavan' ancor gli ultimi accenti
Del vagioner, che' ai ſoi brama, & apprezza, &c.

tura que ſoube melhor imitar na graça, e perfeiçaõ do verſo Elegiaco a Tibullo, e Propercio, que ſaõ os Principes deſte genero, que na mageſtade do Heroico a Virgilio. A quarta a Eclogas, por ſer eſpecie de compoſiçaõ, em que ſe requere menos ſufficiencia; e nelle, deixando a Theocrito, e Virgilio, teve particular excellencia Sannazaro, como nas Piſcatorias Berardino Rota (*). A quinta, e ultima parte ſe deo ás Groſas, e voltas, e outras compoſições de verſo pequeno, que ſaõ proprias da noſſa Heſpanha (**), em que Gregorio Sylveſtre ſe avantajou

(*) A Sannazaro, e Rota, podia, ſem muito eſcrupulo, accreſcentar Lodovico Paterno na Italia, e Garcilaſſo na Heſpanha.

(**) Diz que as *Groſas, e voltas, e outras compoſições de verſo pequeno, ſaõ proprias da Heſpanha*, e niſto ha engano. Em quanto as *Groſas, e voltas*, he certo que ſó os Heſpanhoes as uſáram, e que em nenhum tempo apparecêram fóra da Heſpanha: em quanto aos verſos pequenos naõ tem razaõ, porque Gregos, e Latinos os uſáram, e os Italianos em todos os tempos no ſeu Idioma: o que ſeria facil provar. O juizo que faz de Gregorio Sylveſtre he o mais ajuſtado com a razaõ, porque na verdade foi inſigne, tanto nos verſos pequenos, como nas chamadas *Groſas*. Foi Portuguez, e natu-

jou notavelmente, entre todos os Heſpanhoes, e tivera o primeiro lugar, ſe Luis de Camões lho naõ ganhára, aſſi na agudeza dos conceitos, e propriedade das palavras, como na habilidade de meter regras impoſſiveis; que moſtrou muito mais nas outras Rhythmas, como logo diremos. E continuando com elle, (que he a terceira parte deſte Prologo) he evidente temeridade querer louvá-lo; porque ainda que os outros Poetas foſſem particularmente abalizados em alguma perfeiçaõ eſpecial, todavia a huns faltou a natureza, que lhes fizeſſe facil a contextura do verſo, lavrando-o com tanta aſpereza, e difficuldade (*), que parece que eſtaõ alli as palavras vio-

---

ral de Lisboa: porém creou-ſe, e viveo ſempre na Heſpanha, onde tratou outros tambem egregios no meſmo genero de verſificaçaõ; aſſim como Garcia Sanches de Badajoz, Bartholomeu de Torres Navarro, D. Joaõ Fernandes de Heredia, e Chriſtovaõ de Caſtilejo. As Obras de Sylveſtre ſe imprimiram em Lisboa, por Manoel de Lyra, anno de 1592., em doze, e depois em Granada, por Sebaſtiam de Mena, anno de 1599. em oitavo.

(*) Aqui deve entrar o meſmo Ferreira, de quem já acima fallámos, o qual poſtoque tiveſſe baſtante liçaõ dos Poetas, ſegundo alcançamos das ſuas Obras;

violentadas, e os conceitos encerrados nellas por força: e aſſi carecem da ſuavidade, em que conſiſ-

---

como lhe faltaſſe o eſpirito, e natureza, para a ſuavidade, e melodia metrica, tem verſos de tal aſpereza, e eſcabroſidade, que parece deixam os ouvidos eſcalavrados a quem os ouve recitar. Naõ baſtam os muitos eſtudos Poeticos, para conſtituir hum Poeta egregio; tambem he neceſſario que a indole, o genio, e a natureza, concorram. Horacio o diz claramente na Poetica, verſ. 408.:

Natura fieret laudabile carmen, an arte
Quæſitum eſt: ego nec ſtudium ſine divite vena,
Nec rude quid proſit video ingenium: alterius ſic
Altera poſcit opem res, & conjurat amicè.

Porém eſte defeito que aqui aponta Surrupita, naõ procedeo tanto no Ferreira da falta do eſpirito, ou natureza, quanto da pouca extenſaõ que eſte Poeta tinha no Idioma Portuguez, e de ſe moſtrar menos inſtruido na Arte verſificatoria. O Poeta que deſeja conſtituir-ſe tal, deve entre outras muitas couſas, ſaber manejar bem aquella Lingua em que eſcreve, e eſtar ſenhor della, para que lhe naõ ſucceda o meſmo que ao Ferreira, que para encher verſos, a cada paſſo ſe eſtá ſervindo das meſmas palavras, como o *eſprito*, (já naquelle tempo ſe dizia *eſpirito*) e outras taes, de que nunca ſe póde ſahir. Deve ter conhecimento da natureza, ou (como lhe chama certo Author) virtude, e poder das letras: deve ſaber quaes ſaõ ſuaves, quaes ſaõ brandas, aſperas, humildes, ſonoras, graves, &c. Deve tambem conhe-

ſiſte a meſma Poeſia, conſórme a doutrina de Fracaſtorio, no ſeu Dialogo intitulado, Naugerio,

---

cer das ſyllabas, dos diphthongos, e das palavras, que ſe compõe deſſas meſmas letras, e ſyllabas. Deve ter noticia da contracçaõ das vogaes; em que lugares do verſo ſe devem, ou podem contrahir, ſem deformidade, ou offenſa dos ouvidos, e em que lugares naõ. Deve tambem ſaber, em quanto ás palavras, quaes ſaõ ſimples, quaes compoſtas, uſadas, antigas, eſtranhas, novas, proprias, tranſlatas, e figuradas. Deve, em fim, naõ ignorar que couſa ſeja huma a que os Gregos chamam ευφωνία, e Quintiliano, *vocalitas*; e aſſentar com Ariſtoteles no cap. primeiro da ſua Poetica, que quem produzio a Poeſia foi a imitaçaõ, a harmonia, e o número. Todas eſtas, e outras couſas, que deixamos aos que fizerem Tratados da verſificaçaõ, deve ſaber o Poeta, que quizer fazer verſos que ſe poſſam ler: aliàs lhe ſuccederá o meſmo que aconteceo ao Ferreira, que naõ ſó por falta de genio, mas por naõ ter os eſtudos ſufficientes, nos deixou huns verſos confragoſos, duros, aridos, inſipidos, deſabridos, muitas vezes errados, e taes que ainda naquelles que tem as meſmas onze ſyllabas de que devem conſtar, nos naõ he poſſivel deſcobrir alguma cadencia, ou harmonia metrica, como aqui ſe verá, ſem ſahirmos dos Sonetos.

Que folgaria entaõ poder eſquecer-vos:
Nem o dourado Sol, nem o Ceo eſtrellado:
Tranças louras de que eſphera, ou eſtrellas:
A luz, e o fogo, que aſſim em mim ſe atea:

rio, tirada de Horacio, e Quintiliano. Outros que alcançáram ter mais natureza, ou por acertarem de ſer pouco felices na eleiçaõ das palavras, ou por naõ terem cabedal com que ataviar a Oraçaõ, aſſi da lindeza da linguagem, como de tropos, e figuras, ſem as quaes Cicero, nem Virgilio, nunca falláram, uſam de huns termos taõ

Eu como abrandarei huma dura ſerra:
Daquella que venceo eſtrellas, e fados:
E traz nos brancos cornos as luminoſas:
D'outro deſejo mais ſaõ, d'outros amores.

Diſto a cada paſſo neſte Poeta: e poderemos nós chamar numeroſos a eſtes verſos taõ dignamente, como Luis de Camões (no Canto 1. Eſtancia ix.) fallando com o Senhor Rei D. Sebaſtiam, chamava aos ſeus,

. . . . . *Vereis hum novo exemplo*
De amor dos patrios feitos valeroſos
Em verſos divulgado numeroſos?

Pelo menos, ſe ahi ſe acha ſuavidade, brandura, número metrico, Muſica ou conſonancia metrica, como lhe chamam os Meſtres, confeſſamos ingenuamente, que naõ atinamos com ella. Deſtes meſmos achaques, aindaque com melhores ſymptomas, adoeceo Diogo Bernardes, de quem pouco differe ſeu contemporaneo, e amigo, Pedro de Andrade Caminha, do qual vimos humas Elegias, com outros verſos, que correm manuſcriptos.

taõ humildes, e vulgares, como ſe a natureza da Poeſia naõ conſiſtíra em ſer levantada do uſo commum de fallar, conſórme a opiniaõ de Plutarco, no ſeu Tratado da Poetica, e de Rhodigino, no cap. 4. do livro 4. Outros que ſe melhoram mais na linguagem, naõ tem nenhuma erudiçaõ com que illuſtrem ſuas Obras, ſendo verdade, como diz Rhodigino, no cap. 2. do meſmo Livro, que ſó aquelles ſe chamam Poetas legitimos, que moſtráram noticia de diverſas Sciencias em ſuas Obras, como Orphéo, Homero, Virgilio, e Pindaro. E pelo contrário, Luis de Camões eſtá taõ affaſtado de todos eſtes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptiſſima, para declarar ſeus penſamentos, acompanhada de huma facilidade natural, que enche os ſeus verſos de ſuavidade; e com ella huma linguagem taõ pura, e ornada de todos os lumes da elocuçaõ, e taõ rica de conceitos, e diverſas joias de todas as Sciencias, que parece que nelle ſó ajuntou a arte, e a natureza, tudo o que convinha para ſubir ao mais alto da Poeſia. E com ſer excellente em toda a ſorte de Rhythmas, e em eſpecial do verſo pequeno

como já diſſemos (*), muito mais o foi nas Can-

(*) Por huma conſtante obſervaçaõ ſe tem aſſentado, que nem todos os Poetas ſe acham igualmente grandes em todas as compoſições: obſerva-ſe, que huns ſe abalizáram mais em humas, e que outros ſe diſtinguíram mais em outras. O deſprezar-ſe o conſelho que Horacio dá no

Sumite materiam veſtris, qui ſcribitis, æquam Viribus, &c.

póde ſer tenha dado occaſiaõ a alguns ſe deſpenharem. Já acima vimos (e o poderáõ ver todos os que livres de paixaõ o quizerem ler) quanto Antonio Ferreira póde nos verſos hendecaſyllabos, ou maiores: agora trataremos de mais alguns Portuguezes. O noſſo Sá e Miranda, pelas durezas he nos verſos grandes inſupportavel: ao meſmo tempo que nos pequenos he ſentencioſo, ſuave, brando, e digno de ler-ſe. Diogo Bernardes ao contrário; tiradas tambem certas durezas, e a phraſe baixa, e humilde, com que ſe explicou em muitos lugares, he melhor nos maiores, que nos menores. Naõ exiſtem verſos pequenos de Vaſco Mauſinho de Quevedo, nem tam pouco de Gabriel Pereira de Caſtro, que a have-los, póde ſer que os naõ viſſemos taõ harmonioſos, e cheios de ſuavidade metrica, como os grandes, que temos deſtes dous Poetas. O noſſo Franciſco Rodrigues Lobo meteo-ſe a fazer hum Poema Epico; mas pela froxidaõ de eſpirito; falta de genio, e forças, veio a perder aquelle credito, que aliás conſeguira nas compoſições humildes, e pequenas, que ſoube tratar. As ſuas dez Eclogas da

Canções (*), onde guardou de maneira todas as leis dellas, que nenhuma inveja póde ter a Petrarca, Bembo, e Garcilaſſo, que neſte genero ſaõ os mais louvados: e o meſmo lugar tem na maior parte dos Sonetos, e o tivera em todos, ſe alguns que aqui vaõ impreſſos por ſeus, naõ foram feitos ſem cuidado, á importunaçaõ de amigos; onde acontece muitas vezes acudir mais á preſſa (**)

verſos menores, eſtimam-ſe naquelle genero, por huma das melhores couſas da Heſpanha. Aſſim eſte Author naõ andára taõ corrupto, e depravado pela ignorancia Typografica! Eſte juizo que aqui ſe faz deſtes Authores (podera ſer de mais alguns, mas por naõ fazermos longo eſte eſcripto, os omittimos) poderá padecer ſuas contradicções de alguns apaixonados; porém como elle naõ he noſſo (com a maior ingenuidade reconhecemos a pobreza dos noſſos eſtudos) lá o hajam os que tem ſeus caprichos na Poetica, com os que vieram primeiro que nós que tambem ſouberam ſeu pouco de Poeſia.

(*) He muito difficil de ſe decidir, em que Obras ſe avantajou mais Luis de Camões, ſendo taõ grande em todas: neſte lugar parece que pertende Surrupita, que ſe prefiram as Canções a todas as outras Rhythmas do Poeta: porém naõ faltam bons intelligentes, que eſtejam mais a favor das Odes, que das Canções.

(**) Ainda aqui ſe dá outra razaõ, e vem a ſer: que intervém grande differença em eſcrever ve-

com que os pedem, que á obrigaçaõ de os limar; e deſpois, ſem vontade do Author ſe publicam por ſeus. Tratar do eſtylo Heroico naõ he deſte lugar: poderá fazê-lo quem commentar a ſua Luſiada (*): mas o que com razaõ ſe póde affirmar he, que cumprio nella tanto á riſca as obrigações do Poema Epico, que ſenaõ parecèra arrogancia, puderamos dar-lhe aſſento muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, gravidade, e harmonía das palavras; na traça,

e

---

luntario, ou conſtrangido, e obrigado. Aquelles aſſumptos que ſaõ eſcolhidos pelo meſmo Poeta, ſempre devemos preſumir que haõ de ſer mais bem tratados, que outros, que de fóra ſe lhe propõe: o noſſo diſcurſo ordinariamente repugna neſtes ultimos, ao meſmo tempo que experimentamos, que muito goſtoſo abraça os primeiros.

(*) *Tratar do eſtylo Heroico naõ he deſte lugar: poderá fazê-lo quem commentar a ſua Luſiada.* Aſſim ſahio eſta paſſagem na primeira Ediçaõ, que he como ſeu Author a eſcreveo. Segunda vez ſe imprimio eſte Prologo: mas os apaixonados de Manoel Correa, talvez para fazerem valer o ſeu Commento, (na verdade pouco merecedor deſte nome) viciáram eſte lugar, e imprimiram: *Tratar do eſtylo Heroico naõ he deſte lugar; porque o Licenciado Manoel Correa, que eſtá commentando ſuas Luſiadas terá eſſe cuidado.*

e diſcurſo da Obra; na alteza do ſogeito, ſeguio em tudo as pizadas de Virgilio; e nas ficções allegoricas (ſem as quaes naõ póde haver nenhum Poema Heroico, conſórme a opiniaõ de Ariſtoteles, referida por Rhodigino, no meſmo liv. 4. cap. 4., e ao que eſcreveo Plutarcho, no lugar acima allegado, reprehendendo a Empedocles, Parmenides, Nicandro, e Theognides, por uſurparem o nome de Poetas, ſó com verſos ricos de doutrina, mas deſacompanhados de ficções) moſtrou taõ admiravel engenho, que quaſi ſe igualou a Homero: e oxalá pudera humilhar a grandeza delle, em algumas das Eclogas, conformando-ſe mais com o eſtylo Bucolico (*).

E

(*) Todos concordam que no eſtylo Bucolico ſe deve dar o primeiro lugar a Theocrito; e querem que depois delle ſe ſiga logo Virgilio, naõ obſtante ter penſamentos levantados, e ſublimes, menos proprios das compoſições deſte genero. O noſſo Camões, ou por muito exacto imitador de Virgilio, ou pelo coſtume de diſcorrer ſobre aſſumptos nobres, e heroicos; ou talvez por ſe naõ poder domar a ſi meſmo no ſeu enthuſiaſmo, cahio no meſmo defeito: eſpecialmente nas Eclogas primeira, ſegunda, e ſexta: porém os intelligentes lhe concedem ſempre hum lugar mui diſtincto,

E poſtoque naõ faltam murmuradores que calumniáram ſuas Obras, naõ eſcurece iſſo o merecimento dellas; porque tambem Virgilio, e Homero, paſſáram por eſte trance, que he natural a todos os engenhos raros: em tanto, que ſó de erros de Virgilio, compoz Carbilio, Grammatico, hum livro inteiro: e Ceſar Caligula ouſou affirmar, que nenhuma habilidade, nem crudiçaõ tivera; e eſteve determinado para mandar meter no fogo ſuas obras, e retratos, que havia em algumas Livrarias, como conta Suetonio Tranquilló, e Pedro Crinito, no liv. 3. dos Poetas Latinos. E com iſto naõ reſta mais que lembrar, que os erros que houver neſta impreſſaõ, naõ paſſáram por alto a quem ajudou a copiar eſte Livro; mas achou-ſe que era menos inconveniente irem aſſim como ſe acháram, por conferencia de alguns Livros de mão, onde eſtas Obras an-

merecido por eſtes Poemas. Saõ mujto eſtimadas as Eclogas de Nemeſiano, de Hieronymo Vida, e do noſſo Portuguez Henrique Caiado. Na Italia tem-ſe pelas melhores as de Berardino Rota, Lodovico Paterno, Panfilo Saſſo, Serafino Aquilano, e Sannazaro, na Arcadia. Na Heſpanha naõ tem iguaes as de Garcilaſſo.

andavam eſpedaçadas, que naõ violar as compoſiçõeſ alheias, ſem certeza evidente de ſer a emenda verdadeira; porque ſempre aos bons entendimentos fica reſervado julgarem, que naõ ſaõ erros do Author, ſenaõ vício do tempo, e inadvertencia de quem as trasladou (*). E ſegue-ſe niſto o parecer de Auguſto Ceſar; que na commiſſaõ que deo a Vario, e a Tucca, para emendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeo expreſſamente, que nenhuma couſa mudaſſem, nem accreſcentaſſem; porque em effeito he confundir a ſubſtancia dos verſos, e conceitos do Author, com as palavras, e invençaõ de quem emenda; ſem ficar ao diante certeza ſe o que ſe lê he proprio,

(*) Os muitos vicios, e erros, que Fernando Rodrigues Lobo Surrupita achou (e de que juſtiſſimamente ſe queixa) nas cópias que deſcobrio deſſas poucas Rhythmas de Camões, que ſe imprimiram no anno de 1595., deram occaſiaõ a que as meſmas Rhythmas, neſſa primeira Ediçaõ ſahiſſem muito erradas. Deſte deſgoſto porém nos tirou, alguns annos depois, Manoel de Faria e Souſa; o qual, alcançando com immenſo trabalho, e incrivel diligencia, Manuſcriptos do Poeta, nos deo (á excepçaõ dos verſos menores) hum corpo das ſuas Obras, completo em quanto á certeza.

prio, ſe emendado. E por iſſo ſe não bulio em mais, que ſó naquillo que claramente conſtou ſer vicio da penna; e o mais vai aſſi como ſe achou eſcripto, e muito differente do que houvera de ir, ſe Luis de Camões em ſua vida o dera á Impreſſaõ. Mas aſſi debaixo deſtas affrontas, que o tempo, e a ignorancia lhe fizera, reſplandece tanto a luz de ſeus merecimentos, que baſta para neſte genero de Poeſia naõ havermos inveja a nenhuma Naçaõ Eſtrangeira.

O Licenciado Fernaõ Rodrigues Lobo Surrupita, Advogado neſta Corte.

RHI-

RHYTHMAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.
PARTE PRIMEIRA.
SONETOS.

I.

EM quanto quiz fortuna que tiveſſe
Eſperança de algum contentamento,
O goſto de hum ſuave penſamento
Me fez que ſeus effeitos eſcreveſſe.
Porém temendo amor que aviſo déſſe
Minha eſcriptura a algum juizo iſento,
Eſcureceo-me o engenho co' o tormento,
Para que ſeus enganos naõ diſſeſſe.
O' vós, que amor obriga a ſer ſujeitos
A diverſas vontades; quando lerdes
N'hum breve livro caſos taõ diverſos;
Verdades puras ſaõ, e naõ defeitos.
Entendei que ſegundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus verſos.

II.

II.

EU cantarei de amor taõ docemente,
Por huũs termos em ſi taõ concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça ſentir ao peito que naõ ſente.
Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil ſegredos delicados,
Brandas iras, ſuſpiros magoados,
Temeroſa ouſadia, e pena auſente.
Tambem, Senhora, do deſprezo honeſto
De voſſa viſta branda, e rigoroſa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte:
Porém para cantar de voſſo geſto
A compoſiçaõ alta, e milagroſa,
Aqui falta ſaber, engenho, e arte.

III.

COm grandes eſperanças já cantei,
Com que os deoſes no Olympo conquiſtára;
Depois vim a chorar porque cantára,
E agora chóro já porque chorei.
Se cuido nas paſſadas que já dei,
Cuſta-me eſta lembrança ſó taõ cara,
Que a dor de ver as mágoas que paſſára,
Tenho por a mór mágoa que paſſei.
Pois logo, ſe eſtá claro que hum tormento
Dá cauſa que outro na alma ſe accreſcente,
Já nunca poſſo ter contentamento.
Mas eſta phantaſia ſe me mente?
Oh ocioſo e cego penſamento!
Ainda eu imagino em ſer contente?

IV.

IV.

DEſpois que quiz amor que eu ſó paſſaſſe
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me á fortuna, porque vio
Que naõ tinha mais mal que em mi moſtraſſe.
Ella, porque do amor ſe avantajaſſe
Na pena a que elle ſó me reduzio,
O que para ninguem ſe conſentio,
Para mim conſentio que ſe inventaſſe.
Eis-me aqui vou com vário ſom gritando,
Copioſo e exemplario para a gente,
Que deſtes dous tyrannos he ſujeita:
Deſvarios em verſos concertando.
Triſte quem ſeu deſcanſo tanto eſtreita,
Que deſte taõ pequeno eſtá contente!

V.

EM prisões baixas fui hum tempo atado;
Vergonhoſo caſtigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado;
Que amor naõ quer cordeiros, nem bezerros:
Vi mágoas, vi miſerias, vi deſterros:
Parece-me que eſtava aſſi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoſo,
Só por ver que couſa era viver lédo.
Mas minha eſtrella, que eu já agora entendo,
A morte cega, e o caſo duvidoſo,
Me fizeram de goſtos haver medo.

VI.

VI.

ILluſtre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente, e largo Ceo
(Que errar naõ ſabe) em dote concedeo,
Que rompeſſe os Mahometicos arnezes:
Deſprezando a fortuna, e ſeus revezes,
Ide para onde o fado vos moveo:
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E ſereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimí com taõ firme e forte peito
O Pirata inſolente, que ſe eſpante
E trema Taprobana, e Gedroſia.
Dai nova cauſa á côr do Arabo Eſtreito;
Aſſi que o Roxo mar de aqui em diante,
O ſeja ſó com ſangue de Turquia.

VII.

NO tempo que de amor viver ſohia,
Nem ſempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flammas váriamente ardia.
Que ardeſſe n'hum ſó fogo naõ queria
O Ceo, porque tiveſſe exprimentado,
Que nem mudar as cauſas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E ſe algum pouco tempo andava iſento,
Foi como quem co' o pezo deſcanſou
Por tornar a canſar com mais alento.
Louvado ſeja amor em meu tormento,
Pois para paſſatempo ſeu tomou
Eſte meu taõ canſado ſoffrimento.

VIII.

VIII.

AMor, que o geſto humano na alma eſcreve,
Vivas faiſcas me moſtrou hum dia,
Donde hum puro cryſtal ſe derretia
Por entre vivas roſas, e alva neve.
A viſta, que em ſi meſma naõ ſe atreve,
Por ſe certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao ſoffrimento doce, e leve.
Jura amor, que brandura de vontade
Cauſa o primeiro effeito: o penſamento
Endoudece ſe cuida que he verdade.
Olhai como amor géra em hum momento,
De lagrimas de honeſta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

IX.

TAnto de meu eſtado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo eſtou de frio:
Sem cauſa juntamente chóro, e rio;
O mundo todo abarco, e nada aperto.
He tudo quanto ſinto hum deſconcerto:
Da alma hum fogo me ſahe, da viſta hum rio:
Agora eſpero, agora deſconfio;
Agora deſvario, agora acérto.
Eſtando em terra chego ao Ceo voando:
N'hum' hora acho mil annos, e he de geito,
Que em mil annos naõ poſſo achar hum' hora.
Se me pergunta algem, porque aſſi ando;
Reſpondo, que naõ ſei: porém ſuſpeito
Que ſó porque vos vi, minha Senhora.

X.

X.

TRansforma-ſe o amador na couſa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Naõ tenho logo mais que deſejar,
Pois em mim tenho a parte deſejada.
Se nella eſtá minha alma transformada,
Que mais deſeja o corpo de alcançar?
Em ſi ſómente pode deſcanſar,
Pois com elle tal alma eſtá liada.
Mas eſta linda e pura ſemidéa,
Que como o accidente em ſeu ſojeito,
Aſſi com a alma minha ſe confórma;
Eſtá no penſamento como idéa;
E o vivo e puro amor de que ſou feito,
Como a materia ſimples buſca a fórma.

XI.

PAſſo por meus trabalhos taõ iſento
De ſentimento grande, nem pequeno,
Que ſó por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vai-me amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co' o veneno,
Que do penar a ordem deſordeno,
Porque naõ mo conſente o ſoffrimento.
Porém ſe eſta fineza o amor ſente,
E pagar-me meu mal com mal pertende,
Torna-me com prazer como ao Sol neve.
Mas ſe me vê co' os males taõ contente,
Faz-ſe avaro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

XII.

XII.

EM flor vos arrancou, de entaõ creſcida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura ſorte,
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos eſquecida.
Huma ſó razaõ tenho conhecida,
Com que tamanha mágoa ſe conforte;
Que ſe no Mundo havia honrada morte,
Naõ podieis vós ter mais larga vida.
Se meus humildes verſos podem tanto
Que co' o deſejo meu ſe iguale a Arte,
Eſpecial materia me ſereis.
E celebrado em triſte e longo canto,
Se morreſtes nas máos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

XIII.

N'Hum jardim adornado de verdura,
Que eſmaltavam por cima várias flores;
Entrou hum dia a deoſa dos amores,
Com a deoſa da caça, e da eſpeſſura.
Diana tomou logo hũa roſa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores:
Mas excediam muito ás outras flores,
As violas na graça, e formoſura.
Perguntam a Cupido, que alli eſtava,
Qual de aquellas tres flores tomaria,
Por mais ſuave, e pura, e mais formoſa.
Sorrindo-ſe o minino lhes tornava:
Todas formoſas ſaõ; mas eu queria
Viola antes, que lyrio, nem que roſa.

XIV.

XIV.

TOdo animal da calma repouſava,
Só Liſo o ardor della naõ ſentia;
Que o repouſo do fogo em que elle ardia,
Conſiſtia na Nympha que buſcava.
Os montes parecia que abalava
O triſte ſom das mágoas que dizia:
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro poſto eſtava.
Canſado já de andar por a eſpeſſura,
No tronco de huma faia, por lembrança,
Eſcreve eſtas palavras de triſteza:
Nunca ponha ninguem ſua eſperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ſer mudavel tem firmeza.

XV.

BUſque amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas eſquivanças;
Que naõ póde tirar-me as eſperanças,
Pois mal me tirará o que eu naõ tenho.
Olhai de que eſperanças me mantenho!
Vede que perigoſas ſeguranças!
Pois naõ temo contraſtes, nem mudanças,
Andando em bravo mar perdido o lenho.
Mas com quanto naõ póde haver deſgoſto
Onde eſperança falta, lá me eſconde
Amor hũ mal, que mata, e naõ ſe vê.
Que dias ha que na alma me tem poſto
Hũ naõ ſei que, que naſce naõ ſei onde;
Vem naõ ſei como, e doe naõ ſei porque.

XVI.

XVI.

QUem vê, Senhora, claro, e manifeſto,
O lindo ſer de voſſos olhos bellos,
Senaõ perder a viſta ſó com vellos,
Já naõ paga o que deve a voſſo geſto.
Eſte me parecia preço honeſto;
Mas eu, por de vantagem merecellos,
Dei mais a vida, e alma, por querellos,
Donde já me naõ fica mais de reſto.
Aſſi que alma, que vida, que eſperança,
E que quanto for meu, he tudo voſſo:
Mas de tudo o intereſſe eu ſó o levo.
Porque he tamanha bemaventurança
O dar-vos quanto tenho, e quanto poſſo,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

XVII.

QUando da bella viſta, e doce riſo,
Tomando eſtaõ meus olhos mantimento,
Taõ elevado ſinto o penſamento,
Que me faz ver na terra o Paraiſo.
Tanto do bem humano eſtou diviſo,
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Aſſi que em termo tal, ſegundo ſento,
Pouco vem a fazer quem perde o ſiſo.
Em louvar-vos, Senhora, naõ me fundo;
Porque quem voſſas graças claro ſente,
Sentirá que naõ póde conhecellas.
Pois de tanta eſtranheza ſois ao Mundo,
Que naõ he de eſtranhar, Dama excellente,
Que quem vos fez, fizeſſe Ceo, e Eſtrellas.

XVIII.

DOces lembranças da paſſada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora;
Deixai-me deſcanſar em paz hum' hora,
Que comigo ganhais pouca victoria.
Impreſſa tenho na alma larga hiſtoria
Deſte paſſado bem, que nunca fora;
Ou fora, e naõ póde haver mais que a memoria.
Vivo em lembranças, morro de eſquecido
De que ſempre devêra ſer lembrado,
Se lhe lembrára eſtado taõ contente.
Oh quem tornar pudéra a ſer naſcido!
Soubera-me lograr do bem paſſado,
Se conhecer ſoubera o mal preſente.

XIX.

ALma minha gentil, que te partiſte
Taõ cedo deſta vida deſcontente;
Repouſa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra ſempre triſte.
Se lá no aſſento Ethereo, onde ſubiſte,
Memoria deſta vida ſe conſente,
Naõ te eſqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus taõ puro viſte.
E ſe vires que póde merecer-te
Algũa couſa a dor, que me ficou
Da mágoa, ſem remedio de perder-te;
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que taõ cedo de cá me leve a ver-te,
Quaõ cedo de meus olhos te levou.

XX.

N'Hũ boſque, q̃ das Nymphas ſe habitava,
Sibella, Nympha linda, andava hũ dia;
E ſubida em huma arvore ſombria,
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli ſempre coſtumava
A vir paſſar a ſéſta á ſombra fria,
Em hum ramo, arco, e ſéttas, que trazia,
Antes que adormeceſſe, pendurava.
A Nympha, como idoneo tempo víra
Para tamanha empreza, naõ dilata;
Mas com as armas foge ao moço eſquivo.
As ſéttas traz nos olhos, com que tira.
O' Paſtores; fugi, que a todos mata,
Senaõ a mim, que de matar-me vivo.

XXI.

OS Reinos, e os Imperios poderoſos,
Que em grandeza no Mundo mais creſcêram,
Ou por valor de eſforço florecêram,
Ou por Barões nas letras eſpantoſos.
Teve Grecia Themiſtocles famoſos;
Os Scipiões a Roma engrandecêram;
Doze Pares a França gloria deram;
Cides a Heſpanha, e Laras bellicoſos.
Ao noſſo Portugal, que agora vemos
Taõ differente de ſeu ſer primeiro,
Os voſſos deram honra, e liberdade.
E em vós, grão ſucceſſor, e novo herdeiro
Do Bragançaõ Eſtado, ha mil extremos
Iguaes ao ſangue, e móres que a idade.

XXII.

DE vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o ſentimento.
Naõ ſei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.
Mas dou-vos eſta firme ſegurança,
Que poſtoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno eſquecimento
Segura paſſará minha lembrança.
Antes ſem vós meus olhos ſe entriſteçam,
Que com couſa outra alguma ſe contentem:
Antes os eſqueçais, que vos eſqueçam.
Antes neſta lembrança ſe atormentem,
Que com eſquecimento deſmereçam
A gloria que em ſoffrer tal pena ſentem.

XXIII.

CHara minha inimiga, em cuja maõ
Poz meus contentamentos a ventura;
Faltou-te a ti na terra ſepultura,
Porque me falte a mi conſolaçaõ.
Eternamente as aguas lograráõ
A tua peregrina formoſura:
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharáõ.
E ſe meus rudos verſos podem tanto,
Que poſſam prometter-te longa hiſtoria,
De aquelle amor taõ puro, e verdadeiro;
Celebrada ſerás ſempre em meu canto:
Porque em quanto no Mundo houver memoria,
Será a minha eſcriptura o teu letreiro.

XXIV.

AQuella triſte e léda madrugada,
Chea toda de mâgoa, e de piedade,
Em quanto houver no mundo ſaudade
Quero que ſeja ſempre celébrada.
Ella ſó, quando amena, e marchetada,
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-ſe de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-ſe apartada.
Ella ſó vio as lagrimas em fio,
Que de hũus e de outros olhos derivadas,
Juntando-ſe, formáram largo rio.
Ella ouvio as palavras magoadas,
Que pudéram tornar o fogo frio,
E dar deſcanço ás almas condemnadas.

XXV.

SE quando vos perdi, minha eſperança,
A memoria perdêra juntamente,
Do doce bem paſſado, e mal preſente,
Pouco ſentíra a dor de tal mudança.
Mas amor, em quem tinha confiança,
Me repreſenta mui miudamente
Quantas vezes me vi lédo, e contente,
Por me tirar a vida eſta lembrança.
De couſas de que apenas hum ſignal
Havia, porque as dei ao eſquecimento,
Me vejo com memorias perſeguido.
Ah dura eſtrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ſer mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he já paſſado?

XXVI.

XXVI.

EM formoſa Lethea ſe confia,
Por onde vaidade tanta alcança,
Que tornada em ſoberba a confiança,
Com os deoſes celeſtes competia.
Porque naõ foſſe avante eſta ouſadia,
(Que naſcem muitos erros da tardança)
Em effeito puzeram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Naõ lhe ſoffrendo amor que ſupportaſſe
Duro caſtigo em tanta formoſura;
Quiz a pena tomar da culpa alhea:
Mas porque a morte amor naõ apartaſſe,
Ambos tornados ſaõ em pedra dura.

XXVII.

MAles, que contra mim vos conjuraſtes;
Quanto ha de durar taõ duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baſte-vos quanto já me atormentaſtes.
Mas ſe aſſi porfiais, porque cuidaſtes
Derribar o meu alto penſamento,
Mais póde a cauſa delle, em que o ſuſtento,
Que vós, que della meſma o ſer tomaſtes.
E pois voſſa tençaõ, com minha morte,
Ha de acabar o mal deſtes amores,
Dai já fim a tormento taõ comprido.
Aſſi de ambos contente ſerá a ſorte:
Em vós por acabar-me, vencedores,
Em mim porque acabei de vós vencido.

XXVIII.

XXVIII.

EStá-ſe a Primavera trasladando
Em voſſa viſta deleitoſa, e honeſta;
Nas bellas faces, e na boca, e teſta,
Cecẽes, roſas, e cravos debuxando.
De ſorte, voſſo geſto matizando,
Natura quanto póde manifeſta;
Que o monte, o campo, o rio, e a floreſta,
Se eſtaõ de vós, Senhora, namorando.
Se agora naõ quereis que quem vos ama
Poſſa colher o fructo deſtas flores,
Perderáõ toda a graça os voſſos olhos.
Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que ſemeaſſe o amor em vós amores,
Se voſſa condiçaõ produze abrolhos.

XXIX.

SEte annos de Paſtor Jacob ſervia
Labaõ, pai de Raquel, Serrana bella,
Mas naõ ſervia ao pai, ſervia a ella,
Que a ella ſó por premio pertendia.
Os dias na eſperança de hum ſó dia
Paſſava, contentando-ſe com vella:
Porém o pai, uſando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe deo a Lia.
Vendo o triſte Paſtor que com enganos
Aſſi lhe era negada a ſua Paſtora,
Como ſe a naõ tivera merecida;
Começou a ſervir outros ſete annos,
Dizendo: Mais ſervíra, ſenaõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

XXX.

EStá o laſcivo, e doce paſſarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verſo ſem medida, alegre, e brando,
Deſpedindo no ruſtico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado, e manſo deſviando,
Com prompta viſta a ſétta endireitando,
Lhe dá no Eſtygio Lago eterno ninho.
Deſta arte o coraçaõ, que livre andava,
(Poſtoque já de longe deſtinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frécheiro cego me eſperava
Para que me tomaſſe deſcuidado,
Em voſſos claros olhos eſcondido.

XXXI.

PEde o deſejo, Dama, que vos veja:
Naõ entende o que pede; eſtá enganado.
He eſte amor taõ fino, e taõ delgado,
Que quem o tem, naõ ſabe o que deſeja.
Naõ ha couſa, a qual natural ſeja,
Que naõ queira perpétuo o ſeu eſtado.
Naõ quer logo o deſejo o deſejado,
Só porque nunca falte onde ſobeja.
Mas eſte puro affecto em mim ſe dana:
Que como a grave pedra tem por arte
O centro deſejar da natureza:
Aſſi meu penſamento por a parte
Que vai tomar de mi, terreſte, e humana,
Foi, Senhora, pedir eſta baixeza.

XXXII.

XXXII.

POrque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos naſce do pouco que eu mereço,
Bem por naſcer eſtá quem vos mereça.
Entendei, que por muito que vos peça,
Poderei merecer quanto vos peço,
Pois naõ conſente amor q̃ em baixo preço
Taõ alto penſamento ſe conheça.
Aſſi que a paga igual de minhas dores
Com nada ſe reſtaura; mas deveſma
Por ſer capaz de tantos desfavores.
E ſe o valor de voſſos amadores
Houver de ſer igual comvoſco meſma,
Vós ſó comvoſco meſma andai de amores.

XXXIII.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de ſoffrer tantas durezas;
Provai, Senhora, em mi voſſas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.
Nella experimentai, ſe ſois ſervida,
Deſprezos, desfavores, e aſperezas;
Que móres ſoffrimentos, e firmezas,
Suſtentarei na guerra deſta vida.
Mas contra voſſos olhos quaes ſeraõ?
He preciſo que tudo ſe lhes renda;
Mas porei por eſcudo o coraçaõ.
Porque em taõ dura, e aſpera contenda,
He bem, que pois naõ acho defenſaõ,
Com meter-me nas lanças me defenda.

XXXIV.

XXXIV.

QUando o Sol encoberto vai moſtrando
Ao Mundo a luz quieta, e duvidoſa,
Ao longo de hũa praia deleitoſa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co' a mão na face, taõ formoſa;
Aqui fallando alegre, alli cuidoſa;
Agora eſtando queda, agora andando.
Aqui eſteve ſentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos, taõ iſentos;
Commovida aqui hum pouco, alli ſegura.
Aqui ſe entriſteceo, alli ſe rio;
E, em fim, neſtes canſados penſamentos
Paſſo eſta vida váa, que ſempre dura.

XXXV.

HUm mover de olhos, brando, e piedoſo,
Sem ver de que; hũ riſo brando, e honeſto,
Quaſi forçado; hũ doce e humilde geſto,
De qualquer alegria duvidoſo:
Hum deſpejo quieto, e vergonhoſo;
Hum repouſo graviſſimo, e modeſto;
Huma pura bondade, manifeſto
Indicio da alma, limpo, e gracioſo:
Hũ encolhido ouſar; huma brandura;
Hũ medo ſem ter culpa; hũ ar ſereno;
Hũ longo e obediente ſoffrimento:
Eſta foi a celeſte formoſura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu penſamento.

XXXVI.

TOmou-me voſſa viſta ſoberana
Aonde tinha as armas mais á maõ,
Por moſtrar a quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que ſe engana.
Por ficar da victoria mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razaõ.
Bem ſalvar-me cuidei, mas foi em vaõ,
Que contra o Ceo naõ val defenſa humana.
Com tudo, ſe vos tinha promettido
O voſſo alto deſtino eſta victoria,
Ser-vos ella bem pouca eſtã entendido.
Pois, indaque eu me achaſſe apercebido,
Naõ levais de vencer-me grande gloria,
Eu a levo maior de ſer vencido.

XXXVII.

NAõ paſſes, caminhante. Quem me chama?
Huma memoria nova, e nunca ouvida,
De hũ que trocou finita, e humana vida,
Por divina, infinita, e clara fama.
Quem he, qne taõ gentil louvor derrama?
Quem derramar ſeu ſangue naõ duvida,
Por ſeguir a bandeira eſclarecida
De hũ Capitam de Chriſto que mais ama.
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez e ao Mundo juntamente:
Pregoando direi taõ alta ſorte.
Mais poderás contar a toda a gente;
Que ſempre deo na vida claro indicio
De vir a merecer taõ ſanta morte.

XXXVIII.

XXXVIII.

FOrmoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do Ceo certiſſimos ſignais,
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhai-me a mim, que ſou feitura voſſa.
Vereis que do viver me deſapoſſa
Aquelle riſo com que a vida dais:
Vereis como de amor naõ quero mais,
Por mais que o tempo corra, o damno poſſa.
E ſe ver-vos neſta alma, em fim, quizerdes,
Como em hum claro eſpelho, alli vereis
Tambem a voſſa Angelica, e ſerena.
Mas eu cuido, que ſó por me naõ verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, naõ quereis.
Tanto goſto levais de minha pena!

XXXIX.

OFogo que na branda cera ardia,
Vendo o roſto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeo de outro fogo do deſejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores ſe encendia,
Da grande impaciencia fez deſpejo;
E remettendo com furor ſobejo,
Vos foi beijar na parte onde ſe via.
Ditoſa aquella flamma que ſe atreve
A apagar ſeus ardores, e tormentos,
Na viſta a quem o Sol temores deve.
Namoram-ſe, Senhora, os elementos
De vós; e queima o fogo aquella neve
Que queima coraçõẽs, e penſamentos.

XXXX.

XXXX.

ALegres campos, verdes arvoredos,
Claras, e freſcas aguas de cryſtal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Diſcorrendo da altura dos rochedos:
Sylveſtres montes, aſperos penedos,
Compoſtos de concerto deſigual;
Sabei que ſem licença de meu mal
Já naõ podeis fazer meus olhos lédos.
E pois já me naõ vedes como viſtes,
Naõ me alegrem verduras deleitoſas,
Nem aguas que correndo alegres vem.
Semearei em vós lembranças triſtes,
Regar-vos-hei com lagrimas ſaudoſas,
E naſceráõ ſaudades de meu bem.

XXXXI.

QUantas vezes do fuſo ſe eſqueccia
Daliana, banhando o lindo ſeo,
Outras tantas de hum aſpero receo
Salteado Laurenio a côr perdia.
Ella, que a Sylvio mais que a ſi queria,
Para podê-lo ver naõ tinha meo.
Ora como curára o mal alheo
Quem o ſeu mal taõ mal curar podia?
Elle, que vio taõ clara eſta verdade,
Com ſoluços dizia (que a eſpeſſura
Inclinavam, de mágoa, a piedade)
Como póde a deſordem da natura
Fazer taõ differentes na vontade
Aos que fez taõ conformes na ventura?

XXXXII.

XXXXII.

LIndo e ſubtil trançado, que ficaſte
Em penhor do remedio que mereço;
Se ſó comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fora co' os cabellos que apertaſte?
Aquellas tranças de ouro que ligaſte,
Que os raios do Sol tem em pouco preço,
Naõ ſei ſe ou para engano do que peço,
Ou para me matar as deſataſte.
Lindo trançado, em minhas máos te vejo,
E por ſatisfaçaõ de minhas dores,
Como quem naõ tem outra, hei de tomar-te
E ſenaõ for contente o meu deſejo,
Dir-lhe-hei que neſta regra dos amores,
Por o todo tambem ſe toma a parte.

XXXXIII.

OCyſne quando ſente ſer chegada
A hora que põe termo á ſua vida,
Harmonía maior, com voz ſentida,
Levanta por a praia inhabitada.
Deſeja lograr vida prolongada,
E della eſtá chorando a deſpedida:
Com grande ſaudade da partida,
Celebra o triſte fim deſta jornada.
Aſſi, Senhora minha, quando eu via
O triſte fim que davam meus amores,
Eſtando poſto já no extremo fio;
Com mais ſuave accento de harmonía
Deſcantei por os voſſos desfavores
La vueſtra falſa fé, y el amor mio.

XXXXIV.

XXXXIV.

POr os raros extremos que moſtrou
Em ſábia Pallas, Venus em formoſa,
Diana em caſta, Juno em animoſa,
Africa, Europa, e Aſia as adorou.
Aquelle ſaber grande que juntou
Eſprito, e corpo, em liga generoſa,
Eſta mundana máchina luſtroſa,
De ſós quatro elementos fabricou.
Mas fez maior milagre a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio.
A vós ſeu reſplandor deo Sol, e Lũa:
A vós com viva luz, graça, e pureza,
Ar, fogo, terra, e agua, vos ſervio.

XXXXV.

TOmava Daliana por vingança
Da culpa do Paſtor que tanto amava,
Caſar com Gil vaqueiro; e em ſi vingava
O erro alheo, e pérfida eſquivança.
A diſcriçaõ ſegura, a confiança
Das roſas que o ſeu roſto debuxava,
O deſcontentamento lhas mudava;
Que tudo muda huma aſpera mudança.
Gentil planta diſpoſta em ſecca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura:
Tornáram verde prado em ſerra dura;
Intereſſe enganoſo, amor fingido,
Fizeram deſditoſa a formoſura.

XXXXVI.

XXXXVI.

GRão tempo ha já que ſoube da ventura
A vida que me tinha deſtinada;
Que a longa experiencia da paſſada,
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero, e cruel, fortuna eſcura,
Bem tendes voſſa força exprimentada:
Aſſolai, deſtruí, naõ fique nada;
Vingai-vos deſta vida, que inda dura.
Soube amor da ventura que a naõ tinha,
E porque mais ſentiſſe a falta della,
De imagẽes impoſſiveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha eſtrella
Naõ foi melhor, vivei neſta alma minha,
Que naõ tem a fortuna poder nella.

XXXXVII.

SE ſómente hora alguma em vós piedade
De taõ longo tormento ſe ſentíra,
Amor ſofrêra mal que eu me partíra
De voſſos olhos, minha ſaudade.
Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crer que eſta auſencia he de mentira,
Porém venho a provar que he de verdade.
Ir-me-hei, Senhora; e neſte apartamento
Lagrimas triſtes tomaráõ vingança
Nos olhos de quem foſtes mantimento.
Deſta arte darei vida a meu tormento;
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no voſſo eſquecimento.

XXXXVIII.

XXXXVIII.

OH como ſe me alonga de anno em ano
A peregrinaçaõ cançada minha!
Como ſe encurta, e como ao fim caminha
Eſte meu breve, e vão diſcurſo humano!
Mingoando a idade vai, creſcendo o dano;
Perdeo-ſe-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia ſe adivinha,
Qualquer grande eſperança he grande engano.
Corro apoz eſte bem que naõ ſe alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a ver ſe inda apparece,
Da viſta ſe me perde, e da eſperança.

XXXXIX.

JA' he tempo já, que minha confiança
Se deſça de huma falſa opiniaõ;
Mas amor naõ ſe rege por razaõ;
Naõ poſſo perder, logo, a eſperança.
A vida ſi; que huma aſpera mudança
Naõ deixa viver tanto hum coraçaõ,
E eu ſó na morte tenho a ſalvaçaõ.
Si: mas quem a deſeja naõ a alcança.
Forçado he logo que eu eſpere, e viva.
Ah dura lei de amor, que naõ conſente
Quietaçaõ n'hum' alma que he captiva!
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma eſperança váa que me atormente?

L.

O Amor, com a esperança já perdida,
A Teu soberano Templo visitei:
Por signal do naufragio que passei,
Em lugar dos vestidos, puz a vida.
Que mais queres de mi, pois destruida
Me tens a gloria toda que alcancei?
Naõ cuides de render-me; que naõ sei
Tornar a entrar-me onde naõ ha sahida.
Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Doces despojos de meu bem passado,
Em quanto o quiz aquella que eu adoro.
Nellas podes tomar de mi vingança:
E se te queres inda mais vingado,
Contenta-te co' as lagrimas que chóro.

LI.

A Pollo e as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influiam
Na suave harmonía que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia, e hora, quando
Taõ delicados olhos me feriam:
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando.
Assi cantava, quando amor virou
A roda á esperança, que corria
Taõ ligeira, que quasi era invisibil.
Converteo-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possibil.

LII.

LEmbranças ſaudoſas, ſe cuidais
De me acabar a vida neſte eſtado,
Naõ vivo com meu mal taõ enganado,
Que naõ eſpere delle muito mais.
De longo tempo já me coſtumais
A viver de algum bem deſeſperado:
Já tenho co' a fortuna concertado
De ſoffrer os tormentos que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos deſgoſtos der a vida;
Cuide quanto quizer o penſamento.
Que pois naõ poſſo ter mais reſiſtencia,
Para taõ dura quéda de ſubida,
Aparar-lhe-hei debaixo o ſoffrimento.

LIII.

APartava-ſe Niſe de Montano,
Em cuja alma, partindo-ſe, ficava,
Que o Paſtor na memoria a debuxava,
Por poder ſuſtentar-ſe deſte engano.
Por hũa praia do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado ſe encoſtava,
E os olhos por as aguas alongava,
Que pouco ſe doiam de ſeu dano.
Pois com tamanha mágoa, e ſaudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por teſtimunhas tómo Ceo, e eſtrellas.
Mas ſe em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois aſſi me levais a cauſa dellas.

LIV.

QUando vejo que meu deſtino ordena,
Que por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem taõ grande parte,
Que a meſma culpa fica grave pena:
O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria ſe reparte,
Endurece os ſentidos de tal arte,
Que a dor da auſencia fica mais pequena.
Mas como póde ſer que na mudança
D'aquillo que mais quero, eſtê taõ fóra
De me naõ apartar tambem da vida?
Eu refrearei taõ aſpera eſquivança:
Porque mais ſentirei partir, Senhora,
Sem ſentir muito a pena da partida.

LV.

DEſpois de tantos dias mal gaſtados,
Deſpois de tantas noites mal dormidas,
Deſpois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos ſuſpiros váos váamente dados:
Como naõ ſois vós já deſenganados,
Deſejos, que de couſas eſquecidas,
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez sẽ remedio, o tempo, os fados?
Se naõ tivereis já longa experiencia
Das ſemrazões de amor a quem ſerviſtes,
Fraqueza fora em vós a reſiſtencia.
Mas pois por voſſo mal ſeus males viſtes,
Que o tempo naõ curou, nem larga auſencia,
Qual bem delle eſperais, deſejos triſtes?

LVI.

LVI.

NAiades, vós que os rios habitais,
Que os ſaudoſos campos vaõ regando,
De meus olhos vereis eſtar manando
Outros que quaſi aos voſſos ſaõ iguais.
Driades, que com ſétta ſempre andais
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derribam corações que valem mais.
Deixai, logo, as aljavas, e aguas frias;
E vinde, Nymphas bellas, ſe quereis,
A ver como de húus olhos naſcem mágoas.
Notareis como em vão paſſam os dias:
Mas em váo naõ vereis, porque vereis
Nos ſeus as ſéttas, e nos meus as agoas.

LVII.

MUdam-ſe os tempos, mudam-ſe as vontades;
Muda-ſe o ſer, muda-ſe a confiança:
Todo o Mundo he compoſto de mudança,
Tomando ſempre novas calidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da eſperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (ſe algum houve) as ſaudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria;
E em mi converte em choro o doce canto.
E afóra eſte mudar-ſe cada dia,
Outra mudança faz de mór eſpanto,
Que naõ ſe muda já como ſohia.

LVIII.

LVIII.

SE as penas com que amor taõ mal me trata
Permittirem que eu tanto viva dellas,
Que veja eſcuro o lume das eſtrellas,
Em cuja viſta o meu ſe accende, e mata:
E ſe o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as freſcas roſas, ſem colhellas,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata:
Tambem, Senhora, entaõ vereis mudado
O penſamento da aſpereza voſſa,
Quando naõ ſirva já ſua mudança.
Ver-vos-heis ſuſpirar por o paſſado,
Em tempo quando executar-ſe poſſa
No voſſo arrepender minha vingança.

LIX.

QUem jaz no grão ſepulchro, que deſcreve
Taõ illuſtres ſignaes no forte eſcudo?
Ninguem: que niſſo, em fim ſe torna tudo:
Mas foi quem tudo pôde, e tudo teve.
Foi Rei? Fez tudo quanto a Rei ſe deve:
Poz na guerra, e na paz, devido eſtudo:
Mas quaõ pezado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe ſeja agora a terra leve.
Alexandro ſerá? Ninguem ſe engane:
Mais que o adquirir, o ſuſtentar eſtima.
Será Hadriano grão Senhor do Mundo?
Mais obſervante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa naõ; mas he Joane,
De Portugal Terceiro ſem ſegundo.

LX.

QUem póde livre ſer, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo ſoccgado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas dos voſſos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes venerado;
Que o vivo lume, e o roſto delicado,
Imagẽcs ſaõ adonde amor ſe adora.
Quem vê que em branca neve, naſcem roſas,
Que creſpos fios de ouro vaõ cercando,
Se por entre eſta luz a viſta paſſa;
Raios de ouro verá, que as duvidoſas
Almas eſtaõ no peito traſpaſſando,
Aſſi como hum cryſtal o Sol traſpaſſa.

LXI.

COmo fizeſte, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que amor fazer ſó quiz experiencia
Se podia eu ſoffrer tirar-me a vida.
E com teu proprio ſangue te convida
A que faças á morte reſiſtencia?
He que coſtume faço da paciencia,
Porque o temor, morrer me naõ impida.
Pois porque eſtás comendo fogo ardente,
Se a ferro te coſtumas? He que ordena
Amor que morra, e pene juntamente.
E tens a dor do ferro por pequena?
Si; que a dor coſtumada naõ ſe ſente;
E naõ quero eu a morte ſem a pena.

LXII.

LXII.

DE taõ divino accento em voz humana,
De elegancias que ſaõ taõ peregrinas,
Sei bem que minhas obras naõ ſaõ dinas;
Que o rudo engenho meu me deſengana.
Porém da voſſa penna illuſtre mana
Licor que vence as agoas Caballinas;
E comvoſco do Tejo as flores finas
Faraõ inveja á cópia Mantuana.
E pois ra vós, de ſi naõ ſendo avaras
As filhas de Mnemoſine formoſa;
Partes dadas vos tem ao Mundo claras:
A minha Muſa, e a voſſa taõ famoſa,
Ambas ſe podem nelle chamar raras
A voſſa de alta, a minha de invejoſa.

LXIII.

DEbaixo deſta pedra eſtá metido,
Das ſanguinoſas armas deſcanſado,
O Capitam illuſtre, e aſſignalado,
Dom Fernando de Caſtro, e eſclarecido.
Eſte por todo o Oriente taõ temido,
Eſte da propria inveja taõ cantado.
Eſte, em fim, raio de Mavorte irado,
Aqui eſtá agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Luſitania,
Por eſt'outro Viriato que criaſte,
E chora a perda ſua eternamente.
Exemplo toma niſto de Dardania;
Que ſe a Roma com elle anniquilaſte,
Nem por iſſo Carthago eſtá contente.

LXIV.

QUe vençais no Oriente tantos Reis;
Que de novo nos deis da India o Eſtado;
Que eſcureçais a fama que haõ ganhado
Aquelles que a ganháraõ de infiéis:
Que vencidas tenhais da morte as leis;
E que venceſſeis tudo, em fim, armado;
Mais he vencer na patria deſarmado,
Os monſtros, e as Chimeras que venceis:
Sobre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer, que ſem ſeguido
No Mundo o voſſo nome ouvido ſeja;
O que vos dá mais fama inda no Mundo,
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inveja.

LXV.

VOſſos olhos, Senhora, que competem
Com o Sol em belleza, e claridade,
Enchem os meus de tal ſuavidade,
Que em lagrimas de vê-los ſe derretem.
Meus ſentidos proſtrados ſe ſubmetem
Aſſi cegos a tanta mageſtade;
E da triſte priſaõ da eſcuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Porém ſe entaõ me vedes por acerto,
Eſſe aſpero deſprezo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh eſtranho deſconcerto!
Que dareis co' hum favor, que vós naõ dais,
Quando com hum deſprezo me dais vida?

LXVI.

LXVI.

FOrmoſura do Ceo a nós deſcida;
Que nenhum coraçaõ deixas iſento,
Satisfazendo a todo penſamento;
Sem que ſejas de algum bem entendida:
Qual lingua póde haver taõ atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte maior do entendimento,
No menos que em ti ha ſe vê perdida?
Se em teu valor contemplo a melhor parte,
Vendo que abre na terra hum paraiſo,
Logo o engenho me falta, o eſprito mingoa.
Mas o que mais me impede inda louvar-te,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando naõ te vejo perco o ſiſo.

LXVII.

POis meus olhos naõ canſam de chorar
Triſtezas naõ canſadas de canſar-me;
Pois naõ ſe abranda o fogo em que abrazar-me
Póde quem eu já mais pude abrandar!
Naõ canſe o cego amor de me guiar
Donde nunca de lá poſſa tornar-me;
Nem deixe o Mundo todo de eſcutar-me,
Em quanto a fraca voz me naõ deixar.
E ſe em montes, ſe em prados, e ſe em valles,
Piedade mora alguma; algum amor
Em feras mora, em aves, pedras, agoas;
Ouçam a longa hiſtoria de meus males,
E curem ſua dor com minha dor;
Que grandes mágoas pódem curar mágoas.

LXVIII.

LXVIII.

DAi-me hũa lei, Senhora, de querer-vos,
Porque a guarde ſobpena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos,
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, ſenaõ ſó ver-vos,
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que ſe aſſi naõ chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.
E ſe eſſa condiçaõ cruel, e eſquiva,
Que me deis lei de vida naõ conſente,
Dai-ma, Senhora, já, ſeja de morte.
Se nem eſſa me dais, he bem que viva
Sem ſaber como vivo triſtemente;
Mas contente eſtarei com minha ſorte.

LXIX.

FErido ſem ter cura perecia
O forte, e duro Télepho temido,
Por aquelle que na agua foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.
Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conſelho para ſer reſtituido;
Reſpondeo-lhe, tornaſſe a ſer ferido
Por quem o já ferira, e ſararia.
Aſſi, Senhora, quer minha ventura,
Que ferido de ver-vos claramente,
Com tornar-vos a ver amor me cura.
Mas he taõ doce voſſa formoſura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe créſce mór ſeccura.

LXX.

NA metade do Ceo ſubido ardia
O claro, almo Paſtor, quando deixavam
O verde paſto as cabras, e buſcavam
A freſcura ſuave da agua fria.
Com a folha das arvores, ſombria,
Do raio ardente as aves ſe amparavam:
O módulo cantar de que ceſſavam,
Só nas roucas cigarras ſe ſentia.
Quando Liſo Paſtor, n'hum campo verde,
Natercia, crua Nympha, ſó buſcava
Com mil ſuſpiros triſtes que derrama.
Porque te vás de quem por ti ſe perde,
Para quem pouco te ama? (ſuſpirava)
E o eco lhe reſponde: Pouco te ama.

LXXI.

JA' a roxa, e branca Aurora deſtoucava
Os ſeus cabellos de ouro delicados,
E das flores os campos eſmaltados,
Com cryſtallino orvalho borrifava:
Quando o formoſo gado ſe eſpalhava
De Sylvio, e de Laurente, por os prados;
Paſtores ambos, e ambos apartados,
De quem o meſmo amor naõ ſe apartava.
Com verdadeiras lagrimas Laurente;
Naõ ſei, (dizia) ó Nympha delicada,
Porque naõ morre já quem vive auſente.
Pois a vida ſem ti naõ preſta nada;
Reſponde Sylvio; amor naõ o conſente:
Que offende as eſperanças da tornada.

LXXII.

LXXII.

QUando de minhas mágoas a comprida
Maginaçaõ os olhos me adormece,
Em ſonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi ſonho neſta vida.
Lá n'huma ſoidade, onde eſtendida
A viſta por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella entaõ parece
Que mais de mi ſe alonga, compellida.
Brado: Naõ me fujais, ſombra benina.
Ella (os olhos em mi co' hum brando pejo;
Como quem diz, que já naõ póde ſer)
Torna a fugir-me: tórno a bradar: *Dina*;
E antes que acabe em *mene*, acórdo, e vejo,
Que nem hum breve engano poſſo ter.

LXXIII.

SUſpiros inflammados que cantais
A triſteza com que eu vivi taõ ládo;
Eu morro, e naõ vos levo, porque hei medo
Que ao paſſar do Letheo vos percais.
Eſcriptos para ſempre já ficais
Onde vos moſtraráõ todos co'o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviſo de outros eſtejais.
Em quem, pois, virdes largas eſperanças
De amor, e da fortuna, (cujos danos
Algũus teraõ por bemaventuranças)
Dizei-lhe, que os ſerviſtes muitos anos;
E que em fortuna tudo ſaõ mudanças,
E que em amor naõ ha ſenaõ enganos.

LXXIV.

AQuella fera humana que enriquece
A ſua preſunçoſa tyrannia,
Deſtas minhas, entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece:
Se nella o Ceo moſtrou (como parece)
Quanto moſtrar ao Mundo pertendia;
Porque de minha vida ſe injuria?
Porque de minha morte ſe ennobrece?
Ora, em fim ſublimai voſſa victoria,
Senhora, com vencer-me, e captivar-me:
Fazei della no Mundo larga hiſtoria.
Pois, por mais que vos veja atormentar-me,
Já me fico logrando deſta gloria
De ver que tendes tanta de matar-me.

LXXV.

DItoſo ſeja aquelle que ſómente
Se queixa de amoroſas eſquivanças,
Pois por ellas naõ perde as eſperanças
De poder n'algum tempo ſer comente.
Ditoſo ſeja quem eſtando auſente
Naõ ſente mais que a pena das lembranças;
Porqu'inda que ſe tema de mudanças,
Menos ſe teme a dor quando ſe ſente.
Ditoſo ſeja, em fim, qualquer eſtado,
Onde enganos, deſprezos, e iſençaõ,
Trazem hum coraçaõ atormentado.
Mas triſte quem ſe ſente magoado
De erros em que naõ póde haver perdaõ
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

LXXVI.

LXXVI.

QUem foſſe acompanhando juntamente
Por eſſes verdes campos a avezinha,
Que deſpois de perder hum bem q̃ tinha,
Naõ ſabe mais que couſa he ſer contente.
E quem foſſe apartando-ſe da gente,
Ella por companheira, e por veſinha,
Me ajudaſſe a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella ſente.
Ditoſa ave, que ao menos ſe a natura
A ſeu primeiro bem naõ dá ſegundo,
Dá-lhe o ſer triſte a ſeu contentamento.
Mas triſte quem de longe quiz ventura,
Que para reſpirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o Mundo.

LXXVII.

OCulto divinal ſe celebrava
No Templo donde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com ſeu ſagrado Sangue reſtaurava.
Amor alli, que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais ſegura,
Com huma rara, e Angelica figura
A viſta da razaõ me ſalteava.
Eu crendo que o lugar me defendia,
De ſeu livre coſtume naõ ſabendo
Que nenhum confiado lhe fugia;
Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por voſſo me queria,
Do tempo que fuí livre me arrependo.

LXXVIII.

LEda ſerenidade deleitoſa,
Que repreſenta em terra hum paraiſo;
Entre rubjis, e perlas, doce riſo,
Debaixo de ouro, e neve, côr de roſa:
Preſença moderada, e gracioſa,
Onde enſinando eſtaõ deſpejo, e ſiſo,
Que ſe póde por arte, e por aviſo,
Como por natureza, ſer formoſa:
Falla de que ou já vida, ou morte pende,
Rara, e ſuave; em fim, Senhora, voſſa;
Repouſo na alegria comedido:
Eſtas as armas ſaõ com que me rende,
E me captiva amor; mas naõ que poſſa
Deſpojar-me da gloria de rendido.

LXXIX.

BEm ſei, amor, que he certo o que receo;
Mas tu, porque com iſſo mais te apuras,
De manhoſo mo negas, e mo juras
Neſſe teu arco de ouro, e eu te creo.
A mão tenho metida no teu ſeo,
E naõ vejo os meus damnos ás eſcuras:
Porém porfias tanto, e me aſſeguras,
Que me digo que minto, e que me enleo.
Nem ſómente conſinto neſte engano,
Mas inda to agradeço; e a mi me nego
Tudo o que vejo, e ſinto de meu dano.
Oh poderoſo mal a que me entrego!
Que no meio do juſto deſengano
Me poſſa inda cegar hum moço cego!

LXXX.

LXXX.

COmo quando do mar tempeſtuoſo
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel ſahindo a nado,
Só de ouvir fallar nelle eſtá medroſo:
Firme jura que o vê-lo bonançoſo
Do ſeu lar o naõ tire, ſocegado;
Mas eſquecido já do horror paſſado
Delle a fiar ſe torna, cobiçoſo:
Aſſi, Senhora, eu que da tormenta
De voſſa viſta fujo, por ſalvar-me,
Jurando de naõ mais em outra ver-me;
Com a alma que de vôs nunca ſe auſenta,
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde eſtive taõ perto de perder-me.

LXXXI.

AMor he hum fogo que arde ſem ſe ver;
He ferida que doe, e naõ ſe ſente;
He hum contentamento deſcontente;
He dor que deſatina ſem doer:
He hũ naõ querer mais que bem querer;
He ſolitario andar por entre a gente;
He hum naõ contentar-ſe de contente;
He cuidar que ſe ganha em ſe perder:
He hum eſtar-ſe preſo por vontade;
He ſervir a quem vence o vençedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.
Mas como cauſar póde o ſeu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a ſi taõ contrário o meſmo amor?

LXXXII.

SE pena por amar-vos ſe merece,
Quem della eſtará livre? Quem iſento?
E que alma, que razaõ, que entendimento,
No inſtante em que vos vê naõ obedece?
Qual mór gloria na vida já ſe offrece,
Que a de occupar-ſe em vós o penſamento?
Naõ ſó todo rigor, todo tormento,
Com ver-vos naõ magôa, mas ſe eſquece.
Porém ſe heis de matar a quem amando,
Ser voſſo de amor tanto ſó pertende,
O Mundo matareis, que todo he voſſo.
Em mi podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro ſe moſtra, e bem ſe entende,
Amar-vos quanto devo, e quanto poſſo.

LXXXIII.

QUe levas, cruel morte? Hum claro dia.
Aque horas o tomaſte? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Naõ o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou ſua laz? Anoitecendo.
Luſitania que diz? Fica dizendo.
Que diz? Naõ mereci a grão Maria.
Mataſte a quem a vio? Já morto eſtava.
Que diſcorre o amor? Fallar naõ ouſa.
E quem o faz callar? Minha vontade.
Na Corte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma couſa.
Que gloria lhe faltou? Eſta beldade.

LXXXIV.

ONdados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora ſobre as roſas eſparzidos
Fazeis que a ſua graça ſe accreſcente:
Olhos, que vos moveis taõ docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma, e ſentidos,
Que fora, ſe eu de vós naõ fora auſente?
Honeſto riſo, que entre a mór fineza
De perlas, e coraes, naſce, e apparece;
Oh quem ſeus doces ecos já lhe ouviſſe!
Se imaginando ſó tanta belleza,
De ſi com nova gloria a alma ſe eſquece,
Que fará quando a vir? Ah quem a viſſe!

LXXXV.

FOi já n'hum tempo doce couſa amar
Em quanto me enganou hũa eſperança:
O coraçaõ com eſta confiança
Todo ſe desfazia em deſejar.
Oh váo, caduco, e debil eſperar!
Como, em fim, deſengana huma mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos ſe crê que ha de durar.
Quem já ſe vio com goſtos proſperado,
Vendo-ſe brevemente em pena tanta,
Razaõ tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o Mundo exprimentado,
Naõ o magôa a pena, nem o eſpanta:
Que mal ſe eſtranhará o coſtumado.

LXXXVI.

DOs antigos Illuſtres que deixáram
Hum nome digno de immortal memoria,
Ficou por luz do tempo a larga hiſtoria
Dos feitos em que mais ſe avantajáram.
Se com ſuas acções ſe cotejáram
Mil voſſas, cada hũa taõ notoria,
Vencêra a menor dellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançáram.
A gloria ſua foi: ninguem lha tome:
Seguindo cada qual varios caminhos
Eſtatuas mereceo no heroico Templo.
Vós honra Portugueza, e dos Coutinhos,
Clariſſimo Dom Joaõ, com melhor nome
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

LXXXVII.

COnverſaçaõ domeſtica affeiçoa,
Ora em fórma de limpa e sãa vontade,
Ora de huma amoroſa piedade,
Sem olhar calidade de peſſoa.
Se deſpois, por ventura, vos magôa
Com deſamor, e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, em fim, perdôa.
Naõ faõ iſto que fallo conjeituras
Que o penſamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas eſcripturas.
Metida tenho a mão na conſciencia,
E naõ fallo ſenaõ verdades puras
Que me enſinou a viva experiencia.

LXXXVIII.

LXXXVIII.

ESforço, grande igual ao penſamento,
Penſamentos em obras divulgados,
E naõ em peito timido encerrados,
E desfeitos deſpois em chuva, e vento:
Animo da cobiça baixa iſento,
Digno por iſto ſó de altos eſtados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Póvos do Malabar ſanguinolento:
Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudica continencia;
Obra por certo da celeſte altura;
Eſtas virtudes raras, e outras mais;
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo deſta ſepultura.

LXXXIX.

NO Mundo quiz o tempo que ſe achaſſe
O bem que por acerto, ou ſorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a fortuna em mi ſe exprimentaſſe.
Mas porque o meu deſtino me moſtraſſe
Que nem ter eſperanças me convinha,
Nunca neſta taõ longa vida minha
Couſa me deixou ver que deſejaſſe.
Mudando andei coſtume, terra, eſtado,
Por ver ſe ſe mudava a ſorte dura:
A vida puz nas máos de hum leve lenho.
Mas, ſegundo o que o Ceo me tem moſtrado,
Já ſei que deſte meu buſcar ventura,
Achado tenho já que naõ a tenho.

LXXXX.

A Perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheia de freſcura,
Que ſempre em vós florece; a que a ventura,
E a razaõ, entregáram eſte peito:
Aquelle cryſtallino, e puro aſpeito,
Que em ſi comprehende toda a formoſura;
O reſplandor dos olhos, e a brandura,
Donde amor a ninguem quiz ter reſpeito:
S'iſto que em vós ſe vê, ver deſejais,
Como digno de ver-ſe claramente,
Por muito que de amor vos iſentais:
Traduzido o vereis taõ fielmente
No meio deſte eſpirito onde eſtais,
Que vendo-vos ſintais o que elle ſente.

LXXXXI.

VO's que de olhos ſuaves, e ſerenos,
Com juſta cauſa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos, e pequenos;
Se de amor os domeſticos venenos
Nunca provaſtes, quero que ſaibais
Que he tanto mais o amor deſpois que amais,
Quanto ſaõ mais as cauſas de ſer menos.
E naõ preſuma alguem que algum defeito,
Quando na couſa amada ſe apreſenta,
Poſſa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais; e ſe atormenta,
Pouco a pouco deſculpa o brando peito,
Que amor com ſeus contrarios ſe accreſcenta.

LXXXXII.

QUe poderei do Mundo já querer,
Pois no meſmo em que puz tamanho amor,
Naõ vi ſenaõ deſgoſto, e desfavor,
E morte, em fim, que mais naõ póde ſer?
Pois me naõ farta a vida de viver,
Pois já ſei que naõ mata grande dor,
Se houver couſa que mágoa dê maior,
Eu a verei, que tudo poſſo ver.
A morte, a meu pezar, me aſſegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me enſinou.
Na vida deſamor ſómente vi;
Na morte a grande dor que me ficou.
Parece que para iſto ſó naſci.

LXXXXIII.

PEnſamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mi reſuſcitais,
Dizeime: E ainda naõ vos contentais
Dé ter a quem vos tem taõ deſcontente?
Que phantaſia he eſta, que preſente
Cad'hora ante os meus olhos me moſtrais?
Com hũus ſonhos taõ vãos, inda tentais
Quem nem por ſonhos póde ſer contente?
Vejo-vos, penſamentos, alterados.
E naõ quereis, de eſquivos, declarar-me,
Que he iſto que vos traz taõ enleados?
Naõ me negueis, ſe andais para negar-me;
Porque ſe contra mi eſtais levantados,
Eu vos ajudarei meſmo a matar-me.

LXXXXIV.

LXXXXIV.

SE tómo a minha pena em penitencia
Do error em que cahio o penſamento,
Naõ abrando, mas dobro meu tormento,
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia,
E ſe huma côr de morto na apparencia,
Hum eſpalhar ſuſpiros vãos ao vento,
Naõ faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em voſſa conſciencia.
Mas ſe de qualquer eſpera mudança
Toda vontade iſenta amor caſtiga,
(Como eu vejo no mal que me condena)
E ſe em vós naõ ſe entende haver vingança,
Será forçado (pois amor me obriga)
Que eu ſó da culpa voſſa pague a pena.

LXXXXV.

AQuella que, de pura caſtidade,
De ſi meſma tomou cruel vingança,
Por huma breve, e ſubita mudança,
Contrária á ſua honra, e calidade;
Venceo á formoſura a honeſtidade;
Venceo no fim da vida a eſperança,
Porque ficaſſe viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De ſi, da gente, e do Mundo eſquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em ſangue a força do tyrano.
Oh ouſadia eſtranha! Eſtranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha ſua memoria larga vida!

LXXXXVI.

LXXXXVI.

OS veſtidos Eliſa revolvia,
Que Enéas lhe deixára por memoria;
Doces deſpojos da paſſada gloria;
Doces quando ſeu fado o conſentia.
Entre elles a formoſa eſpada via,
Que inſtrumento, em fim, foi da triſte hiſtoria;
E como quem de ſi tinha a victoria,
Fallando ſó com ella, aſſi dizia:
Formoſa, e nova eſpada, ſe ficaſte
Só porque executaſſes os enganos
De quem te quiz deixar, em minha vida;
Sabe que tu comigo te enganaſte,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobeja-me a triſteza da partida.

LXXXXVII.

OH quaõ caro me cuſta o entender-te,
Moleſto amor, que ſó por alcançar-te,
De dor em dor me têes trazido a parte,
Donde em ti odio, e ira ſe converte!
Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me naõ faltava experiencia, e arte;
Mas na alma vejo agora accreſcentar-te
Aquillo que era cauſa de perder-te.
Eſtavas taõ ſecreto no meu peito,
Que eu meſmo, que te tinha, naõ ſabia
Que me ſenhoreavas deſte geito.
Deſcubriſte-te agora; e foi por via,
Que teu deſcobrimento, e meu defeito,
Hum me envergonha, e outro me injuria.

LXXXXVIII.

LXXXXVIII.

SE deſpois de eſperança taõ perdida,
Amor por cauſa alguma conſentiſſe
Que inda algum'hora breve alegre viſſe,
De quantas triſtes vio taõ longa vida;
Hum'alma já taõ fraca, e taõ cahida
(Quando a ſorte mais alto me ſubiſſe)
Naõ tenho para mi que conſentiſſe
Alegria taõ tarde conſentida.
Nem tamſómente o amor me naõ moſtrou
Hum'hora em que viveſſe alegremente,
De quantas neſta vida me negou;
Mas inda tanta pena me conſente,
Que co' o contentamento me tirou
O goſto de algum'hora ſer contente.

LXXXXIX.

ORaio cryſtallino ſe eſtendia
Por o Mundo, da Aurora marchetada,
Quando Niſe, Paſtora delicada,
Donde a vida deixava ſe partia.
Dos olhos com que o Sol eſcurecia,
Levando a luz em lagrimas banhada,
De ſi, do fado, e tempo, magoada
Pondo os olhos no Ceo, aſſi dizia:
Naſce, ſereno Sol, puro, e luzente;
Reſplandece purpurea, e branca Aurora,
Qualquer alma alegrando deſcontente;
Que a minha, ſabe tu que deſde agora
Já mais na vida a podes ver contente,
Nem taõ triſte nenhuma outra Paſtora

C.

NO Mundo poucos annos, e canſados,
Vivi, cheos de vil miſeria, e dura:
Foi-me taõ cedo à luz do dia eſcura,
Que naõ vi cinco luſtros acabados.
Corri terras, e mares apartados,
Buſcando á vida algum remedio, ou cura:
Mas aquillo que em fim, naõ dá ventura,
Naõ o daõ os trabalhos arriſcados.
Criou-me Portugal na verde, e chara
Patria minha Alemquer; mas ar corruto,
Que neſte meu terreno vaſo tinha,
Me fez manjar de peixes em ti bruto
Mar, que bates a Abáſſia fera, e avara,
Taõ longe da ditoſa Patria minha.

CI.

VO's que eſcuitais em Rhythmas derramado
Dos ſuſpiros o ſom que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que ſou mudado:
Sabei que buſca ſó do já cantado
No tempo em que ou temia, ou eſperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e naõ perdaõ, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho ſentimento
Só me rendeo ſer fábula da gente,
(Do que comigo meſmo me envergonho)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao Mundo apraz he breve ſonho.

CII.

CII.

DE amor eſcrevo; de amor trato, e vivo;
De amor me naſce amar ſem ſer amado;
De tudo ſe deſcuida o meu cuidado,
Quanto naõ ſeja ſer de amor captivo.
De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria ſua em ſer ouſado;
Que ſe veja melhor purificado
No immenſo reſplandor de hũ raio eſquivo.
Mas ai, que tanto amor ſó pena alcança!
Mais conſtante ella, e elle mais conſtante,
De ſeu triumpho cada qual ſó trata.
Nada, em fim, me aproveita; q̃ a eſperança,
Se anima alguma vez a hum triſte amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

CIII.

SE da célebre Laura a formoſura
Hum numeroſo Cyſne ufano eſcreve,
Huma Angelica penna ſe te deve,
Pois o Ceo em formar-te mais ſe apura.
E ſe voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia!) em vão ſe atreve:
De ver-te já a ventura Liſo teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.
No Ceo naſceſte, certo, e naõ na terra:
Para gloria do Mundo cá deſceſte:
Quem mais iſto negar, muito mais erra.
E eu imagino que de lá vieſte
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co' os divinos poderes que trouxeſte.

CIV.

CIV.

Eſſes cabellos louros, e eſcolhidos,
Que o ſer ao aureo Sol eſtaõ tirando:
Eſſe ar immenſo, adonde naufragando
Eſtaõ continuamente os meus ſentidos:
Eſſes furtados olhos taõ fingidos,
Que minha vida, e morte, eſtaõ cauſando:
Eſſa divina graça, que em fallando,
Finge os meus penſamentos naõ ſer cridos:
Eſſe compaſſo certo, eſſa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, taõ ſubida:
Moſtrem já piedade, e naõ crueza,
Que ſaõ laços que amor tece na vida,
Sendo em mi ſoffrimento, em vós dureza.

CV.

Quem pudéra julgar de vós, Senhora,
Que hũa tal fé pudeſſe aſſi perder-vos?
Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
Deixar naõ poſſo o amar-vos algum'hora.
Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
Por ver a quem quiçá naõ ſabe ver-vos?
Mas eu ſou quem naõ ſoube merecer-vos,
E eſta minha ignorancia entendo agora.
Nunca ſoube entender voſſa vontade,
Nem a minha moſtrar-vos verdadeira,
Indaque clara eſtava eſta verdade.
Eſta, em quanto eu vos vir, vereis inteira;
E ſe em váo meu querer-vos perſuade,
Mais voſſo naõ querer faz que vos queira.

CVI.

CVI.

QUem, Senhora, preſume de louvar-vos
Com diſcurſo que baixe de divino,
De tanto maior pena ſerá dino,
Quanto vós ſois maior ao contemplar-vos.
Naõ aſpire algum canto a celebrar-vos,
Por mais que ſeja raro, ou peregrino;
Pois de voſſa belleza eu imagino,
Que ſó comvoſco o Ceo quiz comparar-vos.
Ditoſa eſta alma voſſa a que quizeſtes
Pôr em poſſe de prenda taõ ſubida,
Qual eſta que benigna, em fim, me déſtes.
Sempre ſerá antepoſta á meſma vida:
Eſta eſtimar em menos me fizeſtes,
Se antes que eſſoutra a quero ver perdida.

CVII.

MOradoras gentís, e delicadas,
Do claro, e aureo Tejo, que metidas
Eſtais em ſuas grutas eſcondidas,
E com doce repouſo ſocegadas.
Agora eſteis de amores inflammadas,
Nos cryſtallinos Paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas,
Das télas de ouro puro matizadas.
Movei dos lindos roſtos a luz pura
De voſſos olhos bellos, conſentindo
Que lagrimas derramem de triſtura.
E aſſi com dor mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai ſeguindo.

CVIII.

CVIII.

BRandas aguas do Tejo que paſſando
Por eſtes verdes campos que regais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Paſtores, Nymphas, ides alegrando:
Naõ ſei, (ah doces aguas!) naõ ſei quando
Vos tornarei a ver; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me cauſais,
Que de tornar já vou deſconfiando.
Ordenou o deſtino, deſejoſo
De converter meus goſtos em pezares,
Partida que me vai cuſtando tanto.
Saudoſo de vós, delle queixoſo,
Encherei de ſuſpiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

CIX.

NOvos caſos de amor, novos enganos,
Envoltos em liſonjas conhecidas;
Do bem promeſſas falſas, e eſcondidas,
Onde do mal ſe cumprem grandes danos:
Como naõ tomais já por deſenganos,
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida naõ baſta, nem mil vidas,
A tantos dias triſtes, tantos anos?
Hum novo coraçaõ miſter havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crer o que eu vos cria.
Andais comigo, enganos, enganados;
E ſe o quizerdes ver, cuidai hum dia
O que ſe diz dos bem acutilados.

CX.

ONde porei meus olhos que naõ veja
A cauſa de que naſce o meu tormento?
A qual parte me irei co' o penſamento,
Que para deſcanſar parte me ſeja?
Já ſei como ſe engana quem deſeja
Em vão amor, fiel contentamento;
De que nos goſtos ſeus, que ſaõ de vento,
Sempre falta ſeu bem, ſeu mal ſobeja.
Mas inda, ſobre o claro deſengano,
Aſſi me traz eſta alma ſobjugada,
Que delle eſtá pendendo o meu deſejo.
E vou de dia em dia, de anno em ano,
Apoz hum naõ ſei que, apoz hum nada,
Que quanto mais me chego menos vejo.

CXI.

JA' do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, naõ meus, antes alheos,
Que de outras differentes vindo cheos,
Na ſua branda viſta inda mais crecem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo ſe detém em ſeus rodeos.
Triſte! Por quantos modos, quantos meos,
As minhas ſaudades me entriſtecem!
Vida de tantos males ſalteada,
Amor a põe em termos, que duvída
De conſeguir o fim deſta jornada.
Antes ſe dá de todo por perdida,
Vendo que naõ vai da alma acompanhada;
Que ſe deixou ficar onde tem vida.

CXII.

QUe doudo penſamento he o que ſigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! Que naõ me entendo;
Nem o que callo ſei, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz naõ me defendo.
De falſas eſperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, ſe naſci livre, me captivo?
E pois o quero ſer, porque o naõ quero?
Como me engano mais com deſenganos?
Se já deſeſperei, que mais eſpero?
E ſe inda eſpero mais, porque naõ vivo?
E ſe vivo, que accuſo mortaes danos?

CXIII.

HUm firme coraçaõ poſto em ventura;
Hum deſejar honeſto, que ſe engeite
De voſſa condiçaõ, ſem que reſpeite
A meu taõ puro amor, a fé taõ pura:
Hum ver-vos, de piedade, e de brandura,
Sempre inimiga, faz-me que ſuſpeite
Se alguma Hyrcana fera vos deo leite,
Ou ſe naſceſtes de huma pedra dura.
Ando buſcando cauſa, que deſculpe
Crueza taõ eſtranha; porém quanto
Niſſo trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, q̃ naõ ha quem nos naõ culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto;
A mim, por querer tanto a quem me mata.

CXIV.

AR, que de meus ſuſpiros vejo cheio;
Terra, canſada já com meu tormento;
Agua, que com mil lagrimas ſuſtento;
Fogo, que mais accendo no meu ſeio.
Em paz eſtais em mim; e aſſi o creio,
Sem eſſe ſer o voſſo proprio intento;
Pois em dor onde falta o ſoffrimento,
A vida ſe ſoſtém por voſſo meio.
Ai imiga fortuna! Ai vingativo
Amor! A que diſcurſos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, ſe contrarios tenho
Fogo, fortuna, amor, ar, terra, e agoa?

CXV.

JA' claro vejo bem, já bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois ſei q̃ fundo em agua, eſcrevo em vento,
E que o cordeiro manſo ao lobo peço;
Que Arachne ſou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaſo intento,
Aſpirando a eſſe Ceo que naõ mereço.
Quero achar paz em hum confuſo inferno;
Na noite, do Sol puro a claridade;
E o ſuave Veraõ, no duro Inverno.
Buſco em luzente Olympo eſcuridade;
E o deſejado bem no mal eterno,
Buſcando amor em voſſa crueldade.

CXVI.

CXVI.

DE cá, donde ſómente o imaginar-vos
A rigoroſa auſencia me conſente,
Sobre as azas de amor, ouſadamente
O mal ſoffrido eſprito vai buſcar-vos.
E ſenaõ receára de abrazar-vos
Nas chammas que por voſſa cauſa ſente,
Lá ficára comvoſco, e vós preſente
Aprendêra de vós a contentar-vos.
Mas pois que eſtar auſente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagẽes voſſas inclinado.
E pois vedes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no ſeu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

CXVII.

NAõ ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós ſe vê, bella Senhora:
Vós ſois voſſo louvor: quem vos adora
Reduz ſómente a eſte o engenho, e arte.
Quanto por muitas damas ſe reparte
De bello, e de formoſo, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fora
Dizer que ſois o todo, ellas a parte.
Culpa, logo, naõ he, ſe vou louvar-vos,
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo avantajar-vos.
Seja a culpa de voſſos reſplandores;
E a que elles tem vos dou, ſó para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

CXVIII.

NAõ vás ao monte, Niſe, com teu gado,
Que lá vi que Cupido te buſcava:
Por ti ſómente a todos perguntava;
No geſto menos placido que irado.
Elle publica, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da ſua aljava;
E com hum dardo ardente aſſegurava
Traſpaſſar eſſe peito delicado.
Fuge de ver-te lá neſta aventura,
Porque ſe contra ti o tẽes iroſo,
Póde ſer que te alcance com mão dura.
Mas ai, que em vão te advirto temeroſo,
Se á tua incomparavel formoſura
Se rende o dardo ſeu mais poderoſo!

CXIX.

A Violeta mais bella que amanhece
No valle por eſmalte da verdura,
Com ſeu pallido luſtre, e formóſura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Perguntas-me, porque? Porque apparece
Em ti ſeu nome, e ſua côr mais pura;
E eſtudar em teu roſto ſó procura
Tudo quanto em beldade mais ſlorece.
Oh luminoſa flor! Oh Sol mais claro!
Unico roubador de meu ſentido,
Naõ permittas que amor me ſeja avaro.
Oh penetrante ſétta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neſte valle Enéas deſta Dido?

CXX.

CXX.

TOrnai eſſa brancura á alva aſſucena,
E eſſa purpurea côr ás puras roſas:
Tornai ao Sol as chammas luminoſas
De eſſa viſta que a roubos vos condena.
Tornai á ſuaviſſima ſirena
De eſſa voz as cadencias deleitoſas:
Tornai a graça ás Graças, que queixoſas
Eſtaõ de a ter por vós menos ſerena.
Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o ſaber, o engenho, e a arte;
E a pureza á caſtiſſima Diana.
Deſpojai-vos de toda eſſa grandeza
De dões; e ficareis em toda parte
Comvoſco ſó, que he ſó ſer inhumana.

CXXI.

DE mil ſuſpeitas vãas ſe me levantam
Trabalhos, e deſgoſtos verdadeiros.
Ai, que eſtes bẽes de amor ſaõ feiticeiros,
Que com hum naõ ſei q̃ toda alma encantam!
Como ſerêas docemente cantam,
Para enganar os triſtes marinheiros:
Os meus aſſi me attrahem liſongeiros,
E deſpois com horrores mil me eſpantam.
Quando cuido que tómo porto, ou terra,
Tal vento ſe levanta em hum inſtante,
Que ſubito da vida deſconfio.
Mas eu ſou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riſcos de hum amante,
Fiado a ondas de amor, dellas me fio.

CXXII.

CXXII.

Mil vezes determino naõ vos ver,
Por ver ſe abranda mais o meu penar:
E ſe cuido de aſſi me magoar,
Cuidai o que ſerá, ſe houver de ſer.
Pouco me importa já muito ſoffrer,
Deſpois que amor me poz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he ſó cuidar,
Que mal ſem eſta dor poſſo viver.
Aſſi naõ buſco eu cura contra a dor,
Porque buſcando alguma entendo bem,
Que neſſe meſmo ponto me perdi.
Quereis que víva, em fim, neſte rigor?
Sómente o querer voſſo me convém.
Aſſi quereis que ſeja? Seja aſſi.

CXXIII.

A Chaga que, Senhora, me fizeſtes,
Naõ foi para curar-ſe em hum ſó dia;
Porque creſcendo vai com tal porfia,
Que bem deſcobre o intento que tiveſtes.
De cauſar tanta dor vos naõ doeſtes?
Mas a doer-vos, dor me naõ ſeria,
Pois já com eſperança me veria
Do que vós que em mi viſſe naõ quizeſtes.
Os olhos com que todo me roubaſtes
Foram cauſa do mal que vou paſſando;
E vós eſtais fingindo o naõ cauſaſtes.
Mas eu me vingarei. E ſabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixaſtes
Ir-ſe a minha alma nelles abrazando.

CXXIV.

CXXIV.

SE com deſprezos, Nympha, te parece
Que podes deſviar do ſeu cuidado
Hum coraçaõ conſtante, que ſe offrece
A ter por gloria o ſer atormentado.
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal ſabes de amor deſenganado,
Pois naõ ſentes, nem vês, q̃ em teu mal crece,
Creſcendo em mi de ti mais deſamado.
O eſquivo deſamor com que me tratas,
Converte em piedade, ſenaõ queres
Que creſça o meu querer, e o teu deſgoſto.
Vencer-me com cruezas nunca eſperes:
Bem me podes matar, e bem me matas,
Mas ſempre ha de viver meu preſuppoſto.

CXXV.

SEnhora minha, ſe eu de vós auſente
Me defendêra de hum penar ſevero,
Suſpeito que offendêra o que vos quero,
Eſquecido do bem de eſtar preſente.
Traz eſte, logo ſinto outro accidente,
E he ver que ſe da vida deſeſpero,
Perco a gloria que vendo-vos eſpero,
E aſſi eſtou em meus males differente.
E neſta differença meus ſentidos
Combatem com taõ aſpera porfia,
Que julgo eſte meu mal por deshumano.
Entre ſi ſempre os vejo divididos;
E ſe acaſo concordam algum dia,
He ſó conjuraçaõ para o meu dano.

CXXVI.

CXXVI.

NO regaço da mãi amor eſtava,
Dormindo taõ formoſo que movia
O coraçaõ que mais iſento o via,
E a ſua propria mãi de amor matava.
Ella co' os olhos nelle contemplava
A quanto eſtrago o Mundo reduzia:
Elle porém, ſonhando lhe dizia,
Que todo aquelle mal ella o cauſava.
Soliſo, que graduado em ſeus amores,
De ſaber de ambos mais teve a ventura,
Aſſi ſoltou a dúvida aos Paſtores:
Se bem me ferem ſempre ſem ter cura
Do menino os ardentes paſſadores,
Mais me fere da mãi a formoſura

CXXVII.

ESte terreſte cáos com ſeus vapores
Naõ póde condenſar as nuvẽes tanto,
Que o claro Sol naõ rompa o negro manto
Com ſuas bellas, e luzentes cores.
A ingratidaõ eſquiva de rigores
Oppoſta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triſte pranto
Suas váas eſperanças, ſeus favores.
Póde-ſe contrapôr ao Ceo a terra,
E eſtar o Sol por horas eclipſado,
Mas naõ póde ficar eſcurecido.
Póde prevalecer a voſſa guerra;
Mas a pezar das nuvẽes, declarado
Ha de ſer voſſo Sol, e obedecido.

CXXVIII.

HUma admiravel herva ſe conhece,
Que vai ao Sol ſeguindo de hora em hora
Logo que elle do Euphrates ſe vê fóra,
E quando eſtá mais alto, entaõ florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece,
Toda a ſua belleza perde Flora,
Porque ella ſe emmurchece, e ſe deſcora;
Tanto co' a luz auſente ſe entriſtece.
Meu Sol, quando alegrais eſta alma voſſa,
Moſtrando-lhe eſſe roſto que dá vida,
Cria flores em ſeu contentamento.
Mas logo, em naõ vos vendo, entriſtecida
Se murcha, e ſe conſume em grão tormento;
Nem ha quem voſſa auſencia ſoffrer poſſa.

CXXIX.

CReſcei, deſejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos ſeus braços levantado;
Que a bella cauſa de que ſois gerado,
O mais ditoſo fim vos aſſegura.
Se aſpirais por ouſado a tanta altura,
Naõ vos eſpante haver ao Sol chegado;
Porque he de Aguia Real voſſo cuidado,
Que quanto mais o ſoffre mais ſe apura.
Animo, coraçaõ; que o penſamento
Te póde inda fazer mais glorioſo,
Sem que reſpeite a teu merecimento.
Que creſças inda mais he já forçoſo;
Porque ſe foi de ouſado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoſo.

CXXX.

CXXX.

HE o gozado bem em agua eſcrito;
Vive no deſejar, morre no effeito:
O deſejado ſempre, he mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.
Dar a huma alma immortal gozo preſcrito,
Em verdadeiro amor, fora defeito:
Por modo ſuperior, naõ imperfeito,
Sois exceiçaõ de quanto aqui limito.
De huma eſperança nunca conhecida,
Da fé do deſejar naõ alcançada,
Sereis mais deſejada poſſuida.
Naõ podeis da eſperança ſer amada:
Viſta podereis ſer, e entaõ mais crida;
Porém, naõ ſem aggravo, comparada.

CXXXI.

DE quantas graças tinha a natureza,
Fez hum bello, e riquiſſimo theſouro;
E com rubijs, e roſas; neve, e ouro,
Formou ſublime, e Angelica belleza.
Poz na boca os rubijs, e na pureza
Do bello roſto as roſas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho acceſa.
Mas nos olhos moſtrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde ſe apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Em fim, Senhora, em voſſa compoſtura,
Ella a apurar chegou quanto ſabia
De ouro, roſas, rubijs, neve, e luz pura.

CXXXII.

NUnca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna á ouſadia;
Porque ſempre a encolhida covardia,
De pedra ſerve ao livre penſamento.
Quem ſe eleva ao ſublime Firmamento,
A Eſtrella nelle encontra que lhe he guia;
Que o bem que encerra em ſi a phantaſia
Saõ humas illuſões que lêva o vento.
Abrir ſe devem paſſos á ventura:
Sem ſi proprio ninguem ſerá ditoſo:
Os principios ſómente a ſorte os move.
Atrever-ſe he valor, e naõ loucura.
Perderá por covarde o venturoſo,
Que vos vê, ſe os temores naõ remove.

CXXXIII.

DOces, e claras aguas do Mondego,
Doce repouſo de minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida eſperança,
Longo tempo apoz ſi me trouxe cego.
De vós me aparto, ſi; porém naõ nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me naõ deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.
Bem poderá a fortuna eſte inſtrumento
Da alma levar por terra nova, e eſtranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.
Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro penſamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós ſe banha.

CXXXIV.

CXXXIV.

SEnhor Joaõ Lopes, o meu baixo eſtado
Hontem vi poſto em grão taõ excellente,
Que ſendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quezêreis ver trocado.
O geſto vi ſuave, e delicado,
Que já vos fez contente, e deſcontente,
Lançar ao vento a voz taõ docemente,
Que fez o ar ſereno, e ſocegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas: mas eu chego
A eſpirar ſó de ouvir a doce fala.
Oh mal o haja a fortuna, e o moço cego!
Elle, que os coraçõeſ obriga a tanto;
Ella, porque os aſtados deſiguala.

CXXXV.

AMorte, que dá vida o nó deſata,
Os nós, que dá o amor, cortar quizera
Co' a auſencia que he ſobre elle eſpada fera,
E co' o tempo que tudo desbarata.
Duas contrárias, que huma a outra mata,
A morte contra amor junta, e altera;
Huma, razaõ contra a fortuna auſtera;
Outra, contra a razaõ fortuna ingrata.
Mas moſtre a ſua imperial potencia
A morte em apartar de hum corpo a alma,
O amor n'hum corpo duas almas una.
Para que aſſi triumphante leve a palma
Da morte amor a grão peſar da auſencia,
Do tempo, da razaõ, e da fortuna.

CXXXVI.

CXXXVI.

ARvore, cujo pomo bello, e brando,
Natureza de leite, e ſangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Eſtá virgineas faces imitando.
Nunca do vento, e ira, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injúria ſinta;
Nem por malicia de ar te ſeja extinta
A côr que eſtá teu fructo debuxando.
E pois empreſtas doce, e idoneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu ſuave cheiro a minha gloria;
Se eu naõ te celebrar como mereces,
Cantando-te, ſe quer farei comtigo
Doce nos caſos triſtes a memoria.

CXXXVII.

O Filho de Latona eſclarecido,
Que com ſeu raio alegra a humana gente,
Matar pode a Phytonica ſerpente,
Que mortes mil havia produzido.
Ferio com arco, e de arco foi ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente:
Nas Theſſalicas praias docemente
Por a Nympha Penea andou perdido.
Naõ lhe pode valer contra ſeu dano,
Saber, nem diligencias, nem reſpeito
De quanto era celeſte, e ſoberano.
Pois ſe hũ deos nunca vio nem hũ engano
De quem era taõ pouco em ſeu reſpeito,
Eu q̃ eſpero de hum ſer, q̃ he mais q̃ humano?

CXXXVIII.

CXXXVIII.

PReſença bella, Angelica figura,
Em quem, quanto o Ceo tinha, nos tẽ dado;
Geſto alegre de roſas ſemeado,
Entre as quaes ſe eſtá rindo a formoſura:
Olhos, onde tem feito tal miſtura
Em cryſtal puro o negro marchetado,
Que vemos já no verde delicado,
Naõ eſperança, mas inveja eſcura:
Brandura, aviſo, e graça, que augmentando
A natural belleza co' hum deſprezo,
Com que mais deſprezada mais ſe augmenta,
Saõ as prizões de hum coraçaõ, que prezo,
Seu mal ao ſom dos ferros vai cantando,
Como faz a ſerêa na tormenta.

CXXXIX.

POr cima deſtas aguas forte, e firme,
Irei aonde os fados o ordenáram,
Pois por cima de quantas derramáram
Aquelles claros olhos pude vir-me.
Já chegado era o fim de deſpedir-me;
Já mil impedimentos ſe acabáram,
Quando rios de amor ſe atraveſſáram
A me impedir o paſſo de partir-me.
Paſſei-os eu com animo obſtinado,
Com que a morte forçada, e glorioſa,
Faz o vencido já deſeſperado.
Em qual figura, ou geſto deſuſado,
Póde já fazer medo a morte iroſa,
A quem tem a ſeus pés rendido, e atado?

CXXXX.

CXXXX.

TAl moſtra de ſi dá voſſa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças, e o poder da natureza,
Com ſua claridade mais apura.
Quem confiança ha viſto taõ ſegura,
Taõ ſingular eſmalte da belleza,
Que naõ padeça mal de mais graveza,
Se reſiſtir a ſeu amor procura?
Eu, pois, por eſcuſar tal eſquivança,
A razaõ ſujeitei ao penſamento,
A quem logo os ſentidos ſe entregáram.
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficáram.

CXXXXI.

NA deſeſperaçaõ já repouſava
O peito longamente magoado;
E com ſeu damno eterno concertado,
Já naõ temia, já naõ deſejava.
Quando huma ſombra váa me aſſegurava;
Que algum bem me podia eſtar guardado
Em taõ formoſa imagem, que o traſlado
Na alma ficou, que nella ſe elevava.
Que credito que dá taõ facilmente
O coraçaõ a aquillo que deſeja,
Quando lhe eſquece o fero ſeu deſtino!
Ah! Deixem-me enganar; que eu ſou contente:
Pois poſtoque maior meu damno ſeja,
Fica-me a gloria já do que imagino.

CXXXXII.

CXXXXII.

DIverſos dões reparte o Ceo benino,
E quer que cada hũa alma hũ ſó poſſua;
Por iſſo ornou de caſto peito a Lua,
Que o primeiro orbe illuſtra, cryſtallino.
De graça a mãi formoſa do menino,
Que neſſa viſta tem perdido a ſua;
Pallas, de ſciencia naõ maior que a tua,
Tem Juno da nobreza o Imperio dino.
Mas junto agora o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos,
Em reſpeito do Author da natureza.
Que a ſeu pezar te daõ, formoſa Dama,
Seu peito a Lũa, ſua graça Venos,
Sua ſciencia Pallas, Juno ſua nobreza.

CXXXXIII.

GEntil Senhora, ſe a fortuna imiga,
Que contra mi com todo o Ceo conſpira,
Os olhos meus de ver os voſſos tira,
Porque em mais graves caſos me perſiga.
Comigo levo eſta alma, que ſe obriga
Na mór preſſa de mar, de fogo, e d'ira,
A dar-vos a memoria, que ſuſpira,
Só por fazer comvoſco eterna liga.
Neſta alma, onde a fortuna póde pouco,
Taõ viva vos terei, que frio, e fome,
Vos naõ poſſam tirar, nem mais perigos.
Antes com ſom de voz trémulo, e rouco,
Por vós chamando, ſó com voſſo nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

CXXXXIV.

CXXXXIV.

QUe modo taõ ſubtil da natureza
Para fugir ao Mundo, e ſeus enganos!
Permitte que ſe eſconda em tenros anos,
Debaixo de hum burel tanta belleza.
Mas naõ póde eſconder-ſe aquella alteza,
E gravidade de olhos ſoberanos,
A cujo reſplandor entre os humanos,
Reſiſtencia naõ ſinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dor, e pena,
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria,
Na meſma razaõ ſua ſe condena.
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Captivo ha de ficar; que amor ordena,
Que de juro tenha ella eſta victoria.

CXXXXV.

QUando ſe vir com agua o fogo arder,
Juntar-ſe ao claro dia a noite eſcura,
E a terra collocada lá na altura
Em que ſe vem os Ceos prevalecer.
Quando amor á razaõ obedecer,
E em todos for igual huma ventura,
Deixarei eu de ver tal formoſura,
E de a amar deixarei depois de a ver.
Porém naõ ſendo viſta eſta mudança
No Mundo, porque, em fim, naõ póde ver-ſe,
Ninguem mudar me queira de querer-vos.
Que baſta eſtar em vós minha eſperança,
E o ganhar-ſe a minha alma, ou o perder-ſe,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

CXXXXVI.

QUando a ſuprema dor muito me aperta,
Se digo que deſejo eſquecimento,
He força que ſe faz ao penſamento,
De que a vontade livre deſconcerta.
Aſſi de erro taõ grave me deſperta
A luz do bem regido entendimento,
Que moſtra ſer engano, ou fingimento,
Dizer que em tal deſcanſo mais ſe acerta.
Porque eſſa propria imagem, que na mente
Me repreſenta o bem de que careço,
Faz-mo de hum certo modo ſer preſente.
Ditoſa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da cauſa della em mi ſe ſente
Hum bem que inda ſem ver-vos reconheço.

CXXXXVII.

NA margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido cryſtal hum verde prado,
O triſte Paſtor Liſo debruçado
Sobre o tronco de hum freixo aſſi dizia:
Ah Natercia cruel! Quem te deſvia
Eſſe cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar deſenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi de aquella fé que tu me déſte?
De aquelle puro amor que me moſtraſte?
Quem tudo trocar pode taõ aſinha?
Quando eſſes olhos teus n'outro puzeſte,
Como te naõ lembrou que me juraſte
Por toda a ſua luz, que eres ſó minha?

CXXXXVIII.

SE me vem tanta gloria ſó de olhar-te,
He pena deſigual deixar de ver-te.
Se preſumo com obras merecer-te,
Grão paga de hum engano he deſejar-te.
Se aſpiro por quem es a celebrar-te,
Sei certo por quem ſou que hei de offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio querer poſſo mais que amar-te?
Porque hú taõ raro amor naõ me ſoccorre?
Oh humano theſouro! Oh doce gloria!
Ditoſo quem á morte por ti corre!
Sempre eſcripta eſtarás neſta memoria;
E eſta alma vivirá, pois por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a victoria.

CXXXXIX.

SEmpre a razaõ vencida foi de amor;
Mas porque aſſi o pedia o coraçaõ,
Quiz amor ſer vencido da razaõ.
Ora que caſo póde haver maior!
Novo modo de morte, e nova dor!
Eſtranheza de grande admiraçaõ!
Pois, em fim, ſeu vigor perde a affeiçaõ,
Porque naõ perca a pena o ſeu vigor.
Fraqueza nunca a houve no querer,
Mas antes muito mais ſe esforça aſſim
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razaõ que a luta vence, em fim,
Naõ creo que he razaõ, mas deve ſer
Inclinaçaõ que eu tenho contra mim.

CL.

COitado, que em hũ tempo chóro, e rio;
Eſpero, e temo; quero, e aborreço;
Juntamente me alegro, e me entriſteço;
Confio de huma couſa, e deſconfio.
Vôo ſem azas; eſtou cego, e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Entaõ fallo melhor quando emmudeço;
Sem ter contradiçaõ ſempre porfio.
Poſſivel ſe me faz todo o impoſſivel;
Intento com mudar-me eſtar-me quedo;
Uſar de liberdade, e ſer captivo.
Queria viſto ſer, ſer inviſivel;
Ver-me deſenredado amando o enredo;
Taes os extremos ſaõ com que hoje vivo.

CLI.

JUlga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me taõ entregue a meu cuidado,
Andar ſempre dos homẽes apartado,
E de humanos commercios eſquecido.
Mas eu que tenho o Mundo conhecido,
E quaſi que ſobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, ruſtico, e enganado,
Quem naõ he com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento,
Honras buſque, e riquezas, a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, e calma.
Que eu por amor ſómente me contento
De trazer eſculpido, eternamente,
Voſſo formoſo geſto dentro da alma.

CLII.

CLII.

OLhos, aonde o Ceo com luz mais pura
Quiz dar de ſeu poder claros ſignais,
Se quizerdes ver bem quanto poſſais,
Vede-me a mi que ſou voſſa feitura.
Em mi viva vereis voſſa figura,
Mais propria que em puriſſimos cryſtais,
Porque neſta alma he certo que vejais
Melhor que em hum cryſtal tal formoſura.
De meu naõ quero mais que o meu deſejo,
Se acaſo por querer-vos mais mereço,
Porque o voſſo poder em mi ſe aſſelle.
Do Mundo outra memoria em mi naõ vejo:
Com lembrar-me de vós, delle me eſqueço;
Com triumphardes de mi, triumpharei delle.

CLIII.

CReou a natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas,
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor dellas.
Ellas diante vós ſaõ as Eſtrellas,
Que ficam com vos ver logo eclipſadas:
Mas ſe ellas tem por Sol eſſas roſadas
Luzes de Sol maior, felices ellas!
Em perfeiçaõ, em graça, e gentileza,
Por hũ modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede eſſa belleza.
Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas ſe pureza
De amor val ante vós, de vós ſou dino.

CLIV.

CLIV.

QUe eſperais ; eſperança ? Deſeſpero.
Quem diſſo a cauſa foi ? Hũa mudança.
Vós , vida , como eſtais ? Sem eſperança.
Que dizeis , coraçaõ ? Que muito quero.
Que ſentis , alma , vós ? Que amor he fero.
E , em fim , como viveis ? Sem confiança.
Quem vos ſuſtenta , logo ? Huma lembrança.
E ſó nella eſperais ? Só nella eſpero.
Em que podeis parar ? Niſto em que eſtou.
E em que eſtais vós ? Em acabar a vida.
E tende-lo por bem ? Amor o quer.
Quem vos obriga aſſi ? Saber quem ſou.
E quem ſois ? Quem de todo eſtá rendida.
A quem rendida eſtais ? A hum ſó querer.

CLV.

SE como em tudo o mais foſtes perfeita,
Foreis de condiçaõ menos eſquiva,
Fora a minha fortuna mais altiva,
Fora a ſua altiveza mais ſujeita.
Mas quando a vida a voſſos pés ſe deita,
Porque naõ a acceitais , naõ quer que eu viva:
Ella propria de ſi já a mi me priva,
Que porque me engeitais , tambem me engeita.
Se niſſo contradiz voſſa vontade,
Mandai-lhe vós , Senhora , que dê fim
A' minha profundiſſima triſteza.
Pois ella naõ mo dá porque piedade
Tenha deſte meu mal , mas porque em mim
Poſſais aſſi fartar voſſa crueza.

CLVI.

CLVI.

SE algum'hora eſſa viſta mais ſuave
Acaſo a mi volveis, em hum momento
Me ſinto com hum tal contentamento,
Que naõ temo que damno algum me aggrave.
Mas quando com deſdem eſquivo, e grave,
O bello roſto me moſtrais iſento,
Huma dor provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ſer que naõ me acabe.
Aſſi eſtá minha vida, ou minha morte,
No volver de eſſes olhos; pois podeis
Dar co' huma volta delles morte, ou vida.
Ditoſo eu, ſe o Ceo quer, ou minha ſorte,
Que ou vida para dar-vo-la me deis,
Ou morte para haver morte querida.

CLVII.

TAnto ſe foram, Nympha, coſtumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vaõ paſſando já por natureza,
O que por accidente hiam paſſando.
No que ao ſomno ſe deve eſtou velando,
E venho a velar ſó minha triſteza:
O choro naõ abranda eſta aſpereza,
E meus olhos eſtaõ ſempre chorando.
Aſſi de dor em dor, de mágoa em mágoa,
Conſumindo-ſe vaõ inutilmente,
E eſta vida tambem vaõ conſumindo.
Sobre o fogo de amor inutil agoa!
Pois eu em choro eſtou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo.
Aſſi nova corrente
Levas de choro em foro,
Porque de ver-te rir, de novo chóro. CLVIII.

CLVIII.

EU me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia eſta partida:
E ſe a minha alma vai entriſtecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas eſperanças, mal ſobejo,
Vontade que razaõ leva vencida,
Preſto veraõ o fim á triſte vida,
Se vos naõ tórno a ver como deſejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Veraõ partir de mi voſſa lembrança.
Amor, que vai comigo, o certifica.
Por mais que no tornar haja tardança,
Me faraõ ſempre triſte companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

CLIX.

VEncido eſtá de amor
O mais q̃ póde ſer,
Sujeita a vos ſervir, e
Offerecendo tudo
Contente deſte bem
Ou hora em que ſe vio
Mil vezes deſejando
Outras mil renovar
Com eſta pertenſaõ
A cauſa que me guia
Taõ ſobrenatural,
Jurando naõ querer
Votando ſó por vós
Ou ſer no voſſo amor
Meu penſamento
Vencida a vida,
Inſtituida,
A voſſo intento.
Louva o momento,
Tambem perdida;
Aſſi ferida,
Seu perdimento.
Eſtá ſegura
Neſta empreza,
Honroſa, e alta.
Outra ventura,
Rara firmeza,
Achado em falta.

CLX.

CLX.

DIvina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte
Ou ſobre as margẽes da Caſtalia fonte
Voſſos eſtudos tendes mais ſagrados:
Pois por deſtino dos immoveis fados
Quereis que em voſſo número me conte,
No eterno Templo de Belorofonte
Ponde em bronze eſtes verſos entalhados.
Soliſo (porque em ſeculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de ſábia doudice a mente inflama)
Seus eſcriptos, da ſorte já ſeguros,
A eſtas aras em huma maõ offrece,
E a alma em outra á ſua bella Dama.

CLXI.

ALa margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peynando eſtava
Natercia ſus cabellos, y quitava
Con ſus ojos la luz al Sol que ardia.
Soliſo, que qual Clicie la ſeguia,
Lexos de ſi, mas cerca della eſtava:
Al ſon de ſu zampoña celebrava
La cauſa de ſu ardor, y a ſſi dezia:
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las lleváras
Colgada cada qual del uno dellos.
De no tenerlas tu me conſoláras,
Si tantas vezes mil como ſon ellos,
En ellos la que tengo me enredáras.

CLXII.

CLXII.

POr gloria tuve un tiempo el ſer perdido;
Perdiame de puro bien ganado;
Gané quando perdi ſer libertado;
Libre agora me veo, mas vencido.
Venci quando de Niſe fuy rendido;
Rendime por no ſer della dexado:
Dexôme en la memoria el bien paſſado;
Paſſo agora a llorar lo que he ſervido.
Servia al premio de la luz que amava;
Amandola eſperavale por cierto;
Incierto me ſalió quanto eſperava.
La eſperança ſe queda en deſconcierto;
El concierto en el mal que no penſava;
El penſamiento con un fin incierto.

CLXIII.

REbuelvo en la inceſſable phantaſia,
Quando me he viſto en màs dichoſo eſtado,
Si agora que de amor vivo inflammado,
Si quando de ſu ardor libre vivia.
Entonces deſta llama ſolo huia
Deſpreciando en mi vida ſu cuidado:
Agora, con dolor de lo paſſado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleitoſa
Aquella que lograva ſin temores,
Quando guſtos de amor tuve por viento.
Mas viendo oy a Natercia tan hermoſa,
Hallo en eſta priſion glorias mayores,
Y en perderlas por libre hallo tormento.

CLXIV.

CLXIV.

LAs peñas retumbavan al gemido
Del miſero zagal, que lamentava
El dolor que a ſu alma laſtimava,
De un obſtinado deſamor nacido.
El mar que las batia, ſu bramido
Con los retumbos dellas ayuntava;
Confuſo ſon el viento derramava,
En cavernoſos valles repetido.
Reſponden a mi llanto duras peñas:
Ai de mi! (dixo) la mar brama, y gime;
Los ecòs ſuenan de triſteza llenos.
Y tu, por quien la muerte en mi ſe imprime,
De oir las anſias mias te deſdeñas;
Y quando lloro màs, te abrando menos.

CLXV.

EN una ſelva al diſpuntar del dia
Eſtava Endimion triſte, y lloroſo,
Buelto al rayo del Sol, que preſuroſo
Por la falda de un monte deſcendia.
Mirando al turbador de ſu alegria,
Contrario de ſu bien, y ſu repoſo,
Tras un ſuſpiro, y otro, congoxoſo,
Razones ſemejantes le dezia:
Luz clara, para mi la màs eſcura,
Que con eſſe paſſeo apreſurado,
Mi Sol con tu tiniebla eſcureciſte;
Si allà pueden moverte en eſſa altura
Las quexas de un Paſtor enamorado,
No tardes en bolver adó faliſte.

CLXVI.

CLXVI.

ORpheo enamorado que tañia
Por la perdida Nympha que buſcava,
En el Orco implacable donde eſtava,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda de Ixion no ſe movia,
Ningun atormentado ſe quexava;
Las penas de los otros ablandava,
Y todas las de todos èl ſentia.
El ſon pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,
Le mandaron bolver ſu compañera,
Y bolviola a perder el deſdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

CLXVII.

EU cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei taõ confiado:
Parece que no canto já paſſado
Se eſtavam minhas lagrimas criando.
Cantei; mas ſe me alguem pergunta, quando,
Naõ ſei, que tambem fui niſſo enganado.
He taõ triſte eſte meu preſente eſtado,
Que o paſſado por lédo eſtou julgando.
Fizeram-me cantar manhoſamente
Contentamentos naõ, mas confianças:
Cantava, mas já era ao ſom dos ferros.
De quem me queixarei, ſe tudo mente?
Porém, que culpas ponho ás eſperanças,
Onde a fortuna injuſta he mais que os erros?

CLXVIII.

CLXVIII.

AI amiga cruel! Que apartamento
He eſte que fazeis da patria terra?
Ai! Quem do amado ninho vos deſterra,
Gloria dos olhos, bem do penſamento?
His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feito o mar em ſerra,
Levantada de hum vento, e de outro vento?
Mas já que vós partis ſem vos partirdes,
Parta comvoſco o Ceo tanta ventura,
Que ſe avantaje áquella que eſperardes.
E ſó deſta verdade ide ſegura,
Que fazeis mais ſaudades com vos irdes,
Do que levais deſejos por chegardes.

CLXIX.

CAmpo nas Syrtes deſte mar da vida,
Apoz naufragios ſeus taboa ſegura:
Claras bonanças em tormenta eſcura,
Habitaçaõ da paz, de amor guarida:
A ti fujo: e ſe vence tal fugida,
E quem mudou lugar mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na eſpeſſura
Triumphe a honra da ambiçaõ vencida.
Em flor, e fructo de Veraõ, e Outono,
Utilmente murmuram claras aguas:
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.
Amantes rouxinoes rompem-me o ſono
Que ata o deſcanſo: aqui ſepulto mágoas
Que Já foram ſepulchros de alegria.

CLXX.

CLXX.

AH minha Dinamene! Aſſi deixaſte
Quem nunca deixar pode de querer-te?
Que já, Nympha gentil, naõ poſſa ver-te?
Que taõ veloz a vida deſprezaſte?
Como por tempo eterno te apartaſte
De quem taõ longe andava de perder-te?
Puderam eſſas aguas defender-te
Que naõ viſſes quem tanto magoaſte?
Nem ſómente fallar-te a dura morte
Me deixou, que apreſſada o negro manto
Lançar ſobre os teus olhos conſentiſte.
Oh mar! Oh Ceo! Oh minha eſcura ſorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triſte?

CLXXI.

GUardando em mi a ſorte o ſeu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceo naquelle dia,
Cuja triſte lembrança arde em meu peito!
Quando mais o imagino bem ſuſpeito
Que a tal bem tal deſconto ſe devia;
Por naõ dizer o Mundo que podia
Achar-ſe em ſeus enganos bem perfeito.
Pois ſe a fortuna o fez por deſcontar-me
Eſſe deſgoſto, em cujo ſentimento
A memoria naõ faz ſenaõ matar-me;
Que culpas póde dar-me o penſamento,
Se a cauſa que elle tem de atormentar-me,
Tenho eu de ſoffrer mal o ſeu tormento?

CLXXII.

CAntando eſtava hũ dia bem ſeguro,
Quando paſſava Sylvio, e me dizia:
(Sylvio, Paſtor antiguo que ſabia
Por o canto das aves o futuro)
Liſo, quando quizer o fado eſcuro,
A opprimir-te viráõ em hum ſó dia
Dous lobos; logo a voz, e a melodia,
Te fugiráõ, e o ſom ſuave, e puro.
Bem foi aſſi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum paſtava, e tinha,
De que grandes ſoldadas eſperava.
E por mais damno o outro me matou
A Cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpétua ſaudade da alma minha.

CLXXIII.

OCeo, a terra, o vento ſocegado,
As ondas que ſe eſtendem por a area,
Os peixes que no mar o ſomno enfrea,
O nocturno ſilencio repouſado:
O Peſcador Aonio, que deitado
Onde co' o vento a agua ſe menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea;
Que naõ póde ſer mais que nomeado.
Ondas (dizia) antes que amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que taõ cedo
Me fizeſtes á morte eſtar ſujeita.
Ninguem reſponde; o mar de longe bate;
Move-ſe brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

CLXXIV.

CLXXIV.

AH fortuna cruel! Ah duros fados!
Quaõ aſinha em meu damno vos mudaſtes!
Com os voſſos cuidados me canſaſtes,
E gora deſcanſais co' os meus cuidados.
Fizeſtes-me provar goſtos paſſados,
E voſſa condiçaõ nelles provaſtes:
Singelos em hum'hora mos levaſtes,
Deixando em ſeu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fora que naõ víra
Os doces bées de amor? Ah bées ſuaves!
Quem me deixa ſem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaſte em váo, em váo te queixa.

CLXXV.

QUanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de ver taõ triſtes, e aggavados?
Naõ baſtam meus ſuſpiros inflammados,
Que ſempre em mi renovam ſeu tormento?
Naõ baſta conſentir meu penſamento
Em mágoas, em triſtezas, e em cuidados?
Senaõ que haveis de andar taõ maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Naõ ſei porque tómais eſta vingança,
Moſtrando-vos na auſencia taõ ſaudoſos,
Se ſabeis quanto póde huma eſperança.
Olhos, naõ aggraveis outros formoſos,
Tornando hum puro amor em eſquivança,
Pois ficais por eſquivos deſdenhoſos.

CLXXVI.

CLXXVI.

LEmbranças, que lembrais o bem paſſado,
Para que ſinta mais o mal preſente,
Deixai-me, ſe quereis, viver contente,
Morrer naõ me deixeis em tal eſtado.
Se de todo, com tudo, eſtá do fado,
Que eu morra de viver taõ deſcontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito melhor he perder-ſe a vida,
Perdendo-ſe as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao penſamento.
Porque, em fim nada perde quem perdida
A eſperança tem já de aquella gloria
Que fazia ſuave o ſeu tormento.

CLXXVII.

QUando os olhos emprégo no paſſado,
De quanto paſſei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que tudo emprego foi mal empregado.
Sempre no mais damnoſo mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De deſenganos menos advertido
Fui, quando de eſperanças mais fruſtrado.
Os caſtellos que erguia o penſamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por eſſe chão os via em hum momento.
Que erradas contas faz a phantaſia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.
Triſte o que eſpera! Triſte o que confia!

CLXXVIII.

JA' cantei, já chorei a dura guerra
Por amor ſuſtentada longos anos;
Vezes mil me vedou dizer ſeus danos,
Por naõ ver quem o ſegue o muito que erra.
Nymphas, por quem Caſtalia ſe abre, e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me já alentos ſoberanos,
Para que diga o mal que amor encerra.
Para que aquelle, que o ſeguir ardente,
Veja em meus puros verſos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.
Que inda que em triſte eſtado me contemplo,
Se neſte aſſumpto me inſpirais, contente
Darei a minha lyra ao voſſo templo.

CLXXIX.

OS meus alegres, venturoſos dias,
Paſſáram como raio brevemente;
Movem-ſe os triſtes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.
Ah falſas pertensões! Váas phantaſias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triſte peito a chamma ardente,
O tempo reduzio a cinzas frias.
Nellas revolvo agora erros paſſados,
Que outro fructo naõ deo a mocidade,
A quem vergonha, e dor minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Deſejos váos, váos choros, váos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

CLXXX.

CLXXX.

HOras breves de meu contentamento,
Nunca me parecco quando vos tinha,
Que vos viſſe mudadas taõ aſinha
Em taõ compridos annos de tormento.
As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as ſoſtinha:
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Pois ſobre couſas vãas fiz fundamento.
Amor com brandas moſtras apparece;
Tudo poſſivel faz tudo aſſegura;
Mas logo no melhor deſapparece.
Eſtranho mal! Eſtranha deſventura!
Por hum pequeno bem que deſfallece,
Hum bem aventurar, que ſempre dura!

CLXXXI.

ONde acharei lugar taõ apartado,
E taõ iſento em tudo da ventura,
Que, naõ digo eu de humana creatura,
Mas nem de feras ſeja frequentado?
Algum boſque medonho, e carregado,
Ou ſelva ſolitaria, triſte, e eſcura,
Sem fonte clara, ou plácida verdura;
Em fim, lugar conforme a meu cuidado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, ſepultado em vida,
Me queixe copioſa, e livremente.
Que pois a minha pena he ſem medida,
Alli naõ ſerei triſte em dias lédos,
E dias triſtes me faraõ contente.

CLXXXII.

AQui de longos damnos breve hiſtoria
Veraõ os que ſe jactam de amadores:
Reparo póde ſer das ſuas dores
Naõ apartar as minhas da memoria.
Eſcrevi, naõ por fama, nem por gloria,
De que outros verſos ſaõ merecedores;
Mas por moſtrar ſeus triumphos, ſeus rigores,
A quem de mi logrou tanta victoria.
Creſcendo foi a dor co' o tempo tanto,
Que em número me fez, alheo de arte,
Dizer do cego amor que me venceo.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á maõ, eſta ſó parte
De minhas triſtes penas eſcreveo.

CLXXXIII.

POr ſua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle ſe perdia,
Poſtoque dá principio ao claro dia,
Poſtoque as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que ſó por ella tudo engeitaria,
Deſeja de tentar ſe lhe acharia
Taõ firme fé como ella nelle achava.
Mudado o trage, tece hum duro engano:
Outro ſe finge; preço põe diante:
Quebra-ſe a fé mudavel, e conſente.
Oh ſubtil invençaõ para ſeu dano!
Vede que manhas buſca hum cego amante,
Para que ſempre ſeja deſcontente!

CLXXXIV.

CLXXXIV.

SEntindo-ſe alcançada a bella eſpoſa
De Céphalo no crime conſentido,
Para os montes, fugia do marido;
E naõ ſei ſe de aſtuta, ou vergonhoſa.
Porque elle, em fim, ſoffrendo a dor cioſa,
Da cegueira obrigado de Cupido,
Apoz ella ſe vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminoſa.
Deita-ſe aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioſo engano eſtá aggravada;
Já lhe pede perdaõ, já pede a vida.
Oh força de affeiçaõ deſatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdaõ pedia á parte que he culpada!

CLXXXV.

SEguia aquelle fogo que o guiava,
Leandro contra o mar, e contra o vento;
Quebravam-lhe ondas o animoſo alento,
Por mais, e mais que amor lho renovava.
Com ſentir já que quaſi lhe faltava,
Sem nada eſmorecer, no penſamento
(Naõ podendo fallar) de ſeu intento
O fim ao ſurdo mar encommendava.
O' mar, (dizia o moço ſó comſigo)
Já te naõ peço a vida; ſó queria
Que a de Ero me ſalvaſſes: naõ me veja.
Eſte defunto corpo lá o deſvia
De aquella torre: ſê-me niſto amigo,
Pois no meu maior bem me houveſte inveja.

CLXXXVI.

CLXXXVI.

OS olhos onde o caſto amor ardia,
Lédo de ſe ver nelles abrazado;
O roſto onde com luſtre deſuſado
Purpurea roſa ſobre neve ardia.
O cabello que inveja ao Sol fazia,
Porque fazia o ſeu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui ſe reduz a terra fria.
Perfeita formoſura em tenra idade,
Qual flor que anticipada foi colhida,
Murchada eſtá da mão da morte dura.
Como naõ morre amor de piedade?
Naõ della, que ſe foi á clara vida;
Mas de ſi, que ficou em noute eſcura.

CLXXXVII.

DItoſa penna, como a mão que a guia,
Com tantas perfeiçõeſ da ſubtil arte,
Que quando com razaõ venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantaſia.
Porém amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Naõ em plectro belligero de Marte,
Mas em ſuave, e branda melodia.
Teu nome Emmanuel, de hũ n'outro Polo,
Voando ſe levanta, e te pregoa,
Agora que ninguem te levantava.
E porque immortal ſejas; eis Apolo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de longo tempo te guardava.

CLXXXVIII.

CLXXXVIII.

ESpanta creſcer tanto o crocodilo
Só por ſeu limitado naſcimento;
Que ſe maior naſcêra, mais iſento
Eſtivera de eſpanto o patrio Nilo.
Em vão levantará meu baixo eſtilo
Voſſo Pontifical, novo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimento
Vo-lo talhou para deſpois veſti-lo.
Tardou, mas veio: que a quem mais merece,
Vir o premio mais tarde he ſempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.
Os Ceos que do primeiro eſtaõ mais perto,
Mais devagar ſe movem. Quem conhece
Sobre aquelle ſegredo, eſte ſegredo!

CLXXXIX.

ORnou ſublime esforço ao grande Atlante,
Com que a celeſte máchina ſuſtenta;
Honrou a Homero o engenho, com que intenta
Grecia do quarto Ceo paſſá-lo avante.
Coroou claro amor, de amor conſtante
A Orphéo, na paz firme, e na tormenta;
Inſpirou a fortuna, em tudo iſenta,
A Ceſar de quem foi hum tempo amante.
Exaltaſte tu, fama, a gloria alta
De Alcides lá no monte em q̃ reſides;
Mas Caſtro, em quem o Ceo ſeus dões derrama,
Mais orna, honra, coroa, inſpira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orphéo, Ceſar, e Alcides,
Esforço, engenho, amor, fortuna, e fama.

CLXXXX.

CLXXXX.

DEſpois que vio Cibele o corpo humano
Do formoſo Atis ſeu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano.
E á ſua dor fazendo illuſtre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro
Preço da nobre palma, e do loureiro,
Ao ſeu pinheiro déſſe, ſoberano.
Mais lhe concede o filho poderoſo,
Que creſcendo, as Eſtrellas tocar poſſa,
Vendo os ſegredos lá do Ceo ſuperno.
Oh ditoſo pinheiro! Oh mais ditoſo
Quem ſe vir coroar da rama voſſa,
Cantando á voſſa ſombra verſo eterno!

CLXXXXI.

POis torna por ſeu Rei, e juntamente
Por Chriſto, a governar aquella parte
Onde ſe tem moſtrado hũ Numa, hũ Marte,
O famoſo Luis, juſto, e valente:
O Tejo eſpere ver de todo o Oriente,
Onde taõ raros dões o Ceo reparte,
Render a tanto esforço, aviſo, e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valêram lança, e eſcudo,
O render-ſe teraõ por bom partido.
O Euphrates temerá, ſeu nome ouvindo:
Que para delle ver vencido tudo,
Já vio do braço ſeu tudo vencido.

CLXXXXII.

CLXXXXII.

AGora toma a eſpada, agora a pena,
Eſtacio noſſo, em ambas celebrado,
Sendo, ou no ſalſo mar de Marte amado,
Ou na agua doce amante da Camena.
Cyſne ſonoro por Ribeira amena,
De mi para cantar-te he cobiçado;
Porque naõ pódes tu ſer bem cantado
De ruda frauta, nem de agreſte avena
Se eu que a penna tomei, tomei a eſpada,
Para poder jogar licença tenho,
Deſta alta influiçaõ de dous Planetas;
Com huma, e outra luz delles lograda,
Tu com pujante braço, ardente engenho,
Serás Faro a Soldados, e a Poetas.

CLXXXXIII.

ERros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdiçaõ ſe conjuráram:
Os erros, e a fortuna ſobejáram,
Que para mi baſtava amor ſómente.
Tudo paſſei, mas tenho taõ preſente
A grande dor das couſas que paſſáram,
Que já as frequencias ſuas me enſináram
A deſejos deixar de ſer contente.
Errei todo o diſcurſo de meus anos;
Dei cauſa a que a fortuna caſtigaſſe
As minhas mal fundadas eſperanças.
De amor naõ vi ſenaõ breves enganos.
Oh quem tanto pudeſſe que fartaſſe
Eſte meu duro genio de vinganças!

CLXXXXIV.

CLXXXXIV.

CA' neſta Babylonia adonde mana
Materia a quanto mal o Mundo cria:
Cá donde o puro amor naõ tem valia,
Que a mãi, que manda mais, tudo profana:
Cá donde o mal ſe affina, o bem ſe dana,
E póde mais que a honra a tyrannia:
Cá donde a errada, e cega Monarchia
Cuida que hum nome váo a deſengana:
Cá neſte labyrintho onde a nobreza,
O valor, e o ſaber, pedindo vaõ
A's portas da cobiça, e da vileza:
Cá neſte eſcuro caos de confuſaõ,
Cumprindo o curſo eſtou da natureza.
Vê ſe me eſquecerei de ti, Siaõ!

CLXXXXV.

COrrem turbas as aguas deſte rio,
Que as rápidas enchentes enturbáram:
Os florecidos campos ſe ſeccáram;
Intratavel ſe fez o valle, e frio.
Paſſou, como o Veraõ, o ardente Eſtio;
Humas couſas por outras ſe trocáram:
Os fementidos fados já deixáram
Do Mundo o regimento, ou deſvario.
Já o tempo a ordem ſua tem ſabida;
O Mundo naõ: mas anda taõ confuſo,
Que parece que delle Deos ſe eſquece.
Caſos, opiniões, natura, e uſo,
Fazem que nos pareça deſta vida
Que naõ ha nella mais do que parece.

CLXXXXVI.

CLXXXXVI.

VO'soutros que bufcais repouſo certo
Na vida, com diverſos exercicios;
A quem, vendo do Mundo os beneficios,
O regimento ſeu fica encoberto;
Dedicai, ſe quereis, ao deſconcerto
Novas honras, e cegos ſacrificios;
Que por caſtigo igual de antiguos vicios,
Quer Deos que andem as couſas por acerto.
Naõ cahio neſte modo de caſtigo
Quem poz culpa á fortuna, quem ſómente
Crê que acontecimentos ha no Mundo.
A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que a Deos he juſto, e evidente,
Parece injuſto aos homẽes, e profundo.

CLXXXXVII.

PAra ſe namorar do que creou,
Te fez Deos, ſacra Phenix, Virgem pura.
Vede que tal ſeria eſta feitura
Que para ſi o ſeu Feitor guardou!
No ſeu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura;
Para que unica foſſe a compoſtura
Que de taõ longo tempo ſe eſtudou.
Naõ ſei ſe digo em tudo quanto baſte
Para exprimir as raras calidades
Que quiz crear em ti quem tu criaſte.
Es Filha, Mái, e Eſpoſa: ſe alcançaſte
Huma ſó, tres taõ altas dignidades,
Foi porque a Tres de Hum ſó tanto agradaſte.

CLXXXXVIII.

CLXXXXVIII.

DEſce do Ceo immenſo Deos benino,
Para incarnar na Virgem ſoberana.
Porque deſce divino a couſa humana?
Para ſubir o humano a ſer divino.
Pois como vem taõ pobre, e taõ menino,
Rendendo-ſe ao poder da máo tyrana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adaõ o deſatino.
He poſſivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deo tanto foi vedado?
Si, porque o proprio ſer de deoſes tomem.
E por eſta razaõ foi humanado?
Si; porque foi com cauſa decretado,
Se quiz o homem ſer Deos, q̃ Deos foſſe homem.

CLXXXXIX.

DOs Ceos á terra deſce a mór belleza;
Une-ſe á noſſa carne, e a faz nobre:
E ſendo a humanidade de antes pobre,
Hoje ſubida fica a mór riqueza.
Buſca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao Mundo o ſeu amor deſcobre,
De palhas vís o corpo tenro cobre,
E por ellas o meſmo Ceo deſpreza.
Como? Deos em pobreza á terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que eſte ſómente rico lhe parece.
Pobreza eſte Preſepio repreſenta;
Mas tanto por ſer pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contenta.

CC.

POrque a tamanhas penas ſe offerece
Por o peccado alheio, e erro inſano,
O Trino Deos? Porque o ſogeito humano
Naõ póde co'o caſtigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem ſoffrerá deshonra, morte, e dano?
Quem ſerá, ſenaõ for o Soberano,
Que reina, e ſervos manda, e obedece?
Foi a força do homem taõ pequena,
Que naõ pode ſoſter tanta aſpereza,
Pois naõ ſoſteve a Lei que Deos ordena.
Mas ſoffre-a aquella immenſa Fortaleza
Por amor puro: que a mortal fraqueza
Foi para o erro, e naõ já para a pena.

CCI.

DEſpois de haver chorado os meus tormentos,
Quer amor que lhe cante as ſuas glorias.
Canto de huma belleza os vencimentos,
De hũ longo padecer chóro as memorias.
Porém, ſe as minhas penas ſaõ victorias
Por a cauſa, a meus altos penſamentos;
Dilatem-ſe em larguiſſimas hiſtorias
Eſtes meus glorioſos rendimentos.
Mova-ſe em todo o Mundo unico eſpanto;
De que he, por a belleza que eu adoro,
Do que cantado tenho, premio, o pranto.
Contente offreço a amor taõ triſte foro:
Que ſe chôro naõ ha como o meu canto,
Naõ ſei canto melhor q̃ eſte meu chôro.

CCII.

ONde mereci eu tal penſamento,
Nunca de ſer humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co' o vencimento?
Em gloria ſe converte o meu tormento,
Quando vendo-me eſtou taõ bem perdido;
Pois naõ foi tanto mal ſer atrevido,
Como foi gloria o meſmo atrevimento.
Vivo, Senhora, ſó de de contemplar-vos;
E pois eſta alma tenho taõ rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque naõ me faraõ deixar de amar-vos,
Receos de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderei.

CCIII.

DE freſcas belvederes rodeadas
Eſtaõ as puras aguas deſta fonte:
Formoſas Nymphas lhes eſtaõ defronte,
A vencer, e a matar acoſtumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As ſuas graças, que naõ ha quem conte:
De outro valle eſquecidas, de outro monte,
A vida paſſam neſte ſoccgadas.
O ſeu poder juntou, ſua valia,
Amor já naõ ſoffrendo eſte deſprezo,
Sómente por ſe ver dellas vingado.
Mas vendo-as, entendeo que naõ podia
De ſer morto livrar-ſe, ou de ſer prezo,
E ficou-ſe com ellas deſarmado.

CCIV.

CCIV.

NOs braços de hũ Sylvano adormecendo
Se eſtava aquella Nympha que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi eſcurecendo.
Oh bella Venus! Porque eſtás ſoffrendo
Que a maior formoſura do teu coro,
Em hum poder taõ vil perca o decoro
Que o merito maior lhe eſtá devendo?
Eu levarei de aqui pro preſuppoſto
Deſta nova eſtranheza que fizeſte,
Que em ti naõ póde haver couſa ſegura.
Que pois o claro lume, o bello roſto
A'quelle monſtro taõ diſforme deſte,
Naõ creio que haja amor, ſenaõ ventura.

CCV.

QUem diz que amor he falſo, ou enganoſo;
Ligeiro, ingrato, vão, deſconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe ſeja cruel, ou rigoroſo.
Amor he brando, he doce, e he piedoſo;
Quem o contrário diz naõ ſeja crido;
Seja por cego, e apaixonado tido,
E aos homẽes, e inda aos deoſes odioſo.
Se males faz amor, em mi ſe vem;
Em mi moſtrando todo o ſeu rigor,
Ao Mundo quiz moſtrar quanto podia.
Mas todas ſuas iras ſaõ de amor:
Todos eſtes ſeus males ſaõ hum bem,
Que eu por todo outro bem naõ trocaria.

CCVI.

CCVI.

FOrmoſa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que ſó no contemplá-los, ſenaõ vellos,
Se inflammam coraçõeſ, e humanos peitos.
Em toda perfeiçaõ ſaõ taõ perfeitos,
Que o deſengano daõ de merecellos:
Naõ póde haver quem poſſa conhecellos,
Sem nelle amor fazer grandes effeitos.
Sentíram, por meu mal, taõ graves danos
Os meus, que com os ver cegos, e triſtes,
Ficáram ſem prazer, co'a luz perdida.
Mas já que vós com elles me feriſtes,
Tornai-me a ver com elles mais humanos,
E deixareis curada eſta ferida.

CCVII.

ALegres campos, verdes, deleitoſos,
Suaves me ſeraõ voſſas boninas,
Em quanto forem viſtos das meninas
Dos olhos de Ignez bella taõ formoſos.
Dos meus, que vos ſeraõ ſempre invejoſos
Por naõ verem eſtrellas taõ divinas,
Sereis regados de aguas peregrinas,
Soprados de ſuſpiros amoroſos.
E vós, douradas flores por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Experiencias na folha derradeira.
Moſtrai-lhe, para ver minha fé pura,
O bem que ſempre quiz, formoſas flores,
Que entaõ naõ ſentirei que mal me queira.

CCVIII.

CCVIII.

ONdados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o penſamento,
Que quanto mais vos ſolta o freſco vento,
Mais preſo fico entaõ de meu cuidado.
Amor, de hũus bellos olhos ſempre armado,
Me combate co' as forças do tormento,
Provando da minha alma o ſoffrimento,
Que á juſta lei da paz trago obrigado.
Aſſi que em voſſo geſto mais que humano
Amo a paz juntamente, e o perigo;
E em amar hum, e outro naõ me engano.
Muitas vezes dizendo eſtou comigo,
Que pois he tal a cauſa de meu dano,
He juſta a guerra, he juſta a paz que ſigo.

CCIX.

AMor que em ſonhos váos do penſamento
Paga o zelo maior de ſeu cuidado,
Em toda condiçaõ, em todo eſtado,
Tributario me fez de ſeu tormento.
Eu ſirvo, eu canſo; e o gráo merecimento
De quanto tenho a amor ſacrificado,
Nas máos da ingratidaõ deſpedaçado
Por preſa vai do eterno eſquecimento.
Mas quando muito, em fim, creſça o perigo
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor naõ he, mas inimigo;
Tenho hũ grande deſcanſo em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto ſigo,
Naõ póde ſer co' os males mais pequena.

CCX.

NEm o tremendo eſtrepito da guerra,
Com armas, com incendios eſpantoſos,
Que deſpacham pelouros perigoſos,
Baſtantes a abalar huma alta ſerra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Deſpois que vio os olhos taõ formoſos,
Por quem o horror nos caſos pavoroſos,
De mi todo ſe aparta, e ſe deſterra.
A vida poſſo ao fogo, e ferro dar,
E perdê-la em qualquer duro perigo,
E nelle, como phenix, renovar.
Naõ póde mal haver para comigo,
De que eu já me naõ poſſa bem livrar,
Senaõ do que me ordena amor imigo.

CCXI.

FIou-ſe o coraçaõ, de muito iſento
De ſi; cuidando mal que tomaria
Taõ illicito amor, tal ouſadia,
Tal modo nunca viſto de tormento.
Mas os olhos pintáram taõ attento
Outros que viſtos tem na phantaſia,
Que a razaõ temeroſa do que via,
Fugio deixando o campo ao penſamento.
O' Hippolyto caſto, que de geito
De Phedra tua madraſta foſte amado,
Que naõ ſabia ter nenhum reſpeito;
Em mi vingou amor teu caſto peito:
Mas eſtá deſte aggravo taõ vingado,
Que ſe arrepende já do que tem feito.

CCXII.

QUem quizer ver de amor hũa excellencia,
Onde ſua fineza mais ſe apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça experiencia.
Onde lembranças mata a larga auſencia,
Em temeroſo mar, em guerra dura,
A ſaudade alli eſtá mais ſegura,
Quando riſco maior corre a paciencia.
Mas ponha-me a fortuna, e o duro fado,
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdiçaõ,
Ou em ſublime, e próſpera ventura.
Ponha-me, em fim, em baixo ou alto eſtado,
Que até na dura morte me acharáõ
Na lingua o nome, e na alma a viſta pura.

CCXIII.

LOs ojos que con blando movimento
Al paſſar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera ſolo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.
Deſte tan amoroſo ſentimento
El importuno mal ſe acabaria;
O tambien ſu accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.
O ſi ya tu eſquivez me permitieſſe
Que al ver, ò Nynpha, tu ſemblante hermoſo,
A manos de tus ojos yo murieſſe!
O ſi los detuvieras! Quan dichoſo
Seria aquel momento en que me vieſſe
Vida en ellos cobrar, cobrar repouſo!

CCXIV.

NO baſtava que amor puro, y ardiente,
Por terminos la vida me quitaſſe;
Mas que la muerte aſſi ſe apreſuraſſe
Con un deshumaniſſimo accidente?
No pretendiò mi alma, aunque lo ſiente,
Que el riguroſo curſo ſe atajaſſe,
Porque nunca morir ſe exprimentaſſe
Deſamado el que amó tan dulcemente.
Mas vueſtra voluntad tan poderoſa
Con eſſas gracias vueſtras ordenaron
Crueldad aſſi impoſſible, o nunca oida.
Aquel frio deſden, y la amoroſa
Furia, de un golpe ſolo me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

CCXV.

AYudame, Señora, a ſer vengança
De tal ſelvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi baxeza,
Oſado a ti elevava la eſperança.
A eſſa tu perfecion, que no ſe alcança;
A eſſas ſublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de bolver perdió la confiança.
Aquello que en ti miro contemplando,
Que apenas contemplarlo me conſiente,
Contemplandolo màs, menos lo eſpero.
Si gloria de mi pena en ti ſe ſiente,
Derrama en mi tus iras, deſamando;
Que al ofenderme màs yo màs te quiero.

CCXVI.

CCXVI.

O Claras aguas deſte blando rio,
Que en vós al natural eſtais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se vá a los Cielos eſte boſque umbrio.
Aſſi las llubias, aſſi el Auſtro frio
Jamàs puedan veniros enturbiando,
Que os vays del ſeco Eſtio preſervando
Con ſocorreros deſte llanto mio.
Y quando en vós Marfiſa ſe mirare
Mi figura, qual veys desfallecida,
Ante ſus claros ojos pueſta ſea.
Y ſi por mi de vós los apartare,
De verme alli moſtrandoſe offendida,
En pena de no verme no ſe vea.

CCXVII.

Mil vezes entre ſueños tu figura,
O bella Nynpha, claramente veo:
Y quando màs la miro, màs deſeo
Gozar libre de ſueños ſu hermoſura.
En tanto que eſte dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que poſſeo:
Mas quanto alli ſe eleva mi deſeo,
Viene a caer deſpierto en ſombra eſcura.
Dueleme el deſpertar por contemplarte;
Que ſi bien ſê te huelgas de no verme,
Huelgome de ſer ciego por mirarte.
Mas ſi quiero de engaños mantenerme,
Y tu quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podrê perderme.

CCXVIII.

CCXVIII.

MI guſto y tu beldad ſe deſpoſaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha ſido tal, que, alfin, hizieron
Un hijo hermoſo a quien amor llamaron.
Tan fuera de compàs le regalaron,
Que quando màs alegres eſtuvieron,
Sin entender el mal que produxeron,
Perdidos por amores ſe miraron.
La beldad deſpoſada deſte ſuelo,
Vino a parir un monſtro con dós alas;
La madre a la ſobervia, es nido el zelo.
O madre que a tu hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal abuelo,
Y al padre mortal dá immortales ſalas?

CCXIX.

SI el fuego que me enciende, conſumido
De algũ màs ſuelto Aquario ſer pudieſſe;
Si el alto ſuſpirar me convertieſſe
En ayre por el ayre deſparzidio:
Si un horrible rumor ſiendo ſentido,
La alma a dexar el cuerpo reduxeſſe;
O por eſtos mis ojos al mar fueſſe
Eſte mi cuerpo en llanto convertido;
Nunca podria la fortuna airada,
Con todos ſus horrores, ſus eſpantos,
Derrocar la alma mia de ſu gloria.
Porque en vueſtra beldad ya transformada,
Ni del Eſtygio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

CCXX.

QUe me quereis perpétuas ſaudades?
Com que eſperanças inda me enganais?
O tempo que ſe vai naõ torna mais,
E ſe torna naõ tornam as idades.
Razaõ he já, ó annos, que vos vades,
Porque eſtes taõ ligeiros que paſſais,
Nem todos para hum goſto ſaõ iguais,
Nem ſempre ſaõ conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he taõ mudado,
Que quaſi he outra couſa; porque os dias
Tem o primeiro goſto já damnado.
Eſperanças de novas alegrias,
Naõ mas deixa a fortuna, e o tempo irado,
Que do contentamento ſaõ eſpias.

CCXXI.

OH rigoroſa auſencia deſejada
De mi ſempre, mas nunca conhecida!
Saudade n'outro tempo taõ temida,
Como em meu damno agora exprimentada!
Já rigoroſamente começada
Tendes voſſa eſperança em minha vida;
Mas tanto, que já temo que opprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entriſtecem;
As noites com cuidados as deſconto,
Em que ſem vós ſem conto me parecem.
Eu deſejando eſpero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles fallecem;
Nem baſta á carne enferma eſprito pronto.

CCXXII.

CCXXII.

AY! Quien darà a mis ojos una fuente
De lagrimas que manen noche, y dia?
Reſpiràra ſi quiera la alma mia,
Llorando lo paſſado, y lo preſente.
Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor ſiguiendo la porfia,
Con la triſte memoria, y phantaſia,
Del bien por quien mal tanto aſſi ſe ſiente!
Quien me darà palabras con que iguale
El duro agravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el ſufrimiento vale?
Quien me abrirà profundamente el pecho,
Do eſtà eſcrito el ſecreto que no ſale
Con tanto dolor mio a mi deſpecho?

CCXXIII.

CON razon os vays, aguas, fatigando
Por llegar do ſereys bien recebidas;
Y en aquel mar immenſo convertidas,
Que ya de tantos dias vays buſcando.
Triſte de aquel que ſiempre anda llorando
Las vanas eſperanças ya perdidas;
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca alfin pertendido van llegando.
Voſotras ſin traer derecha via,
Al termino llegays tan deſeado,
Por màs que os embarace el gran rodeo.
Mas yo ſiempre afligido noche, y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamàs puedo llegar donde deſeo.

CCXXIV.

CCXXIV.

OCeſſe ya, Señor, tu dura mano.
No llegues tanto al cabo con mi vida.
Baſte el eſtar por ti tan conſumida,
Que ya no ſe halla en ella lugar ſano.
Ay eſtraña hermoſura! Ay deshumano
Hado, a que nunca puedo hallar ſalida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital veràs temprano.
Un blando deſamor, un amor blando,
Bien baſta para un hombre tan perdido,
Que de ſu mal ningun remedio eſpera.
Y ſi eſtimas en poco el ver qual ando,
Aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu guſto, mi eſperança muera.

CCXXV.

DUlces engaños de mis ojos triſtes;
Quan vivo deſpertays mi penſamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En ſombra de pintura lo bolviſtes.
De blando ſobreſalto enterneciſtes
Con viſta arrebatada el ſentimiento;
Mas no le aſſeguraſtes un momento
Aaqueſte vano bien que le ofreciſtes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en ſi mi alma eſconde,
Aunque en eſta ſe llega al natural.
Aſſi eſcucha mi llanto, aſſi reſponde;
Aſſi ſe condolece de mi vida,
Como ſi fuera el proprio original.

CCXXVI.

CCXXVI.

QUanto tiempo ha que lloro un dia triſte,
Como ſi alguno alegre yo eſperara?
Como, ó Tajo, al paſſar eſſa tu clara
Agua, no la alteraſte, y no me hundiſte?
El paſſo me cerraſte, el pecho abriſte.
O mi ventura, de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermoſura rara;
A Dios, mi corazon, que no partiſte.
Si adonde quedas en dichoſa ſuerte,
No bevieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque aſta el hueco monte ſin ſentido,
Suelta ſu ronca voz por conſolarme.

CCXXVII.

LEvantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás ſombras nemoroſas:
Dourai o valle umbroſo, as freſcas roſas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hum pouco o rio auſente;
Ceſſem agora as lyras numeroſas:
Ceſſe voſſo louvor, Nymphas formoſas;
Ceſſe da fonte voſſa a grão corrente.
Vinde a ver a Theodoſio grande, e claro,
A quem eſtá offrecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apolo.
Minerva, do ſaber dá-lhe o dom raro;
Palas lhe dá o valor de mais eſpanto;
E a fama o leva já de Polo a Polo.

CCXXVIII.

VO's Nymphas da Gangetica eſpeſſura
Cantai ſuavemente, em voz ſonora,
Hũ grande Capitam que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite eſcura.
Ajuntou-ſe a caterva negra, e dura,
Que na Aurea Cherſoneſo affouta mora,
Para lançar do charo ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.
Mas hum forte leaõ, com pouca gente,
A multidaõ taõ fera como necia,
Deſtruindo caſtiga, e torna fraca.
O' Nymphas, cantai, pois, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

CCXXIX.

ALma gentil, que á firme eternidade
Subiſte clara, e valeroſamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama, a gloria, o nome, e a ſaudade.
Naõ ſei ſe he mór eſpanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente;
Se hum peito de diamante, ou de ſerpente,
Fizeres que ſe mova a piedade.
Invejoſa da tua acho mil ſortes,
E a minha mais que todas invejoſa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaſte.
Oh ditoſo morrer! Sorte ditoſa!
Pois o que naõ ſe alcança com mil mortes,
Tu com huma ſó morte o alcançaſte.

CCXXX.

CCXXX.

DEbaixo deſta pedra, ſepultada
jaz do Mundo a mais nobre formoſura,
A quem a morte, ſó de inveja pura,
Sem tempo ſua vida tem roubada;
Sem ter reſpeito a aquella aſſi eſtremada
Gentileza de luz, que a noite eſcura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipſada.
Do Sol peitada foſte, cruel morte,
Para o livrar de quem o eſcurecia;
E da Lũa, que ante ella luz naõ tinha.
Como de tal poder tiveſte ſorte?
E ſe a tiveſte, como taõ aſinha
Tornaſte a luz do Mundo em terra fria?

CCXXXI.

IMagẽes váas me imprime a phantaſia;
Diſcurſos novos acha o penſamento;
Com q̃ daõ á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum ſó dia.
Se fim grande tiveſſem, bem ſeria
Reſponder a eſperança ao fundamento:
Mas o fado naõ corre taõ attento,
Que reſerve á razaõ ſua valia.
Caſo, e fortuna, pódem acertar;
Mas ſe por accidente daõ victoria,
Sempre o favor da fama he falſa hiſtoria.
Excede ao ſaber, determinar:
A' conſtancia ſe deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

CCXXXII.

QUanta incerta eſpetança, quanto engano!
Quanto viver de falſos penſamentos!
Pois todos váo fazer ſeus fundamentos
Só no meſmo em q̃ eſtá ſeu proprio dano.
Na incerta vida eſtribam de hum humano;
Daõ credito a palavras que ſaõ ventos;
Choram deſpois as horas, e os momentos,
Que riram com mais goſto em todo o ano.
Naõ haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de empreſtado;
Que o de q̃ vive o Mundo ſaõ mudanças.
Mudai, pois, o ſentido, e o cuidado,
Sómente amando aquellas eſperanças
Que duram para ſempre com o amado.

CCXXXIII.

MAl, q̃ de tempo em tempo vás creſcendo;
Quem te viſſe de hũ bem acompanhado!
A vida paſſaria deſcanſado
Da morte naõ temêra o roſto horrendo.
Se os váos cuidados fora convertendo
Em ſuſpiros que daõ outro cuidado,
Oh quaõ prudente, oh quaõ affortunado
A capella de louro irá tecendo!
Tempo he já de eſquecer contentamentos
Paſſados, co' a eſperança que paſſou,
E de que triumphem novos penſamentos.
A fé, que viva na alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o paſſado bem ſe condemnou.

CCXXXIV.

CCXXXIV.

OH quanto melhor he o ſupremo dia
Da manſa morte, que o do naſcimento!
Oh quanto melhor he hum ſó momento,
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem ceſſe a porfia;
Ceſſe todo applicado penſamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois ſó contenta ao corpo a terra fria.
O que do ſeu fez Deos ſeu deſpenſeiro,
Tem mais eſtreita conta que lhe dar:
Entaõ parece rico o ovelheiro.
Triſte de quem no dia derradeiro,
Tem o ſuor alheo por pagar,
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

CCXXXV.

COmo podes (oh cego peccador!)
Eſtar em teus errores taõ iſento,
Sabendo que eſta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna for?
Naõ cuides tu que o juſto Julgador
Deixará tuas culpas ſem tormento,
Nem que paſſando vai o tempo lento
Do dia de horrendiſſimo pavor.
Naõ gaſtes horas, dias, mezes, anos,
Em ſeguir de teus damnos a amiſade,
De que deſpois reſultam mores danos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa já tantos enganos,
Pedindo a Deos perdaõ com humildade.

CCXXXVI.

CCXXXVI.

VErdade, amor, razaõ merecimento,
Qualquer alma faraõ ſegura, e forte:
Porém fortuna, caſo, tempo, e ſorte,
Tem do confuſo Mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o penſamento,
E naõ ſabe a que cauſa ſe reporte:
Mas ſabe que o que he mais q̃ vida, e morte,
Naõ ſe alcança de humano entendimento.
Doctos varões daraõ razões ſubidas;
Mas ſaõ as experiencias mais provadas:
E por tanto he melhor ter muito viſto.
Couſas ha hi que paſſam ſem ſer cridas:
E couſas cridas ha ſem ſer paſſadas.
Mas o melhor de tudo he crer em Chriſto.

CCXXXVII.

DE Babel ſobre os rios nos ſentámos,
De noſſa doce patria deſterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com ſaudades de ti, Siaõ, chorámos.
Os orgãos nos ſalgueiros pendurámos,
Em outro tempo bem de nós tocados:
Outro era elle, por certo; outros cuidados;
Mas por deixar ſaudades os deixámos.
Aquelles que captivos nos traziam,
Por cantigas alegres perguntavam.
Cantai (nos dizem) hymnos de Siaõ.
Sobre tal pena, pena tal nos daõ,
Pois tyranicamente pertendiam
Que cantaſſem aquelles que choravam.

CCXXXVIII.

SObre os rios do Reino eſcuro, quando
Triſtes, quaes noſſas culpas o ordenáram,
Lagrimas noſſos olhos derramáram,
Por ti, Siaõ divina, ſuſpirando:
Os que hiam noſſas almas infeſtando,
De contino em error, as captiváram;
E em váo por noſſos Pſalmos perguntáram,
Que tudo era ſilencio miſerando.
Dizendo eſtamos: Como cantaremos
As acceitas canções a Deos benino,
Quando a contrarios ſeus obedecemos?
Mas já, Senhor ſó Santo, determino,
Deixando vicioſiſſimos extremos,
Os cantos proſeguir de Amor Divino.

CCXXXIX.

EM Babylonia ſobre os rios, quando
De ti Siaõ ſagrada nos lembrámos,
Alli com grão ſaudade nos ſentámos,
O bem perdido, miſeros, chorando.
Os inſtrumento muſicos deixando,
Nos eſtranhos ſalgueiros pendurámos;
Quando aos cantares, q̃ já em ti cantámos,
Nos eſtavam imigos incitando.
A's eſquadras, dizemos, inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea,
As cantigas de Deos, ſacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá neſtas penoſiſſimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

CCXXXX.

CCXXXX.

APonta a bella Aurora, luz primeira,
Que a grão nova nos deo do claro dia,
Veſti-vos, coraçõẽs, já de alegria,
E recebei da vida a Menſageira.
Da humana Redempçaõ naſce a Terceira:
Alegra-te, Divina Monarchia;
Da terra terás cedo a companhia;
Do Ceo verás tambem a noſſa feira.
De tal obra ſe eſpanta a natureza,
Confuſo fica de temor o inferno,
Vendo a que naſce iſenta da defeza.
Lei geral era poſta deſde eterno:
Mas o Senhor da Lei, toda limpeza
Para o Sacrario ſeu guardou, Materno.

CCXXXXI.

PORque a terra no Ceo agaſalhaſſe,
O Ceo na terra Deos agaſalhou:
Lá naõ cabendo, cá ſe accommodou,
Porque lá de cá indo ſe alargaſſe.
Porq̃ o homem a ſer Deos por Deos chegaſſe,
Por o homem a ſer homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino ſe tornaſſe.
Vede bem o que deo, e recebeo:
Naõ ſe perca hũ bem tanto da memoria:
Deo-nos a vida, a morte padeceo.
Trocou por noſſa pena a ſua gloria:
Deo-nos o triumpho que elle mereceo:
Porque amor foi auctor deſta victoria.

CCXXXXII.

QUe eſtilla a Arvore ſacra? Hũ licor ſanto.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio ſoberano.
Para que? Para a culpa, e triſte pranto.
E que obra? Reduzir Lusbel a eſpanto.
Porque? Porque co' hũ pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deo com hum engano.
Tanto pode? Sem falta pode tanto.
Quem ſobe a ella? Quem do Ceo deſceo.
A que deſce? A ſubir à creatura.
Que quiz da terra? Só levá-la ao Ceo.
He eſcada para ir lá? E a mais ſegura.
Quem o obrigou? De amor ſó ſe venceo.
Que amava eſte Feitor? Sua feitura.

CCXXXXIII.

OH Arma, unicamente ſó triumphante,
Propugnaculo ſó de noſſas vidas,
Por quem foram ganhadas as perdidas,
Com q̃ o Tartaro horrendo andava ovante!
Sigua-ſe eſta bandeira militante,
Por quem ſaõ taes victorias conſeguidas,
Por quantas almas, dellas divertidas,
No ponente erram cá, lá no Levante.
Oh Arvore ſublime, e marchetada
De branco, e carmeſi, de ouro embutida,
Dos rubijs mais precioſos eſmaltada,
De trophéos mais claros guarnecida!
A' vida a morte vimos em ti dada,
Para que em ti ſe déſſe á morte a vida.

CCXXXXIV.

CCXXXXIV.

AOs homẽes hum ſó homem poz eſpanto,
E o poz a toda a humana natureza,
Que de homẽ teve o ſer, de Anjo a pureza,
Porque antes que naſceſſe era já Santo.
Propheta foi na Mái; em fim, foi tanto,
Que entre os naſcidos houve a mór alteza;
Que da Luz, ſem a ver, vio a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo Sacroſanto.
Aquella voz foi elle, ſonoroſa,
No concavo dos Orbes reſonante,
E que a Carne inculpavel baptizou;
Quem do mór Pai ouvio a voz amante;
Quem a ſubtil pergunta, induſtrioſa,
Com ſyncera reſpoſta ſocegou.

CCXXXXV.

VOs ſó podeis, ſagrado Evangeliſta,
Angelico abrazado Seraphim,
E na ſciencia mais alto Cherubim,
Do q̃ he mais ſabio Amor ſer Coroniſta.
Divina, e real Aguia, cuja viſta
Vio o q̃ he ſem principio, o q̃ he ſem fim;
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joſeph na liſta.
Apoſtolo, e Propheta, e Patriarca,
Ao Principe dos Ceos o mais aceeito;
Que em ſeu ſeo dormindo entaõ mais via.
A quem o meſmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mái unica feito,
Em corpo, e alma goza o claro dia.

CCXXXXVI.

COmo louvarei eu, Seraphim ſanto,
Tanta humildade, tanta penitencia?
Caſtidade, e pobreza, e paciencia,
Com eſte meu inculto, e rudo canto?
Argumento que ás Muſas põe eſpanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, que a Divina Providencia
De ſi viva em vós fez para bem tanto!
Foſtes de Santos hũa rara mina;
Almas de mil a mil ao Ceo mandaſtes
Do Mundo, que perdido reformaſtes.
E naõ roubaveis ſó com a doutrina
As vontades mortaes, mas a Divina,
Pois os ſeus rubijs cinco lhe roubaſtes.

CCXXXXVII.

DItoſas almas, que ambas juntamente
Ao Ceo de Venus, e de Amor voaſtes,
Onde hũ bem que taõ breve cá lograſtes,
Eſtais logrando agora eternamente.
Aquelle eſtado voſſo taõ contente,
Que ſõ por durar pouco triſte achaſtes,
Por outro mais contente já o trocaſtes,
Onde ſem ſobreſalto o bem ſe ſente.
Triſte de quem cá vive taõ cercado
Na amoroſa fineza, de hum tormento,
Que a gloria lhe perturbą mais creſcida!
Triſte, pois me naõ val o ſoffrimento;
E amor para mais damno me tem dado
Para taõ duro mal taõ larga vida.

CCXXXXVIII.

CCXXXXVIII.

COntente vivi já, vendo-me iſento
Deſte mal de que a muitos queixar via:
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Diſcordia, e ſem razaõ, guerra, e tormento.
Enganou-me co' o nome o penſamento.
Quem com tal nome naõ ſe enganaria?
Agora tal eſtou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o ſoffrimento.
Com deſeſperaçaõ, e com deſejo,
Me paga o que por elle eſtou paſſando,
E inda eſtá do meu mal, mal ſatisfeito.
Pois ſobre tantos damnos inda vejo
para dar-me outros mil, hum olhar brando;
E para os naõ curar hum duro peito.

CCXXXXIX.

DEixa Apollo o correr taõ apreſſado,
Naõ ſigas eſſa Nympha taõ ufano:
Naõ te leva o amor, leva-te o engano,
Com ſombras de algũ bem a mal dobrado.
E quando ſeja amor, ſerá forçado;
E ſe forçado for, ſerá teu dano:
Hum parecer naõ queiras mais que humano,
Em hum ſylveſtre adorno ver tornado.
Naõ percas por hum vão contentamento
A viſta que te faz viver contente:
Modéra em teu favor o penſamento
Porque menos mal he tendo-a preſente,
Soffrer ſua crueza, e teu tormento,
Que ſentir ſua auſencia eternamente.

CCL.

NAs Cidades, nos boſques, nas floreſtas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem muſicos Paſtores,
Nas manhãas frias, nas ardentes ſeſtas.
E neſte Templo donde manifeſtas,
E repartes agora teus favores,
Com Pſalmos, hymnos, e com varias flores,
Sejam celebres ſempre as tuas feſtas.
Eſtes te offreçam pés, eſſoutros mãos;
De aquelles pendam ſobre os teus altares
Monſtros do mar, de ſervidaõ priſãos.
Que eu cuidados, enganos, e affeiçãos;
Muito maiores monſtros, e milhares,
Te deixo aqui de penſamentos vãos.

CCLI.

VI queixoſos de amor mil namorados,
E nenhũus inda vi com ſeus louvores:
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de ſeus cuidados.
Se das dores de amor ſois mal tratados,
Porque tanto buſcais de amor as dores?
E ſe tambem as tendes por favores,
Porque dellas fallais como aggravados?
Naõ queirais alegria achar algũa
No amor, porque he compoſto de triſteza;
Na fortuna que achei mais agradavel.
Nella, e nelle achei ſempre a meſma Lũa,
Em quem nunca ſe vio outra firmeza,
Que naõ ſeja a de ſer ſempre mudavel.

CCLII.

SE lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que naſcem de amor puro
Hum coraçaõ naõ rendem a piedade?
Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida eſtou ſeguro.
Rompei de eſſe rigor o forte muro;
Naõ paſſe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de deſprezos dai já fim:
Naõ vos chamem cruel; nome devido
A quem ſe ri de quem ſuſpira, e ama.
Abrandai eſſe peito endurecido,
Por, o que toca a vós, já naõ por mim:
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

CCLIII.

JA' me fundei em váos contentamentos
Quando delles vivi todo enganado
De hum phantaſtico bem, e de hum cuidado,
De que ſó cuidam cegos penſamentos.
Paſſava dias, horas, e momentos,
Deſte enleo de amores taõ pagado,
Que tinha ſó por bemaventurado
Quem ſó por elles mais bebia os ventos.
Mas agora, que já cahi na conta,
Deſengana-me quanto me enganava:
Que tudo o tempo dá, tudo deſcobre.
O amor mais caudaloſo menos monta;
Que he de goſtos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

CCLIV.

CCLIV.

EM huma lápa, toda tenebroſa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre huma mão o roſto, vi que eſtava
Huma Nympha gentil, mas cuidadoſa.
Igualmente, que linda, laſtimoſa,
Aljofar dos ſeus olhos diſtillava:
O mar os ſeus furores applacava
Com ver couſa taõ triſte, e taõ formoſa.
Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Baſtante a desfazer ſua dureza.
Com angelica voz, aſſi dizia:
Ah, que fálta mais vezes a ventura,
Onde ſobeja mais a natureza!

CCLV.

SE em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella ſó da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em ver-vos,
E de ver-vos tambem toda a eſperança.
Veja-ſe em mi taõ ruſtica eſquivança,
Que poſſa indigno ſer de conhecer-vos;
E quando em mór empenho de aprazer-vos
Vos offenda, ſe em mi houver mudança.
Confirmado eſtou já neſta certeza;
Examine-me voſſa crueldade;
Exprimente-ſe em mi voſſa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade,
Pois em penhor, e fé deſta pureza
Tributo vos fiz ſer o que he vontade.

CCLVI.

CCLVI.

ILluſtre Gracia, nombre de una moça,
Primera malhechora en eſte caſſo
A Mondoñedo, a Palma, al coxo Traſſo,
Sugeto digno de immortal coroça.
Si en medio de la Igleſia no reboça
El manto a vueſtro roſtro tan devaſſo,
Por vós dirán las gentes rezio, y paſſo;
Veys quien con el demonio ſe retoça.
Puede mover los montes ſin trabajo;
Con palabras el curſo al agua enfrena;
Por las ondas harà camino enxuto.
Averguenza ſu patria, y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva màs que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

CCLVII.

QUal tem a borboleta por coſtume,
Que elevada na luz da aceſa vella,
Dando vai voltas mil, até que nella
Se queima agora, agora ſe conſume:
Tal eu correndo vou ao vivo lume
De eſſes olhos gentís, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional preſume.
Conheço o muito a que ſe atreve a viſta;
O quanto ſe levanta o penſamento;
O como vou morrendo claramente.
Porém naõ quer amor que lhe reſiſta,
Nem a minha alma o quer, q̃ em tal tormento,
Qual em gloria maior eſtá contente.

CCLVIII.

CCLVIII.

LEmbranças de meu bem, doces lembranças,
Que taõ vivas eſtais neſta alma minha,
Naõ queirais mais de mi, ſe os bẽes que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ai cego amor! Ai mortas eſperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos ſoſtinha,
Acabaráõ co' a vida as confianças.
Co' a vida acabaráõ, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que quando taõ grande he, taõ pouco dura.
Oh ſe apoz o prazer fora a memoria!
Ao menos eſtivera a alma ſegura
De ganhar-ſe com ella mais victoria.

CCLIX.

FOrmoſos olhos, que cuidado dais
A' meſma luz do Sol, mais clara, e pura!
Que ſua eſclarecida formoſura,
Com tanta gloria voſſa atraz deixais!
Se por ſerdes taõ bellos deſprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vẽdes, vede que naõ dura
O voſſo reſplandor quanto cuidais.
Colhei, colhei do tempo fugitivo,
E de voſſa belleza o doce fruto,
Que em vão fóra de tempo he deſejado.
E a mi, que por vós morro, e por vós vivo,
Fazei pagar a amor o ſeu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.

CCLX.

CCLX.

PUes ſiempre ſin ceſſar, mis ojos triſtes,
En lagrimas tratais la noche, el dia,
Mirad ſi es lagrima eſta que os embia
Aquel Sol por quien vós tantas vertiſtes.
Si vós me aſſegurais, pues ya la viſtes,
Que es lagrima, ſerá ventura mia;
Por empleadas bien deſde oy tendria
Las muchas que por ella ſola diſtes.
Mas qualquier coſa mucho deſeada,
Aunque viendo ſe eſtè nunca es creîda;
Y menos eſta, nunca imaginada.
Pero della aſſeguro, ſi es fingida,
Que baſta ſer por lagrima embiada,
Para que ſea por lagrima tenida.

CCLXI.

TEm feito os olhos neſte apartamento
Hum mar de ſaudoſa tempeſtade,
Que póde dar ſaudade á ſaudade,
Sentimentos ao proprio ſentimento.
Em dor vai convertido o ſoffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razaõ taõ vencida da vontade,
Que eſcravo faz do mal o entendimento.
A lingua naõ alcança o que a alma ſonte;
E aſſi, ſe alguem quizer em algum'hora
Saber que couſa he dor naõ comprehendida,
Parta-ſe do ſeu bem, porque exprimente,
Que antes de ſe partir, melhor me fora
Partir-ſe do viver para ter vida.

CCLXII.

CCLXII.

A Peregrinaçaõ de hum penſamento,
Que dos males fez hábito, e coſtume,
Tanto da triſte vida me conſume,
Quanto creſce na cauſa do tormento.
Leva a dor de vencida ao ſoffrimento;
Mas a alma eſtá de entregue taõ ſem lume,
Que elevada no bem que haver preſume,
Naõ faz caſo do mal que eſtá de aſſento.
De longe receei, ſe me valêra,
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando naõ acho em mi couſa ſegura.
Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Que entendimentos preſos do deſejo,
Naõ tem remedio mais que o da ventura.

CCLXIII.

A Cho-me da fortuna ſalteado,
O tempo vai fugindo preſuroſo,
Deixando-me da vida duvidoſo,
E cada inſtante mais deſeſperado.
Trocou-ſe o meu deſcuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoſo:
Nem vivo, de perder-me, receoſo;
Nem, de poder ganhar-me, confiado.
Qualquer ave nos montes mais agreſtes,
Qualquer fera na cova repouſando,
Tem horas de alegria; eu todas triſtes.
Vós, ſaudoſos olhos, que o quizeſtes,
(Pois com tormento amor me eſtá pagando)
Chorai, como que vedes, o que viſtes.

CCLXIV.

CCLXIV.

SE no que tenho dito vos offendo,
Naõ he a intençaõ minha de offender-vos;
Que inda que naõ pertenda merecer-vos,
Naõ vos deſmerecer ſempre pertendo.
Mas he meu fado tal, ſegundo entendo,
Que por quanto ganhava em entender-vos,
Naõ me deixa até agora conhecer-vos,
Por a mi proprio me ir deſconhecendo.
Os dias ajudados da ventura,
A cada qual de ſi daõ deſenganos,
E a outros ſoe dá-lo a deſventura.
Qual deſtas ſirva a mi, diraõ os danos;
Ou goſtos que eu tiver, em quanto dura
Eſta vida, taõ larga, em poucos anos.

Atéqui os Sonetos que ſe acham na ediçaõ de Manoel de Faria e Souſa. Joſeph Lopes Ferreira, imprimindo em Lisboa, no anno de 1720, *em hum volume, de ſolha, todas as Obras de Luis de Camões, accreſcentou os que ſe ſeguem, ſem nos dizer onde haviam ſido achados. Na ediçaõ Pariſienſe do anno de* 1759, *e na que poſterior a ella ſe fez em Lisboa, ſe acham tambem os meſmos; mas nem por iſſo ficamos por fiadores de que todos ſejam de Luis de Camões: os Leitores intelligentes, que forem verſados na liçaõ das Obras do Poeta, faraõ ſeu juizo.*

CCLXV.

CCLXV.

DOce contentamento já paſſado,
Em que todo o meu bem ſó conſiſtia;
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós taõ apartado?
Quem cuidou que ſe viſſe neſte eſtado
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura conſentia,
Que de enganos viveſſe meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel, e dura,
Aquella que cauſou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.
Nem ſe engane nenhuma creatura,
Que naõ póde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena ſua eſtrella.

CCLXVI.

SEmpre cruel, Senhora, receei,
Medindo voſſa grão deſconfiança,
Que déſſe em deſamor voſſa tardança,
E que me perdeſſe eu, pois vos amei.
Perca-ſe, em fim, já tudo o que eſperei,
Pois n'outro amor já tendes eſperança.
Taõ potente ſerá voſſa mudança,
Quanto eu encobri ſempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida, e o ſentido;
De tudo o que em mi ha vos fiz ſenhora;
Prometteis, e negais o meſmo amor,
Agora tal eſtou, que de perdido
Naõ ſei por onde vou, mas algum'hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

CCLXVII.

CCLXVII.

FOrtuna em mim guardando ſeu direito
Em verde derrubou minha alegria.
Oh quanto ſe acabou naquelle dia,
Cuja triſte lembrança arde em meu peito!
Quando contemplo tudo, bem ſuſpeito,
Que a tal bem, tal deſcanſo ſe devia,
Por naõ dizer o Mundo, que podia
Achar-ſe em ſeu engano bem perfeito.
Mas ſe a fortuna o fez por deſcontar-me
Tamanho goſto, em cujo ſentimento
A memoria naõ faz ſenaõ matar-me:
Que culpa póde dar-me o ſoffrimento,
Se a cauſa que elle tem de atormentar-me,
Eu tenho de ſoffrer o ſeu tormento?

CCLXVIII.

SE a fortuna inquieta, e mal olhada,
Que a juſta Lei do Ceo comſigo infama,
A vida quieta, que ella mais deſama,
Me concedêra honeſta, e repouſada:
Pudera ſer que a Muſa alevantada
Com luz de mais ardente, e viva flama
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co' o ſom da lyra amada:
Porém, pois o deſtino trabalhoſo,
Que me eſcurece a Muſa fraca, e laſſa,
Louvor de tanto preço naõ ſuſtenta:
A voſſa de louvar-me pouco eſcaſſa
Outro ſogeito buſque valeroſo,
Tal qual em vós ao Mundo ſe apreſenta.

CCLXIX.

CCLXIX.

ESte amor, que vos tenho limpo, e puro,
De penſamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro neſta alma ſó procuro.
De haver nelle mudança eſtou ſeguro,
Sem temer nenhum caſo, ou duro fado,
Nem o ſupremo bem, ou baixo eſtado,
Nem o tempo preſente, nem futuro.
A bonina, e a flor aſinha paſſa,
Tudo por terra o Inverno, e Eſtio deita,
Só para meu amor he ſempre Maio.
Mas ver-vos para mim Senhora eſcaſſa,
E que eſſa ingratidaõ tudo me engeita,
Traz eſte meu amor ſempre em deſmaio.

CCLXX.

SE grande gloria me vem ſó de olhar-te,
He pena deſigual deixar de ver-te,
Se preſumo com obras merecer-te,
Grande paga do engano he deſejar-te.
Se quero, por quem es, talvez louvar-te,
Sei certo, por quem ſou, que he offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio quero eu mais que ſó o amar-te?
Extremos ſaõ de amor os que padeço,
O' humano theſouro, ó doce gloria;
E ſe cuido que acabo, entaõ começo.
Aſſi te trago ſempre na memoria;
Nem ſei ſe vivo, ou morro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

CCLXXI.

CCLXXI.

A Formoſura deſta freſca ſerra,
E a ſombra dos verdes caſtanheiros;
O manſo caminhar deſtes ribeiros,
Donde toda a triſteza ſe deſterra:
O rouco ſom do mar, a eſtranha terra,
O eſconder do Sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvẽes pelo ar a branda guerra:
Em fim, tudo o que a rara natureza,
Com tanta variedade nos offrece,
Me eſtá (ſe naõ te vejo) magoando:
Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpetuamente eſtou paſſando
Nas móres alegrias, mór triſteza.

CCLXXII.

SOſpechas, que en mi triſte phantaſia
Pueſtas hazeis la guerra à mi ſentido,
Bolviendo y rebolviendo el atligido
Pecho con dura mano noche, y dia:
Ya ſe acabò la reſiſtencia mia;
Y a la fuerça del alma ya rendido,
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contraſtado em tal porfia:
Llevadme a aquel lugar tan eſpantable,
Que por no ver mi muerte alli eſculpida,
Cerrados haſta aqui tuve los ojos.
Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defenſa al miſerable;
Colgad en vueſtro carro mis deſpojos.

CCLXXIII.

SUſtenta meu viver hũa eſperança
Derivada de hum bem taõ deſejado,
Que quando nella eſtou mais confiado,
Mór dúvida me põe qualquer mudança:
E quando inda eſte bem na mór pujança
De ſeus goſtos, me tem mais enlevado,
Me atormenta entaõ ver eu, que alcançado
Será por quem de vós naõ tem lembrança.
Aſſi, que neſtas redes enlaçado,
Apenas dou a vida, ſuſtentando
Hũa nova materia a meu cuidado:
Suſpiros d'alma triſtes arrancando,
Dos ſilvos de hũa pedra acompanhado,
Eſtou materias triſtes lamentando.

CCLXXIV.

JA' naõ ſinto, Senhora, os deſenganos,
Com q̃ minha affeiçaõ ſempre trataſtes,
Nem ver o galardaõ, que me negaſtes,
Merecido por fé ha tantos anos.
A magoa chóro ſó, ſó chóro os danos,
De ver por quem, Senhora, me trocaſtes;
Mas em tal caſo vós ſó me vingaſtes
De voſſa ingratidaõ, voſſos enganos.
Dobrada gloria dá a qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando ſe ſatisfaz com cauſa juſta.
Mas eu de voſſos males, e eſquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Naõ o quizera eu tanto á voſſa cuſta.

CCLXXV.

CCLXXV.

QUe póde já fazer minha ventura,
Que ſeja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento,
De couſa que o naõ tem, nem he ſegura?
Que pena póde ſer taõ certa, e dura,
Que poſſa ſer maior que meu tormento?
Ou como receará meu penſamento
Os males, ſe com elles mais ſe apura?
Como quem ſe coſtuma de pequeno
Com peçonha criar por mão ſciente,
Da qual o uſo já o tem ſeguro:
Mas eu acoſtumado ao veneno,
E uſo de ſoffrer meu mal preſente
Me faz naõ ſentir já nada o futuro.

CCLXXVI.

QUando cuido no tempo, que contente
Vi as pérolas, neve, roſa, e ouro,
Como quem vê por ſonhos hũ theſouro,
Parece tenho tudo aqui preſente.
Mas tanto que ſe paſſa eſte accidente,
E vejo o quaõ diſtante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me auſente.
Já foram dias, em que por ventura
Vos vi, Senhora, ſe dize-lo poſſo:
Com o coraçaõ ſeguro eſtar ſem medo.
Agora em tanto mal naõ me aſſegura
A propria phantaſia, e nojo voſſo:
Eu naõ poſſo entender eſte ſegredo.

CCLXXVII.

QUando, Senhora, quiz amor q̃ amaſſe
Eſſa grão perfeiçaõ, e gentileza,
Logo deo por ſentença, que a crueza
Em voſſo peito amor accreſcentaſſe.
Determinou, que nada me apartaſſe,
Nem desfavor cruel, nem aſpereza;
Mas que em minha rariſſima firmeza
Voſſa iſençaõ cruel ſe executaſſe.
E pois tendes aqui offerecida
Eſta alma voſſa a voſſo ſacrificio,
Acabai de fartar voſſa vontade.
Naõ lhe alargueis, Senhora, mais a vida,
Acabará morrendo em ſeu officio,
Sua fé defendendo, e lealdade.

CCLXXVIII.

EU vivia de lagrimas iſento,
N'hum engano taõ doce, e deleitoſo,
Que em q̃ outro amante foſſe mais ditoſo,
Naõ valiam mil glorias hum tormento.
Vendo-me poſſuir tal penſamento,
De nenhũa riqueza era invejoſo;
Vivia bem, de nada receoſo,
Com doce amor, e doce ſentimento.
Cobiçoſa a fortuna, me tirou
Deſte meu taõ contente, e alegre eſtado,
E paſſou-ſe eſte bem, que nunca fora:
Em troco do qual bem, ſó me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem paſſado.

CCLXXIX.

INdo o triſte Paſtor todo embebido
Na ſombra de ſeu doce penſamento,
Taes queixas eſpalhava ao leve vento,
Co'hum brando ſuſpirar da alma ſahido:
A quem me queixarei, cego perdido,
Pois nas pedras naõ acho ſentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, ſou menos ouvido.
O' bella Nympha, porque naõ reſpondes?
Porque o olhar-me, tanto me encareces?
Porque queres que ſempre me querelle?
Eu quantó mais te vejo, mais te eſcondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Aſſim que co' o mal creſce a cauſa delle.

CCLXXX.

DE hum taõ felice engenho, produzido
De outro, q̃ o claro Sol naõ vio maior,
He trazer couſas altas no ſentido,
Todas dignas de eſpanto, e de louvor.
Muſeo foi antiquiſſimo Eſcriptor,
Philoſopho, e Poeta conhecido,
Diſcipulo do Muſico Amador,
Que co' o ſom teve o inferno ſuſpendido.
Eſte pode abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu já paſſei,
Do mancebo de Abydo mal ſiſudo.
Agora contam já (ſegundo achei)
Taſſo, e o noſſo Boſcaõ, que diſſe tudo
Dos ſegredos que move o cego Rei.

CCLXXXI.

CCLXXXI.

DIzei, Senhora, da belleza idéa;
Para fazerdes eſſe aureo crino,
Onde foſtes buſcar eſſe ouro fino,
De que eſcondida mina, ou de que vèa?
Dos voſſos olhos eſſa luz Phebéa,
Eſſe reſpeito, de hum Imperio dino,
Se o alcançaſtes com ſaber divino,
Se com encantamentos de Medéa?
De que eſcondidas conchas eſcolheſtes
As perlas precioſas Orientaes,
Que fallando moſtrais no doce riſo?
Pois vos formaſtes tal, como quizeſtes,
Vigiai-vos de vós, naõ vos vejais,
Fugi das fontes, lembre-vos Narciſo.

CCLXXXII.

NA ribeira do Euphrates aſſentado,
Diſcorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Siaõ tinha paſſado.
Da cauſa de meus males perguntado
Me foi; como naõ cantas a hiſtoria
De teu paſſado bem, e da victoria,
Que ſempre de teu mal has alcançado?
Naõ ſabes, que a quem canta ſe lhe eſquece
O mal, indaque grave, e rigoroſo?
Canta, pois, e naõ chores deſſa ſorte.
Reſpondi com ſuſpiros: Quando crece
A muita ſaudade, o piedoſo
Remedio he naõ cantar, ſenaõ a morte

CCLXXXIII.

CCLXXXIII.

EL vaſo reluſiente, y cryſtalino,
De Angeles agua clara, y oloroſa,
De blanda ſeda ornado, y freſca roſa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificioſa
De aquella blança Nynpha gracioſa,
Mas que el rubio luzero matutino:
Nel vaſo vueſtro cuerpo ſe afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vueſtra anima pura:
La ſeda es la blancura, y los cabellos
Son las priſiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue aſida dellos.

CCLXXXIV.

CHorai, Nymphas os fados poderoſos
Daquella ſoberana formoſura.
Onde foram parar na ſepultura
Aquelles Reaes olhos gracioſos?
Oh bens do mundo falſos, e enganoſos!
Que mágoas para ouvir, e que figura
Jaza ſem reſplandor na terra dura
Com tal roſto, e cabellos taõ formoſos!
Das outras que ſerá! pois poder teve
A morte ſobre couſa tanto bella,
Que ella eclipſava a luz do claro dia.
Mas o Mundo naõ era digno della,
Por iſſo mais na terra naõ eſteve,
Ao Ceo ſubio, que já ſe lhe devia.

CCLXXXV.

CCLXXXV.

SEnhora ja deſta alma, perdoai
De hum vencido de amor os deſatinos;
E ſejam voſſos olhos taõ beninos,
Com eſte puro amor, que d'alma ſai.
A minha pura fé ſómente olhai;
E vede meus extremos ſe ſaõ finos;
E ſe de algũa pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.
Naõ ſeja a dor que abraza o triſte peito,
Cauſa por onde pene o coraçaõ,
Que tanto em firme amor vos he ſujeito.
Guardai-vos do que algũus, dama, diraõ,
Que ſendo raro em tudo voſſo objeito
Poſſa morar em vós ingratidaõ.

CCLXXXVI.

QUem vos levou de mim, ſaudoſo eſtado,
Que tanta ſem razaõ comigo uſaſtes?
Quem foi, por quem taõ preſto me negaſtes,
Eſquecido de todo o bem paſſado?
Trocaſtes-me hũ deſcanſo em hum cuidado
Taõ duro taõ cruel, qual me ordenaſtes;
A fé, que tinheis dado, me negaſtes,
Quando mais nella eſtava confiado.
Vivia ſem receo deſte mal;
Fortuna, que tem tudo á ſua mercê,
Amor com deſamor me revolveo.
Bem ſei que neſte caſo nada val,
Que quem naſceo chorando, juſto he,
Que pague com chorar o que perdeo.

CCLXXXVII.

CCLXXXVII.

Diverſos caſos, varios penſamentos
Me trazem taõ confuſo o entendimento,
Que em nada vejo já contentamento,
Senaõ quando ſe vaõ contentamentos.
Em varios caſos, varios ſentimentos
Succedem; por moſtrar ao fundamento,
Que he o que ſe deſeja tudo vento,
Pois pinta haver deſcanſo em váos intentos.
Vê-ſe em grandes diſcurſos o deſejo,
Quando as occaſiões os tempos mudam,
Naõ ha couſa impoſſivel a hum cuidado:
O injuſto co' o juſto he já trocado:
Os duros montes ſeus aſſentos mudam,
Eu ſó naõ poſſo ver meu mal mudado.

CCLXXXIII.

Doce ſonho, ſuave, e ſoberano,
Se por mais longo tempo me durára,
Ah quem de ſonho tal nunca acordára,
Pois havia de ver tal deſengano!
Ah deleitoſo bem! Ah doce engano!
Se por mais largo eſpaço me enganára,
Se entaõ a vida miſera acabára,
De alegria, e prazer, morrêra ufano.
Ditoſo, naõ eſtando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhai com que me paga meu deſtino!
Em fim, fóra de mim ditoſo eſtive,
Em mentiras ter dita razaõ era,
Pois ſempre nas verdades fui moſino.

CCLXXXIX.

CCLXXXIX.

Diana prateada eſclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ſer de natureza tranſparente,
Em ſi como em eſpelho, reluzia.
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Raio de voſſo aſpecto, differente
Em graça, e em amor, do que ſohia.
Eu vendo-me taõ cheio de favores,
E taõ propinquo a ſer de todo voſſo,
Louvei a hora clara, e a noite eſcura:
Pois nella déſtes côr a meus amores,
Donde collijo claro que naõ poſſo
De dia para vós já ter ventura.

CCXC.

Alá en Monte Rei, en Bal de Laça,
A Biolante bi beira de hum rio,
Tan fermoſa em berdá, que quedê frio
De ber alma inmortal em mortal maça:
De hum alto, e lindo copo a ſeda laça
A Paſtora ſacaba fio a fio,
Quando lhe diſſe, morro, corta o fio,
Bolveo, naõ cortarei, ſeguro paça;
E como paſſarei, ſe eu acá quedo?
Se paſſar, reſpondi, naõ bou ſeguro,
Que eſte corpo ſem alma morra cedo.
Com a minha, que lebas, te aſſeguro
Que naõ morras, Paſtor. Paſtora ei medo;
O quedar-me parece mais ſeguro.

CCLXXXXI.

CCXCI.

POrque me faz amor inda acá torto,
O' mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, deſcortez, que me has guiado
A ber a biolante, que me ha morto.
Bila, por más non berme tomar porto
En repoſo ningun desbenturado,
Mas para chorar ſempre que abado
As agoas dos meus olhos ſom conforto.
Bem vir ſer tua madre Cypriana
Una mundana aſtroſa, deshoneſta,
Cruel, falſa, ſem lei, dura, e tyrana:
Que a bós ella ſer outra, e naõ ſer eſta,
Naõ tiberas bontá taõ deshumana,
Nem fora contra mi taõ cruda beſta.

CCXCII.

EM quanto Phebo os montes accendia
Do Ceo com luminoſa claridade,
Por conſervar illeſa a caſtidade,
Na caça o tempo Delia deſpendia.
Venus, que entaõ do furto deſcendia,
Por captivar de Anchiſes a vontade,
Vendo Diana em tanta honeſtidade,
Quaſi zombando della, lhe dizia:
Tu vás com tuas redes na eſpeſſura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredam o ſentido.
Melhor he (reſpondia a deoſa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te alli nelles teu marido.

CCXCIII.

SE de voſſo formoſo, e lindo geſto
Naſcêram lindas flores para os olhos,
Que para o peito ſaõ duros abrolhos,
Em mi ſe vê mui clato, e manifeſto:
Pois voſſa formoſura, e vulto honeſto,
Em os ver, de boninas vi mil mólhos;
Mas ſe meu coraçaõ tivera antólhos,
Naõ víra em vós ſeu damno e mal funeſto.
Hũ mal viſto por bem, hũ bem triſtonho,
Que me traz elevado o penſamento
Em mil; porém diverſas phantaſias:
Nas quaes eu ſempre ando, e ſempre ſonho,
E vós naõ cuidais mais que em meu tormento,
Em que fundais as voſſas alegrias.

CCXCIV.

N'Huim taõ alto lugar de tanto preço
Eſte meu penſamento poſto vejo,
Que desfallece nelle inda o deſejo,
Vendo quanto por mi o deſmereço.
Quando eſta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar nelle he grão deſpejo,
E que morrer por elle me he ſobejo,
E mór bem para mi do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me cauſa hum mal taõ duro, e forte,
O faz que vá creſcendo de hora em hora.
Mas eu naõ deixarei meu penſamento,
Porque inda que eſte mal me cauſa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

CCLXXXXV.

CCXCV.

QUantas penas, amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas triſtes ſem proveito,
De que mil vezes olhos, roſto, e peito,
Por ti, cego, me viſte já banhados?
Quantos mortaes ſuſpiros derramados
Do coraçaõ, por tanto a ti ſujeito?
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos foram em mi bem empregados.
A tudo ſatisfaz (confeſſo-te iſto)
Huma ſó viſta branda, e amoroſa,
De quem me captivou minha ventura.
Oh ſempre para mi hora ditoſa!
Que poſſo temer já, pois tenho viſto
Com tanto goſto meu, tanta brandura?

CCXCVI.

O Tempo acaba, o anno, o mez, e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza:
O tempo acaba a fama, e a riqueza,
O tempo o meſmo tempo de ſi chora:
O tempo buſca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidaõ, qualquer dureza;
Mas naõ póde acabar minha triſteza,
Em quanto naõ quizerdes vós Senhora.
O tempo o claro dia torna eſcuro,
E o mais ledo prazer em choro triſte,
O tempo a tempeſtade em grão bonança.
Mas de abrandar o tempo eſtou ſeguro,
O peito de diamante, onde conſiſte
A pena, e o prazer deſta eſperança.

CCXCVII.

POſto me tem fortuna em tal eſtado,
E tanto a ſeus pés me tem rendido,
Naõ tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado.
Todo bem para mi he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he taõ conhecido,
Tambem o viver mais ſerá eſcuſado.
Se me baſta querer, a morte quero,
Que bem outra eſperança naõ convém,
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem taõ pouco bem eſpero,
Já que o mal eſte ſó remedio tem,
Naõ me culpem em querer remedio tal.

CCXCVIII.

JAʼ naõ fere o amor com areo forte,
As ſettas tem lançadas já por terra,
Como ſohia, já naõ nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra ſorte.
Com olhos pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que naõ erra,
Os voſſos eſcolheo em quem ſe encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte.
Concede-vos o amor taõ grão poder,
Que vós ſejais do ſeu livre, e iſenta:
Apagou-ſe a candêa no meio do conſoante.
Por iſſo, Feliza, ſe vos naõ contenta,
Naõ vades com o Soneto por diante,
Que he ſonho o que a phantaſia repreſenta.

CCXCIX.

CCXCIX.

PUes lagrimas tratais mis ojos triſtes,
Y en lagrimas paſſais la noche, y dia,
Mirad ſi es llanto eſte que os embia
Aquella por quien vós tantas vertiſtes:
Sentid mis ojos bien eſta que viſtes;
Y ſi ella lo es, ó gran ventura mia,
Por mui bien empleadas las avria,
Mil cuentos que por eſta ſola diſtes.
Mas una coſa mucho deſſeada,
Aunque ſe vea cierta, no es creida,
Quanto màs eſta, que me es embiada.
Pero digo, que aunque ſea fingida,
Que baſta que por lagrima ſea dada,
Porque ſea por lagrima tenida.

CCC.

OLhos formoſos em quem quiz natura
Moſtrar do ſeu poder altos ſignais,
Se quizerdes ſaber quanto poſſais,
Vedeme a mi, que ſou voſſa feitura.
Pintada em mi ſe vê voſſa figura,
No que eu padeço retratada eſtais;
Que ſe eu paſſo tormentos deſiguais,
Muito mais póde voſſa formoſura.
De mi naõ quero mais que o meu deſejo;
Ser voſſo, e ſó de ſer voſſo me arreio,
Porque o voſſo penhor em mi ſe aſſelle.
Naõ me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do Mundo: e naõ érro, porque creio,
Que em lembrar-me de vós cumpro com elle.

CCCI.

CCCI.

QUem preſumir, Senhora, de louvar-vos,
Com humano ſaber, e naõ divino,
Ficará de tamanha culpa dino,
Quammanha ficais ſendo em contemplar-vos.
Naõ pertenda ninguem de louvor dar-vos,
Por mais que raro ſeja, e peregrino;
Que voſſa formoſura eu imagino,
Que Deos a elle ſó quiz comparar-vos.
Ditoſa eſta alma voſſa, que quizeſtes
Em poſſe pôr de prenda taõ ſubida,
Como, Senhora, foi a que me déſtes.
Melhor a guardarei, que a propria vida;
Que pois mercê tamanha me fizeſtes,
De mi ſerá jámais nunca eſquecida.

AD-

ADVERTENCIA.

Na Ediçaõ das Obras de Luis de Camões, que em tres tomos de doze ſe fez em Lisboa no anno de 1772 na Officina de Miguel Rodrigues, onde ſaõ tantos os erros, como as palavras, ſe acham 314 Sonetos, fazendo conta a ſe acharem errados os numeros dos ultimos dous Sonetos; pois devendo ſer 313, e 314, ſe vê o meſmo numero 312 duas vezes repetido. De nenhuma maneira devemos eſtar por eſte número de 314 Sonetos, que ſe acha neſta Ediçaõ, e na Pariſienſe de 1759; (onde no ſegundo Tomo ſe acham 236, e no terceiro 78) porque na verdade naõ ſaõ mais que 301 os que exiſtem do noſſo Poeta; (poſtoque deſconfiemos que alguns o naõ ſejaõ, como já advertimos na pag. 157) e ſe eſtes dous Editores augmentáram aſſim o número, foi porque, naõ ſei ſe malicioſa, ſe negligentemente nas Impreſsões repetiram alguns dos meſmos Sonetos; como ſe poderá ver neſta ultima de Miguel Rodrigues, na qual o Soneto 6 he o meſmo que o 119, o 46 o meſmo que o 186, o 101 o meſmo que o 271, o 103 o meſmo que o 264, o 104 o meſmo que o 265, o 105 o meſmo que o 278, o 106 o meſmo que o 185, o 109 o meſmo que o 134, o 121 o meſmo que o 221, o 128 o meſmo que o 220, o 136 o meſ-

mo que o 222, e o 156 o meſmo que o 314. Advirta-ſe tambem que na Ediçaõ de 1720 feita por Joſeph Lopes Ferreira, a qual nos apreſenta 302 Sonetos, ſe acham tambem repetidos 4; a ſaber, o 101 que he o meſmo que o 226, o 103 que he o meſmo que o 217, o 104 que he o meſmo que o 218, e o 105 que he o meſmo que o 234.

CANÇÕES.

CANÇAÕ I.

FOrmoſa, e gentil Dama, quando vejo
A teſta de ouro, e neve, o lindo aſpeito,
A boca gracioſa, o riſo honeſto,
O collo de cryſtal, o branco peito,
De meu naõ quero mais que meu deſejo,
Nem mais de vós, que ver taõ lindo geſto.
Alli me manifeſto
Por voſſo a Deos, e ao Mundo; alli me inflãmo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi que vos amo,
Em ver que foube amar-vos mè namoro:
E fico por mi ſó perdido de arte,
Que hei ciumes de mi por voſſa parte.
Se por ventura vivo deſcontente
Por fraqueza de eſprito, padecendo
A doce pena que entender naõ ſei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo
A' voſſa viſta, e fico taõ contente
Que zombo dos tormentos que paſſei.

De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deſte geito,
Nos males que padeço
Senaõ de meu ſogeito,
Que naõ cabe com bem de tanto preço?
Mas inda iſto de mi cuidar naõ poſſo,
De eſtar muito ſoberbo com ſer voſſo.
Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do deſejo, commettendo;
Algum nefando, e torpe deſatino;
E ſe inda mais que ver, em fim, pertendo;
Fraquezas ſaõ do corpo, que he de terra,
Mas naõ do penſamento, que he divino.
Se taõ alto imagino
Que de viſta me perco, ou pecco niſto,
Deſculpa-me o que vejo.
Porém como reſiſto
Contra hum taõ atrevido, e vão deſejo,
Faço-me forte em voſſa viſta pura,
Armando-me da voſſa formoſura.
Das delicadas ſobrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios deſſes olhos fez as ſettas
Com que fere quem alça os ſeus a vellos.
Olhos que ſaõ taõ bellos
Daõ armas de vantajem ao amor,
Com que as almas deſtrue:
Porém ſe he grande a dor
Com a alteza do mal a reſtitue:

E as armas com que mata ſaõ de ſorte
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
Lagrimas, e ſuſpiros, penſamentos,
Quem delles ſe queixar, formoſa Dama,
Mimoſo eſtá do mal que por vós ſente.
Qual bem maior deſeja quem vos ama,
Que eſtar deſabafando ſeus tormentos,
Chorando; imaginando docemente?
Quem vive deſcontente
Naõ ha de dar allivio a ſeu deſgoſto,
Porque ſe lhe agradeça:
Mas com alegre roſto
Soffra ſeus males para que os mereça:
Que quem do mal ſe queixa que padece,
O faz porque eſta gloria naõ conhece.
De modo que ſe cahe o penſamento
Em alguma fraqueza, de contente,
He porque eſte ſegredo naõ conheço.
Aſſi que com razões naõ tam ſómente
Deſculpo ao amor; de meu tormento;
Mas inda a culpa ſua lhe agradeço.
Por eſta fé mereço
A graça que eſſes olhos acompanha;
E o bem do doce riſo.
Mas ah! Que naõ ſe ganha
Com hum paraiſo, outro paraiſo:
E de enleada aſſi minha eſperança
Se ſatisfaz co' o bem que naõ alcança.
Se com razões eſcuſo meu remedio,
Sabe, Cançaõ, que ſó porque naõ vejo,
Engano com palavras o deſejo.

CAN-

CANÇAÕ II.

A Inſtabilidade da fortuna,
Os enganos ſuaves de amor cego,
(Suaves ſe duráram longamente)
Direi, por dar á vida algum ſocego,
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.
E ſe o paſſado bem co' o mal preſente
Me endurecer a voz no peito frio,
O grande deſvario
Dará de minha pena ſignal certo;
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois neſta verdade me confio
(Se verdade ſe achar no mal que digo)
Saiba o Mundo de amor o deſengano,
Que já com a razaõ ſe fez amigo,
Só por naõ deixar culpa ſem caſtigo.
Já amor fez leis, ſem ter comigo alguma:
Já ſe tornou de cego razoado,
Só por uſar comigo ſemrazões.
E ſe em alguma couſa o tenho errado,
Com ſiſo grande dor naõ vi nenhuma:
Nem elle deo ſem erros affeições:
Mas por uſar de ſuas iſenções,
Buſcou fingidas cauſas de matar-me.
Que para derribar-me
Á eſte abyſmo infernal de meu tormento,
Nunca ſoberbo foi meu penſamento:
Nem pertendeo mais alto levantar-me

De

De aquillo que elle quiz ; e ſe elle ordena
Que eu pague ſeu ouſado atrevimento ,
Saibam que o meſmo amor que me condena
Me fez cahir na culpa , e mais na pena.
Os olhos que eu adoro , aquelle dia
Que deſcêram ao baixo penſamento ;
Na alma os apoſentei ſuavemente ;
E pertendendo mais , como avarento ,
O coraçaõ lhe dei por iguaria ,
Que a meu mandado tinha obediente :
Mas como lhes eſteve alli preſente ,
E entendêram o fim do meu deſejo ,
Ou por outro deſpejo ,
Que a lingua deſcobrio por deſvario ,
Morto de ſede eſtou poſto em hum rio ,
Onde de meu ſervir o fructo vejo ;
Mas logo ſe alça ſe a colhê-lo venho ;
E foge-me a agua ſe em beber porfio :
Aſſi que em fome , e ſede me mantenho ,
Naõ tem Tantalo a pena que eu ſoſtenho.
Deſpois q̃ aquella em quem minha alma vive ,
Quiz alcançar o baixo atrevimento ,
Debaixo de eſte engano a alcancei.
A nuvem do contino penſamento
Ma figurou nos braços ; e aſſi a tive ,
Sonhando o que acordado deſejei.
E porque a meu deſejo me gabei
De conſeguir hum bem de tanto preço ;
A'lém do que padeço ,
Atado em huma roda eſtou penando ,
Que em mil mudanças me anda rodeando ;

On-

Onde, ſe a algum bem ſubo, logo deço;
E aſſi ganho, e aſſi perco a confiança:
E aſſi de mi fugindo traz mim ando:
E aſſi me tem atado huma vingança,
Como Ixiaõ, taõ firme na mudança.
Quando a viſta ſuave, e inhumana,
Meu humano deſejo, de atrevido,
Commetteo, ſem ſaber o que fazia;
(Que da ſua belleza foi naſcido
O cego moço, que com ſétta inſana
O peccado vingou deſta ouſadia)
Afora eſte penar, que eu merecia,
Me deo outra maneira de tormento,
Que nunca o penſamento,
Voando ſempre de huma a outra parte,
Deſtas entranhas triſtes bem ſe farte;
Imaginando como, e famulento,
Que come mais, e a fome vai creſcendo;
Porque de atormentar-me naõ ſe aparte:
Aſſi que para a pena eſtou vivendo,
Sou outro novo Ticio, e naõ me entendo.
De vontades alhêas que eu roubava,
E que enganoſamente recolhia
Em meu fingido peito me mantinha:
O engano de maneira lhes fingia,
Que deſpois que a meu mando as ſobjugava,
Com amor as matava, que eu naõ tinha.
Porém logo o caſtigo que convinha
O vingativo amor me fez ſentir,
Fazendo-me ſubir
Ao monte da aſpereza que em vós vejo,

Co'

Co' o pezado penedo do deſejo,
Que do cume do bem me vai cahir.
Torno a ſubi-lo ao deſejado aſſento:
Torna a cahir-me; em vão, em fim pelejo.
Siſypho, naõ te eſpantes deſte alento,
Que ás coſtas o ſubi do ſoffrimento.
Deſta arte o ſummo bem ſe me offerece
Ao faminto deſejo, porque ſinta
A perda de perdê-lo mais penoſa:
Bem como o avaro, a quem o ſonho pinta
O achado de hum theſouro, onde enriquece,
E farta a ſua ſede cobiçoſa;
E acordando, com furia preſuroſa
Vai o ſitio cavar com que ſonhava:
Mas tudo o que buſcava
Lhe converte em carvaõ a deſventura:
Alli ſua cobiça mais ſe apura,
Por lhe faltar aquillo que eſperava:
O amor aſſi me faz perder o ſiſo;
Porque aquelles que eſtaõ na noite eſcura
Naõ ſentiriam tanto o triſte abiſſo,
Se ignoraſſem o bem do Paraiſo.
Cançaõ, naõ mais; que já naõ ſei que diga:
Mas porque a dor me ſeja menos forte,
Diga o pregaõ a cauſa deſta morte.

CANÇAÕ III.

JA' a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes deſcobrindo

A negra eſcuridaõ da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
Da ſua alegre viſta ſaudoſo,
Traz ella preſuroſo
Nos cavallos canſados do trabalho,
Que reſpiram nas hervas freſco orvalho,
Se eſtende claro, alegre, e luminoſo.
Os paſſaros voando,
De raminho em raminho vaõ ſaltando;
E com ſuave, e doce melodia
O claro dia eſtaõ manifeſtando.
A manhãa bella, amena,
Seu roſto deſcobrindo, a eſpeſſura
Se cobre de verdura
Clara, ſuave, angelica, ſerena.
Oh deleitoſa pena!
Oh effeito de amor alto, e potente!
Pois permitte, e conſente,
Que ou donde quer q̃ eu ande, ou donde eſteja,
O ſeraphico geſto ſempre veja,
Por quem de viver triſte ſou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti taõ excellentes,
Que repreſentes tanta formoſura.
A luz ſuave, e leda,
A meus olhos me moſtra, por quem mouro;
Com os cabellos de ouro,
Que nenhum ouro iguala, ſe os remeda.
Eſta a luz he que arreda
A negra eſcuridaõ do ſentimento,

Ao doce penſamento:
Os orvalhos das flores delicadas
Saõ nos meus olhos lagrimas canſadas,
Que eu chóro co' o prazer de meu tormento.
Os paſſaros que cantam,
Meus eſpiritos ſaõ, que a voz levantam,
Manifeſtando o geſto peregrino,
Com taõ divino ſom, que o Mundo eſpantam.
Aſſi como acontece
A quem a chara vida eſtá perdendo,
Que em quanto vai morrendo,
Alguma viſaõ ſánta lhe apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que ſois vós, minha Senhora,
A eſta alma que em vós mora
(Em quanto da priſaõ ſe eſtá apartando)
Vos eſtais juntamente apreſentando
Em fórma de formoſa, e roxa Aurora.
Oh ditoſa partida!
Oh gloria ſoberana, alta, e ſubida!
Se mo naõ impedir o meu deſejo,
Porque o que vejo, em fim, me torna a vida.
Porém a natureza
Que neſta pura viſta ſe mantinha,
Me falta taõ aſinha,
Como o Sol faltar ſoe á redondeza.
Se houverdes que he fraqueza
Morrer em taõ penoſo, e triſte eſtado,
Amor ſerá culpado,
Ou vós, onde elle vive taõ iſento,
Que cauſaſtes taõ largo apartamento,

Por-

Porque perdeſſe a vida co' o cuidado.
Que ſe viver naõ poſſo,
Homem formado ſó de carne, e oſſo;
Eſta vida que perco, amor ma deo;
Que naõ ſou meu: ſe morro, o damno he voſſo.
Cançaõ de cyſne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro da minha ſepultura:
Que a ſombra eſcura já me impede o dia.

CANÇAÓ IV.

VAõ as ſerenas agoas
Do Mondego deſcendo,
E manſamente até o mar naõ param:
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco creſcendo,
Para nunca acabar ſe começáram.
Alli ſe me moſtráram
Neſte lugar ameno,
Em que inda agora mouro,
Teſta de neve, e de ouro;
Riſo brando, e ſuave; olhar ſereno;
Hum geſto delicado,
Que ſempre na alma me eſtará pintado.
Neſta florida terra,
Leda, freſca, e ſerena,
Ledo, e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioſo co' a pena

Que

Que de taõ bellos olhos procedia.
De hum dia em outro dia,
O eſperar me enganava.
Tempo longo paſſei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho ſe empregava.
Mas que me preſta já,
Que taõ formoſos olhos naõ os ha?
Oh quem me alli diſſera,
Que de amor taõ profundo
O fim pudeſſe ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houveſſe ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que deſde agora,
Já perdida a eſperança,
Viſſe o vão penſamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que ſempre eſtará firme
Até no derradeiro deſpedir-me.
Mas a mór alegria
Que de aqui levar poſſo,
E com que defender-me triſte eſpero;
He que nunca ſentia,
No tempo que fui voſſo,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De voſſo apartamento,
Naõ vos dará tal pena
Como a que me condena.

Que mais ſentirei voſſo ſentimento
Que o que a minha alma ſente.
Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
Tu, Cançaõ, eſtarás
Agora acompanhando
Por eſtes campos eſtas claras agoas:
E por mi ficarás
Com choro ſuſpirando;
Porque ao Mundo, dizendo tantas magoas,
Como huma larga hiſtoria
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇAÕ V.

SE eſte meu penſamento,
Como he doce, e ſuave,
Da alma pudeſſe vir gritando fóra;
Moſtrando ſeu tormento
Cruel, aſpero, e grave,
Diante de vós ſó, minha Senhora;
Pudera ſer que agora
O voſſo peito duro
Tornára manſo, e brando:
E entaõ eu, que ſempre ando
Paſſaro ſolitario, humilde, e eſcuro,
Tornado hum cyſne puro,
Brando, e ſonoro, por o ar voando,
Com canto manifeſto,
Pintára a minha pena, e o voſſo geſto.
Pintára os olhos bellos
Que trazem nas meninas

O menino que os ſeus nelles cegou:
Os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas,
A quem o Sol os raios ſeus baixou:
A teſta que ordenou
Natura taõ formoſa:
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte tem da freſca roſa:
A boca gracioſa,
Que o querê-la louvar he já eſcuſado:
Em fim, he hum theſouro;
Pérolas dentes, e palavras ouro.
Vira-ſe claramente,
(Oh Dama delicada!)
Que em vós ſe eſmerou mais a natureza:
Mas eu de gente em gente,
Trouxera trasladada
Em meu tormento voſſa gentileza:
E ſómente a aſpereza
De voſſa condiçaõ,
Senhora, naõ diſſera,
Porque ſe naõ ſoubera
Que em vós podia haver algum ſenaõ.
E ſe alguem, com razaõ,
Porque morres, diſſeſſe: reſpondera;
Morro, porque he taõ bella,
Que inda naõ ſou para morrer por ella.
E quando, por ventura,
Dama, vos offendeſſe,
Eſcrevendo de vós o que naõ ſento,

E voſſa formoſura
Tanto á terra deſceſſe,
Que a alcançaſſe humano entendimento;
Seria o fundamento
De tudo o que eu cantaſſe,
Todo de puro amor,
Porque o voſſo louvor
Em figura de mágoas ſe moſtraſſe:
E aonde ſe julgaſſe
A cauſa por o effeito, a minha dor
Diria alli ſem medo;
Quem me ſentir verá de quem procedo.
Logo entaõ moſtraria
Os olhos ſaudoſos;
E o ſuſpirar que traz a alma comſigo;
A fingida alegria;
Os paſſos vagaroſos;
O fallar, e eſquecer-me do que digo:
Hum pelejar comigo,
E logo deſculpar-me:
Hum recear ouſando;
Andar meu bem buſcando,
E de o poder achar acovardar-me;
E, em fim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto eſtou fallando,
Saõ lagrimas, e amores;
Saõ voſſas iſenções, e minhas dores.
Mas quem terá, Senhora,
Palavras com que iguale
Com voſſa formoſura a minha pena;
E em doce voz de fóra

Aquel-

Aquella gloria falle
Que dentro na minha alma amor ordena?
Naõ póde taõ pequena
Força de engenho humano,
Com carga taõ pezada,
Senaõ for ajudada
De hum piedoſo olhar, de hum doce engano,
Que fazendo-me o dano
Taõ deleitoſo, e a dor taõ moderada
Em fim ſe converteſſe
No goſto dos louvores que eſcreveſſe.
Cançaõ, naõ digas mais; e ſe teus verſos
A' penna vem pequenos,
Naõ queiram de ti mais, que dirás menos.

CANÇAÕ VI.

COm força deſuſada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente,
De eſtranhos habitada,
Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Luſitana gente
Por armas ſanguinoſas
Tem della o ſenhorio.
Cercada eſtá de hum rio
De maritimas aguas ſaudoſas.
Das hervas que aqui naſcem,
Os gados juntamente, e os olhos paſcem.
Aqui minha ventura

Quiz que huma grande parte
Da vida, que eu naõ tinha, ſe paſſaſſe;
Para que a ſepultura
Nas mãos do fero Marte
De ſangue, e de lembranças matizaſſe.
Se amor determinaſſe
Que a troco deſta vida,
De mi qualquer memoria
Ficaſſe como hiſtoria,
Que de hũus formoſos olhos foſſe lida,
A vida, e a alegria,
Por taõ doce memoria trocaria.
Mas eſte fingimento,
Por minha dura ſórte,
Com falſas eſperanças me convida.
Naõ cuide o penſamento
Que póde achar na morte,
O que naõ pode achar taõ longa vida.
Eſtá já taõ perdida
A minha confiança,
Que de deſeſperado,
Em ver meu triſte eſtado,
Tambem da morte perco a eſperança.
Mas oh, que ſe algum dia
Deſeſperar pudeſſe, viviria!
De quanto tenho viſto,
Já agora naõ me eſpanto,
Que até deſeſperar ſe me defende.
Outrem foi cauſa diſto,
Pois eu nunca fui tanto
Que cauſaſſe eſte fogo que me encende.

Se

Se cuidam que me offende
Temor de eſquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fora taõ amigo,
Que algum temor deixára ao penſamento.
Quem vio tamanho enleo?
Que houveſſe ahi eſperança ſem receo!
Quem tem que perder poſſa,
Só póde recear.
Mas triſte quem naõ póde já perder!
Senhora, a culpa he voſſa,
Que para me matar
Baſtára hum'hora ſó de vos naõ ver.
Puzeſtes-me em poder
De falſas eſperanças:
E do que mais me eſpanto,
Que nunca vali tanto,
Que viſſe tanto bem como eſquivanças.
Valia taõ pequena
Naõ póde merecer taõ doce pena.
Houve-ſe amor comigo
Taõ brando, ou pouco irado,
Quanto agora em meus males ſe conhece.
Que naõ ha mór caſtigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o caſtigo que merece.
Da ſórte que acontece
Ao miſero doente,
Da cura deſpedido,
Que o Medico advertido,
Tudo quanto deſeja lhe conſente;

O amor me conſentia
Eſperanças, deſejos, e ouſadia.
E agora venho a dar
Conta do bem paſſado,
A eſta triſte vida, e longa auſencia.
Quem póde imaginar
Que houveſſe em mi peccado
Digno de huma taõ grave penitencia?
Olhai que he coſciencia
Por taõ pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Naõ vedes que he onzena?
Mas ſe taõ longo, e miſero deſterro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle o meu tormento.
Rio formoſo, e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os juſtos vencedores coroais;
E ao cultor avaro,
Cotinuamente ledos;
De hum tronco ſó, diverſos fructos dais;
Aſſi nunca ſintais
Do tempo injúria algũa,
Que em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Em quanto der o Sol virtude á Lũa;
Porque de gente em gente
Saibam que já naõ mata a vida auſente.
Cançaõ, neſte deſterro vivirás,
Voz núa, e deſcoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇAÕ VII.

MAnda-me amor que cante docemente
O que elle já em minha alma tem impreſſo,
Com preſuppoſto de deſabafar-me;
E porque com meu mal ſeja contente,
Diz que o ſer de taõ lindos olhos preſo,
Cantá-lo baſtaria a contentar-me.
Eſte excellente modo de enganar-me
Tomára eu ſó de amor por intereſſe,
Senaõ ſe arrependeſſe,
Com a pena o engenho eſcurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do geſto de que eſcrevo.
E ſe he mais o que canto que o que entendo,
Invoco o lindo aſpeito,
Que póde mais que amor em meu defeito.
Sem conhecer a amor viver ſoia,
Seu arco, e ſeus enganos deſprezando,
Quando vivendo delles me mantinha.
Hum amor enganoſo, que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o amor ſoltava
Os fios de ouro, as tranças encreſpadas,
Ao doce vento eſquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as roſas entre a neve ſemeadas;

Co'

Co' o riſo taõ galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
Hum naõ ſei que ſuave reſpirando,
Cauſava hum admiravel, novo eſpanto;
Que as couſas inſenſiveis o ſentiam.
Alli as garrulas aves, levantando
Vozes naõ ordinarias, em ſeu canto,
Como eu no meu deſejo, ſe encendiam.
As fontes cryſtallinas naõ corriam,
De inflammadas na viſta linda, pura.
Florecia a verdura,
Que andando co' os divinos pés tocava.
Os ramos ſe baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam;
Ou porque tudo ant'ella ſe baixava.
Naõ houve couſa, em fim,
Que naõ paſmaſſe della, e eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento
A's couſas que o naõ tinham, o temor
Me fez cuidar que effeito em mi faria.
Conheci-me naõ ter conhecimento;
Porém ſó niſto o tive, porque amor
Mo deixou para ver o que podia.
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a dureza
Delles em mi por troco traſpaſſava.
Oh que gentil partido,
Trocar o ſer do monte ſem ſentido,
Por o que em hum juizo humano eſtava!
Olhai que doce engano,

Ti-

Tirar commum proveito de meu dano!
Aſſi que indo perdendo o ſentimento
A parte racional, me entriſtecia
Vê-la a hum appetite ſubmettida.
Mas dentro na alma o fim do penſamento,
Por taõ ſublime cauſa, me dizia
Que era razaõ ſer a razaõ vencida.
Aſſi que quando a via ſer perdida,
A meſma perdiçaõ a reſtaurava:
E em manſa paz eſtava
Cada hum com ſeu contrário em hum ſogeito.
Oh grão concerto eſte!
Quem ſerá que naõ julgue por celeſte
A cauſa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ
Que venha o appetite a ſer razaõ?
Aqui ſenti de amor a mór fineza,
Como foi ver ſentir o inſenſivel;
E o ver a mi de mi proprio perder-me;
E, em fim, ſenti negar-ſe a natureza:
Por onde cri que tudo era poſſivel
Aos lindos olhos ſeus, ſenaõ querer-me.
Deſpois que já ſenti deſfallecer-me,
Em lugar do ſentido que perdia,
Naõ ſei quem me eſcrevia
Dentro na alma co' as letras da memoria,
O mais deſte proceſſo
Co' o claro geſto juntamente impreſſo,
Que foi a cauſa de taõ longa hiſtoria.
Se bem a declarei,
Eu naõ a eſcrevo, da alma a trasladei.

Can-

Cançaõ, ſe quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Por o que em ti ſe eſconde;
Os ſentidos humanos (lhe reſponde)
Naõ pódem dos divinos ſer juizes,
Senaõ de hum penſamento
Que a falta ſuppra a fé do entendimento.

A Cançaõ que ſe ſegue he ao meſmo aſſumpto que a antecedente: ambas eſcreveo Luis de Camões imitando outra de Pedro Bembo, que principia: Perche'l piacer aragionar m'invoglia &c. *a qual vem entre as Rhythmas deſte Author, impreſſas em Veneza, no anno de* 1567.

CANÇAÕ VIII.

MAnda-me amor que cante o q̃ a alma ſente,
Caſo que nunca em verſo foi cantado,
Nem de antes entre a gente acontecido.
Aſſi me paga em parte o meu cuidado,
Pois que quer que me louve, e repreſente
Quaõ bem ſoube no Mundo ſer perdido.
Sou parte, e naõ ſerei da gente crido:
Mas he tamanho o goſto de louvar-me,
E de manifeſtar-me
Por captivo de geſto taõ formoſo,
Que todo o impedimento
Rompe, e desfaz a gloria do tormento,

Pe-

Peregrino, ſuave, e deleitoſo:
Que bem ſei que o que canto
Ha de achar menos credito que eſpanto.
Eu vivia do cego amor iſento;
Porém taõ inclinado a viver preſo,
Que me dava deſgoſto a liberdade.
Hum natural deſejo tinha acceſo
De algum ditoſo, e doce penſamento,
Que me illuſtraſſe a inſana mocidade.
Tornava do anno já a primeira idade;
A reveſtida terra ſe alegrava,
Quando o amor me moſtrava
De fios de ouro as tranças deſatadas
Ao doce vento eſtivo;
Os olhos rutilando lume vivo,
As roſas entre a neve ſemeadas;
O geſto grave, e ledo,
Que juntos move em mi deſejo, e medo.
Hum naõ ſei que ſuave reſpirando,
Cauſava hum deſuſado, e novo eſpanto,
Que as couſas inſenſiveis o ſentiam:
Porque as garrulas aves entretanto
Vozes deſordenadas levantando,
Como eu em meu deſejo, ſe encendiam.
As fontes cryſtallinas naõ corriam,
Inflammadas na viſta clara, e pura:
Florecia a verdura,
Que andando, co' os ditoſos pés tocava:
As ramas ſe baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam,
Ou porque tudo ante elles ſe baixava:

O ar, o vento, o dia,
De eſpiritos continuos influia.
E quando vi que dava entendimento
A couſas fóra delle, imaginei
Que milagres faria em mi que o tinha.
Vi que me deſatou da minha lei,
Privando-me de todo ſentimento,
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes de amor vinha,
Que o uſo dos ſentidos me tirava.
E naõ ſei como dava
Contra o poder, e ordem de natura,
A's arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, e das fontes,
Que conhecêram logo a viſta pura:
Fiquei eu ſó tornado
Quaſi em hum rudo tronco de admirado.
Deſpois de ter perdido o ſentimento
De humano, hum ſó deſejo me ficava,
Em que toda a razaõ ſe convertia:
Mas naõ ſei quem no peito me affirmava
Que por taõ alto, e doce penſamento,
Com razaõ a razaõ ſe me perdia:
Aſſi que quando mais perdida a via,
Na ſua meſma perda ſe ganhava.
Em doce paz eſtava
Com ſeu contrário proprio em hum ſogeito.
Oh caſo eſtranho, e novo!
Por alta, e grande, certamente approvo
A cauſa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ

Que

Que hum deſejo ſem ſer ſeja razaõ.
Deſpois de entregue já ao meu deſejo,
Ou quaſi nelle todo convertido,
Solitario, ſylveſtre, e inhumano,
Taõ contente fiquei de ſer perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Eſcuſado, ſenaõ meu proprio dano.
Bebendo eſte ſuave, e doce engano,
A troco dos ſentidos que perdia,
Vi que amor me eſculpia
Dentro na alma a figura illuſtre, e bella,
A gravidade, o ſiſo,
A manſidaõ, a graça, o doce riſo:
E porque naõ cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Sahè por a boca convertida em canto.
Cançaõ, ſe te naõ crerem
De aquelle claro geſto quanto dizes,
Por o que em ſi lhe eſconde;
Os ſentidos humanos (lhe reſponde)
Naõ podem dos divinos ſer juizes,
Senaõ hum penſamento,
Que a falta ſuppra a fé do entendimento.

CANÇAÕ IX.

TOmei a triſte pena
Já de deſeſperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena
A ficar eu culpado

O mal que me tratais, e o que mereço.
Confeſſo que conheço
Que em parte a cauſa dei
Ao mal em que me vejo,
Pois ſempre o meu deſejo
A taõ largas promeſſas entreguei:
Mas naõ tive ſuſpeita
Que ſeguiſſeis tençaõ taõ imperfeita.
Se em voſſo eſquecimento
Taõ condemnado eſtou
Como os ſignaes demoſtram que moſtrais,
Neſte vivo tormento,
Lembranças mais naõ dou
Que as que deſta razaõ tomar queirais.
Olhai que me tratais
Aſſi de dia em dia
Com voſſas eſquivanças:
E as voſſas eſperanças
De que váamente já me enriquecia,
Renovam á memoria,
Pois com a ter de vós ſó tenho gloria.
E s'iſto conheceſſeis
Sem verdade mais pura,
Do que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que naõ quizeſſeis,
Eſſa condiçaõ dura,
Em branda ſe mudára facilmente.
Eu vendo-me innocente,
Senhora, neſte caſo,
Bem no arbitrio o puzera
De quem ſentença dera

Com que o que he juſto ſe moſtraſſe raſo:
Se, em fim, naõ receára
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.
Em vós eſcripta vi
Voſſa grande dureza,
E na alma eſcripta eſtá, que de vós vive:
Naõ que acabaſſe alli
Sua grande firmeza
O triſte deſengano que entaõ tive;
Porque antes que me prive
A dor de meus ſentidos,
Ao penoſo tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes ſoldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ſicam ſendo minha luz, e guia.
Deſtes acompanhado
Eſtou poſto ſem medo
A tudo o que o fatal deſtino ordene:
Póde ſer que canſado,
Ou ſeja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me me deſpene.
E quando me condene,
(Que he o que mais eſpero)
Inda a penas maiores,
Perdidos os temores,
Por mais que venham, naõ direi, naó quero.
Eſtou, em fim, taõ forte,
Que naõ póde mudar-me a propria morte.
Cançaõ, ſe já naõ queres
Crer tanta crueldade,
Lá vai onde verás minha verdade.

CANÇAÕ X.

JUnto de hum ſecco, duro, eſteril monte,
Inutil, e deſpido, calvo, e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphraſi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço de alto mar reparte
A Abaſſia da Arabica aſpereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O Sol, que nella ferve, ſe lhe eſconde;
O Cabo ſe deſcobre, com que a coſta
Africana, que do Auſtro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal compoſta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apreſſurado
Entrar por a garganta deſte braço,
Me trouxe hum tempo, e teve,
Minha fera ventura.
Aqui neſta remota, aſpera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de ſi deixaſſe hum breve eſpaço:

Por-

Porque ficaſſe a vida
Por o Mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gaſtando huns triſtes dias,
Triſtes, forçados, maos, e ſolitarios,
De trabalho, de dor, de ira cheios:
Naõ tendo, naõ, ſómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as aguas frias,
Os ares groſſos, férvidos, e feios,
Mas os meus penſamentos, que ſaõ meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já paſſada, e breve gloria,
Que eu já no Mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aſpereza;
Por moſtrar-me que havia
No Mundo muitas horas de alegria.
Aqui eſtive eu com eſtes penſamentos
Gaſtando tempo, e vida; os quaes taõ alto
Me ſubiam nas azas, que cahia
(Oh, vede ſe ſeria leve o ſalto!)
De ſonhados, e vãos contentamentos,
Em deſeſperaçaõ de ver hum dia.
O imaginar aqui ſe convertia
Em improviſos choros, e em ſuſpiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, eſtava em carne viva,
De dores rodeada, e de pezares;
Deſamparada, e deſcoberta aos tiros
Da ſoberba fortuna;

So-

Soberba, inexoravel, e importuna.
Naõ tinha parte donde ſe deitaſſe,
Nem eſperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinaſſe, por deſcanſo:
Tudo dor lhe era, e cauſa que padeça,
Mas que pereça naõ; porque paſſaſſe
O que quiz o deſtino nunca manſo.
Oh que eſte irado mar gemendo amanſo!
Eſtes ventos da voz importunados
Parece que ſe enfream:
Sómente o Ceo ſevero,
As Eſtrellas, e o fado ſempre fero,
Com meu perpétuo damno ſe recream;
Moſtrando-ſe potentes, e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, e taõ pequeno.
Se de tantos trabalhos ſó tiraſſe
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a húus claros olhos que já vi;
E ſe eſta triſte voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocaſſe
De aquella em cuja viſta já vivi;
A qual tornando hum pouco ſobre ſi,
Revolvendo na mente preſuroſa
Os tempos já paſſados
De meus doces errores,
De meus ſuaves males, e furores,
Por ella padecidos, e buſcados;
E (poſto que já tarde) piedoſa,
Hum pouco lhe pezaſſe,
E lá entre ſi por dura ſe julgaſſe.

Iſto

Iſto ſó que ſoubeſſe me ſeria
Deſcanſo para a vida que me fica;
Com iſto affagaria o ſoffrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que taõ rica
Eſtais, que cá taõ longe de alegria
Me ſuſtentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o penſamento,
Foge todo o trabalho, e toda a pena.
Só com voſſas lembranças
Me acho ſeguro, e forte
Contra o roſto feroz da féra morte;
E logo ſe me juntam eſperanças
Com que a fronte, tornada mais ſerena,
Torna os tormentos graves
Em ſaudades brandas, e ſuaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amoroſos, que reſpiram
Da parte donde eſtais, por vós Senhora;
A's aves que alli voam, ſe vos víram,
Que fazeis, que eſtaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia, e qu'hora.
Alli a vida canſada ſe melhora,
Toma eſpiritos novos, com que vença
A fortuna, e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a ſervir-vos, e querer-vos:
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o deſejo ardente, que detença
Nunca ſoffreo, ſem tento
Me abre as chagas de novo ao ſoffrimento.
Aſſi vivo; e ſe alguem te perguntaſſe,

Cançaõ, porque naõ mouro;
Podes-lhe reſponder; que porque mouro.

CANÇAÕ XI.

VInde cá meu taõ certo Secretario
Dos queixumes que ſempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena deſaffogo.
As ſem razões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, e contrario
Deſtino, ſurdo a lagrimas, e a rogo.
Lancemos agua pouca em muito fogo,
Accenda-ſe com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias ſeja eſtranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao Mundo, á gente, e em fim, ao vento,
A quem já muitas vezes o contei;
Tanto debalde como o conto agora.
Mas já que para errores fui naſcido,
Vir eſte a ſer hum delles naõ duvido.
E pois já de acertar eſtou taõ fóra,
Naõ me culpem tambem ſe niſto errei.
Se quer eſte refugio ſó terei,
Fallar, e errar ſem culpa livremente.
Triſte quem de taõ pouco eſtá contente!
Já me deſenganei, que de queixar-me
Naõ ſe alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lhe he gritar ſe a dor he grande.
Gritarei; mas he debil, e pequena
A voz para poder deſabafar-me;
Porque nem com gritar a dor ſe abrande.

Quem

Quem me dará ſe quer que fóra mande
Lagrimas, e ſuſpiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem póde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Direi, em fim, aquillo que me enſinam
A ira, e mágoa, e dellas a lembrança;
Que outra dor he por ſi mais dura, e firme.
Chegai, deſeſperados, para ouvir-me;
E fujam os que vivem de eſperança,
Ou aquelles que nella ſe imaginam;
Porque amor, e fortuna determinam
De lhes deixar poder para entenderem
A medida dos males que tiverem.
Quando vim da materna ſepultura
De novo ao Mundo, logo me fizeram
Eſtrellas infelices obrigado,
Com ter livre alvedrio mo naõ deram;
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor ſegui forçado.
E para que o tormento conformado
Me deſſem com a idade, quando abriſſe
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino ſem olhos me feriſſe.
As lagrimas da infancia já manavam
Com huma ſaudade namorada:
O ſom dos gritos que no berço dava
Já como de ſuſpiros me ſoava.
Co' a idade, e fado eſtava concertado:
Porque quando por caſo me embalavam,

Se de amor triſtes verſos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza,
Que taõ conforme eſtava co' a triſteza.
Foi minha ama huma féra; que o deſtino
Naõ quiz que mulher foſſe a que tiveſſe
Tal nome para mi, nem a haveria.
Aſſi criado fui, porque bebeſſe
O veneno amoroſo de menino,
Que na maior idade beberia,
E por coſtume naõ me mataria.
Logo entaõ vi a imagem, e ſemelhança,
De aquella humana féra taõ formoſa,
Suave, e venenoſa,
Que me criou aos peitos da eſperança,
De quem eu vi deſpois o original,
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba, e ſoberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas ſcintilava eſpiritos divinos.
Hum meneo, e preſença tinha tal,
Que ſe váagloriava todo o mal,
Na viſta della: a ſombra co' a viveza
Excedia o poder da natureza.
Que genero taõ novo de tormento
Teve amor, ſem que foſſe naõ ſómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas que ao fervente
Deſejo, que dá força ao penſamento,
Tinham de ſeu propoſito abalado;
E corrido de ver-ſe, e injuriado.
Aqui ſombras phantaſticas trazidas

De

De algumas temerarias eſperanças:
As bemaventuranças
Tambem nellas pintadas, e fingidas:
Mas a dor do deſprezo recebido,
Que todo o phantaſiar deſatinava,
Eſtes enganos punha em deſconcerto:
Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Que era verdade quanto adivinhava:
E logo o deſdizer-me de corrido;
Dar ás couſas que via outro ſentido;
E para tudo, em fim, buſcar razões:
Mas eram muitas mais as ſemrazões.
Naõ ſei como ſabia eſtar roubando
Co' os raios as entranhas, que fugiam
Par'ella por os olhos ſubtilmente!
Pouco a pouco invenciveis me ſahiam;
Bem como do véo humido exhalando
Eſtá o ſubtil humor o Sol ardente.
O geſto puro em fim, e tranſparente,
Para quem fica baixo, e ſem valia
Eſte nome de bello, e de formoſo;
O doce, e piedoſo
Mover de olhos, que as almas ſuſpendia,
Foram as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber; as quaes por longos anos
N'outro ſer me tiveram transformado;
E taõ contente de me ver trocado,
Que as mágoas enganava co' os enganos:
E diante dos olhos punha o véo,
Que me encobriſſe o mal que aſſi creſceo,
Como quem com affagos ſe criava

De

De aquelle para quem creſcido eſtava.
Pois quem póde pintar a vida auſente,
Com hum deſcontentar-me quanto via,
E aquelle eſtar taõ longe donde eſtava,
O fallar ſem ſaber o que dizia,
Andar ſem ver por onde, e juntamente
Suſpirar ſem ſaber que ſuſpirava?
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor que das Tartareas agoas
Sahio ao Mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes ſoe
Duras iras tornar em brandas mágoas?
Agora co' o furor da mágoa irado,
Querer, e naõ querer deixar de amar;
E mudar n'outra parte, por vingança,
O deſejo privado de eſperança,
Que taõ mal ſe pódia já mudar?
Agora a ſaudade do paſſado
Tormento puro, doce, e magoado,
Que converter fazia eſtes furores
Em magoadas lagrimas de amores.
Que deſculpas comigo ſó buſcava,
Quando o ſuave amor me naõ ſoffria
Culpa na couſa amada, e taõ amada!
Eram, em fim, remedios que fingia
O medo do tormento, que enſinava
A vida a ſuſtentar-ſe de enganada.
Niſto huma parte della foi paſſada,
Na qual ſe tive algum contentamento
Breve, imperfeito, tímido, indecente,
Naõ foi ſenaõ ſemente

De

De hum cumprido, amariſſimo tormento.
Eſte curſo contino de triſteza,
Eſtes paſſos váamente derramados,
Me foram apagando o ardente goſto,
Que taõ de ſiſo na alma tinha poſto,
De aquelles penſamentos namorados;
Com que criei a tenra natureza:
Que do longo coſtume da aſpereza,
Contra quem força humana naõ reſiſte,
Se converteo no goſto de ſer triſte.
Deſta arte a vida em outra fui trocando;
Eu naõ, mas o deſtino fero, irado;
Que eu, inda aſſi, por outra a naõ trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Paſſando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me eſteve a vida chara.
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Viſſe, e tocaſſe o acerbo fructo ſeu:
E neſte eſcudo meu
A pintura veraõ do infeſto fogo.
Agora peregrino, vago, errante,
Vendo naçõeſ, linguagẽs, e coſtumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por ſeguir com paſſos diligentes
A ti, fortuna injuſta, que conſumes
As idades, levando-lhes diante
Huma eſperança em viſta de diamante:
Mas quando das mãos cahe ſe conhece
Que he fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,

A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no ſegundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para reſpirar ſe me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.
Que ſegredo taõ arduo, e taõ profundo,
Naſcer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella!
E naõ poder perdella,
Eſtando tantas vezes já perdida!
Em fim, naõ houve trance de fortuna,
Nem perigos, nem caſos duvidoſos,
(Injuſtiças de aquelles que o confuſo
Regimento, do Mundo antigo abuſo,
Faz ſobre os outros homẽes, poderoſos!)
Que eu naõ paſſaſſe atado á fiel coluna
Do ſoffrimento meu, que a importuna
Perſeguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez á força de ſeus braços.
Naõ conto tantos males, como aquelle
Que deſpois da tormenta procelloſa,
Os caſos della conta em porto ledo:
Que inda agora a fortuna fluctuoſa
A tamanhas miſerias me compelle,
Que de dar hum ſó paſſo tenho medo.
Já de mal que me venha naõ me arredo,
Nem bem que me falleça já pertendo;
Que para mi naõ val aſtucia humana.
De força ſoberana,
Da Providencia, em fim, Divina pendo.
Iſto que cuido, e vejo, a vezes tomo

Para

Para conſolaçaõ de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, e naõ alcança
Senaõ memoria dos paſſados anos,
As aguas que entaõ bebo, e o pam que como,
Lagrimas triſtes ſaõ, que eu nunca domo,
Senaõ com fabricar na phantaſia
Phantaſticas pinturas de alegria.
Que ſe poſſivel foſſe que tornaſſe
O tempo para traz, como a memoria,
Por os veſtigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antigua hiſtoria
De meus doces errores, me levaſſe
Por as flores que vi da mocidade;
E a lembrança da longa ſaudade
Entaõ foſſe maior contentamento,
Vendo a converſaçaõ léda, e ſuave,
Onde huma, e outra chave
Fſteve de meu novo penſamento,
Os campos, as paſſadas, os ſignais,
A viſta, a neve, a roſa, a formoſura,
A graça, a manſidaõ, a cortezia,
A ſingela amizade, que deſvia
Toda a baixa tençaõ, terrena, impura,
Como a qual outra alguma naõ vi mais.
Ah vãas memorias! Onde me levais
O debil coraçaõ, que inda naõ poſſo
Domar bem eſte vão deſejo voſſo?
Naõ mais, Cançaõ, naõ mais; q̃ irei fallando,
Sem o ſentir, mil annos, e ſe acaſo
Te culparem de larga, e de pezada;

Naõ

Naõ póde ſer (lhe dize) limitada
A agua do mar em taõ pequeno vaſo.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co' o goſto do louvor; mas explicando
Puras verdades já por mi paſſadas.
Oxalá foram fábulas ſonhadas!

CANÇAÕ XII.

NEm roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca aſſi agradavel á donzella
Cortez, alegre, e bella,
De ſua mãi cuidado, e gloria pura,
Como a mi foi a inculta formoſura
Natural, que pudera
A Saturno render na ſua Eſphera.
Natural fonte agreſte,
Naõ lavrada de Artifice excellente,
Mas por arte celeſte
Derivada de ruſtico penedo,
Naõ fez já mais taõ lédo
Canſado caçador por ſéſta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do ver taõ deſcuidado,
Que faz ſereno a Jupiter irado.
Fructa que ſem concerto
Naturalmente em ramos ſe pendura,
Achada por acerto.
A quem pintada a vê de ſangue, e leite;

Naõ

Naõ lhe dará o deleite
Que eſſa graça me dá ſem compoſtura,
Ornamento da meſma formoſura;
E o toucado ſem arte,
Que tornára Paſtor ao bravo Marte.
A manhãa graciosa,
Que derramando ſahe de entre os cabellos,
A flor, o lirio, a roſa,
Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
Naõ faz o beneficio
Que faz a luz dos voſſos olhos bellos,
A quem os vê taõ puros, e ſingelos;
E eſſe innocente riſo,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriſo.
Outeiros coroados
Das arvores que fazem a eſpeſſura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão deſtra os naõ cultiva,
Graça taõ exceſſiva
Naõ tem na ſua natural verdura,
Quanta na de eſſes olhos, clara, e pura,
Depoſita a eſperança,
Com que amor goſto, a mãi tormento alcança.
Dos ſimples paſſarinhos
A muſica ſem arte concertada,
De entre os verdes raminhos,
Taõ ſuave naõ he, taõ deleitoſa,
A quem na ſelva umbroſa
Com mente ouvindo-a eſtá toda elevada,
Quanto a mi eſſa falla doce agrada,
E o natural aviſo,

Que

Que roubam a Mercurio ſceptro, e ſiſo.
De freſcos rios agoa,
Que clara entre arvoredos ſe [deriva],
Cahindo de alta fragoa,
Eſmaltando de pérolas no prado
O verde delicado,
Com brando ſom aos olhos fugitiva,
Naõ nos alegra quanto a graça eſquiva
De eſſa luz ſoberana,
Que faz cortez a ruſtica Diana.
A tal luz (ó Cançaõ, que ouſaſte vella!)
Vendo eſtás já proſtrado
Saturno triſte, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda Eſtrella.

CANÇAÕ XIII.

OH pomar venturoſo,
Onde co' a natureza
A ſubtil arte tem demanda incerta;
Que em ſitio taõ formoſo
A maior ſubtileza
De engenho em ti nos moſtra deſcoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cegò, e de elevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se terra, ou Ceo, de ti tem mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, e mais ſereno.

De

De teu formoſo pezo
Se moſtra o monte lédo,
E o caudaloſo Zezere te eſtranha,
Porque olhas com deſprezo
Seu cryſtal puro, e quedo,
Que com Pera os teus pés rodea, e banha.
Em ti pintura eſtranha
A que Apelles cedêra,
Enigmas intricados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Eſcopas naõ fizera:
Em ti, co' a paz interna,
Tem o ſanto prazer morada eterna.
Os jardins da famoſa
Babel, taõ nomeados
Por maravilha, o Mundo naõ levante,
Inda que com glorioſa
Voz, que eſtaõ pendurados
Do inſtavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem ſe eſpante
Dos famoſos de Alcino:
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino;
Mas onde quer que voe,
De ti ſó falle a fama, e te pregoe.
Que ſe era antiguamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Heſperidas ornado;
E a pezar da ſerpente
Que os guardou, ſó colhellos

Po-

Pode o famoſo Alcides, de esforçado;
Tu, mais avantajado,
Moſtras a huma alma caſta
Seguir o que deſeja,
Fugir da torpe inveja;
(Pomos de ouro que o tempo naõ contraſta)
Em fim, co' a caridade
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.
Por tanto, da ventura,
Para ti reſervada,
Te deixe o Ceo gozar perpetuamente;
Porque ſejas figura
Da gloria avantajada
Delle meſmo, e que em ti ſe repreſente;
Porque em quanto ſuſtente
O Ceo, o mar, e a terra,
Seus feitos milagroſos,
Myſterios mais glorioſos,
Com que a morte das almas nos deſterra,
Por onde em noſſas almas
Com mais pompas triumpha, e com mais palmas.
Goza, pois, longamente
Teu venturoſo fado,
Da Mái do teu Auctor bem poſſuido:
Que em ti ſempre contente
De ſeu ſublime eſtado,
A alma dos ſeus alegra, e o ſentido.
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao ſabio Neſtor ſeja,
Para que o Mundo os veja

Ex-

Exceder as longuiſſimas idades;
E com a longa vida
Seja ſua memoria ennobrecida.
Canção, pois mais famoſas
Por ti naõ podem ſer
Deſte monte as eſtancias deleitoſas;
Bem póde ſucceder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por querê-las cantar te faça eterna.

CANÇAÓ XIV.

QUem com ſólido intento
Os ſegredos buſcar da natureza,
Quanto de Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento:
Em forjar meu tormento,
Nova Philoſophia,
De experiencias feita, amor me enſina.
Das Leis do antigo tempo bem declina,
Que amor, e a natureza, em mi varía,
Donde eſcólas de Sabios nunca vio
Em natural ſogeito,
Quanto amor em meu peito deſcobrio.
As aves no ar ſereno,
O gado de Protheo nas aguas paſce;
Vive o homem, e naſce
Neſte Mundo, qual Mundo mais pequeno.
Eu tudo deſordeno;
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento:

Dá-

Dá-me eſſe amor, dá-me eſta o penſamento;
O coraçaõ no fogo he conſumido:
Mas a agua, que dos olhos ſempre deſce,
Tem effeito taõ vário,
Que em hum humor contrário o fogo creſce.
Da viſta amor ſoia
Abrir ao coraçaõ ſegura entrada;
Lei he já profanada:
Que quando a luz de hũus olhos me feria,
Amando o que naõ via,
Qual de eſcopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a cauſa viſſe.
Quem o deſejo co' a eſperança uniſſe,
Cego iria apoz cego, e vil coſtume.
Que eu deſta alma, das Leis do Mundo iſenta,
Morta a eſperança vejo,
Onde ſempre o deſejo ſe ſuſtenta.
Em vão ſe conſidera
Que hum ſemelhante a outro buſca, e ama,
E que foge, e deſama
Todo mortal a morte eſquiva, e fera:
Sigo huma linda fera,
Que eſconde em viſta humana
Coraçaõ de diamante, e peito de aço,
De meu ſangue faminta; e ſatisfaço
Com cruel morte a ſede deshumana:
Aſſi que ſendo em tudo differente
Corro apoz minha ſorte,
E ſe me entrego á morte eſtou contente.
Cahe em maior defeito
Quem cuida ſer ſciencia clara, e certa,

Que

Que a cauſa deſcoberta
Sempre produz a ſi conforme o effeito:
Rendeo-me hum lindo objeito,
Que ſendo neve pura
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva:
Que eſta formoſa fera fugitiva,
Com ſer neve, do fogo ſe aſſegura:
Donde infiro por certo, (e ceſſe a fama
Váa, mentiroſa, e leve)
Que naõ desfaz a neve ardente chama.
Bem no effeito ſe ſente
Ceſſar, ceſſando a cauſa donde pende;
Que o fogo mais ſe accende
Eſtando á viſta donde mais auſente;
Mas na alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite amor, de día o penſamento:
E quando Apollo deixa o claro aſſento,
Por entre ſombras vejo a Nympha amada:
Pois ſe ſem luz amor os olhos ceva,
Cego, ſe naõ concede
Que em nada a amor impede a eſcura treva.
Erra quem atrevido
Pregôa ſer maior que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Que eſtou n'hum'alma minha convertido:
Deſta gloria ha naſcido
O temor de perdê-la:
E poſtoque o receo a muitos finge
Lá na imaginaçaõ Chimera, e Sfinge,
De mal futuro, que urde imiga eſtrella,

Vejo em mi, por incognito ſegredo,
Quando eſtou mais contente,
Que ſó do bem preſente naſce o medo.
Tem-ſe por manifeſto
Parecer-ſe ao ſogeito o accidente;
Mas inda em mi ſe ſente
O penſamento, a côr, o riſo, o geſto:
E tendo todo o reſto
Da vida já perdido
Neſte tormento meu taõ duro, e eſquivo,
A goſtos morto eſtou, apenas vivo:
E ſendo morto já, vive o ſentido,
Porque ſinta que na alma deſpedida,
Póde em meu mal unir-ſe
O ficar, e o partir-ſe; a morte, e a vida.
Deſtas razões, Cançaõ, infiro, e creo,
Que ou ſe mudou em tudo a fórma uſada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇAÕ XV.

QUe he iſto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura,
Que ſempre na alma vejo?
Ou me pinta o deſejo
O bem que em vão cada hora me aſſegura?
Mal póde a noute eſcura,
Amando a ſombra fria,
Mandar-me em ſonho a luz formoſa, e bella,
Que ſe naõ torne em dia,
De ſeus luzentes raios inflammada.

Oh

Oh viſta deſejada
De gracioſa Nympha, e viva Eſtrella!
Que ha tanto que por eſte mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) eſcuro, e cego.
Neſſes formoſos olhos, de elevada,
Minha alma ſe eſcondeo,
Quando ordenaya o Ceo
Que viveſſe comigo deſterrada.
Vós a mais certa eſtrada
De ver a ſumma alteza,
Do effeito a cauſa abrís a eſta alma minha.
Aſſi mortal belleza
Só della naſce, e nella ſe reſume:
Aſſi celeſte lume
Lá dos Ceos ſe deriva, e lá caminha:
Pois como a Deos unir-me a viſta poſſa,
Porque a negais, meu Sol, a eſta alma voſſa?
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado, e louro,
Tecei-me a rede de ouro
Em que prendeo Vulcano a Cypria, e Marte.
Des que com gentil arte
Veſtís de flores bellas
A terra em que tocais co' a bella planta,
Quantas vezes com vellas
Quiz n'huma de eſſas flores transformar-me?
Porque vendo pizar-me
De eſſe candido pé que a neve eſpanta,
Póde ſer que na flor mudado fora
Que deo a Juno irada a linda Flora.
Mas onde te acolheſte (ó doce vida!)

Mais leve, e preſuroſa,
Do que na ſelva umbroſa
Cerva de aguda ſécta vai ferida!
Se para tal partida,
Meus olhos, vos abriſtes,
Cerrára-vos o ſomno eternamente,
Antes que ver-vos triſtes;
Perdendo taõ ſuave, e doce engano.
Agora, com meu dano,
Vedes, para mór mágoa, claramente,
Neſte bem fugitivo, e ſomno leve,
Que mal naõ ha mais longo, que hum bem breve.
Ditoſo Endimiaõ, que a deoſa chara,
Que a noite vai guiando
Teve em braços ſonhando!
Ah, quem de ſonho tal nunca acordára!
Tu ſó, Aurora avara,
Quando os olhos feriſte,
Me mataſte cruel de inveja pura:
Mas ſe de eſta alma triſte
A negra eſcuridaõ vencer quizeſte,
Sabe que em váo naſceſte:
Que para desfazer-ſe a nevoa eſcura
De meus, olhos importa eſtar preſente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta,
Naõ me aviva, Cançaõ, branda, e quieta,
Qual flor de chuva, em breve conſumida,
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CAN-

CANÇAÕ XVI.

POr meio de humas ſerras mui fragoſas,
Cercadas de ſylveſtres arvoredos,
Retumbando por aſperos penedos,
Correm perennes aguas deleitoſas.
Na ribeira de Buina, aſſi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Eſmaltados
Com freſcura
De verdura,
Aſſi ſe moſtra amena, aſſi gracioſa,
Que excede a qualquer outra mais formoſa.
As correntes ſe vem que acceleradas
As hervas regalando, e as boninas,
Se vaõ a entrar nas aguas Neptuninas,
Por diverſas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea arêa
Bem ſe arrêa,
Voam aves;
Mil ſuaves
Paſſarinhos
Nos raminhos
Acordemente eſtaõ ſempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E de outro o pintaſirgo lhe reſponde:
A perdiz de entre a mata, em que ſe eſconde,
O caçador ſentindo, ſe levanta:

Voan-

Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro aſſento
Vai buſcando,
Porém quando
Vai fugindo,
Retinindo,
Traz ella mais veloz a ſétta corre,
De que, ferida, logo cahe, e morre.
Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,
Co' o peito enſanguentado anda voando:
Cibato para o ninho indo buſcando
A léda codorniz vem ao reclamo
Do ſagaz caçador, que a rede eſtende,
E pertende
Com engano
Fazer dano
A' coitada,
Que enganada
De hũus eſparzidos grãos de louro trigo,
Nas máos vai a cahir de ſeu imigo.
Aqui ſoa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o eſtorninho;
Sahe a candida pomba do ſeu ninho;
O tordo pouſa em cima da oliveira:
Vaõ as doces abelhas ſuſurrando,
E apanhando
O rocio
Freſco, e frio,
Por o prado
De herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deo

A'

A' humana gente a induſtria de Ariſteo.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinoſas vides reſplandecem:
As frondiferas arvores ſe offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes na agua clara andam ſaltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comſigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as ſerras ſe levantam
Animaes Calidoneos, e os veados,
Na fugida inda mal aſſegurados,
Porque do ſom dos proprios pés ſe eſpantam.
Sahe o coelho, a lebre ſahe manhoſa
Da frondoſa
Breve mata,
Donde a cata
Cam ligeiro,
Mas primeiro
Que ella ao contrário fervido ſe entregue,
A vezes deixa em branco a quem a ſegue.
Luzem as brancas, e purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra eſmalta:
O formoſo jacintho alli naõ falta,
Lembrado dos antiguos ſeus amores;
Inda na flor ſe moſtram eſculpidos
Os gemidos:

Aqui Flora
Sempre mora,
E com roſas
Mais formoſas,
Com lirios, e boninas mil fragrantes,
Alegra os ſeus amores circumſtantes.
Aquí Narciſo em líquido cryſtal
Se namora de ſua formoſura:
Nelle as pendentes ramas da eſpeſſura
Debuxando-ſe eſtaõ ao natural.
Adonis, com que a linda Cytheréa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Que Erycina
Por imagem deixou de qual ſeria
Aquelle por quem ella ſe perdia.
Lugar alegre, freſco, accommodado
Para ſe deleitar qualquer amante,
A quem com ſua ponta penetrante
O cego amor tiveſſe derribado:
E para memorar ao ſom das agoas
Suas magoas
Amoroſas,
As cheiroſas
Flores vendo,
Eſcolhendo,
Para fazer precioſas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.
Eu dellas, por penhor de meus amores,

Hu-

Huma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flores:
Porém, como se fora mal-mequeres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores; naõ por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

No tomo V dos Commentarios ás Rhythmas, pag. 184, traz Manoel de Faria e Sousa a seguinte Cançaõ, feita á morte de D. Antonio de Noronha, e diz a achára no ultimo Manuscripto que descobrio das Obras do Poeta. A Cançaõ vinha alli em nome de huma D. Margarida; porém o mesmo Faria ultimamente assenta que he de Luis de Camões, e que este em parte disfarçára o estylo.

CANÇAÕ XVII.

A Vida já passei assaz contente,
Livre tinha a vontade, e o pensamento,
Sem recêos de amor, nem da ventura:
Mas isto foi hum bem de hum só momento;
E á minha custa veio claramente,
Que a vida naõ dá algum de muita dura.
No tempo em que eu vivia mais segura
De amor, e seu cuidado,

Por

Por me ver n'hum eſtado
Em que eu cuidei que amor naõ tinha parte,
Naõ ſinto por qual arte
Me vejo entregue a elle de tal ſorte,
Que em quanto tarda a morte,
A eſperança do bem tenho perdida.
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Quantas vezes eu triſte aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil Paſtores,
Queixar-ſe em vão de minha crueldade!
E mais ſurda entaõ eu a ſeus clamores,
Que aſpide ſurda, ou ſurda penedia,
Julgava os ſeus amores por vaidade
Agora em pago diſto a liberdade,
A vontade, e o deſejo,
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, naõ reſponde;
Pois vejo que ſe eſconde
Já debaixo da terra eſte que eu chamo,
Que he aquelle a quem amo,
Aquelle a quem agora eſtou rendida.
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Que gloria, amor cruel, com meu tormento,
Que louvor a teu nome accreſcentaſte?
Ou que te conſtrangeo a tal crueza,
Que com tal preſſa eſta alma ſujeitaſte
A hum mal, onde naõ baſta o ſoffrimento?
Mas ſe, amor, es cruel de natureza,
Baſtava uſar comigo da aſpereza
Que uſas com outra gente:
Mas tu como ſómente

De

De ver-me eſtar morrendo te contentas,
Quando mais me atormentas,
Entaõ deſejas mais de atormentar-me,
E naõ queres matar-me
Porque eſte mal de mi ſe naõ deſpida.
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Onde couſa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me reſponda?
Quem me dará remedio á dor preſente?
Naõ ha bem que de mi já naõ ſe eſconda;
Nem algum verei já que a mi o ſeja,
Porque eſtá quem o foi da vida auſente.
Eu alguma naõ vi taõ deſcontente,
Que amor taõ mal trataſſe,
Que inda naõ eſperaſſe
A ſeus males remedio achar vivendo:
Eu ſó vivo ſoffrendo
Hum mal taõ grave, e taõ deſeſperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai! Quaõ de vagar paſſa a triſte vida!
Suaves aguas, dura penedía,
Arvoredo ſombrio, verde prado,
Donde eu já tive livre o penſamento;
Freſcas flores; e vós, meu manſo gado,
Que já me acompanhaſtes na alegria,
Naõ me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca ſentimento,
Dai-me para elle ajuda,
Que eu tenho a lingua muda;
O alento me vai já deſamparando.

Mas quando? (ai triſte!) Quando
De hum dia hum'hora me virá contente,
Que eu te veja preſente,
Paſtor meu, e comtigo eſta alma unida?
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Mas naõ ſei ſe he ſobrado atrevimento
Querer-ſe eſta alma minha unir comtigo,
Pois della foſte já taõ deſprezado.
Amor me livrará deſte perigo;
Que deſpois que lá vires meu tormento,
Creio que te haverás por bem vingado.
E ſe inda em ti durar o amor paſſado,
E aquella fé taõ pura,
Eu eſtou bem ſegura
Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quaõ cara huma iſençaõ com amor cuſta:
A pena dá bem juſta
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!

ODES.

ODE I.

Detém hum pouco, Muſa, o largo pranto
Que amor te abre do peito;
E veſtida de rico, e lédo manto,
Demos honra, e reſpeito,
A'quella, cujo objeito
Todo o Mundo allumía,
Trocando a noite eſcura em claro dia.
O' Delia, que a pezar da nevoa groſſa,
Co' os teus raios de prata,
A noite eſcura fazes que naõ poſſa
Encontrar o que trata,
E o que na alma retrata
Amor por teu divino
Raio, porque endoudeço, e deſatino.
Tu, que de formoſiſſimas eſtrellas
Corôas, e rodêas
Tua candida fronte, e faces bellas;
E os campos formosêas
Co' as roſas que ſemêas,

Co' as boninas que gera
O teu celeſte humor na Primavera:
Pois, Delia, do teu Ceo vendo eſtás quantos
Furtos de puridades,
Suſpiros, mágoas, ais, muſicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por ſaudades,
Outras por crús indicios
Fazem das proprias vidas ſacrificios:
Já veo Endimiaõ por eſtes montes
O Ceo ſuſpenſo olhando;
E teu nome, co' os olhos feitos fontes,
Em vão ſempre chamando,
Pedindo (ſuſpirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.
Por ti feito Paſtor de branco gado
Nas ſelvas ſolitarias,
Só de ſeu penſamento acompanhado,
Converſa as alimarias,
De todo amor contrárias,
Mas naõ como ti duras,
Onde lamenta, e chora deſventuras.
Para ti guarda o ſitio freſco d'Ilio
Suas ſombras formoſas:
Para ti no Erymantho o lindo Epilio
As mais purpureas roſas;
E as drogas mais cheiroſas
De eſte noſſo Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.
De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,

As aſperas entranhas
Naõ temêram teu ſero, e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, e eſtranhas,
Ligeira atraveſſavas,
Taõ formoſa que a amor de amor matavas.
Das caſtas virgẽes ſempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviſte,
Renovando-lhe as forças, e os eſpritos:
Mas os de aquelle triſte,
Já nunca conſentiſte
Ouvi-los hum momento,
Para ſer menos grave o ſeu tormento.
Naõ fujas, naõ, de mi. Ah! Naõ te eſcondas
De hum taõ fiel amante.
Olha como ſuſpiram eſtas ondas,
E como o velho Atlante
O ſeu collo arrogante
Move piedoſamente
Ouvindo a minha voz fraca, e doente.
Triſte de mi! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem Já ergueo a mão para matar-me
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado ſigo,
Que a iſto me deſtina,
E que iſto ſó pertende, e ſó me enſina.
Oh quanto ha já que o Ceo me deſengana!
Mas eu ſempre porfio
Cada vez mais na minha teima inſana.
Tendo livre alvedrio

Naõ fujo o deſvario;
Porque eſte em que me vejo
Engana co' a eſperança o meu deſejo.
Oh quanto melhor fora que dormiſſem
Hum ſomno perennal
Eſtes meus olhos triſtes, e naõ viſſem
A cauſa de ſeu mal:
Fugir, a hum tempo tal,
Mais que de antes proterva,
Mais cruel que urſa, mais fugaz que cerva!
Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, entaõ mais vivo!
Porque tem ordenado
Meu infelice eſtado,
Que quando me convida
A morte para a morte tenha vida.
Secreta noite amiga, a que obedeço;
Eſtas roſas (por quanto
Meus queixumes me ouviſte) te offereço;
E eſte freſco amaranto,
Humido inda do pranto,
E lagrimas da eſpoſa
Do cioſo Titam, branca, e formoſa.

ODE II.

TAõ ſuave, taõ freſca, e taõ formoſa,
Nunca no Ceo ſahio
A Aurora no principio do Veraõ,
A's flores dando a graça coſtumada,

Co-

Como a formoſa manſa fera, quando
Hum penſamento vivo me inſpirou,
Por quem me deſconheço.
Bonina pudibunda, ou freſca roſa,
Nunca no campo abrio,
Quando os raios do Sol no Touro eſtaõ,
De cores differentes eſmaltada,
Como eſta flor, que os olhos inclinando,
O ſoffrimento triſte coſtumou
A' pena que padeço.
Ligeira, bella Nympha, linda, iroſa,
Naõ creio que ſeguio
Satyro, cujo brando coraçaõ
De amores commoveſſe fera irada,
Que aſſi foſſe fugindo, e deſprezando
Eſte tormento, donde amor moſtrou
Taõ próſpero começo.
Nunca, em fim, couſa bella, e rigoroſa,
Natura produzio
Que iguale aquella fórma, e condiçaõ,
Que as dores em que vivo eſtima em nada.
Mas com taõ doce geſto, irado, e brando,
O ſentimento, e a vida me elevou,
Que a pena lhe agradeço.
Bem cuidei de exaltar em verſo, ou proſa,
Aquillo que a alma vio
Entre a doce dureza, e manſidaõ,
Primores de belleza deſuſada;
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, e engenho me cegou
Luz de taõ alto preço.

Naquella alta pureza deleitoſa
Que ao Mundo ſe encobrio;
E nos olhos Angelicos, que ſaõ
Senhores deſta vida deſtinada;
E naquelles cabellos, que ſoltando
Ao manſo vento a vida me enredou,
Me alegro, e me entriſteço.
Saudade, e ſuſpeita perigoſa,
Que amor conſtituio
Por caſtigo de aquelles que ſe vaõ:
Temores, penas da alma deſprezada,
Fera eſquivança que me vai tirando
O mantimento que me ſuſtentou,
A tudo me offereço.
Amor iſento a hũus olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III.

SE de meu penſamento
Tanta razaõ tivera de alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triſte lyra, conſolar-me.
E minha voz canſada,
Que em outro tempo foi alegre, e pura,
Naõ fora aſſi tornada,
Com tanta deſventura,
Taõ rouca, taõ pezada, nem taõ dura.
A ſer como ſoia,
Pudera levantar voſſos louvores;

Vós,

Vós, minha Hierarchia,
Ouvireis meus amores,
Que exemplo saõ ao Mundo já de dores.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus penſamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!
Ai goſtos fugitivos!
Ai gloria já acabada, e conſumida!
Ai males taõ eſquivos!
Qual me deixais a vida!
Quam chea de pezar! Quam deſtruida!
Mas como naõ he morta
Já eſta vida? Como tanto dura?
Como naõ abre a porta
A tanta deſventura,
Que em vão com ſeu poder o tempo cura?
Mas para padecê-la
Se esforça o meu ſogeito, e convalece;
Que ſó para dizê-la,
A força me falece,
E de todo me canſa, e me enfraquece.
Oh bem affortunado
Tu, que alcançaſte com lyra toante,
Orphêo, ſer eſcutado
Do fero Radamante,
E co' os teus olhos ver a doce amante!
As infernaes figuras
Moveſte com teu canto docemente:
As tres furias eſcuras,

Implacaveis á gente,
Applacadas ſe víram de repente.
Ficou como paſmado
Todo o Eſtygio Reino co' o teu canto;
E quaſi deſcanſado
De ſeu eterno pranto,
Ceſſou de alçar Siſypho o grave canto.
A ordem ſe mudava
Das penas que regendo eſtá Plutaõ;
Em deſcanſo ſe achava
A roda de Ixiaõ;
E em gloria quantas penas alli ſaõ.
De todo já admirada
A Rainha infernal, e commovida,
Te deo a deſejada
Eſpoſa, que, perdida,
De tantos dias já tivera a vida.
Pois minha deſventura,
Como já naõ abranda huma alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoë profana?
Oh crua, eſquiva, e fera,
Duro peito, cruel, e empedernido,
De alguma tigre fera
Lá na Hircania naſcido,
Ou de entre as duras rochas produzido!
Mas que digo, coitado,
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós (ó do ſalgado,
Humido Reino) bellas

E claras Nymphas, condoei-vos dellas.
E de ouro guarnecidas
Voſſas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gottejando
Sahindo todas, vinde a ver qual ando.
Sahi em companhia,
E cantando, e colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia;
Ouvireis meus amores:
E ſentireis meus prantos, meus clamores.
Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo que ha gerado,
Que eſtá já convertido
Em choro, e neſte eſtado
Sómente vive nelle o ſeu cuidado.

ODE IV.

FOrmoſa fera humana,
Em cujo coraçaõ ſoberbo, e rudo,
A força ſoberana
Do vingativo amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas ſéttas tinha tem quebradas:
Amada Circe minha,
Poſtoque minha naõ, com tudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade deſejada,
Pouco a pouco entreguei,
E ſe mais tenho, mais entregarei.

Pois

Pois natureza iroſa,
Da razaõ te deo partes taõ contrárias,
Que ſendo taõ formoſa,
Folgues de te queimar em flammas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais que em quanto allumía o Mundo a Lũa.
Pois triumphando vás
Com diverſos deſpojos de perdidos,
Que tu privando eſtás
De razaõ, de juizo, e de ſentidos;
E quaſi a todos dando
Aquelle bem que a todos vás negando:
Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agua, e vento ſolto,
A' porta, que impedido
Lhe tem ſeu bem, de mágoa adormecido.
Porque naõ tens receo
Que tantas inſolencias, e eſquivanças,
A deoſa que põe freo
A ſoberbas, e doudas eſperanças,
Caſtigue com rigor,
E contra ti ſe accenda o fero amor?
Olha a formoſa Flora
De deſpojos de mil ſuſpiros rica,
Por o Capitam chora,
Que lá em Theſſalia, em fim, vencido fica:
E foi ſublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, e nome ſanto.
Olha em Lesbos aquella

No

No ſeu ſalteiro inſigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perdêram, perdeo a chara vida
Na rocha que ſe infama
Com ſer remedio extremo de quem ama.
Por o moço eſcolhido,
Onde mais ſe moſtráram as tres Graças;
Que Venus eſcondido
Para ſi teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou co' a morte fria
A má vida que a muitos já daria.
E vendo-ſe deixada
De aquelle por quem tantos já deixára,
Se foi, deſeſperada,
Precipitar da infame rocha chara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.
Tomai-me, bravos mares;
Vós me tomai, pois outrem me deixou;
Diſſe: e dos altos ares
Pendendo, com furor ſe arremeſſou.
Acude tu, ſuave,
Acude, poderoſa, e divina ave.
Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illeſa, e ſem perigo;
Antes que neſtas cruas
Aguas cahindo apague o fogo antigo.
He digno amor tamanho
De viver, e ſer tido por eſtranho.
Naõ: que he razaõ que ſeja
Para as lobas iſentas, que amor vendem,

Ex-

Exemplo onde ſe veja
Que tambem ficam preſas as que prendem.
Aſſi o deo por ſentença
Nemeſis, que amor quiz que tudo vença.

ODE V.

NUnca manhãa ſuave
Eſtendendo ſeus raios por o Mundo,
Deſpois de noite grave,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto náo, que já no fundo
Se vio em mares groſſos,
Como a luz clara a mi, dos olhos voſſos.
Aquella formoſura,
Que ſó no virar delles reſplandece;
E com que a ſombra eſcura
Clara ſe faz, e o campo reverdece;
Quando o meu penſamento ſe intriſtece,
Ella, e ſua viveza,
Me desfazem a nuvem da triſteza.
O meu peito, onde eſtais,
He para tanto bem pequeno vaſo:
Quando acaſo virais
Os olhos, que de mi naõ fazem caſo,
Todo, gentil Senhora, entaõ me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borboleta faz no lume.
Se mil almas tivera,
Que a taõ formoſos olhos entregára,
Todas quantas pudera

Por

Por as peſtanas delles pendurára;
E elevadas na viſta pura, e clara,
(Poſtoque diſſo indinas)
Se andáram ſempre vendo nas meninas.
E vós, que deſcuidada
Agora vivireis de taes querellas,
De almas minhas cercada
Naõ pudeſſeis tirar os olhos dellas,
Naõ póde ſer que vendo a voſſa entr'ellas,
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas, huma alma ſó naõ abrandaſſem.
Mas, pois, o peito ardente
Huma ſó póde ter, formoſa Dama,
Baſta que eſta ſómente,
Como ſe foſſem mil e mil, vos ama;
Para que a dor de ſua ardente flama
Comvoſco tanto poſſa,
Que naõ queirais ver cinza hum'alma voſſa.

ODE VI.

PO'de hum deſejo immenſo
Arder no peito tanto,
Que abranda, e a viva alma, o fogo intenſo;
Lhe gaſte as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o eſprito
Com olhos immortaes,
Que faz que lêa mais do que vê eſcrito.
Que a flamma que ſe accende
Alto, tanto allumía,
Que ſe o nobre deſejo ao bem ſe eſtende,

Que

Que nunca vio, o ſente claro dia;
E lá vê do que buſca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra eſpecie melhor que a corporal.
Pois vós, ó claro exemplo
De viva formoſura,
Que de taõ longe cá noto, e contemplo
Na alma, que eſte deſejo ſobe, e apura;
Naõ creais que naõ vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos naõ tem muita vantagem.
Que ſe os olhos auſentes
Naõ vem a compaſſada
Proporçaõ, que das cores excellentes
De pureza, e vergonha he variada,
Da qual a Poeſia que cantou
Até aqui ſó pinturas
Com mortaes formoſuras igualou:
Se naõ vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E ſe naõ vem os claros olhos bellos,
De quem cantam que ſaõ do Sol theſouro;
E ſe naõ vem do roſto as excellencias,
A quem diraõ que deve
Roſa, e cryſtal, e neve as apparencias?
Vem logo a graça pura,
A luz alta, e ſevera,
Que he raio da divina formoſura,
Que na alma imprime, e fóra reverbera;
Aſſi como cryſtal do Sol ferido,
Que por fóra derrama

A recebida flamma eſclarecido.
E vem a gravidade,
Com a viva alegria,
Que miſturada tem de qualidade,
Que huma da outra nunca ſe deſvia;
Nem deixa de ſer huma receada
Por léda, e por ſuave,
Nem outra por ſer grave muito amada.
E vem do honeſto ſiſo
Os altos reſplandores
Temperados co' o doce, e ledo riſo,
A cujo abrir abrem no campo as flores;
As palavras diſcretas, e ſuaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento, e as altas aves.
Dos olhos o virar
Que torna tudo raſo,
Do qual naõ ſabe o engenho diviſar
Se foi por artificio, ou feito acaſo:
Da preſença os meneos, e a poſtura,
O andar, e o mover-ſe,
Donde póde aprender-ſe formoſura.
Aquelle naõ ſei que,
Que aſpira naõ ſei como;
Que inviſivel ſahindo, a viſta o vê,
Mas para o comprender naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toſcana Poeſia,
Que mais Phebo reſtaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:
Em vós a noſſa idade,
Senhora, o póde ver,

Se

Se engenho, ſe ſciencia, e habilidade,
Iguaes a voſſa formoſura der,
Qual a vi no meu longo apartamento;
Qual em auſencia a vejo.
Taes azas dá o deſejo ao penſamento.
Pois ſe o deſejo aſſina
Huma alma acceſa tanto,
Que por vós uſe as partes da divina;
Por vós levantarei naõ viſto canto,
Que o Bethis me ouça, e o Tybre me levante:
Que o noſſo claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo, e diſſonante.
O campo naõ o eſmaltam
Flores, mas ſó abrolhos
O fazem feo; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil coſtume,
Que o Sol, que em vós eſtá,
Na eſcuridaõ dará mais claro lume.

ODE VII.

A Quem daraõ de Pindo as moradoras,
Taõ doctas como bellas;
Florecentes capellas
Do triumphante louro, ou myrto verde;
Da glorioſa palma, que naõ perde
A preſumpçaõ ſublime,
Nem por força de pezo algum ſe opprime?
A quem traraõ nas faldas delicadas,
Roſas a roxa Cloris,

Con-

Conchas a branca Doris;
Eſtas, flores do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas; brancas, e amarellas,
Com danças, e coréas,
De formoſas Nereidas, e Napéas?
A quem faraõ os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphiom,
Em Lesbos Ariom,
Senaõ a vós, por quem reſtituida
Se vê da Poeſia já perdida
A honra, e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
Imitando os eſpritos já paſſados,
Gentís, altos, Reais,
Honra benina dais
A meu taõ baixo, quaõ zeloſo engenho.
Por Mecenas a vós celebro, e tenho;
E ſacro o nome voſſo
Farei, ſe alguma couſa em verſo poſſo.
O rudo canto meu, que reſuſcita
As honras ſepultadas,
As palmas já paſſadas
Dos bellicoſos noſſos Luſitanos,
Para theſouro dos futuros anos,
Comvoſco ſe defende
Da lei Lethéa, á qual tudo ſe rende.
Na voſſa arvore ornada de honra, e gloria,
Achou tronço excellente
A hera florecente,
Para a minha até aqui de baixa eſtima:
Nella, para trepar, ſe encoſta, e arrima;

E nella ſubireis
Taõ alto, quanto os ramos eſtendeis.
Sempre foram engenhos peregrinos
Da fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas ſaõ da fama;
Tanto por outro aquella que os deſama,
Co' o pezo, e gravidade,
Os opprime, da vil neceſſidade.
Mas altos corações dignos de Imperio,
Que vencem a fortuna,
Foram ſempre coluna
Da ſciencia gentil: Octaviano,
Scipiaõ, Alexandre, e Graciano,
Que vemos immortais;
E vós que o noſſo ſeculo dourais.
Pois, logo, em quanto a cithara ſonora
Se ſe eſtimar por o Mundo
Com ſom docto, e jucundo;
E em quanto produzir o Tejo, e o Douro,
Peitos de Marte, e Phebo, creſpo, e louro,
Terreis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII.

AQuelle unico exemplo
De fortaleza heroica, e ouſadia,
Que mereceo no Templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia,
O grão filho de Tethys, que dez anos

Fla-

Flagello foi dos miſeros Troianos:
Naõ menos enſinado
Foi nas hervas, e Medica policia,
Que deſtro, e coſtumado
No ſoberbo exercicio da Milicia:
Aſſi que as mãos que a tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.
E naõ ſe deſprezou
Aquelle fero, e indomito mancebo,
Das Artes que enſinou
Para o languido corpo o intonſo Phebo;
Que ſe o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar ſabia.
Taes Artes aprendeo
Do ſemiviro Meſtre, e docto velho,
Onde tanto creſceo
Em virtude, e em ſciencia, e em concelho,
Que Telepho por elle vulnerado,
Só delle pode ſer deſpois curado.
Pois vós, ó excellente
E illuſtriſſimo Conde, do Ceo dado
Para fazer preſente
De altos Heroes o ſeculo paſſado;
E em quem bem trasladada eſtá a memoria
De voſſos Aſcendentes a honra, e gloria:
Poſtoque o penſamento
Occupado tenhais na guerra infeſta,
Ou co' o ſanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar moleſta;
Ou co' o Cambaico, occulto imigo noſſo;
Que qualquer delles teme o nome voſſo:

Fa-

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles eſtimou:
Olhai que vos obriga
O ver que em voſſo tempo rebentou
O fructo de aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos naõ conhecem.
Olhai que em voſſos anos
Huma Orta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas, e protervas,
Medéa, e Circe, nunca conhecêram,
Poſtoque a lei da Magica excedêram.
E vede carregado
De annos, e traz a vária experiencia,
Hum velho, que enſinado
Das Gangeticas Muſas na ſciencia,
Podaliria ſubtil, e arte ſylveſtre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles Meſtre.
O qual eſtá pedindo
Voſſo favor, e amparo, ao grão volume,
Que impreſſo á luz ſahindo,
Dará da Medicina hum vivo lume;
E deſcobrir-nos-ha ſegredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.
Aſſi que naõ podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que ſe muito valeis
Na ſanguinoſa guerra Turca, e Maura,
Ajuda quem ajuda contra a morte;
E ſereis ſemelhante ao Grego forte.

ODE IX.

FOgem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores ſombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil cores teeem.
Zephyro brando eſpira;
Suas ſéttas amor affia agora;
Progne triſte ſuſpira,
E Philomela chora;
O Ceo da freſca terra ſe namora.
Já a linda Cytheréa
Vem, do coro das Nymphas rodeada;
A branca Paſitéa
Deſpida, e delicada,
Com as duas irmãas acompanhada.
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano eſtâ queimando,
Vaõ colhendo boninas
As Nymphas, e cantando;
A terra cõ' o ligeiro pé tocando.
Deſce do aſpero monte
Diana, já canſada da eſpeſſura,
Buſcando a clara fonte,
Onde por ſorte dura
Perdeo Actéo a natural figura.
Aſſi ſe vai paſſando
A verde Primavera, e o ſecco Eſtio;
O Outono vem entrando;

E logo o Inverno frio,
Que tambem paſſará por certo fio.
Ir-ſe-ha embranquecendo
Com a frigida neve o ſecco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro a Oriente.
Porque, em fim, tudo paſſa;
Naõ ſabe o tempo ter firmeza em nada:
E a noſſa vida eſcaſſa
Foge taõ apreſſada,
Que quando ſe começa he acabada.
Que ſe fez dos Troianos,
Heitor temido, Enéas piedoſo?
Conſumíram-te os annos,
O' Creſſo taõ famoſo,
Sem te valer teu ouro precioſo.
Todo o contentamento
Crias que eſtava em ter theſouro ufano!
Oh falſo penſamento,
Que á cuſta de teu dano
Do Sabio Solon creſte o deſengano!
O bem que aqui ſe alcança,
Naõ dura por poſſante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel, de outra ſorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
Porque, em fim, nada baſta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a deoſa caſta
Tornar á luz ſuperna

Hippolyto da eſcura ſombra averna.
Nem Theſeo esforçado,
Ou com manha, ou com força valeroſa,
Livrar póde o ouſado
Perithoo da eſpantoſa
Priſaõ Lethéa eſcura, e tenebroſa.

ODE X.

AQuelle moço fero
Nas Pelethronias covas doctrinado
Do Centauro ſevero;
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado:
Na agua fatal, menino
O lava a mãi, preſaga do futuro;
Para que ferro fino
Naõ paſſe o peito duro
Que de ſi meſmo a ſi ſe tem por muro.
A carne lhe endurece,
Porque naõ ſeja de armas offendida.
Cega! Pois naõ conhece
Que póde haver ferida
Na alma, e que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado
Dos Troianos paſſava arnez, e eſcudo,
Alli ſe vio paſſado
De aquelle ferro agudo
Do menino que em todos póde tudo.
Alli ſe vio captivo
Da captiva gentil que ſerve, e adora;

Alli ſe vio que vivo
Em vivo fogo mora,
Porque de ſeu Senhor a vê Senhora.
Já toma a branda lyra
Na mão, que a dura Pelias meneára;
Alli canta, e ſuſpira,
Naõ como lhe enſinára
O velho, mas o moço que o cegára.
Pois, logo, quem culpado
Será, ſe de pequeno offerecido
Foi todo a ſeu cuidado;
No berço inſtituido
A naõ poder deixar de ſer ferido?
Quem logo fraco infante,
De outro mais poderoſo foi ſujeito;
E para cego amante
Deſde o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?
Se agora foi ferido
Da penetrante ponta, e força de herva;
E ſe amor he ſervido
Que ſirva á linda ſerva,
Para quem minha Eſtrella me reſerva?
O geſto bem talhado;
O airoſo meneo, e a poſtura;
O roſto delicado,
Que na viſta figura
Que ſe enſina por arte a formoſura:
Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem naõ penetrar
Hum doce geſto attento,

Naõ

Naõ lhe he nenhum louvor viver iſento.
Aquelles cujos peitos
Ornou de altas ſciencias o deſtino,
Se víram mais ſujeitos
Ao cego, e vão menino,
Arrebatados do furor divino.
O Rei famoſo Hebreo,
Que mais que todos ſoube mais amou;
Tanto, que a deos alheo
Falſo ſacrificou.
Se muito ſoube, e teve, muito errou.
E o grão Sabio que enſina,
Paſſeando, os ſegredos da Sophia,
A' baixa concubina
Do vil Eunuco Hermia,
Aras ergueo, que aos deoſes ſó devia.
Aras ergue a quem ama
O Philoſopho inſigne namorado.
Doe-ſe a perpétua fama,
E grita que culpado
Da leſa divindade he accuſado.
Já foge donde habita;
Já paga a culpa enorme com deſterro.
Mas, oh grande deſdita!
Bem moſtra tamanho erro,
Que doctos corações naõ ſaõ de ferro.
Antes na altiva mente
No ſubtil ſangue, e engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente,
E conforme ſogeito,
Onde ſe imprima o brando, e doce effeito.

ODE

ODE XI.

NAquelle tempo brando
E que ſe vê do Mundo a formoſura,
Que Tethys deſcanſando
De ſeu trabalho eſtá, formoſa, e pura,
Canſava amor o peito
Do mancebo Peleo, de hum duro affeito.
Com impeto forçoſo
Lhe havia já fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoſo
Noto irado rebolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vaõ lambendo.
Eſperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma ſente,
Hum dia em que já Phebo
Começava a moſtrar-ſe ao Mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz ſeu theſouro.
Era no mez que Apolo
Entre os irmãos celeſtes paſſa o tempo:
O vento enfrêa Eolo,
Para que o deleitoſo paſſatempo
Seja quieto, e mudo;
Que a tudo amor obriga, e vence tudo.
O luminoſo dia
Os amoroſos corpos deſpertava
A' cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava;

On-

Onde o cego menino
Faz que os humanos crêam que he divino:
Quando a formoſa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na cryſtallina lympha
O corpo cryſtallino eſtá lavando;
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, ſe eſtá revendo.
O peito diamantino,
Em cuja branca teta amor ſe cria;
O geſto peregrino,
Cuja preſença torna a noite em dia;
A graçioſa boca
Que a amor com ſeus amores mais provoca.
Os rubijs gracioſos;
As pérolas que eſcondem vivas roſas
Dos jardijs deleitoſos,
Que o Ceo plantou em faces taõ formoſas;
O tranſparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
O ſubtil mantimento
Dos olhos, cuja viſta a amor cegou;
A amor, que com tormento
Glorioſo, nunca delles ſe apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino.
Os fios derramados
De aquelle ouro que o peito mais cobiça,
Donde amor enredados
Os coraçõens humanos traz, e atiça;
E donde com deſejo

Mais

Mais ardente começa a ſer ſobejo.
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno eſtava aconſelhado,
Vendo na terra o Ceo
Em taõ bella figura trasladado,
Mudo hũ pouco ficou,
Porque amor logo a falla lhe tirou.
Em fim, querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A viſta foi perder,
Porque de puro amor, amor naõ via:
Vio-ſe aſſi cego, e mudo,
Por a força de amor que póde tudo.
Agora ſe apparelha
Para a batalha, agora remettendo;
Agora ſe aconſelha,
Agora vai, agora eſtá tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova ſétta o peito vio ferido.
Remette o moço logo
Para onde eſtava a chaga ſem ſocego,
E co' o ſobejo fogo
Quanto mais perto eſtava, entaõ mais cego:
E cego, e co' hum ſuſpiro,
Na formoſa donzella emprega o tiro.
Vingado aſſi Peleo,
Naſceo deſte amoroſo ajuntamento
O forte Lariſſeo,
Deſtruiçaõ do Phrygio penſamento,
Que por naõ ſer ferido
Foi nas aguas Eſtygias ſubmergido.

ODE

ODE XII.

JA' a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitoſas;
Já de todo ſeccou
Candidos lirios, rubicundas roſas:
Fogem do grave ardor os paſſarinhos
Para o ſombrio amparo de ſeus ninhos.
Menea os altos freixos
A branda viraçaõ de quando em quando;
E de entre varios ſeixos
O líquido cryſtal ſahe murmurando;
As gottas que das alvas pedras ſaltam,
O prado, como pérolas, eſmaltam.
Da caça já canſada
Buſca a caſta Titanica a eſpeſſura;
Onde á ſombra inclinada
Logre o doce repouſo da verdura:
E ſobre o ſeu cabello ondado, e louro,
Deixe cahir o boſque o ſeu theſouro.
O Ceo deſimpedido
Moſtrava o lume eterno das Eſtrellas;
E de flores veſtido
O campo, brancas, roxas, e amarellas,
Alegre o boſque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porém como o menino
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cerco cryſtallino
For do amante de Clicie viſitado;

O boſque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo ſe ira moſtrando
Todo em creſpas eſcumas empolado:
O ſoberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
Lei he da natureza
Mudar-ſe deſta ſorte o tempo leve;
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; á elle á neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Eſtio.
Tudo, em fim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vê, quanto allumía;
Naõ ſe acha ſegurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-ſe as condições muda-ſe a idade,
A bonança, os eſtados, e a vontade.
Sómente a minha imiga
A dura condiçaõ nunca mudou;
Para que o Mundo diga
Que nella lei taõ certa ſe quebrou:
Em naõ ver-me ella ſó ſempre eſtá firme,
Ou por fugir de amor, ou por fugir-me.
Mas já ſoffrivel fora
Que em matar-me ella ſó moſtre firmeza,
Senaõ achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois ſempre o coraçaõ tenho turbado,

Sem-

Sempre de eſcuras nuvẽes rodeado.
Sempre exprimento os fios
Que em contino receo amor me manda;
Sempre os dous caudais rios,
Que em meus olhos abrio quem nos ſeus anda,
Correm, ſem chegar nunca o Veraõ brando,
Que tamanha aſpereza vá mudando.
O Sol ſereno, e puro,
Que no formoſo roſto reſplandece,
Envolto em manto eſcuro
Do triſte eſquecimento, naõ parece;
Deixando em triſte noite a triſte vida,
Que nunca de luz nova he ſoccorrida.
Porém ſeja o que for,
Mude-ſe por meu damno a natureza;
Perca a inconſtancia amor,
A fortuna inconſtante ache firmeza;
Tudo mudavel ſeja contra mi,
Mas eu firme eſtarei no que emprendi.

SEXTINAS.

SEXTINA I.

FOge-me pouco a pouco a curta vida;
Se por caſo he verdade que inda vivo.
Vai-ſe-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o paſſado; e em quanto fallo
Se me paſſam os dias paſſo a paſſo.
Vai-ſe-me, em fim, a idade, e fica a pena.
Que maneira taõ aſpera de pena!
Pois nunca hum'hora vio taõ longa vida,
Em que do mal, mover ſe viſſe hum paſſo.
Que mais me monta ſer morto que vivo?
Para que chóro, em fim? para que fallo,
Se lograr-me naõ pude de meus olhos?
Oh formoſos, gentîs, e claros olhos,
Cuja auſencia me move a tanta pena,
Quanta ſenaõ comprende em quanto fallo!
Se no fim de taõ longa, e curta vida,
De vós me inflammaſſe inda o raio vivo,
Por bem teria todo o mal que paſſo.
Mas bem ſei que primeiro o extremo paſſo

Me

Me ha de vir a cerrar os triſtes olhos,
Que amor me moſtre aquelles por quem vivo.
Teſtimunhas ſeraõ a tinta, e penna,
Que eſcrevêram de taõ moleſta vida
O menos que paſſei, e o mais que fallo.
Oh que naõ ſei que eſcrevo, nem que fallo!
Pois ſe de hum penſamento em outro paſſo,
Vejo taõ triſte genero de vida;
Que ſe lhe naõ valerem tantos olhos,
Naõ poſſo imaginar qual ſeja a penna
Que eſta pena traslade com que vivo.
Na alma tenho contino hum fogo vivo,
Que ſenaõ reſpiraſſe no que fallo,
Eſtaria já feita cinza a penna.
Mas ſobre a maior dor que ſoffro, e paſſo,
O tempéram com lagrimas os olhos,
Com que, ſe foge, naõ ſe acaba a vida.
Morrendo eſtou na vida, e em morte vivo;
Vejo ſem olhos, e ſem lingua fallo;
E juntamente paſſo gloria, e pena.

SEXTINA II.

A Culpa de meu mal ſó tem meus olhos,
Pois que deram a amor entrada na alma,
Para que perdeſſe eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que deſpois de vos pôr em tantos males
Dá por bẽes o perder por ella a vida?
Aſſaz de pouco faz quem perde a vida
Por condiçaõ taõ dura, e brandos olhos;

Pois

Pois de tal calidade ſaõ meus males,
Que o mais pequeno delles toca na alma.
Naõ ſe engane com moſtras de brandura
Quem quizer conſervar a liberdade.
Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoaſſe á triſte vida!)
Eſta que o falſo amor chama brandura.
Ai meus antes inigos, que meus olhos!
Que mal vos tinha feito eſta voſſa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?
Creſçam de dia em dia embora os males;
Perca-ſe embora a antigua liberdade;
Transforme-ſe em amor eſta triſte alma;
Padeça embora eſta innocente vida;
Que bem me pagam tudo eſtes meus olhos,
Quando de outros, ſe os vem, vem á brandura.
Mas como nelles póde haver brandura,
Se cauſadores ſaõ de tantos males?
Engano foi de amor, porque meus olhos
Deſſem por bem perdida a liberdade:
Já naõ tenho que dar ſenaõ a vida,
Se a vida já naõ deo, quem já deo a alma.
Que póde já eſperar quem a ſua alma
Captiva eterna fez de huma brandura,
Que quando vos dá morte diz que he vida?
Forçado me he gritar neſtes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.
Chorai, meus olhos, ſempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males dá mais vida.

SEXTI-

SEXTINA III.

OH triſte, oh tenebroſo, oh cruel dia,
Amanhecido ſó para meu damno!
Pudeſte-me apartar de aquella viſta
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah ſe o ſupremo foras deſta vida!
Que em ti ſe começára a minha gloria.
Mas como eu naõ naſci para ter gloria,
Senaõ pena que creſça cada dia,
O Ceo me eſtá negando o fim da vida,
Porque naõ tenha fim com ella o damno:
Para que nunca poſſa ſer contente,
Da viſta me tirou aquella viſta,
Suave, deleitoſa, alegre viſta,
Donde pendia toda a minha gloria,
Por quem na mór triſteza fui contente;
Quando ſerá que veja aquelle dia
Em que deixe de ver taõ grave damno;
E em que me deixe taõ penoſa vida?
Como deſejarei humana vida,
Auſente de hũa mais que humana viſta,
Que taõ glorioſo me fazia o damno!
Vejo o meu damno ſem a ſua gloria;
A' minha noite falta já ſeu dia:
Triſte tudo ſe vê, nada contente.
Pois ſem ti já naõ poſſo ſer contente,
Mal poſſo deſejar ſem ti a vida:
Sem ti já ver naõ poſſo claro dia:
Naõ poſſo ſem te ver deſejar viſta:

Na tua viſta ſó ſe via a gloria:
Naõ ver a gloria tua he ver meu damno.
Naõ via maior gloria que meu damno,
Quando do damno meu eras contente:
Agora me he tormento a maior gloria
Que póde prometter-me amor na vida,
Pois tornar-te naõ póde á minha viſta,
Que ſó na tua achava a luz do dia.
E pois de dia em dia creſce o damno,
Nem poſſo ſem tal viſta ſer contente,
Só com perder a vida acharei gloria.

SEXTINA IV.

SEmpre me queixarei deſta crueza
Que amor uſou comigo quando o tempo,
A pezar de meu duro, e triſte fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella viſta,
Por quem me contentava a triſte vida.
Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que naõ ſentira eſta crueza
De me ver apartado de tal viſta!
E praza a Deos naõ veja o proprio tempo
Em mi, ſem eſperança de remedio,
A deſeſperaçaõ de hum triſte fado!
Porém já acabe o triſte, e duro fado,
Acabe o tempo já taõ triſte vida,
Que em ſua morte ſó tem ſeu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois deſeſpero já de em algum tempo

Tornar a ver aquella doce viſta.
Duro amor, ſe pagava ſó tal viſta
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeſte que a levaſſe o tempo?
E tambem ſe o quizeſte, porque a vida
Me deixas para ver tanta crueza,
Quando em naõ vê-la ſó vejo o remedio?
Tu ſó de minha dor eras remedio,
Suave, deleitoſa, e bella viſta.
Sem ti, que poſſo eu ver ſenaõ crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Senaõ he conſentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar a muitos foi remedio;
E ſó naõ vôa para a minha vida.
Para que a quero eu ſem tua viſta?
Para que quer tambem o triſte fado
Que naõ acabe o tempo tal crueza?
Naõ poderáõ fazer crueza, ou tempo,
Força de fado, ou falta de remedio,
Que eſſa viſta me eſqueça em toda a vida.

ELEGIAS.

ELEGIA I.

O Poeta Simonides fallando
Co' o Capitam Themiſtocles hum dia,
Em couſas de ſciencia praticando;
Hum'arte ſingular lhe promettia,
Que entaõ cumpunha, com que lhe enſinaſſe
A lembrar-ſe de tudo o que fazia;
Onde taõ ſubtis regras lhe moſtraſſe,
Que nunca lhe paſſaſſem da memoria
Em nenhum tempo as couſas que paſſaſſe.
Bem merecia, certo, fama, e gloria,
Quem dava regra contra o eſquecimento
Que ſepulta qualquer antigua hiſtoria.
Mas o Capitam claro, cujo intento
Bem differente eſtava, porque havia,
Do paſſado as lembranças, por tormento;
Oh illuſtre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que moſtras á memoria nova via;
Se me déſſes hum'arte, que em meus dias

Me naõ lembraſſe nada do paſſado,
Oh quanto melhor obra me farias!
Se eſte excellente dito ponderado
Foſſe por quem ſe viſſe eſtar auſente,
Em longas eſperanças degradado;
Oh como bradaria juſtamente,
Simonides inventa novas artes,
Naõ midas o paſſado co' o preſente!
Que ſe he forçado andar por várias partes,
Buſcando á vida algum deſcanço honeſto,
Que tu, fortuna injuſta, mal repartes;
E ſe o duro trabalho, he manifeſto
Que por grave que ſeja ha de paſſar-ſe
Com animoſo eſprito, e ledo geſto;
De que ſerve ás peſſoas o lembrar-ſe
Do que ſe paſſou já, pois tudo paſſa,
Senaõ de entriſtecer-ſe, e magoar-ſe?
Se em outro corpo hum'alma ſe traſpaſſa,
Naõ como quiz Pythagoras na morte,
Mas como o quer amor na vida eſcaſſa;
E ſe eſte amor no Mundo eſtá de ſorte,
Que na virtude ſó de hum lindo objecto
Tem hum corpo ſem alma vivo, e forte;
Onde eſte objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida que já nella
Me eſtá chamando á pena a dura Alecto;
Porque me naõ criára a minha Eſtrella
Selvatico no Mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro della?
Ou no Caucaſo horrendo fraco infante,
Criado ao peito de huma tigre Hircana,

Ho-

Homem fora formado de diamante?
Porque a cerviz ferina, e inhumana,
Naõ ſubmettêra ao jugo, e dura lei,
De aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas que eſtilei,
As que paſſei do mar, foram do Lete,
Para que me eſquecêra o que paſſei.
Porque o bem que a eſperança váa promette,
Ou a morte o eſtorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Já, Senhor, cahirá como a lembrança
No mal do bem paſſado he triſte, e dura,
Pois naſce aonde morre a eſperança.
E ſe quizer ſaber como ſe apura
Em almas ſaudoſas, naõ ſe enfade
De ler taõ longa, e miſera eſcriptura.
Soltava Eolo a rede, e liberdade,
Ao manſo Favonio brandamente,
E eu a tinha já ſolta á ſaudade.
Neptuno tinha poſto o ſeu tridente;
A proa a branca eſcuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O Coro das Nereidas nos ſeguia;
Os ventos, namorada Galatéa,
Comſigo ſocegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopéa
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agua ſocegada,
E a agua ſem ſocego nos meus olhos.

A bemaventurança já paſſada,
Diante de mi tinha taõ preſente,
Como ſenaõ mudaſſe o tempo nada.
E com o geſto immoto, e deſcontente,
Co' hum ſuſpiro profundo, e mal ouvido,
Por naõ moſtrar meu mal a toda a gente;
Dizia: Oh claras Nymphas! Se o ſentido
Em puro amor tiveſtes, e inda agora
Da memoria o naõ tendes eſquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o gráo Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas arêas rico fruto;
Nellas, em verſo erotico, e elegante,
Eſcrevei co' huma concha o que em mi viſtes,
Póde ſer que algum peito ſe quebrante.
E contando de mi memorias triſtes,
Os Paſtores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouviſtes.
Ellas, que já no geſto me entendiam,
Nos meneos das ondas me moſtravam
Que em quanto lhes pedia conſentiam.
Eſtas lembranças que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triſte me deixavam.
Porque chegando ao Cabo da Eſperança,
Começo da ſaudade, que renova,
Lembrando a longa, e aſpera mudança:
Debaixo eſtando já da Eſtrella nova,

Que

Que no novo Hemiſpherio reſplandece,
Dando do ſegundo axe certa prova;
Eis a noite com nuvées ſe eſcurece;
Do ar ſubitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano ſe embravece.
A máchina do Mundo parecia,
Que em tormentas ſe vinha desfazendo;
Em ſerras todo o mar ſe convertia.
Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempeſtades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido aſſoviavam;
Os marinheiros, já deſeſperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, e aſpero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de aſſombrados.
Amor alli, moſtrando-ſe poſſante,
E que por algum medo naõ fugia,
Mas quanto mais trabalho mais conſtante;
Vendo a morte preſente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembraſſe,
Nada do que paſſei me lembraria.
Em fim, nunca houve couſa que mudaſſe
O firme amor intrinſeco de aquelle,
Em quem alguma vez de ſiſo entraſſe.
Huma couſa, Senhor, por certa aſſelle,
Que nunca amor ſe affina, nem ſe apura,
Em quanto eſtá preſente a cauſa delle.
Deſta arte me chegou minha ventura
A eſta deſejada, e longa terra,

De todo pobre honrado ſepultura.
Vi quanta vaidade em nós ſe encerra,
E nos proprios quaõ pouca, contra quem
Foi logo neceſſario termos guerra.
Huma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e ſuccedeo-nos bem.
Com huma groſſa armada, que juntára
O Viſo-Rei, de Goa nos partimos,
Com toda a gente de armas que ſe achára.
E com pouco trabalho deſtruimos
A gente no curvo arco exercitada,
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que ſe andava em almadias;
Em fim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos ſós dous dias,
Que foram para algũus os derradeiros,
Pois paſſáram de Eſtyge as ondas frias.
Que eſtes ſaõ os remedios verdadeiros
Que para a vida eſtaõ apparelhados
Aos que a querem ter por cávalleiros.
Oh Lavradores bemaventutados!
Se conheceſſem ſeu contentamento,
Como vivem no campo ſocegados!
Dá-lher a juſta terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem ſuas ovelhas cento a cento.
Naõ vem o mar irado, a noite eſcura,
Por ir buſcar a pedra do Oriente;
Naõ temem o furor da guerra dura.

Vive hum com ſuas arvores contente,
Sem lhe quebrar o ſomno repouſado
A grão cobiça de ouro reluzente.
Se lhe falta o veſtido perfumado,
E da formoſa côr de Aſſyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado:
Senaõ tem as delicias de Corinto,
E ſe de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a eſmeralda, e o jacinto:
Se ſuas caſas, de ouro naõ ſe eſmaltam,
Eſmalta-ſe-lhe o campo de mil flores
Onde os cabritos ſeus comendo ſaltam.
Alli lhe móſtra o campo várias cores;
Vem-ſe os ramos pender co' o fructo ameno;
Alli ſe affina o canto dos Paſtores.
Alli cantára Tityro, e Sileno:
Em fim, por eſtas partes caminhou
A sãa juſtiça para o Ceo ſereno.
Ditoſo ſeja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das manſas ovelhinhas que criou.
Eſte, bem facilmente alcançaria
As cauſas naturaes de toda couſa;
Como ſe géra a chuva, e neve fria:
Os trabalhos do Sol, que naõ repouſa;
E porque nos dá a Lũa a luz alhèa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ouſa:
E como trõ depreſſa o Ceo rodêa;
E como hum ſó os outros traz comſigo;
E ſe he benigna ou dura Cytheréa.
Bem mal póde entender iſto que digo,

Quem

Quem ha de andar ſeguindo o fero Marte,
Que ſempre os olhos traz em ſeu perigo.
Porém ſeja, Senhor, de qualquer arte;
Pois poſtoque a fortuna poſſa tanto,
Que taõ longe de todo o bem me aparte;
Naõ poderá apartar meu duro canto
Deſta obrigaçaõ ſua, em quanto a morte
Me naõ entrega ao duro Radamanto;
Se para triſtes ha taõ léda ſorte.

ELEGIA II.

AQuella que de amor deſcomedido
Por o formoſo moço ſe perdeo,
Que ſó por ſi de amores foi perdido:
Deſpois que a deoſa em pedra a converteo,
De ſeu humano geſto verdadeiro,
A ultima voz ſó lhe concedeo.
Aſſi meu mal do proprio ſer primeiro,
Outra couſa nenhuma me conſente,
Que eſte canto que eſcrevo derradeiro.
E ſe huma pouca vida eſtando auſente
Me deixa amor, he porque o penſamento
Sinta a perda do bem de eſtar preſente.
Senhor, ſe vos eſpanta o ſoffrimento
Que tenho em tanto mal para eſcrevê-lo,
Furto eſte breve eſpaço a meu tormento.
Porque quem tem poder para ſoffrê-lo,
Sem ſe acabar a vida, co'o cuidado,
Tambem terá poder para dizê-lo.
Nem eu eſcrevo hum mal já acoſtumado;

Mas

Mas na alma minha triſte, e ſaudoſa,
A ſaudade eſcreve, e eu traslado.
Ando gaſtando a vida trabalhoſa,
E eſparzindo a contínua ſoidade
Ao longo de huma praia ſoidoſa.
Vejo do mar a inſtabilidade,
Como com ſeu ruido impetuoſo
Retumba na maior concavidade.
De furibundas ondas poderoſo,
Na terra, a ſeu pezar, eſtá tomando
Lugar em que ſe eſtenda cavernoſo.
Ella, como mais fraca, lhe eſtá dando
As concavas entranhas, onde eſteja
Sempre com ſom profundo ſuſpirando.
A todas eſtas couſas tenho inveja
Tamanha, que naõ ſei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal deſeſperar-me,
Naõ poſſo, porque amor, e ſaudade,
Nem licença me daõ para matar-me.
A vezes cuido em mi, ſe a novidade,
E eſtranheza das couſas, co'a mudança,
Poderiam mudar huma vontade.
E com iſto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A eſtrangeira progenie, a eſtranha uſança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altiſſimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
De alli eſtou tanteando adonde vio
O pomar das Heſperidas matando

A ſerpe que a ſeu paſſo reſiſtio.
Eſtou-me em outra parte figurando
O poderoſo Anthéo, que derribado
Mais força ſe lhe vinha accreſcentando.
Porém do Herculeo braço ſobjugado,
No ar deixando a vida, naõ podendo
Dos ſoccorros da mái ſer ajudado.
Mas nem com iſto, em fim, q̃ eſtou dizendo.
Nem com as armas taõ continuadas,
De amoroſas lembranças me defendo.
Todas as couſas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro naõ conſente
Que eſtejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera de contente,
Em variadas cores reveſtia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a harmonía,
Que até duros penedos convidava
A algum ſuave modo de alegria.
Vi já, que tudo, em fim, me contentava,
E que, de muito cheo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres naõ trocava.
Tal me tem a mudança, e eſtranheza,
Que ſe vou por os prados, a verdura
Parece que ſe ſécca, de triſteza.
Mas iſto he já coſtume da ventura;
Porque aos olhos que vivem deſcontentes,
Deſcontente o prazer ſe lhes figura.
Oh graves, e inſoffriveis accidentes
De fortuna, e de amor! Que penitencia
Taõ grave dais aos peitos innocentes!

Naõ baſta examinar-me a paciencia
Com temores, e falſas eſperanças,
Sem que tambem me tente o mal de auſencia?
Trazeis hum brando eſpirito em mudanças,
Para que nunca poſſa ſer mudado
De lagrimas, ſuſpiros, e lembranças.
E ſe eſtiver ao mal acoſtumado,
Tambem no mal naõ conſentís firmeza,
Para que nunca viva deſcanſado.
Já quieto me achava co' a triſteza,
E alli naõ me faltava hum brando engano,
Que tiraſſe deſejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado, eſtar ufano,
Deo á roda a fortuna, e deo comigo,
Onde de novo chóro o novo dano.
Já deve de baſtar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo,
A quem já vio taõ aſpero perigo.
E ſe nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado, e deſcontente,
Que obriga a quem o ouve a conſolá-lo;
Naõ quero mais ſenaõ que largamente,
Senhor, me mandeis novas della terra,
Que alguma dellas me fará contente.
Porque ſe o duro fado me deſterra
Tanto tempo do bem, que o fraco eſprito
Deſampare a priſaõ onde ſe encerra;
Ao ſom das negras aguas de Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Cantarei o que na alma tenho eſcrito.
E por entre eſtes horridos penedos,

A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos aſperos, e medos;
Com a trémula voz, canſada, e fria,
Celebrarei o geſto claro, e puro,
Que nunca perderei da phantaſia.
O Muſico de Thracia já ſeguro
De perder ſua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar eſcuro.
As namoradas ſombras, revolvendo
Memorias do paſſado, me ouviráõ;
E com ſeu choro o rio irá creſcendo.
Em Salmonéo as penas faltaráõ,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vaſos ſe encheráõ.
Que ſe amor naõ ſe perde em vida auſente,
Menos ſe perderá por morte eſcura:
Porque, em fim, a alma vive eternamente;
E amor he effeito da alma, e ſempre dura.

ELEGIA III.

O Sulmonenſe Ovidio deſterrado
Na aſpereza do Ponto, imaginando
Ver-ſe de ſeus Penates apartado:
Sua chara mulher deſamparando,
Seus doces filhos, ſeu contentamento;
De ſua Patria os olhos apartando:
Naõ podendo encobrir o ſentimento,
Aos montes já, já aos rios ſe queixava
De ſeu eſcuro, e triſte naſcimento.
O curſo das Eſtrellas contemplava,

E aquella ordem com que diſcorria
O Ceo, e o ar, e a terra adonde eſtava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Com o ſeu natural lhes permittia.
De ſuas fontes via eſtar naſcendo
Os ſaudoſos rios de cryſtal,
A' ſua natureza obedecendo.
Aſſi ſó de ſeu proprio natural
Apartado ſe via em terra eſtranha,
A cuja triſte dor naõ acha igual.
Só ſua doce Muſa o acompanha,
Nos ſoidoſos verſos que eſcrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Deſta arte me figura a phantaſia
A vida com quem morro, deſterrado
Do bem que em outro tempo poſſuia.
Aqui contemplo o goſto já paſſado,
Que nunca paſſará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca, e debil gloria
Deſenganar meu erro co' a mudança
Que faz a fragil vida tranſitoria.
Aqui me repreſenta eſta lembrança
Quaõ pouca culpa tenho: me entriſtece
Ver ſem razaõ a pena que me alcança.
Que a pena que com cauſa ſe padece,
A cauſa tira o ſentimento della;
Mas muito doe a que ſe naõ merece.
Quando a roxa manhãa, dourada, e bella,
Abre as portas ao Sol, e cahe o orvalho,

E torna a ſeus queixumes Philomela;
Eſte cuidado que co' o ſomno atalho,
Em ſonhos me parece, que o que a gente
Por ſeu deſcanſo tem me dá trabalho.
E deſpois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, deſacordado,
Que pouco acordo logra hum deſcontente)
De aqui me vou, com paſſo carregado,
A hũ outeiro erguido, e alli me aſſento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.
Deſpois de farto já de meu tormento,
Eſtendo eſtes meus olhos ſaudoſos
A' parte donde tinha o penſamento.
Naõ vejo ſenaõ montes pedregoſos;
E ſem graça, e ſem flor, os campos vejo,
Que já floridos víra, e gracioſos.
Vejo o puro, ſuave, e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vaõ pondo em doce effeito o ſeu deſejo.
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cryſtallinas aguas apartando.
De alli fallo com a agua que naõ ſente,
Com cujo ſentimento eſta alma ſai
Em lagrimas desfeita claramente.
O' fugitivas ondas, eſperai;
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos eſtas lagrimas levai.
Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo,
Mas tanto tempo, quem o paſſaria?

Naõ póde tanto bem chegar taõ cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que ſe acabe taõ aſpero degredo.
Mas eſſa triſte morte que virá,
Se em taõ contrário eſtado me acabaſſe,
Eſta alma aſſi impaciente adonde irá?
Que ſe ás portas Tartaricas chegaſſe,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao paſſar do Lethe lhe paſſaſſe.
Que ſe a Tantalo, e Ticio for notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem teraõ por gloria.
Eſſa imaginaçaõ, em fim, me augmenta
Mil mágoas no ſentido, porque a vida
De imaginações triſtes ſe contenta.
Que pois de todo vive conſumida,
Porque o mal que poſſue ſe reſuma,
Imagina na gloria poſſuida.
Até que a noite eterna me conſuma,
Ou veja aquelle dia deſejado
Em que a fortuna faça o que coſtuma;
Se nella ha hi mudar-ſe hum triſte eſtado.

ELEGIA IV.

DEſpois que Magalhães teve tecida
A breve hiſtoria ſua, que illuſtraſſe
A Terra Sancta Cruz, pouco ſabida:
Imaginando a quem a dedicaſſe,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro de algum zoilo que ladraſſe:

Tendo niſto occupada a phantaſia,
Lhe ſobreveio hum ſomno repouſado,
Antes que o Sol abriſſe o claro dia.
Em ſonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furioſa,
Com que fez quem o vio todo enfiado.
Dizendo, em voz pezada, e temeroſa;
Naõ he juſto que a outrem ſe offereça
Obra alguma que poſſa ſer famoſa,
Senaõ a quem por armas reſplandeça
No largo Mundo com tal nome, e fama,
Que louvor immortal ſempre mereça.
Diſſe aſſi; quando Apollo, que da flama
Celeſte guia os carros, de outra parte,
Se lhe preſenta, e por ſeu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, poſtoque Marte
Com ſeu terror te eſpante, todavia
Comigo deves ſó de aconſelhar-te.
Hum Varaõ ſapiente, em quem Thalia
Poz ſeus theſouros, e eu minha ſciencia,
Defender tuas obras poderia.
He juſto que a eſcriptura na prudencia
Ache ſó defenſaõ; porque a dureza
Das armas he contrária da eloquencia.
Aſſi diſſe: e tocando com deſtreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que ſempre coſtumou
Pacificar porfias duvidoſas,
Co' o Caducêo na mão, que ſempre uſou,
Determina compôr as perigoſas

Opi-

Opiniões dos deoſes inimigos
Com ſuaves razões, e ponderoſas.
E diſſe: Bem ſabemos dos antigos
Heroes, e dos modernos, que prováram
De Belona os graviſſimos perigos;
Como tambem mil vezes concordáram
As armas com as letras, porque as Muſas
A muitos na milicia acompanháram.
Nunca Alexandre, ou Ceſar, nas confuſas
Guerras o eſtudo deixam grande eſpaço;
Que as armas já mais delle ſaõ eſcuſas.
N'huma mão livros, n'outra ferro, e aço;
Aquella rege, e enſina; eſt'outra fere:
Mais co' o ſaber ſe vence, que co' o braço.
Pois, logo, hum Varaõ grande ſe requere,
Que com teus dões (Apollo) illuſtre ſeja;
E de ti (Marte) palma, e gloria eſpere.
Eſte vos darei eu, em quem ſe veja
Saber, e esforço, no ſereno peito;
Que he hum Leoniz q̃ faz ao Mundo inveja.
Deſte as Irmãas em vendo o bom ſogeito,
Todas nove nos braços o tomáram,
Criando-o co' o ſeu leite no ſeu leito.
As Artes, e as Sciencias lhe enſináram,
Inclinaçaõ divina lhe influíram
A's virtudes moraes que logo o ornáram.
De aqui nos exercicios o ſeguíram
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum ſoldado gentil inſtituíram.
Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Que, de Chriſtão magnanimo, e ſeguro,

A ſi meſmo venceo por derradeiro.
Deſpois, já Capitam forte, e maduro,
Governando toda a Aurea Cherſoneſo,
Lhe defendeo co' o braço o debil muro.
Porque vindo a cercá-la todo o peſo
Do poder dos Achées, que ſe ſuſtenta
De alheo ſangue, em furia todo acceſo;
Eſte ſó que a ti, Marte, repreſenta,
O caſtigou de ſorte, que vencido
De ter quem vivo ſique ſe contenta.
E logo que eſte Reino defendido
Deixou; ſegunda vez, com maior gloria,
Para o ir governar foi elegido.
Mas naõ perdendo ainda da memoria,
Os amigos o ſeu governo brando,
Os imigos o damno da victoria;
Hũus com amor intrinſeco eſperando
Eſtaõ por elle; e os outros congelados
O eſtaõ com frio medo receando.
Vede, pois, ſe ſeriam debellados
Por ſeu claro valor, ſe lá tornaſſe,
E dos Indicos mares degradados.
Porque he juſto que nunca lhe negaſſe
O conſelho do Olympo alto, e ſubido,
Favor, e ajuda com que pelejaſſe.
Aqui ſó póde ſer bem dirigido
De Magalhães o eſtudo: eſte ſó deve
Ser de vós, claros deoſes, eſcolhido.
Aſſi Mercurio diſſe; e em termo breve
Conformados ſe vem Apollo, e Marte;
E voou juntamente o ſomno leve.

Acor-

Acorda Magalhães, e já ſe parte
A offrecer-vos, Senhor claro, e famoſo,
Tudo o que nelle poz ſciencia, e arte.
Tem claro eſtylo, e engenho curioſo,
Para poder de vós ſer recebido
Com mão benigna de animo amoroſo.
Pois ſe ſó de naõ ſer favorecido
Hum alto eſprito, fica baixo, e eſcuro,
Eſte ſeja comvoſco defendido;
Como o foi de Malaca o debil muro.

ELEGIA V.

AQuelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo eſpirito inflammado
Do cryſtallino roſto tranſparente:
Aquelle geſto immoto, e repouſado,
Que eſtando na alma propriamente eſcrito,
Naõ póde ſer em verſo trasladado:
Aquelle parecer, que he infinito
Para ſe comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito:
Tanto a inflámar-me vem de hũ doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantaſia,
Que naõ vi maior gloria que meu dano.
Oh bemaventurado ſeja o dia
Em que tomei taõ doce penſamento,
Que de todos os outros me deſvia!
E bemaventurado o ſoffrimento
Que ſoube ſer capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da cauſa o entendimento.

Fa-

Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, deſamores;
Que entaõ me ſalva quando me condena.
E ſe de taõ ſuaves desfavores,
Penando vive hum'alma conſumida;
Oh que doce penar! Que doces dores!
E ſe huma condiçaõ endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! Que doce vida!
E ſe me moſtra hum geſto lindo humano,
Como que de meu mal culpada ſe acha,
Oh que doce mentir! Que doce engano!
E ſe em querer-lhe tanto ponho tacha,
Moſtrando refrear o penſamento,
Oh que doce fingir! Que doce cacha!
Aſſi que ponho já no ſoffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo tormento.
Se ſinto tanto bem ſó co'a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ſer voſſa victoria?
Se tanto a voſſa viſta mais namora,
Quanto eu ſou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede eſte bem de conhecer-vos,
E conſiſte o vencer em ſer vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido,
Só na viſta de hũus olhos taõ ſerenos,
Que quero eu mais ganhar que ſer perdido?
Se, em fim, os meus eſpritos, de pequenos,

A merecer naõ chegam ſeu tormento,
Que quero eu mais, que o mais naõ ſeja menos?
A cauſa, pois, me esforça o ſoffrimento;
Porque, a pezar do mal que me reſiſte,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razaõ faz a pena alegre, ou triſte.

ELEGIA VI.

ENtre ruſticas ſerras, e fragoſas,
Compoſtas de aſperiſſimos rochedos,
De ſalitradas lapas cavernoſas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca, e fria,
Brotando eſtaõ de ſi mil arvoredos;
Huma floreſta fez verde, e ſombria,
A natureza experta, que rodêa
Como elevado muro a ſerrania.
Neſte formoſo ſitio ſe recrêa
O laſcivo Cupido entre as boninas,
Que ſempre hum brando Zephyro menêa.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da ſalva, mangerona, e das moſquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas;
Muitas capellas tece, que de ſetas
Lhe ſervem contra peitos de donzellas,
A quem de inveja traz ſempre inquietas.
Naõ ſaõ de huma ſó côr as flores bellas,
Que humas eſmalta verde, outras roſado,
Entre as azues creſcendo as amarellas.
Dos agreſtes loureiros rodeado

Faz

Faz o valle huma ſombra deleitoſa,
Quando apparece o Sol mais levantado.
E por cima da relva bem gracioſa,
As gottas de cryſtal quaſi imitando
Eſtaõ do aljofar puro a luz formoſa.
As cryſtallinas fontes, que brotando
Por entre alvos ſeixinhos ſe derivam,
Das arvores os troncos vaõ banhando.
Entre as limpidas aguas, que inda eſquivam
O formoſo Paſtor que ſe perdeo
Preſo das falſas moſtras que o captivam;
Creſce a por cuja cauſa ſe eſqueceo
A linda Cytheréa de Vulcano,
Quando preſa de amor ſe lhe rendeo.
Na brancura do roſto ſoberano,
Inda as cruéis feridas apparecem
Do javalí cerdoſo, e deshumano.
As roſas que de ſangue reſplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual roxo eſmalte á viſta bem ſe offrecem.
Do matutino orvalho rociadas
As flores rutilantes, e cheiroſas,
Eſtaõ como por cima prateadas.
Os humidos botões abrindo as roſas,
Que os agudos eſpinhos vaõ cercando,
No prado ſe vem rindo delicioſas.
A mellifera abelha ſuſurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Eſtá co' o ſom das aguas concertando.
Do trémulo regato a branda arêa
De jacinthos ſe cobre, e de vieiras,

Que

Que encreſpam da corrente a branca vêa.
Os alamos ſe abraçam co' as videiras
De ſorte que ſe enxerga eſcaſſamente
Se ſaõ os cachos ſeus, ſe das parreiras,
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoſo boſque debuxando
Eſtaõ no fundo della brandamente.
Ouve-ſe o rouxinol aqui lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Mágoas em melodías transformando.
A ſolitaria rola com ſoidade
Desfaz o rouco peito já canſada
De que naõ move a morte a piedade.
A domeſtica Progne anda banhada
No ſangue de ſeus filhos, em vingança
Da triſte Philomena profanada.
De competir co' o merlo naõ deſcança
O gárrulo calhandro, que enrouquece
Por naõ perder callado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajunta, e tece
O ſonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
Algũus verſos ſe eſcuta derramando
O vário pintaſirgo, taõ ſaudaveis,
Que produzem memorias de amor brando.
Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; algũus de antigua hiſtoria,
Que contra o duro tempo ſaõ duraveis.
Hũus de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme á liberdade do que eſcreve,
Eſtranhos caſos moſtram á memoria.

O que neſte lugar contente eſteve,
Contente declarou ſeu penſamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.
Mas outros declarando o ſentimento
Que dos olhos deſtila triſtes agoas
Deixáram mil lembranças de tormento.
Abrazando-ſe algũus em vivas fragoas,
Eſcrevêram, do boſque em muitas partes,
Goſtos de amor agora, agora mágoas.
Porque, cruel menino, o premio partes,
A quem ſerás tyranno ſe lho negas;
E injuſto, e deſigual, ſe lho repartes?
Porque enganas as almas que taõ cegas
Arraſtas apoz ti, de error captivas?
Porque a cruéis rigores as entregas?
Para que contra hum peito aſſi te eſquivas,
Que humilde ſe ſujeita a teu cuidado,
Com enganos de ſombras fugitivas?
Levas como a menino hum pobre a nado,
N'huma apparencia falſa embevecido,
Quando co' os braços corta o mar inchado.
Querendo-ſe tornar, vê-ſe perdido,
Já grita que ſe affoga, e tu zombando
Da praia entre os penedos eſcondido.
O triſte, que conhece ir-ſe affogando,
No meio da arriſcada zombaria,
Por divino ſoccorro eſtá clamando.
Mas eu de que me eſpanto, ſe dizia
Hum Sabio, que de enganos ſe temeſſe
O que tomaſſe a hum cego tal por guia?
Nunca nelle a firmeza permanece;

Se

Se nos dá goſto algum, muda-ſe logo;
Já chora, já ſe ri, já ſe enfurece.
Anda co' os coraçõés ſempre em hum jogo;
Humas vezes os faz de dedra fria,
Outras os faz de neve, outras de fogo.
Tornando ao boſque meu, que deſcrevia,
Deſpois de ter contado da freſcura
Que nelle taõ pompoſa apparecia;
Referir quero agora huma aventura
Que nelle ao vão Narciſo aconteceo,
Digna de ſe chorar com mágoa pura.
Caſtigo foi que o moço mereceo
Por ſe moſtrar eſquivo com aquella
Que em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo da alma a váa donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciſo
Quando ella mais ſe abraza, mais congella.
E quando a fraca Nympha mais de ſiſo
Moſtrava hum ſignal certo de firmeza,
Entaõ ſe provocava o moço a riſo.
Já de huma profundiſſima triſteza
A deſcora o rigor que a conſumia.
Como diz desfavor mal com belleza!
O gelado Paſtor folgava, e ria;
Mas vendo-a de ſeu goſto andar contente,
Por naõ a contentar ſe entriſtecia.
He tal o ſeu rigor que naõ conſente
Que ſeja o goſto proprio feſtejado,
Antes diſſo ſe moſtra deſcontente.
Mas o cego Cupido, de affrontado,
Em vingança da fé que deſprezou,

Fez

Fez que foſſe de ſi meſmo enganado.
Caſualmente hum dia ſe chegou
A beber n'huma fonte cryſtallina,
Que de ſi nova ſede lhe cauſou.
Vendo a ſua figura peregrina,
Que a fonte dentro em ſi repreſentava,
Se perdeo por imagem taõ divina.
Como já, de elevado, naõ cuidava
Nos enganos que a ſombra lhe fazia,
Vendo o formoſo roſto, ſuſpirava.
Por as avaras aguas ſe metia,
E quanto mais molhava os tenros braços,
Entaõ mais vivamente o fogo ardia.
Vendo-ſe aſſi prender em duros laços,
Ao ſentimento obriga a paciencia,
Dando fóra de ſi ao vento abraços.
Embevecido todo na apparencia,
Sem ſaber do cuidado o que ſentia,
Naõ fez ao doce engano reſiſtencia.
Ao ver-ſe longe mais, mais perto via
O peregrino geſto; e ſe chegava,
Entaõ para mais longe lhe fugia.
Vendo, em fim, como em tudo o remedava;
Cahio no torpe engano que tivera,
A tempo que de ſi já preſo eſtava.
A belleza que a tantas morte dera,
De ſi meſma ſe abraza, e ſe captiva.
Quaõ longe entaõ de ſi ver-ſe quizera!
Ella ſe abranda propria; ella ſe eſquiva;
E ſendo ella ſómente a que ſe amava,
Ella ſe chama ingrata, e fugitiva.

A formoſura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era ſeguida,
Que eſtando dentro em ſi mui longe eſtava.
A ſolitaria Nympha, que eſcondida
Já nas cavernas concavas ſe via,
Dos males que lhe ouvio foi cõmovida.
Das namoradas mágoas que dizia
O namorado moço, ella ſómente
Os ultimos accentos repetia.
Elle vendo-ſe eſtar alli preſente,
As cryſtallinas aguas accuſava
De que ellas o faziam deſcontente.
Outras vezes á fonte quando a olhava
Já cego, e ſem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe moſtrava.
Mas vendo que ella em nada ſe doia
De ſeu grave tormento, grita, e chora.
Quanto erra quem de ſombras ſe confia!
Já lhe pede que ſaia para fóra,
Ignorando que ſempre fóra eſteve
A belleza que nelle proprio mora.
Deſpois que longo eſpaço ſe deteve
Neſtes queixumes ſeus taõ laſtimoſos,
Que com taõ longo ſer julgou por breve;
Co' os olhos, bellos ſi, mas lagrimoſos,
Do valle ſe deſpede, e da eſpeſſura,
Dando ſoluços da alma vagaroſos.
Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de ſeus enganos,
Ao centro ſe arrojou da fonte pura.
Deſta arte fenceo em tenros anos

Narciſo, dando exemplo á formoſura,
De que tema, ſe he tal, tambem ſeus danos.
Sentimento moſtrou da ſorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flor purpurea, que inda dura.
Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por ſeus amores ſe perdeo,
Eſtá deſpois da morte acompanhando.
Tanto no ſeu engano procedeo,
Que naõ ſabe na morte inda apartar-ſe
Dos erros que na vida commetteo.
Bem póde o coraçaõ deſenganar-ſe,
Que o fogo de hũ querer na alma inflammado,
Naõ coſtuma na morte resfriar-ſe.
Porque deſpois do corpo ſepultado,
Priſaõ onde ſe encerra o fraco eſprito,
Eternamente chora o ſeu cuidado.
E das eſcuras aguas de Cocito,
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo geſto na alma eſcrito.
Lá ſe eſtá co' os favores recreando:
E ſe foi deſprezado, lá padece,
As duras eſquivanças lamentando.
Nem dos avaros olhos lá ſe eſquece,
Que de formoſo verde a terra eſmaltam,
Por naõ ver os do triſte que endoudece.
Aſſi que os desfavores nunça faltam
Até deſpois da morte perſeguindo
Hum triſte coraçaõ que desbaratam.
Triſte de quem em vão lhe vai fugindo!

ELE-

ELEGIA VII.

AO pé de hum'alta faia vi ſentado,
N'hum valle deleitoſo, e bem florido,
A Almeno, Paſtor triſte, e namorado.
Outro no Mundo póde haver naſcido
Taõ queixoſo de amor; porém naõ tanto
Como eſte amante por amar perdido.
Já Venus hia recolhendo o manto
Eſcuro, com que a terra ſe moſtrava,
Para ajudar de Almeno o triſte pranto.
Apollo ſobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziam
Ao triſte indà mais triſte do que eſtava.
As flores por o prado ſe eſtendiam,
E das que finas mais eram as cores,
As brancas roxas Nymphas mais colhiam.
Já guiavam ſeus gados os Paſtores,
Que deixando-os no campo deleitoſo,
Com ellas praticavam ſó de amores.
Mas era eſta alegria hum perigoſo
Eſtado para Almeno entriſtecido,
E por iſſo a deixava preſuroſo.
Buſcando outro lugar, contra Cupido
Claramente exclamava, e o arguia
De contrário, de aſtuto, e fementido.
De quando em quando a frauta que tangia,
Numeros dava ao ar taõ docemente,
Que as aves provocava a melodia.
Cego aſſi deſta dor, deſte accidente,

Com

Com os olhos em lagrimas banhados,
Poſtos no Ceo, dizia triſtemente:
Se, amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque mos déſte tu para offender-te,
Quando livre vivia neſtes prados?
Naõ vês quanto me negas merecer-te
O bem que me moſtravas, ſe deixaſſe
Ferir meu coraçaõ para ſoffrer-te?
Qual bem me has dado, amor, q̃ me duraſſe?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déſte que muito naõ cuſtaſſe?
Moſtra-me quem puzeſte em tal eſtado,
Que pudeſſe viver de ti contente;
Ou quem de ti naõ foſſe laſtimado?
Inimigo cruel de tóda a gente,
Já naõ quero teu bem, ſó meu mal quero;
Se de ti nem meu mal ſe me conſente.
Inda que de teus bẽes já deſeſpero,
Naõ deſprézo dos males o tormento,
Antes o prézo mais quando he mais fero.
Arrebatado deſte penſamento
Hia o triſte Paſtor com hum contino
Pranto, que lhe avivava o ſentimento.
Quando entrou n'hũ vergel de eſmalte fino,
Que era de amor plantado; e parecendo
Lhe eſtá menos humano que divino.
Nelle a dor ſua eſteve ſuſpendendo:
Porém naõ como cervo eſtá ferido,
Reparo ao mal que leva pertendendo.
Apparecia o ſitio taõ florido,
Que provocava a naõ vulgar eſpanto,

En-

Entre hũus altos ulmeiros eſcondido.
De hum cryſtallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou nelle o miſero Paſtor,
E as tenções explicou neſte ſeu canto.
O' bellas roſas, vós que ſois amor,
He, por dita humildade, ou he baixeza,
O ter apar de vós murta que he dor?
Papoulas converſais, que ſaõ triſteza!
Naõ deſprezais o cardo, que he tormento!
Admittís a hortelãa, ſendo crueza!
Dos goivos longe vejo o ſentimento;
Dos jaſmijs perto eſtou vendo o perigo.
Dos malmequeres vejo o ſoffrimento.
Deſte me temerei como inimigo;
Mas traz por armas ſalva, que he razaõ:
Com ella acabará tambem comigo.
As minhas vem a ſer huma affeiçaõ,
Que ſaõ os puros cravos miſturados
Co' a vontade ſujeita, que he limaõ.
Ai moſquetas, que ſois de amor cuidados!
Ai creſpa mangerona, que es prazer!
Vós ſós devieis adornar os prados.
Naõ pódem dous oppoſtos juntos ſer,
Onde ſe oppõe gieſta, que he lembrança,
Junto do roſmaninho, que he creſcer.
Bem péza do leve álamo a mudança;
Do roxo goivo anima o penſamento;
Do cypreſte odorifero a eſperança.
O trevo, que he ſentido apartamento,
Cérca o mangericaõ, que ſe interpreta
Memoria a quem offende o eſquecimento.

Mais importuna que o jardim de Creta,
A ameixieira a flor eſtá ſoltando:
A ſegurelha vejo, que he diſcreta.
As hervas que de aqui irei tomando,
Saõ a pura cecem, que he ſaudade;
Cravos, medo de ver qual de amor ando.
E, de ter mui perdida a liberdade;
Tomarei madreſylva entendimento;
Legacaõ tomarei, porque he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento:
Por a ſalva, que he goſto, tomarei
Coentro oppoſto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que violetas ſaõ; e, quando o houvera,
Qual meu damno entaõ fora, bem o ſei.
Oh quem, herva cidreira, oh quem pudera
Ver-vos aqui menor, pois ſois victoria,
Que de mi alcançou chamma ſevera!
Mas ſe quereis que tenha alguma gloria,
Por galardaõ de amar, e ſer ſujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois mo negais, de todo engeito
A palma, que he ventura; e na parreira,
Que he eſperança perdida, me deleito.
Entretanto co' a flor da laranjeira,
Que he deſafio duro, e arriſcado,
Poſſo arguir da hora derradeira.
Já naõ ſe quer deter o meu cuidado
Com a romãa deſcanſo; a brevidade
Das maravilhas ſó tem deſejado.
E vós, ovelhas minhas, ſem piedade

Vos apartai de mi, ſe algum deſejo
Tendes de ter do paſto mais vontade.
Se muita de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de ver-vos hei perdido
A' força do poder de amor ſobejo.
Lograi do Tejo o placido ruido;
Sós lograi eſtas veigas florecidas,
Pois ſe perde o Paſtor voſſo querido:
Naõ goſteis de com elle ſer perdidas.

ELEGIA VIII.

BEliſa, unico bem deſta alma triſte,
Deſcanſo ſingular de minha vida;
Throno donde o poder de amor conſiſte:
Formoſa fera, a quem eſtá rendida
De amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, ſe mais por ti perdida:
Quaõ contrário parece na beldade,
Que os coraçõeſ captiva com brandura
Alguma nodoa haver de crueldade!
Quaõ contrário parece em formoſura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Eſquiva condiçaõ, ou alma dura!
Quaõ mal parece, em quem ſó co'hũ engano
Póde dar vida ao coraçaõ ſujeito,
Dar-lhe em lugar de vida hum mortal dano!
Quaõ mal parece que hum amor perfeito
Naõ ſeja de outro igual remunerado,
Inda que ſeja, acaſo, contrafeito!
Quaõ mal parece eſtar deſeſperado

Quem tanto por ti ſoffre, e tem ſoffrido,
Devendo eſtar de penas alliviado!
Porém peor parece quem rendido
Naõ for a hum parecer que tudo rende,
Por mais que em ſeu rigor viva offendido.
E inda peor parece quem defende
O ſer eſſa belleza ſempre amada,
Por mais que em vão ſe canſe o que a pertende.
Se quem te moſtra amor te deſagrada,
Só pódes pertender o naõ ſer viſta,
Mas naõ deſpois de viſta o ſer deixada.
Quaõ mal ſabe o valor de tua viſta
Quem cuida que o que della acaſo alcança
Póde achar coraçaõ. que lhe reſiſta!
Quaõ bem pareceria huma eſperança
Já concedida a meu amor ardente,
Naõ ſempre huma mortal deſconfiança!
Se hum padecer por ti conſtantemente
Pudeſſe ſer reparo a quem mais te ama,
Inda eſperar pudera o ſer contente.
Mas eu temo que aquella immenſa chama
Com que a teu bello imperio me levaſte,
Te enfria tanto a ti, quanto me inflama.
Se a Olympica belleza aſſi imitaſte,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque taõ dura condiçaõ tomaſte?
Qual elevado, qual ſoberbo muro,
Eſte mal, que me occupa o penſamento;
Contado, naõ tornára menos duro?
Tu, que es a cauſa ſó de meu tormento,
Tu, que ſómeten pódes gloriar-me,

Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida a morte dar-me!
Uſa piedade, tu, que o Mundo eſpantas
Co' os bellos olhos com que o douras tanto,
Se acaſo a vê-lo brandos os levantas.
Eſtende-ſe na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alhêa,
Mas nos meus olhos triſtes dura o pranto.
Torna a manhãa deſpois alegre, e chêa
Da luz que o choro enxuga á bella Aurora,
Mas do meu choro nunca enxuga a vêa.
Lagrimas já naõ faõ que eſta alma chora,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos ſalta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Naõ tarde já, mas corra a mal taõ fero.
Mas já por mais que corra virá tarde.
Nem no ſupremo trance de ti eſpero
Que inda com ver o eſtado em q̃ me has poſto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai ſe volveſſes eſſe bello roſto
Ao lugar triſte em que morrer me vires,
Naõ por deſgoſto teu, mas por teu goſto!
Naõ quero de ti, naõ, que alli ſuſpires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me entaõ naõ tires.
Aſſi nunca Paſtor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas.

Co-

Como já agora naõ te ſatisfazes
Das penas deſte amor, que por querer-te,
De teu merecimento ſaõ capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Preſume, (oh raro monſtro de belleza!)
Muito mais longe eſtá de merecer-te.
Eſte ſi, que merece a grão crueza
Com que tu de acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de ſi ſe préza.
Se cuidas que com iſto desbaratas
O meu conſtante amor, porque naõ viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte têes por gloria altiva;
Eu me inclino a que mates: tu te inclina
A matar mais de branda que de eſquiva.
Se eſta alma tua julgas por indina
De aquelle grande bem que em ti ſe eſconde,
Do deſcoberto mal a faze dina.
Onde (ai!) voz acharei q̃ baſte, (ai!) onde,
A poder reduzir-te a ſer piedoſa?
Ou me acaba de todo, ou me reſponde.
Mas por mais que te moſtres rigoroſa,
Deixar meu penſamento me he impoſſivel,
Igualmente que a ti naõ ſer formoſa.
E por mais que eſta dor ſeja terrivel,
Sómente o contemplar a cauſa della,
Inda que a faz maior, a faz ſoffrivel.
Porém chegando a naõ poder ſoffrê-la,
Perdendo a vida, quando a morte chame,
Naõ perderei o goſto de perdê-la.
He juſto que eu por ti mil mórtes ame:

Mas

Mas vê tu ſe te illuſtra, quando offenſa
Minha mortal o teu valor ſe chame.
Bem vês, que hũa beldade taõ immenſa,
De vencer-me tem gloria bem pequena,
Pois ſó render-me tómo por defenſa.
Mas já que amor taõ puro me condena;
Contente fico aſſaz deſta victoria:
Que naõ me daõ meus males tanta pena,
Quanto o ſerem por ti me dá de gloria.

ELEGIA IX.

A Vida me aborrece, a morte quero;
Será eterno o meu mal, ſegundo entendo,
Pois na mór eſperança deſeſpero.
Sem viver vivo, por morrer vivendo;
Por naõ verdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando eſquecendo.
Seja-me agradecido eſte deſejo:
Ingrata naõ ſejais a quem vos ama
Com puro, e honeſtiſſimo deſpejo.
A culpa que me pondes, ponde â fama,
Que pregôa de vós celeſte vida,
Que os corações de amor divino inflama.
Humana, quando naõ agradecida,
Vos moſtrai ao mal meu, que me faz voſſo,
Antes que a alma do corpo ſe deſpida.
Mas que poſſo eu fazer pois já naõ poſſo
Húm tormento domar taõ forte, e duro,
Homem formado ſó de carne, e de oſſo?
Em minha fé ſegura me aſſeguro;

Por-

Porque eſta, quando he grande, já mais erra,
Se reſulta de amor ſyncero, e puro.
Eſſa beldade ſancta me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura ſerra.
Que couſa tenho eu já que minha ſeja?
Quem naõ deſeja a voſſa formoſura,
Naõ póde aſſegurar que o Ceo deſeja.
De que eu ſempre o deſeje eſtai ſegura:
Neſte deſejo meu nunca mudança
Haõ de ver as mudanças da ventura.
A vida tenho poſta na balança
Da gloria ſingular do damno eſquivo:
Que o perdê-la por vós he mór bonança.
Se vos offendo, cuido que naõ vivo:
Olhai ſe muito mais que de offender-vos,
Das eſperanças do viver me privo.
O que temo ſómente he ſó perder-vos;
O que quero ſómente he ſó adorar-vos;
O que ſómente adoro he ſó querer-vos.
Querer-vos ſem deixar de venerar-vos;
Deſejar-vos ſómente por ſervir-vos;
Por ſervir a amor vil naõ deſejar-vos.
Sómente ver-vos, e ſómente ouvir-vos
Pertendo, e pois ſómente iſto pertendo,
Deveis a eſtes ſentidos permittir-vos.
Iſto ſómente, (oh cego!) eſtou dizendo!
Como ſe fora pouco, iſto ſómente!
Que mais q̃ ouvir-vos ha? q̃ eſtar-vos vendo?
Se o naõ merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos ſe merece,

Morra

Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vê a offender quem vos quer tanto;
Quem deſta ſorte errou naõ deſmerece.
Que quando os olhos da razaõ levanto
Ao Ceo de eſſa rariſſima belleza,
De naõ morrer por ella ſó me eſpanto.
Deixai-me contentar deſta triſteza,
E fazer de meus olhos largo rio,
Se algum póde abrandar voſſa dureza.
Correndo ſempre as lagrimas em fio,
Farei creſcer as hervas por os prados,
Pois já de outra alegria deſconfio.
No monte darei paſto a meus cuidados,
E ſeraõ de mi ſempre entre Paſtores
Eſſes divinos olhos celebrados.
Aprenderáõ de mi os amadores
Aquillo que ſe chama amor ſublime,
Ouvindo o rigor voſſo, e minhas dores.
E nenhum haverá que a pena eſtime
Mais ſoberana por a cauſa della,
Que a que teve até entaõ naõ deſeſtime:
E que inveja naõ moſtre á minha eſtrella,

ELEGIA X.

QUe triſtes novas, ou que novo dano?
Que inopinado mal incerto ſôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita, e turbada,

Do

Do rumor que de boca em boca vôa?
He morto D. Miguel, (ah crua eſpada!)
E parte da luſtroſa companhia
Que alegre ſe embarcou na triſte Armada.
E de eſpingarda ardente, e lança fria,
Paſſado por o torpe, e iniquo braço,
Que noſſas altas famas injuría.
Naõ lhe valeo eſcudo, ou peito de aço,
Naõ animo de avós claros herdado,
Com que temer ſe fez por longo eſpaço.
Naõ ver-ſe em de redor todo cercado
De irados inimigos, que exhalavam
A negra alma do corpo traſpaſſado.
Naõ as fortes palavras que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que tímidos as coſtas lhe moſtravam.
Mas já poſtos nos termos derradeiros,
Rotos por partes mil, e traſpaſſados
Os membros, no valor ſómente inteiros;
Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigos eſpantados)
Poſtos no Ceo, parece que preſentam
A alma pura á ſuprema Eternidade,
Por quem os Ceos, e a terra ſe ſuſtentam.
E pedindo, dos erros que na idade
Immatura, e innocente, já fizera,
Perdaõ á pia, e juſta Mageſtade;
As roſas apartou da neve fria;
E como debil flamma a quem fallece
O radical humor de que vivia;

Nas

Nas máos do Coro Angelico, que dece,
Se entrega, e vai lograr a vida eterna,
Que com morte taõ juſta ſe merece.
Vai-te, alma, em paz á gloria ſempiterna:
Vai, que quem por a Lei ſacra, e divina,
A ſolta, áquelle a dá que o Ceo governa.
Mas ſe de tal valor foi morte dina,
A auſencia que do goſto nos ſaltêa,
A perpetua ſaudade nos inclina.
Deixa, pois, tu formoſa Cytheréa,
Do gentil filho, e neto de Cyniras,
O pranto por a morte hórrida, e fêa.
E tu, dourado Apollo, que ſuſpiras
Por o creſpo Jacintho, moço charo,
Por quem a clara luz ao Mundo tiras,
Vinde, e chorai hum moço em tudo raro,
Naõ de ferino dente vulnerado,
Nem de riſco ſujeito a algum reparo:
Mas ſó de ferro imigo traſpaſſado,
Que ſem dúvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas máos de Marte irado.
Tambem tu, moço Idalio, aſſiſte quedo,
Deixa de dar o venenoſo mel
A beber por os olhos, triſte, e lédo:
Pois os formoſos olhos de Miguel,
Já cobertos ſe vem do eſcuro manto
Da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Theſpis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immenſa
Dos irmãos generoſos, e alto pranto;
Naõ conſintais que façam larga offenſa

A' grande integridade, a que ſe devem
Aguas naõ ſó do damno recompenſa.
Que já diante os olhos me deſcrevem
Quando as bocas da fama voadora,
Ao patrio, e claro Tejo as novas levem;
A profunda triſteza, que em hum'hora
Tal poſſe tomará dos altos peitos,
Que delles o diſcurſo lance fóra.
Alli de dor os coraçõcs ſujeitos
Haõ de lançar de ſi toda a memoria
De exemplos claros, ſólidos reſpeitos.
Mas, porém ſe igualais a vida á gloria,
O claro Dom Philippe, e pertendeis
Deixar-nos de acçõcs voſſas larga hiſtoria;
Eu naõ vos perſuado a que eſtreiteis
O coraçaõ na Eſtoica diſciplina,
Onde livre de affectos vos moſtreis.
Que mal a natureza determina
Medo, eſperanças, dores, e alegria,
Como o Cynico velho nos enſina.
Immanidade eſtupida, (dizia
O Sulmonenſe canto) e vil rudeza,
He naõ ſentir affectos que a alma cria.
Porém ſe o ſentir nada for bruteza,
E ſe paixaõ devida ſe conſente,
Tambem o ſentir muito he já fraqueza.
Em vós hum ſoffrer alto ſe exprimente,
Qual nos fortes Varões foi conhecido,
Como em eſtranha, em Luſitana gente.
Bem conheço que o corpo aſſi perdido,
Como de illuſtre tumulo carece,

Se-

Será de brutas feras conſumido.
Mas conſola-me, em fim, que ſe parece
Ao grande biſavô, que por a vida
Real, a ſua á Maura lança offrece.
Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura
Lhe nega a ſepultura merecida.
Facil he a perda aqui da ſepultura;
Diogenes prudente, e Theodoro,
Pouco ſentem do corpo eſſa jactura.
Aſſi formoſo, e inteiro; aſſi decóro
Adora quem o tem, como o tomou,
Quando ſe ouvir o extremo ſom canoro.
Mas ai! Qual temor ſubito occupou
O voſſo claro peito, ó Portuguezes?
Qual pávido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeram fazer tamanha injúria
Aos fortes Luſitanicos arnezes?
Ou já de Capitam ſobeja incuria,
Ou fraqueza? Naõ: que elle ſuſtentava
Com ſeu peito, dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com eſtrondos que atroam mar, e terra,
E os coraçõeſ ardentes congelava?
Ah! Quem vos fez q̃ os impetos da guerra
Naõ ſuſtentaſſeis com valor ouſado,
Deſprezando o furor que a vida encerra?
A vida por a Patria, e por o Eſtado,
Pondo voſſos avós, a nós deixáram
Em terra, e mar, exemplo ſublimado.

Elles

Elles a desprezar nos enſináram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente aſſi degeneráram?
Naõ pódem, certo, naõ, viver quietos
Com fêa infamia peitos generoſos,
Já em publicos lugares, já em ſecretos.
Mortos de Eſpartha os Heroes valeroſos,
Da fera multidaõ, fazendo extremos,
Taes Epitaphios tinham glorioſos:
Diras, Hóſpede, tu; que aqui jazemos
Paſſados do inimigo ferro, em quanto
A's ſantas Leis da Patria obedecemos.
Fugindo os Perſas vaõ com frio eſpanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Moſtrando-lhes o ventre em terror tanto.
Pois do damno fugís, vendo-o viſinho,
Fracos, vinde a eſconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno, e eſcuro ninho.
Vede quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles que morrêram por o Eſtado,
Se eſtes a quem mulheres injuriam?
Mas tu, claro Miguel, que já acordado
Deſte ſonho taõ breve, eſtás naquella
Torre do Ceo, ſeguro, e repouſado;
Onde com Deos unida a forte, e bella
Alma, com teus Maiores, reluzindo
Trocaſte cada chaga em clara eſtrella;
Co' os pés o cryſtallino Ceo medindo,
Nada de eſtas altiſſimas Eſpheras,
Nem da terreſte aos olhos encobrindo;
Agora hum curſo, e outro conſideras,

Ago-

Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem paſſaras ſe viveras, ****

ELEGIA XI.

SE quando contemplamos as ſecretas
Cauſas porque eſte Mundo ſe ſuſtenta,
E o revolver dos Ceos, e dos Planetas;
E ſe quando á memoria ſe preſenta
Eſte curſo do Sol, taõ bem medido,
Que hũ ponto ſó naõ mingua, nem ſe augmenta;
Aquelle effeito tarde conhecido
Da Lũa na mudança taõ conſtante,
Que mingoar, e creſcer he ſeu partido;
Aquella natureza taõ poſſante
Dos Ceos, que taõ conformes, e contrarios,
Caminham ſem parar hum breve inſtante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que reſponde o tempo, que naõ mente,
Co'os effeitos da terra neceſſarios;
Se quando, em fim, revolve ſubtilmente
Tantas couſas a leve phantaſia,
Sagaz eſcrutadora, e diligente;
Bem vê, ſe da razaõ ſe naõ deſvia,
Aquelle unico Ser, alto, e divino,
Que tudo póde, manda, move, e cria.
Sem fim, e ſem principio hum Ser contino;
Hum Padre grande, a quem tudo he poſſibil,
Por mais que o difficulte humano atino.
Hum ſaber infinito, incomprehenſibil;
Huma verdade que nas couſas anda,

Que

Que mora no viſibil, e inviſibil.
Eſta potencia, em fim, que tudo manda;
Eſta Cauſa das cauſas, reveſtida
Foi deſta noſſa carne miſeranda.
Do amor, e da juſtiça, compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como ſe Deos naõ foſſe) deixa a vida.
Oh Chriſtão deſcuidado, e negligente!
Pondera-o com diſcurſo repouſado;
E ver-te-has advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto, e increado,
Senhor das couſas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, o mar irado:
Naõ do confuſo caos, como cuidou
A falſa Theologia, o povo eſcuro,
Que neſta ſó verdade tanto errou:
Naõ dos atomos leves de Epicuro;
Naõ do fundo Oceâno, como Thales,
Mas ſó do penſamento caſto, e puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Pois eſte immenſo Deos por ti padece
Novo eſtylo de morte, novos males.
Olha que o Sol no Olympo ſe eſcurece,
Naõ por oppoſiçaõ de outro Planeta,
Mas ſó porque virtude lhe fallece.
Naõ vês que a grande máchina inquieta
Do do Mundo ſe desfaz toda em triſteza,
E naõ por cauſa natural ſecreta?
Naõ vês como ſe perde a natureza?
O ar ſe turba; o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?

Naõ

Naõ vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota, e grande Athenas
O docto Areopagita exclama, e teme?
Oh ſummo Deos! Tu meſmo te condenas,
Por o mal em que eu ſó ſou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?
Por mi, Senhor, no Mundo reputado
Por falſo, e violador da ſacra Lei,
A fama a ti ſe põe do meu peccado?
Eu, Senhor, ſou ladraõ, tu juſto Rei.
Pois como entre ladrões eu naõ padeço?
A pena a ti ſe dá do que eu errei?
Eu ſervo ſem valor, tu immenſo preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos ſoltos homẽes, que te vendem,
Só para os homẽes preſos reſgatares?
A ti, que as almas ſóltas, a ti prendem?
A ti ſummo Juiz, ante Juizes
Te accuſam por o error dos que te offendem?
Chamam-te malfeitor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
Rim-ſe de ti, tu choras a crueza
Que ſobre elles virá: a gente dura,
Por quem tu vẽes ao Mundo, te deſpreza.
O teu roſto, de cuja formoſura
Se veſte o Ceo, e o Sol reſplandecente,
Diante quem paſmada eſtá a natura;
Com cruas boferadas da vil gente,

De precioſo ſangue eſtá banhando,
Cuſpido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro, e delicado,
Sobre todos os Santos ſacroſanto,
A açoutes rigoroſos deſangrado.
Deſpois coberto mal de hum pobre manto,
Que ſe pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-no as chagas naõ curadas,
Hum tormento cauſando-lhe exceſſivo,
Ao deſpir por as mãos cruéis, e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo,
De reſplandor ornadas, ſe arrancavam
Para deſempenhar a Adaõ captivo.
Com cordas por as ruas o levavam,
Levando ſobre os hombros o trophéo
Da victoria que as almas alcançavam.
O' tu, que paſſas, homem Cyrenêo,
Ajudá hũ pouco a eſte Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceo.
Olha que o corpo afflicto do marteiro
E dos longos jejũus debilitado,
Naõ póde já co' o peſo do madeiro.
Oh naõ enfraqueçais, Deos incarnado!
Eſſas quédas, que tanto vos magôam,
Supportai, Cavalleiro ſublimado.
Aquellas altas vozes que lá ſôam,
Dos Padres ſaõ, que o Limbo tem, eſcuro,
E já de louro, e palma vos corôam.
Todos vos bradam que ſubais o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis

Em

Em cima eſſa bandeira mui ſeguro.
O' Santos Padres, naõ vos apreſſeis;
Pois muito mais a Deos que a vós cuſtáram
Eſſas duras priſões em que jazeis.
Aquellas mãos que o Mundo edificáram;
Aquelles pés que pizam as eſtrellas,
Com duriſſimos pregos ſe encraváram.
Mas qual ſerá o humano que as querellas
Da anguſtiada Virgem contemplaſſe,
Sem ſe mover a dor, e mágoa dellas?
E que dos olhos ſeus naõ deſtillaſſe
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no roſto ſignalaſſe?
Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-ſe em fontes, e regando
Aquellas faces bellas, e excellentes!
Quem a ouvíra com vozes ir tocando
As eſtrellas, a quem reſponde o Ceo
Co' os accentos dos Anjos retumbando!
Quem víra quando o puro roſto ergueo
A ver o Filho que na Cruz pendia,
Donde a noſſa ſaude deſcendeo!
Que mágoas taõ choroſas que diria?
Que palavras taõ miſeras, e triſtes,
Para o Ceo, para a gente eſpalharia?
Pois que ſería, Virgem, quando viſtes
Com fel nojoſo, e com vinagre amaro,
Matar a ſede ao Filho que pariſtes?
Naõ era eſte o licor ſuave, e claro,
Que para o confortar entaõ darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.

Como, Virgem Senhora, naõ corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com ſede vieis?
Naõ era ſó, naõ, eſſe o verdadeiro
Poto, que voſſo Filho deſejava,
Morrendo por o Mundo em hũ madeiro.
Mas era a ſalvaçaõ que alli ganhava
Para o miſero Adaõ, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Sanctiſſima Maria,
Que, em fim, ſentiſtes eſta mágoa quanto
A grave cauſa della o requeria;
De eſſa Fonte ſagrada, e peito ſanto,
Me alcançai huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava, e péza tanto.
Do licor ſalutifero, e ſuave,
Me abrangei, com que mate a ſede dura
Deſte Mundo taõ cego, torpe, e grave.
Aſſi, Senhora, toda creatura
Que vive, e vivirá, e que naõ conhece
A Lei de voſſo Filho a abrace pura;
O falſiſſimo herege, que carece
Da graça, e com damnado, e falſo eſprito
Perturba a Santa Igreja, que florece;
O povo pertinaz no antiguo rito,
Que ſó o deſterro ſeu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao ſeu delito;
O torpe Iſmaelita, que miſtura
As Leis, e com preceitos taõ vicioſos
Na terra eſtende a ſeita falſa, e impura;
Os idolatras máos, ſuperſticioſos,

Va-

Varios de opiniões, e de coſtumes,
Levados de conceitos fabuloſos;
As mais remotas gentes onde o lume
Da noſſa Fé naõ chega, nem que tenham
Religiaõ alguma ſe preſume;
Aſſi todos, em fim, Senhora, venham
A confeſſar hum Deos crucificado,
E por nenhum reſpeito ſe detenham.
E de hum, e de outro o vício já deixado,
O ſeu Nome, co' o voſſo neſte dia,
Seja por todo o Mundo celebrado:
E reſpondam os Ceos: JESUS, MARIA.

ELEGIA XII. ACROSTICA.

JUizo extremo, horrifico, e tremendo,
E Juiz ſempiterno, alto, e celeſte,
Significará a terra humedecendo.
Ver-ſe-ha nelle hum ſuor que manifeſte
Como em carne vem Deos, para que o veja
Homem toda eſta máchina terreſte;
Rei juſto, que dos corpos, e almas ſeja
Juiz; e quando o Mundo cego, e inculto,
Sobre eſpinhos cruéis deitado ſeja.
Todo vão ſimulachro, e gentil culto,
Ouſará engeitar a gente; e guerra
Fará co' o mar o fogo, e cru tumulto.
Immenſa luz, que as carnes deſenterra,
Lançará fóra as portas vãas do Averno,
Hum Juſto, e outro, alçando á ſanta terra.
Outros, que ſaõ os máos, no fogo eterno

Deitará, deſcobrindo-ſe os ſegredos,
E ſendo claro todo feito interno.
Desfeitos ſeraõ montes, e penedos;
E ſerá tudo pranto, e eſtridor duro;
Obras de grande dor, e triſtes medos.
Será tornado o Sol de todo eſcuro;
E deſtruida a máchina do Mundo;
Sem luz as luzes todas do Orbe puro.
Altos ſeraõ os valles, e em profundo
Lugar ſe abateráõ os altos montes,
Vibrará mares vento furibundo.
Averá ſó de chammas vivas fontes:
De trombeta tremenda ſom terribil
Ouvido, fará pállidas as frontes.
Reſponderá dos maos gemido horribil.

ADVERTENCIA.

Atéqui as Elegias que ſe acham no exemplar de Manoel de Faria e Souſa, que ſeguimos, as quaes elle aſſentou ſerem indubitavelmente de Luis de Camões. Em diverſos Manuſcriptos confeſſa que vira outras muitas, e as desprezára: humas por as reputar viciadas, e outras por totalmente alheias do eſtylo do noſſo Poeta.

Nas Edições que ſe ſeguiraõ á de Faria inſenſivelmente ſe foram accreſcentando as que ſe ſeguem, e aqui damos, ſempre na dúvida de ſerem, ou naõ, de Luis de Camões.

ELE-

ELEGIA XIII.

SE obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior eſpanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia hiſtoria,
Inda que já paſſada, cá florece,
E por fama, e triumpho, hoje tem gloria;
Se a perfeiçaõ de Laura nunca eſquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, e hoje crece:
E ſe aquella cruel Troiana eſpada,
Deo com a morte vida á formoſura
De Dido, por Virgilio celebrada;
E ſe Venus formoſa, hoje ſegura
Se apreſenta em mil verſos; e Diana,
Co' as nove irmãas d'Apollo tem ventura;
Que fará a formoſura ſoberana,
De Figueiroa illuſtre, de quem quero
Cantar com doce lyra, e Mantuana?
Mas ſe me ella naõ falta, della eſpero
Cantar; naõ deſtas já, que já acabáram:
Deſtas cante Virgilio, cante Homero.
Que ſe outras com ſeus verſos celebráram,
Foi, que por ſua idade, a deſta dama
(Por inda eſtar no Ceo) naõ a alcançáram.
Mas tinha-lhe a ventura Oriental cama,
Guardada lá em Damaõ, porque naſcendo,
Perder fizeſſe ás outras gloria, e fama.
E em quanto alegre declarar pertendo,

Vós,

Vós, pai de tal theſouro, dai-me ouvidos,
Para delle dizer mais do que entendo.
Naõ reproveis meus verſos d'atrevidos,
Antes dai-lhe louvor, para que ſejam
De tal dama, e de vós favorecidos.
Que milagres d'amor farei que vejam?
Direi os olhos bellos, boca, e riſo,
Mil partes, que outras damas ter deſejam.
Cabellos d'ouro, em fim ſeu grande aviſo,
Sua arte, perfeiçaõ, e formoſura,
Que na terra nos moſtra hum Paraiſo.
Que mais? O grave aſpeito, e a brandura,
A boca de rubijs, chea de perlas,
Das cryſtallinas mãos a neve pura.
Senhora Dona Maria entre as mais bellas,
Vós ſois quem noſſa idade hoje enriquece,
E entre ellas ſois qual Sol entre as Eſtrellas.
Por vós Damaõ, Senhora, hoje florece;
Por vós as Muſas já do ſacro monte,
Donde contino o louro verde crece,
Vos vem apreſentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaſeas flores de Heliconte.
A vós ſe vem cantando, rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com ſuas doces lyras temperadas.
E com ſeu ſuave canto, e melodia,
Chegadas a vós já, dizem cantando:
Eſta he por quem Apollo emmudecia.
Eſta he por quem Vertumno deſprezando
Pomona, de contino ſe abrazava,

Na menos parte ſua imaginando.
Eſta he por quem em fonte ſe tornava
O avô de Phaetonte, e porque Orphéo
As furias infernaes aquebrantava.
Eſta he por quem ſó Troia ſe perdeo,
Eſta he a quem Páris deo a maçãa d'ouro,
E eſta por quem Orlando endoudeceo.
Eſta he quem deſdo Ganges até o Douro,
Só ſem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o theſouro.
Eſta he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Leaõ Fajardos, que deſcende
Do Real tronco Inglez, na mór alteza.
Eſta he a flor do lago, que ſe eſtende,
E em quem de novo naſce a Real pranta
Eſta he a quem o meſmo amor ſe rende.
Eſta he por quem a Aurora ſe levanta
Na parte Oriental mais clara, e pura;
Eſta he por quem morrendo o cyſne canta.
Eſta he por quem nos dotou ſó a ventura,
De mil primores chea, collocada
Em rara perfeiçaõ de formoſura.
Eſta ſerá de nós ſempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, e ſublimada.
Na feſta de deos Pam cem mil Paſtores
Deſta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaráõ cheos de flores.
A ti as ſuas lutas dedicando,
Seus jogos paſtoris de cem mil partes,
Com verſos te eſtaraõ ſempre louvando.

E tu, que de teu ſer nunca te partes,
Com formoſura, e graça de contino,
Com que por fama ao Mundo te repartes;
Com roſto branco alegre, e peregrino,
Acceitarás feus verſos, coroada
De roſas, e de louro a ti ſó dino.
Dalli do noſſo coro venerada
Terás cargo da ſelva de Diana,
E entre nós tu ſerás mais eſtimada.
Dallí, ó alta dea, e ſoberana,
Governarás o Indico Oriente,
E todo eſtado além da Taprobana.
Dalli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo eſquecida
A das antigas damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA XIV.

NAõ porque de algum bem tenha eſperança
Vos eſcrevo meu mal em tal eſtado,
Que ſei que em vós fará pouca mudança.
Mas já perdido, triſte, e magoado,
Para remedio tómo eſcrever dores;
Eſperar de vós outro he eſcuſado.
O que naõ faz amor em meus amores,
O que lagrimas triſtes naõ fizeram,
Bem menos o faraõ cauſas menores.
Pois onde as mais tégóra ſe perdêram,
Percam-ſe eſtas palavras de meu ſer,
Que pouco me doem já, já me doêram.

Sem-

Sempre deſte meu mal tive ſuſpeita;
Naõ que de todo em todo me faltaſſe;
Hũa eſperança vãa em fim desfeita.
Fazia-me o deſejo que eſperaſſe,
A razaõ d'outra parte, que temeſſe,
E de eſperanças vãas naõ confiaſſe;
Que olhaſſe, que por ellas naõ perdeſſe
A doce liberdade, o riſo, o canto,
De que deſpois em vão me arrependeſſe.
Amor, que tudo póde, pode tanto,
Que para ver o mal, em que me vejo,
Me naõ deo olhos mais, que para pranto.
Naõ curei a razaõ, ſeguí o deſejo;
Outras couſas ſegui, de qualidade,
Que chóro, e callo, por naõ ſer ſobejo.
Pela voſſa neguei minha vontade:
Logo como vos vi, no meſmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que paſſou deſpois, naõ vo-lo conto:
De que ſerve contar couſas ſobejas,
A quem lhe ſoube dar hum tal deſconto?
Ah eſperanças minhas, já perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
Soube que foſtes vãas, foſtes fingidas.
Em que poſſo ou que devo hoje eſperar?
Onde acharei de novo outros enganos,
Que poſſam deſenganos enganar?
Mas he vento cuidar enganar danos:
O triſte que nem na alma tem alento,
Tem ſeu remedio ſó no fim dos anos.
Já naõ eſpero ver contentamento;

Por-

Perdi quanto eſperei n'hma ſó hora,
E naõ perdi em muitas o tormento.
E ſobre tantas perdas, inda agora,
Que eſperava de vós a vós queixar-me,
Naõ mo conſente amor, que na alma mora.
Põe-ſe diante, a fim ſó de eſtorvar-me,
Que vos offenderei, moſtrado aqui,
Que tanta fé paguais com maltratar-me.
E entaõ eſte temor deixa-me aſſi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Arrependido de quanto eſcrevi.
Couſas de voſſo goſto ainda cudo,
Como ſenaõ cuidaſſe, o que naõ crêo,
Naõ perder iſto, como perdi tudo.
Mas vá-ſe o medo já, pois que já veo
O deſengano, ſem ſe ter ſabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora naõ me dá perder a vida,
Nem a deve recear quem a deſpreza:
Matai-me, ſe de mi ſois offendida.
Senaõ mate-me já minha triſteza,
Que eſte ſó bem me fica, eſte me val,
Se mo naõ eſtorvar voſſa crueza.
Quem ſe naõ eſpantará, vendo-me tal!
Temer, que o triſte fim, que me ordenaſtes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre ſylveſtres feras vos criaſtes
Pois dais por galardaõ do que eſperava
Cruezas deſuſadas do que uſaſtes.
Quantas lagrimas triſte derramava,
Quantos ſuſpiros dava noite, e dia,

Se

Se vos naõ via, e em quanto vos olhava?
Tremia diante vós, auſente ardia,
Abrandava eſte mal ter para mim,
Que ſentia meu fogo eſſa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.
Vida para tal vida naõ vos peço:
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo-lo mereço.
Porque co' a dor a lingua ſe deſata,
E com gritos vos chama, e com razaõ,
Sem fé, deſamoravel, cruel, ingrata.
Por iſſo acabai já voſſa tençaõ;
Fartai, Senhora, já voſſas cruezas
No ſangue deſte triſte coraçaõ.
Acabai de acabar tantas triſtezas:
Pois acabaſtes já väas eſperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabaráõ lembranças,
Mas tudo eſtá por vós taõ acabado,
Como muitas em mi as confianças,
Que tanto me trouxeram enganado.

ELEGIA XV.

FOi-me alegre o viver, já me he pezado,
Que do contentamento que ſentia
A' minha cuſta eſtou deſenganado.
Ao regaço da morte a dor me guia;
Porém, porque com vida mais me mata,

Di-

Dilatando-ma vai de dia em dia.
Manda-me amor fugir da morte ingrata,
Pois naõ ſoffre limite em vós amor,
Que elle os laços ordena, elle os deſata.
Lancei contentamentos a voar,
Tarde os eſpero ver, que he ſeu coſtume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.
O penſamento, poſto em alto cume,
Para ſacrificar-ſe á voſſa viſta,
No coraçaõ me guarda eterno lume.
Co' o penſamento os olhos tem conquiſta,
Pois ſempre em vós eſtá, porque os naõ leva,
Que elle muro naõ tem, que lhe reſiſta.
Ainda que minha alma em vós ſe enleva,
Em todo tempo naõ deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.
Vivei, cuidados, em quanto eu viver,
Ou porque em ſombras voſſas ſempre viva,
Ou porque me apreſſeis para morrer.
Vontade minha, ſempre ſois captiva;
Meu penſamento, nunca ſois mudado;
Flamma de amor, ſereis ſempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce eſtado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu deſejo retratado;
Nunca neſta alma minha, aonde eſtais,
Falteis, porque entaõ falta a eſperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio, e mudança,
Lançam fóra o amor, e ſua firmeza,
Que dais eſquecimento por lembrança;

Ar-

Armada dos eſpinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No roſto, a qual o peito pouco préza.
Moſtrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o goſto foge ſempre, e a pena dura.
A tanta dor hum leve ſentimento,
Nunca em vós pude ver, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento
No principio meu fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar deſte deſejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mi ſobejo;
Creſce em mi, falta em vós, e de maneira,
Que de quanto em vós vi, já nada vejo.
Moſtrou-ſe-me o tormento na primeira
Com roſto alegre, para que o ſeguiſſe,
E lanceime ao ſeguir neſta cegueira.
Fortuna, porque quiz, que eu o ſentiſſe,
Moſtra-ſe, por moſtrar qual dentro era,
Eu chóro meu engano, e ella riſſe.
Quem em contentamentos váos eſpera,
Eſpere cedo de deſenganar-ſe,
Que tem breves limites ſua eſpera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-ſe
De taõ doce priſaõ? ou quem deſeja
Dos nós deſſes cabellos deſatar-ſe?
Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vós o amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos naõ ame, e vos naõ veja?
Roſto formoſo, em quem eſtá eſculpido

O mór bem que ſe póde ver na terra,
Quem ha naõ queira ſer por vós perdido?
Olhai, Senhora, as horas apreſſadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as roſas deſcóradas.
Ireis ver ao cryſtal os olhos bellos,
E já os naõ vereis quaes d'antes eram,
Pois quaes entaõ ſeraõ, naõ queirais vellos.
Uſai dos bées, que vaõ como naſcèram;
Olhai que tudo deſce de alto eſtado,
Que tambem os prazeres meus deſcêram,
Mas naõ deſcerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XVI.

NUnca hum appetite moſtra o dano
Antes de ſer de todo effeituado,
Mas no fim vem moſtrar o deſengano.
Dureza a cauſa, e eu deſeſperado,
Pelo que imaginou o penſamento,
Ando por eſta ſerra deſterrado;
E eſpalhando a voz ao leve vento,
Delle ſó conſolado, delle ouvido,
O faço ſabedor de meu tormento.
Que monte ha, que naõ tenha já movido,
Que aſpera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal naõ merecido?
Nas duras pedras acha-ſe brandura,
Falta neſſe cruel humano peito.
Quem vio nunca maior deſaventura!
Pouco póde em ti amor perfeito,

Quan-

Quando de hum movimento vive indino,
Que já mais ſe negou a hum ſogeito.
Da ventura, de vós, de meu deſtino,
Pois todos contra mi ſaõ conjurados,
Eſte valle farei de meu mal dino.
Co' elle a noite, e o dia, meus cuidados
Paſſarei em acerba, e longa vida,
Em queixas, e em ſuſpiros deſuſados.
Porque ſei que ſerás diſſo ſervida,
Naõ deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ſer movida.
Aqui me ſubirei na mór alteza
Da ſerra, onde logo contemplada
Será tua perfeiçaõ, tua crueza.
A alma em ti ſó prompta, e occupada
Eſtando de tormento eſquivo, e duro,
Opprimida ſerá de ti levada.
E diſcorrendo hum paſſo, e outro eſcuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum amor puro.
E vendo aqui taõ claro o deſengano,
Co' os olhos feitos fontes mudará
Lugar taõ infelice, e deshumano.
E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
Fará por divertir o penſamento
Deſta parte triſtiſſima mudando
Huma lembrança chèa de tormento.
Alli algum eſpaço porfiando,
Tendo por impoſſibil eſquecer-te,

Ficará ao vento vozes dando.
Alli ſe queixará de conhecer-te:
Alli dura, cruel, deſpiedoſa,
Dirá: Dize, que podes já mover-te.
Mais que Venus (dirá) dize formoſa,
Quando neſſa belleza pura, e rara,
Se verá huma hora piedoſa.
Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum eſpirito taõ reſplandecente
Taõ fera condiçaõ, e taõ avara?
Alli vivirá triſte, alli auſente,
O coſtumado mal por ſi ſoffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o Mundo eſtá já conheçendo.

ELEGIA XVII.

LA ſierra fatigando de contino
Los paſſos vagaroſos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,
De mis ſuſpiros triſtes no pudiendo
El alma apartar, y el penſamiento
De aquella por quien yo eſtoy muriendo:
Que aunque la auſencia es grave tormiento
Que te olvide en ello es impoſſible,
Que con amor no puede apartamiento.
Veote con eſpirito inviſible:
En el muy vivo téngo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo màs alegre triſte veo,
El freſco valle, el monte, la eſpeſſura,

La clara fuente enoja aún el deſeo.
El dia ſe me buelve en noche eſcura,
No puede amanecer de dó auſente:
Tus claros ojos ſon, de tu hermoſura.
Pemitte ya, Señora, que preſente,
Do quiera que tu luz es detenida,
Sean el alma y vida juntamente.
En tu ſervicio alli prompta la vida
Porné en alma ſola en contemplarte,
Aunque me ſeas ſiempre endurecida.
El mal que hazes dulce en toda parte
Sabroſo es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.
Que quando una hora venga, que no eſpero,
Piedoſa, y blanda màs que las paſſadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las triſtes no ſeran de mi dexadas,
Que no ſabré vivir ſin el eſtado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioſo, y tranſportado,
Pido lo que me es màs enojoſo,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dà repoſo,
Que ſufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a ſi ſe es odioſo.
Al tiempo que bolando ya màs viene
Mis deſuſadas bozes encomienda,
Que aſſi la triſte voz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar en mi, que ſatisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.

Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en eſto, que es en vano.

ELEGIA XVIII.

DE peña en peña muevo las paſſadas,
La triſtiſſima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas deſuſadas:
Incierto en el camino, que piſando
De un monte eſquivo, al otro me encamina;
En medio del eſtoy en ti penſando.
Oh rigoroſo paſſo! Y quan indina
El alma veo aqui de ſola una hora
Poder en ti penſar coſa tan dina,
Si el alma aun no es merecedora,
Puriſſima, y prefecta? Y que me puede
De eſperança quedar en ti, Señora?
Mas que puedo querer, fortuna ruede,
Llevandome de un triſte en otro eſtado,
Y ſi es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vivo ya, es transformado
En ti, el triſte eſprito, que tenia,
De ti ſola ſe quiere ver mirado.
Que aunque en fatigas paſſe noche, y dia,
De tu mano ſe vieſſe, ó en paſſo eſtrecho,
La firme voluntad no mudaria.
Y ſi por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido,
Quiſieſſe ya moſtrar un nuevo hecho;

Adó

Adó me llegaria aquel ſonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido?
Dó no ſe cantaria tu blandura?
En que region eſtraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermoſura?
Quien no puſiera eſtudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Moſtrando que cupiera en ti ablandarte?
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aſpera montaña y intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera?
Mas no quiere amor, que la uſada
Quexa, en eſtas ſierras eſparzida
De tanto tiempo ya ſea dexada.
Ni tu querràs que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun màs fiero,
Ni con tan luenga uſança interrompida.
Cada hora màs aſpera te eſpero,
Que vengas pido, el mal ſea màs duro,
Que el que puedo ſufrir, ya no lo quiero.
Pruevaſe eſte amor perfecto, y puro,
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es màs ſeguro.
Excedes à las fieras en dureza,
Quando ſe ha viſto en eſta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aſpereza.
De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el Mundo no perdàra,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIX.

ILluſtre, e nobre Sylva deſcendido
Do grão filho de Anchiſes valeroſo,
Por armas, e por ſangue eſclarecido;
Que como forte, ouſado, e piedoſo,
A's coſtas ſalvou o pai de longos anos,
E o filho pela mão tenro, e mimoſo;
E os Penates, que tinham os Troianos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeram tantos danos.
Creſcendo foi de hũa em outra idade
Eſta illuſtre progenie generoſa
Em virtude, valor, honra, e bondade,
Até chegar á noſſa taõ ditoſa,
Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deo,
Que a fazes com tuas obras mais formoſa.
Aonde o inclyto Rei de motu ſeo,
Movido pelo Eſpirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theſeo,
Pelas partes que em ti já conhecia,
Ou decreto de cima, te eſcolheo
Por começo do fim que pertendia.
De Capitam de Tanger te proveo,
Em tempo que o Maluco aſſaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E ſendo eſta eleiçaõ do Rei valente,
Da cega inveja foſte murmurado,
Porque ninguem eſcapou ao maldizente.
Naõ te negáram ſeres eſforçado;

Mas

Mas diziam, que á guerra em tal idade
Servia Capitam exprimentado.
E que em tempo de tal neceſſidade
Convinha velho amparo, e forte eſcudo,
Em quem naõ poſſa haver temeridade.
Mas bem ao contrário ſe vio tudo,
Pois prudencia, e eſforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com grão conſelho, e pouca gente,
Atraveſſaſte os campos Africanos,
Como grão Capitam, velho, valente.
E foſte a parte onde os Mauritanos
Naõ tinham viſto lança de Chriſtãos
Havia longos tempos, longos anos.
Tomaſte deſcuidado hum Capitam,
No tempo, e aſſi na guerra exprimentado,
Em quem ſe confiava Tetuam.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que naõ ſó o ſeu campo defendia,
Mas entrava no noſſo confiado.
Eſte, que toda a grande Barbaria
Tinha, por mui prudente, e animoſo,
Agora o têes na tua eſtrebaria.
Que póde aqui dizer pois o invejoſo,
Onde taõ claro vê, que neſſa idade
Suppre o nobre ſangue generoſo?
Naõ te dirá, que foi temeridade
Para feito como eſte taõ valente,
Com ter ſeguro o campo, e a Cidade.
Nem te póde negar ſeres prudente,
Pois tempo, e conjunçaõ foſte eſcolher,

Em que naõ arriſcaſte a tua gente.
Mas aſſi te ſoubeſte recolher
Com grão deſpojo feito, denſo dano,
Sem hum dos que levaſte ſe perder.
O' felice Varaõ, Sylva Troiano;
Quem te póde louvar, como venceſte,
Pois no dia menor que tinha o ano,
O maior feito em Africa fizeſte?

ELEGIA XX.

SAiam deſta alma triſte, e magoada,
Palavras magoadas de triſteza,
E ſeja ao Mundo a cauſa declarada.
Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, e as gentes move tanto,
Por mais, e mais que tenham de dureza.
E vós, meus olhos triſtes, entretanto
Em lagrimas eſta alma derretida
Chorai, que amargo choro he o meu canto.
Quanto de mi a cauſa foi ſentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos huma morte, e huma vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente;
E aquella immenſa dor, e dura ſorte
Da magoada máy, cuja alma triſte
Tambem cortada foi co' o agudo córte.
O' eſpirito gentil, que ao Ceo ſubiſte;
Porque engeitaſte a minha companhia,

E acompanhar-te eu naõ conſentiſte?
Eſte he o canto heroico, e de alegria,
Que já em teu louvor apparelhava.
Como o tornou a morte em Elegia?
Eſta he a eſperança que nos dava
De ti, tua tenra, e alegre mocidade,
De quem taõ grandes couſas ſe eſperava?
O Hymeneo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãi, de quem naõ houveſte piedade?
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buſcando em vão a caſa em toda a parte,
Amado filho meu, por ti brádando.
Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em taõ amarga, e triſte deſpedida
Pudera eſta alma minha acompanhar-te?
Quem te privou da chara, e doce vida,
Meu filho taõ formoſo, e mal logrado?
Dous corações paſſou huma ferida.
Em terra de deſterro, ai filho amado,
Deixando-me ſem ti deſamparada,
Quizeſte ſer de eſtranhos ſepultado.
Se hias para fazer taõ grão jornada,
Naõ leváras em tua companhia
Eſta miſera mãi deſconſolada?
Quiçá que algum ſoccorro te ſeria;
Que vendo vir a eſpada em alto erguida
Filho, com hum grito meu te aviſaria.
Ou recebêra o golpe neſta vida,
Metendo-me no meio, e tu vivêras;
Farrára de meu ſangue eſſe homicida.

Ai filho, meu amor, que tu ſó eras
Quem com tua vida alegre algum deſcanſo
A meu viver canſado dar puderas!
E tu ſerás tambem quem manſo a manſo
Me acabarás a vida que eu queria
Sem ti ver acabada de hum ſó lanſo.
E vós tambem, mulheres, que pariſtes,
Ajudai-me a chorar; porque em mal tanto
Naõ ſatisfazem ſó meus olhos triſtes.
Aſſi com graye dor de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Soa huma voz confuſa, hum amargo pranto.
O' tu, honra, e primor da natureza,
Illuſtre, e formoſiſſima maria;
Naõ trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois ſó coſtodia es, donde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Reſurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deo o movedor do Mundo o cargo
De alegrares a mái choroſa, e triſte,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Poſtoque a dor do irmão muito ſentiſte,
Naõ deſtruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio niſſo naõ conſiſte.
Naõ trates mal as nitidas eſtrellas
Dos olhos teus, com lagrimas ardentes,
Pois tem mais reſplandor que todas ellas.
Naõ offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão deſpiedoſa,
Da patria honra, ſe louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda, e amoroſa,

Conſola a triſte mãi, deſconſolada,
Com tua viſta alegre, e taõ formoſa.
Promette-lhe, que em ſi reſuſcitada
Verá ſua alegria já perdida,
De todos taõ ſentida, e taõ chorada.
Pois teu remedio eſtá ſó em ſua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Naõ dê tanto lugar á dor creſcida.
Bem ſe permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo auſente,
Hum moderado pranto, huma ſaudade.
Mas taõ contínua dor, que eſpante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem Mundo o quer, nem Deos naõ o conſente.
Naõ foi a morte de Heitor ſempre chorada
Da triſte mãi, que além de filho amado,
Era por elle ſó Troia amparada.
Mas já deſpois de morto, e arraſtado
Com Grego applauſo, vozes, e alarido,
O corpo houve ás mãos deſconjuntado.
Perdida a côr, o collo recahido,
Naõ parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de ſangue, e de ſuor tingido.
Com ſeus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com ſuas mãos o roſto lhe alimpava,
Sem alma, e ſangue, já de côr de cera.
Mas vendo, em fim, quaõ pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão brádando
Chamava Heitor, Heitor reſuſcitava.
De lagrimas os olhos enxugando,
Deſenganada já do filho amado,

Se foi co' amada filha conſolando.
Nem ſempre o fero Achilles foi chorado
De Tethys ſua mãi, do branco coro,
Principe Grego taõ aſſignalado.
Tambem pagou á morte o antigo foro,
E á deoſa naõ valeo ſer prevenida,
Nem ſuſpiros valêram, nem ſeu choro.
Tambem a eſte acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
Da deoſa de Nereo taõ querida.
Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro naõ pudeſſe ſer cortado.
Mas a agua naõ chegou áquella parte,
Que eſquadrinhou a ſétta aguda, e forte,
Que contra ella naõ val engenho, e arte.
Choráram as Gregas gentes ſua morte,
Os Phocas, e Delphijs tambem choráram,
Chorou do gráo Nereo toda a Corte.
Tantas lagrimas triſtes derramáram,
Tanto chorou a mãi, que muito o amava,
Que a Xanto, e o Simois accreſcentáram.
Mas vendo que o chorar naõ aproveitava,
E que era dor perdida, e deſatino,
Os ſeus formoſos olhos alimpava.
E com alegre roſto de ar benino
O Ceo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os Cidadãos do Reino cryſtallino;
Os ſeus verdes cabellos eſpalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a viſta atraz de quando em quando;

De

De Pauſilipe, e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo conſolada.
Deixai pois já, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.
Com grão difficuldade ſe offerece
A grandes deſventuras, taes como eſta,
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu, Senhora, agora neſta
Naõ as hei de buſcar por conſolar-te,
Que aos triſtes conſolar ſó a razaõ preſta.
Tambem ſeraõ perdidas neſta parte
Conſolações, que em choro de amargura
Força naõ tem, por mais que tenham d'arte.
Se as lagrimas naõ vence a razaõ pura,
Fortuna ſempre a outras accreſcenta;
Guarde-te Deos de mór deſaventura.
Naõ digo, que a alma eſtê de mágoa iſenta,
Porque humano he ſentir, mas he fraqueza
Naõ ſoffrer o que Deos nos apreſenta.
Naõ he eſte Mundo a noſſa natureza;
Eſtrada ſi, por onde caminhamos,
Pertendendo chegar á ſumma Alteza.
Neſte caminho hum paſſo eſtreito achamos;
Morte ſe chama, horrenda, e deſabrida,
Dívida que Adaõ fez, e nós pagamos.
A todos he commum eſta partida:
Quem morre, naõ morreo, partio primeiro,
E o que ha deſpois da morte he eterna vida.
Todo animal que naſce, eſtá foreiro

A paſſar eſte paſſo eſtreito tanto;
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto;
Teu filho eſtá no Ceo reſplandecente,
Já entre os Cidadãos do Coro ſanto.
Noſſas memorias triſtes naõ as ſente,
Já livre; e de theatro eſtá olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da Viſaõ Beatifica gozando,
Sem medo ou ſobreſalto de perdella,
O Mundo, e ſeus affagos deſprezando.
Dalli contempla de hũa, e de outra eſtrella,
Ou fixa, e errante, o curſo, e movimento,
Tendo, ſem ſe mover, os pés ſobre ella.
Veloz, qual o ligeiro penſamento,
Paſſa de Polo a Polo, e o Ceo conhece
Que ſeu caminho faz com paſſo lento.
E porque o mar continuo mingoa, e crece,
Comprende, e a quinta eſſencia pura, e neta,
E com que luz a Lúa reſplandece.
Nem o eſpanta no ar qualquer Cometa;
Os pontos ſabe de hũ, e de outro Signo,
Por onde faz ſeu curſo o grão Planeta.
Hum Anjo novo têes, ſancto, e benino;
Vive, Senhora, alegre, e conſolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O' alma pura, em alto alevantada,
Que lá eſtás neſſe Ceo luzente, e claro,
Deſta mortal priſaõ já deſatada;
O' Senhor meu Dom Tello, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveſte

Te arrebatou ſem tempo o tempo avaro;
Se ao paſſar do Lethe naõ perdeſte
A memoria de mi, que tanto te amo,
E por íntimo amigo me tiveſte;
Com attençaõ eſcuta o meu reclamo,
Naõ deſprezes de ouvir lá deſſa altura
A baixa, e rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me foy o que eu por ti agora peço,
Naõ borrará o teu nome a fama eſcura.
Em tanto as baixas Rhythmas te offereço
Em penhor da vontade, e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui profeço.
Que entaõ te cantará por todo o Mundo,
Com linguas mil a fama ſoberana,
E occupará teu nome ſem ſegundo
Do patrio Tejo álem da Taprobana.

ELEGIA XXI.

NAõ me julgueis, Senhora, atrevimento
O que me faz fazer hũ mal taõ forte,
Que naõ me baſta nelle o ſoffrimento.
Que tal me traz já agora minha ſorte,
Que me faz baſcar voſſa crueldade,
Donde ſó por remedio eſpero a morte.
Naõ vos pude callar eſta verdade,
Porque força naõ tem poder humano
Contra outro, que naõ tem humanidade.
Amor, que tudo faz para mór dano,
Me deo o mal, levou-me o ſoffrimento.

Ah

Ah duro amor, cruel, e deshumano!
Naõ vos lembre, Senhora, meu tormento?
Que eſte bem o merece a ouſadia
De eu empregar em vós meu penſamento.
Lembro-vos hum amor, que cada dia
Em mi taõ verdadeiro, e firme crece,
Que alheo me traz já do que ſohia.
Naõ peço que o pagueis, como merece,
Que naõ mereço eu tanto, mas ſó peço,
Que por mi naõ cuideis que deſmerece.
Porque ſe ſó por ſi he de tal preço,
Que a ſupprir baſta ſeu merecimento,
Quanto eu de minha parte deſmereço.
Bem vejo que em tomar o ſoffrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ deſordenado atrevimento.
Mas eu que do viver menos, já agora
Que de todo a livro, pois creſcendo
Vaõ com a vida os males cada hora,
Vos quiz manifeſtar meu mal, ſabendo
A quanta deſventura ſe aventura
Quem pertende fazer o que eu pertendo.
Quizeſſe oh oxalá minha ventura,
Que caſtigaſſeis vós eſta ouſadia
Com huma cruel morte, triſte, e dura!
Que naõ ſería morte, mas ſería
Hum ſuave remedio, doce, e brando,
Deſte mal, que me mata cada dia.
Até quando, Senhora, e até quando
Terá lugar em vós voſſa crueza,
E a morte naõ em mi, q̃ a eſtou chamando?

Abran-

Abrande meu amor voſſa dureza,
Que eſta alma em ſi transforma com tal cura,
Que já naõ he amor, mas natureza.
Abrande já huma vida, em que ſó dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que naõ tem fim a grão deſaventura.
Abrande já huma dor, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triſte,
E lhe roubou o eſtado ſeu contente.
Moſtrai-vos poderoſa em quem reſiſte
Em deſobedecer, ou enojar-vos,
E naõ já contra quem vos naõ reſiſte,
Em quem cuidar, q̃ digno foi de amar-vos;
Moſtrai voſſo poder, pois o merece,
Em mi naõ, q̃ o naõ ſou taõ ſó de olhar-vos
Attentai por huma alma, que ſe eſquece
De ſi, porque em vós poz ſua lembrança,
E taõ, que em nenhum tempo desfallece.
Nem ſuſpeito que poſſa haver mudança
N'hum coraçaõ, que mais que a ſi vos ama:
Dai-lhe já morte, ou vida, ou eſperança,
Que tudo ſerá gloria por tal dama.

ESTANCIAS
PRIMEIRAS.

I.

QUem póde ſer no Mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ livre o penſamento?
Quem taõ exprimentado, ou taõ diſcreto?
Taõ fóra, em fim, de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com ſecreto,
Lhe naõ revolva, e eſpante o ſentimento,
Deixando-lhe o juizo quaſi incerto,
Ver, e notar do Mundo o deſconcerto?

II.

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immenſos vituperios;
Se a fortuna em contrário o leva, e guia,
Moſtrando, em fim, que tudo ſaõ myſterios
Em alteza de eſtados triumphante,
Que por livre que ſeja naõ ſe eſpante?

III.

Quem ha que veja aquelle que taõ clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe viſſe aberto o peito;
Se a má fortuna, ao bem ſómente avara,
O reprime, e lhe nega ſeu direito,
Que lhe naõ fique o peito congelado,
Por mais, e mais, que ſeja exprimentado?

IV.

Demócrito dos deoſes proferia
Que eram ſós dous; a Pena, e Beneficio.
Segredo algum ſerá da phantaſia,
De que eu achar naõ poſſo claro indicio.
Que ſe ambos vem por naõ cuidada via
A quem os naõ merece, he grande vício
Em deoſes ſem juſtiça, e ſem razaõ.
Mas Demócrito o diſſe, e Paulo naõ.

V.

Dir-me-heis, que ſe eſte eſtranho deſconcerto
Novamente no Mundo ſe moſtraſſe,
Que por livre que foſſe, e mui experto,
Naõ era de eſpantar ſe me eſpantaſſe.
Mas que ſe já de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caſo lhe mudaſſe
O vulto, (ou de prudente, ou de conſtante)
Exemplo tome delle, e naõ me eſpante.

VI.

Parece a razaõ boa ; mas eu digo
Deſte uſo da fortuna taõ damnado ,
Que quanto he mais uſado , e mais antigo ,
Tanto he mais eſtranhado , e blaſphemado.
Porque ſe o Ceo , das gentes taõ amigo ,
Naõ dá á fortuna tempo limitado ,
Bem he para cauſar hum grande eſpanto ,
Que mal taõ mal olhado dure tanto.

VII.

Outro eſpanto maior aqui me enlêa ;
Que com quanto fortuna taõ profana
Com eſtes deſconcertos ſenhorêa ,
A nenhuma peſſoa deſengana.
Naõ ha ninguem que aſſente , nem que crêa
Eſte diſcurſo vão da vida humana ,
Por mais que philoſophe , nem que entenda ,
Que algum pouco do Mundo naõ pertenda.

VIII.

Diogenes piſava de Plataõ
Com ſeus ſórdidos pés o rico eſtrado ,
Moſtrando outra mais alta preſumpçaõ
Em deſprezar o fauſto taõ prezado.
Diogenes , naõ vês que extremos ſaõ
Eſſes que ſegues de mais alto eſtado ?
Pois ſe de deſprezar te prézas muito ,
Já pertendes do Mundo fama , e fruito.

IX.

Deixo agora Reis grandes, cujo eſtudo
He fartar eſta ſede cubiçoſa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa ſumptuoſa.
Deixo aquelles que tomam por eſcudo
De ſeus vicios, e vida vergonhoſa,
A nobreza de ſeus anteceſſores,
E naõ cuidam de ſi que ſaõ peores.

X.

Aquelle deixo, a quem do ſomno eſperta
O grão favor do Rei que ſerve, e adora,
E ſe mantém deſta aura falſa, e incerta,
Que de coraçõeſ tantos he ſenhora.
Deixo aquelles que eſtaõ co' a boca aberta
Por ſe encher de theſouros de hora em hora;
Doentes deſta falſa hydropeſia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

XI.

Deixo outras obras váas do vulgo errado,
A que já naõ ha alguem que contradiga;
Nem de outra couſa alguma he governado,
Que de huma opiniaõ, e uſança antiga.
Mas pergunto ora a Ceſar eſforçado,
Ora a Plataõ divino, que me diga,
Eſte das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?

XII.

Ceſar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios, e esforçados:
Fui Monarca do Mundo; e larga hiſtoria
Ficará de meus feitos ſublimados.
He verdade: mas eſſe mando, e gloria,
Lograſte-o muito tempo? Os conjurados
Bruto, e Caſſio diraõ, que ſe venceſte,
Em fim, em fim, ás mãos dos teus morreſte.

XIII.

Dirá Plataõ: Por ver o Etna, e o Nilo,
Fui a Sicilia, a Egypto, e outras partes,
Só por ver, e eſcrever em alto eſtilo
Da natural ſciencia em muitas artes.
O tempo he breve, e queres conſumi-lo,
Plataõ, todo em trabalhos; e repartes
Taõ mal de teu eſtudo as breves horas,
Que, em fim, do falſo Phebo o filho adoras?

XIV.

Pois quanto des que vive já apartada
A alma deſta priſaõ terreſte, e eſcura,
Eſtá em tamanhas couſas occupada,
Que da fama que fica nada cura.
E ſe o corpo terreno ſinta nada
O Cynico dirá ſe por ventura
No campo onde lançado morto eſtava
De ſi os cães, ou as aves, enxotava.

XV.

XV.

Quem taõ baixa tiveſſe a phantaſia,
Que nunca em móres couſas a meteſſe;
Que em ſó levar ſeu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebeſſe!
Quaõ bemaventurado que ſeria,
Que por mais que a fortuna revolveſſe,
Nunca em ſi ſentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ſer pequena!

XVI.

Veria erguer do Sol a roxa face;
Veria correr ſempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no Horizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria ſimples, e quieto;
Sem mais eſpecular algum ſecreto.

XVII.

De hum certo Traſilao ſe lê, e eſcreve,
Entre as couſas da velha Antiguidade,
Que perdido grão tempo o ſiſo teve,
Por cauſa de huma grave enfermidade:
E em quanto de ſi fóra doudo eſteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram ſuas, das naos que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

XVIII.

Por hum Senhor mui grande ſe teria,
(Além da vida alegre que paſſava)
Pois nas que ſe perdiam naõ perdia,
E das que vinham ſalvas ſe alegrava.
Naõ tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito, ſeu irmão, que auſente eſtava,
Chegando á patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

XIX.

Aos Medicos o entrega, e com aviſo
O faz eſtar á cura refuſada.
Triſte, que por tornar-lhe o antigo ſiſo
Lhe tira a doce vida deſcanſada!
As hervas Apollineas de improviſo
O tornam á ſaude já paſſada.
Siſudo Traſilao, ao charo irmaõ
Agradece a vontade a obra naõ.

XX.

Porque deſpois de ver-ſe no perigo
Do trabalho a que o ſiſo o obrigava;
E deſpois de naõ ver o eſtado antigo,
Que a louca preſumpçaõ lhe preſentava:
O' inimigo irmão, com côr de amigo;
Para que me tiraſte (ſuſpirava)
Da mais quieta vida, e livre em tudo,
Que nunca pôde ter algum ſiſudo?

XXI.

XXI.

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o Mundo ſe acabára,
Ou que a ordem mudaſſe a natureza?
Agora me he penoſa a vida chara:
Sei que couſa he trabalho, e que triſteza.
Torna-me a meu eſtado; que eu te aviſo
Que na doudice ſó conſiſte o ſiſo.

XXII.

Vedes aqui, Senhor, bem claramente
Como a fortuna em todos tem poder,
Senaõ ſó no que menos ſabe, e ſente,
Em quem nenhum deſejo póde haver:
Eſte ſe póde rir da cega gente;
Neſte naõ póde nada acontecer;
Nem eſtará ſuſpenſo na balança
Do temor mao da perfida eſperança.

XXIII.

Mas ſe o ſereno Ceo me concedêra
Qualquer quieto, humilde, e doce eſtado,
Onde com minhas Muſas ſó vivera,
Sem ver-me em terra alhêa degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem conhecêra eu outro mais honrado,
Senaõ a vós, tambem, como eu, contente,
Que bem ſei que o ſerieis facilmente:

XXIV.

E ao longo de huma clara, e pura fonte,
Que em borbulhas naſcendo convidaſſe
Ao doce paſſarinho, que nos conte
Quem da chara conſorte o apartaſſe:
Deſpois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gaſalhado o frio nos levaſſe,
Avivando o juizo ao doce eſtudo,
Mais certo manjar da alma, em fim, que tudo:

XXV.

Cantára-nos aquelle que taõ claro
O fez o fogo da arvore Phebea,
A qual elle em eſtylo grande, e raro,
Louvando, o cryſtallino Sorga enfrêa,
Tangéra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa:
Paſſara celebrando o Tejo ufano
O brando, e doce Laſſo Caſtelhano:

XXVI.

E comnoſco tambem ſe achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro geſto,
Na alma ſómente vejo, porque nella
Eſtá em eſſencia puro, e manifeſto,
Por alta influiçaõ de minha eſtrella
Mitigando o rigor do peito honeſto,
Entretecendo roſas nos cabellos,
De que tomaſſe a luz o Sol em vellos:

XXVII.

E em quanto por Veraõ flores colheſſe,
Ou por Inverno a fogo accommodado,
O que de mi ſentíra nos diſſeſſe,
De puro amor o peito ſalteado;
Naõ pedíra entaõ eu, que amor me déſſe
Do inſano Traſilao o doudo eſtado,
Mas que alli me dobraſſe o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

XXVIII.

Mas por onde me leva a phantaſia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se taõ louge a fortuna me deſvia,
Que inda me naõ conſente as eſperanças?
Se hum novo penſamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as eſquivanças
Do bem, me fazem taõ deſamparado,
Que naõ póde ſer mais que imaginado?

XXIX.

Fortuna, em fim, co' o amor ſe conjurou
Contra mi, porque mais me magoaſſe:
Amor a hum vão deſejo me obrigou,
Só para que a fortuna mo negaſſe:
O tempo á tal eſtado me chegou,
E nelle quiz que a vida ſe acabaſſe;
Se ha em mi acabar-ſe, o que eu naõ creo;
Que até da muita vida me receo.

ESTANCIAS SEGUNDAS.

I.

COmo nos voſſos hombros taõ conſtantes
(Principe illuſtre, e raro) ſuſtenteis
Tantos negocios arduos, e importantes,
Dignos do largo Imperio que regeis;
Como ſempre nas armas rutilantes
Veſtido, o mar, e a terra ſegureis
Do Pirata inſolente, e do tyrano
Jugo do potentiſſimo Othomano:

II.

E como com virtude neceſſaria,
Mal entendida do juizo alheo,
A' deſordem do vulgo temeraria,
Na ſanta paz ponhais o duro freo;
Se com minha eſcriptura longa, e vária,
Vos occupaſſe o tempo, certo creo
Que com vagante, e ocioſa phantaſia
Contra o commum proveito peccaria.

III.

E naõ menos ſeria reputado
Por doce adulador, ſagaz, e agudo,
Que contra meu taõ baixo, e triſte eſtado
Buſco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opiniaõ do vulgo errado
Vos celebraſſe em verſo humilde, e rudo,
Diraõ, que com liſonja ajuda peço
Contra a miſeria injuſta que padeço.

IV.

Porém, porque a verdade póde tanto
No livre arbitrio, (como diſſe bem
Ao gráo Dario o moço ſabio, e ſanto,
Que foi reedificar Hieruſalem)
Eſta me obriga a que em humilde canto,
Contra a tençaõ que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos naõ alcança;
E naõ de premio algum vil eſperança.

V.

Romulo, Baccho, e outros que alcançáram
Nomes de ſemideoſes ſoberanos,
Em quanto por o Mundo exercitáram
Altos feitos, e quaſi mais que humanos;
Com juſtiſſima cauſa ſe queixáram
Que naõ lhes reſpondêram os mundanos
Favores do rumor juſtos, e iguaes,
A ſeus merecimentos immortaes.

VI.

Aquelle que nos braços poderoſos
Tirou a vida ao Tingitano Anteo,
E a quem os ſeus trabalhos taõ famoſos
Fizeram Cidadáo do claro Ceo;
Achou que a má tençaõ dos invejoſos
Naõ ſe doma ſenaõ deſpois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.

VII.

VII.

Com tudo, ſe Barões taõ excellentes
Foram do baixo vulgo moleſtados,
O vituperio vil das rudas gentes,
He louvor dos Reaes, e ſublimados.
Quem no lume dos voſſos Aſcendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes naõ fiquem da luz, vendo os maiores
Voſſos paſſados, Reis, e Imperadores?

VIII.

Quem verá aquelle Pai da Patria ſua,
Açoute do ſoberbo Caſtelhano,
Que o duro jugo ſó, co' a eſpada nua,
Removeo do peſcoço Luſitano;
Que naõ diga: ó grão Nuno, a eterna tua
Memoria cauſará, ſenaõ me engano,
Que qualquer teu menor tanto ſe eſtime,
Que nunca poſſa ſer ſenaõ ſublime?

IX.

Niſto naõ fallo mais, porque conheço
Que da materia ſe me baixa o engenho:
Mas pois a dizer tudo me offereço,
(E dias ha que no deſejo o tenho)
Sendo vós de taõ alto, e illuſtre preço,
A vida foſtes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, e undoſa tempeſtade,
Só por ſervir á Regia Mageſtade.

X.

E deſpois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito que eſtava
Coſtumado á largueza, e á ſoltura
Do pezado governo que acabava;
Quem naõ terá por ſancta, e juſta cura,
Qual do voſſo conceito ſe eſperava,
A taõ deſenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?

XI.

Naõ he muito, Senhor, ſe o moderado
Governo ſe blaſphema, e ſe deſama,
Porque o povo a larguezas coſtumado,
A' lei ſerena, e juſta, dura chama.
Pois o zelo em virtude ſó fundado
De ſalvar almas da Tartárea flama,
Com a agua ſalutifera de Chriſto,
Poderá por ventura ſer malquiſto?

XII.

Quem quizeſſe negar taõ grão verdade,
Qual he o ſeu effeito ſancto, e pio;
Negue tambem ao Sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Se o ſucceſſo he contrário da vontade
A's obras que ſaõ boas, e o deſvio;
Eſtá nas máos dos homens comettellas,
E nas de Deos eſtá o ſucceſſo dellas.

XIII.

XIII.

Sei eu, e ſabem todos, que os futuros
Verão por vós o Eſtado accreſcentado:
Serão memoria voſſa os fortes muros
Do Cambaico Damaõ bem ſuſtentado:
Da ruina mortal ſerão ſeguros
Tendo todo o alicerce ſeu fundado
Sobre órphãas amparadas com maridos,
E pagos os ſerviços bem devidos.

XIV.

Quando de infamia ao Principe he perder-ſe
Pouco do Eſtado ſeu que inteiro herdou,
Tanto por gloria grande póde ter-ſe
Se accreſcentado, e próſpero o deixou.
Nunca conſentio Roma ennobrecer-ſe
Com triumphos alguem, ſenaõ ganhou
Provincia com que o Imperio ſe augmentaſſe,
Por maiores victorias que alcançaſſe.

XV.

Póde tomar o voſſo nome dino
Damaõ, por honra ſua clara, e pura,
Como já do primeiro Conſtantino
Tomou Byzancio aquelle que inda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no ſeio Gangetico a Natura
Te apoſentou; de ſer taõ inimigo
Deſte Eſtado, naõ ficas ſem caſtigo.

XVI.

Bem viſte contra ti nadantes avès
Cortar a eſpumoſa agua navegando;
Ouviſte o ſom das tubas naõ ſuaves,
Mas com temor horrifero ſoando:
Sentiſte os golpes aſperos, e graves,
Do Luſitano braço nunca brando;
Naõ ſoffreſte o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante.

XVII.

Mas antes dando as coſtas, e a victoria
A' Bragancez ventura naõ corrido,
Déſte bem a entender quaõ grande gloria
He de tal vencedor o ſer vencido.
Quem faz obras taõ dignas de memoria
Sempre ſerá famoſo, é conhecido,
Onde os altos juizos ſe eſtimarem;
Que eſtes ſós tem poder de fama darem.

XVIII.

Naõ vos temais, Senhor, do povo ignaro,
Taõ ingrato a quem tanto faz por elle,
Mas ſabei que he ſignal de ſerdes claro,
O ſer agora taõ malquiſto delle.
Themiſtocles da Patria ſua amparo,
O forte, e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis ao povo deo de Eſpartha antigo,
Teſtimunhas ſeraõ de quanto digo.

XIX.

Pois ao juſto Ariſtides, hum robuſto,
Votando no Oſtraciſmo coſtumado,
Lhe diſſe claro aſſi; porque era juſto
Deſejava que foſſe deſterrado.
Pachitas por fugir do povo injuſto
Calumnioſo, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle já mandára,
Se tirou cò' o ſeu ferro a vida chara.

XX.

Demoſthenes lançado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo,
Que de tres mõſtros grandes te contentas,
Do drago, e moucho, e do vil povo horrendo?
Que glorias immortaes houve que iſentas
Do veneno vulgar foſſem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos;
E vós tambem ſois hum dos Luſitanos.

ESTANCIAS TERCEIRAS.

I.

MUi alto Rei, a quem os Ceos em ſorte
Deram o nome auguſto, e ſublimado,
De aquelle Cavalleiro que na morte,
Por Chriſto, foi de ſéttas mil paſſado;
Pois delle o fiel peito, caſto, e forte,
Co' o nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a ſétta veneranda
Que a vós o Succeſſor de Pedro manda.

II.

Já por ordem do Ceo, que o conſentio;
Tendes o braço ſeu, reliquia chara,
Defenſor contra o gladio que ferio
O Povo que David contar mandára.
E pois que tudo em vós ſe permittio,
Preſagio temos, e eſperança clara,
Que ſereis braço forte, e ſoberano,
Contra o ſoberbo gladio Mauritano.

III.

E o que hum preſagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo, e verdadeiro,
A ſétta que vos dá quem he na terra
Dos celeſtes theſouros Diſpenſeiro.
Que as voſſas ſéttas ſaõ na juſta guerra
Agudas, e entraráõ por derradeiro,
Cahindo a voſſos pés povo ſem lei,
Nos peitos que inimigos ſaõ do Rei.

IV.

Quando voſſas bandeiras deſpregava
Albuquerque fortiſſimo, com gloria,
Por as praias de Perſia, e alcançava
De Naçõeſ taõ remotas a victoria;
As ſéttas embebidas, que tirava
O arco Armuſiano, he larga hiſtoria,
Nos ares, Deos querendo, ſe viravam,
Pregando-ſe nos peitos que as tiravam.

V.

Oh querido de Deos, por quem peleja
O ar tambem, e o vento conjurado!
Ao tambor acode, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado.
Os contrarios revéis á Madre Igreja
Atroáram co'o tom do Ceo irado,
Que aſſi deo já favor maior que humano,
A Joſué Hebreo, a Teodoſio Hiſpano.

VI.

Pois ſe as ſéttas tiradas da inimiga
Corda, contra ſi ſó nocivas ſaõ,
Que faraõ, Rei, as voſſas que tem liga
Com a que já tocou Sebaſtiaõ?
Tinta vem do ſeu ſangue, com que obriga
A levantar a Deos o coraçaõ,
Crendo bem que as que vós deſpedireis
No ſangue Sarraceno as tingireis.

VII.

Aſcanio, (ſe trazer me he concedido
Entre ſanctos exemplos hum profano)
Rei do Imperio, deſpois taõ conhecido,
De Roma, e ſó reliquia do Troiano;
Vingou com ſétta, e animo atrevido,
As ſoberbas palavras de Numano;
E logo foi de alli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.

VIII.

Aſſi vós, Rei que foſtes ſegurança
De noſſa liberdade, e que nos dais
De grandes bẽes certiſſima eſperança,
Nos coſtumes, e aſpecto que moſtrais;
Concebemos ſegura confiança,
Que Deos a quem ſervís, e venerais,
Vos fará vingador dos ſeus revéis,
E os premios vos dará que mereceis.

IX.

Eſtes humildes verſos, que pregáõ
Saõ deſtes voſſos Reinos com verdade,
Recebei com benigna, e Real maõ,
Pois he devido a Reis benignidade.
Tenham (ſenaõ merecem galardaõ)
Favor ſequer da Régia Mageſtade:
Aſſi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o nome, e reliquia, favor ſanto.

ESTANCIAS QUARTAS.

I.

DEſpois que a clara Aurora a noite eſcura
Com novo reſplandor foi desfazendo;
E Phebo por os montes, e eſpeſſura,
Os ſeus dourados raios eſtendendo;
Se buſcava nos valles a verdura
O manſo gado a luz ſerena vendo;
Quando a férvida ſéſta já abrazava,
Todo animal da calma repouſava.

II.

Ja por fugir do Sol o fogo ardente,
As ſombras os rebanhos vaõ buſcando:
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as manſas máis hiam ſaltando:
Tangendo as ſuas frautas docemente
Os Paſtores, eſtavam enganando
A grão chamma Solar que entaõ ardia;
Só Liſo o ardor della naõ ſentia.

III.

Triſtes lembranças tanto o traſpaſſavam,
Que a dura ſéſta nellas ſó paſſava:
O tempo que em prazer outros gaſtavam,
Em celebrar ſeu mal elle o gaſtava:
As feſtas que com jogos celebravam,
Elle com ſuſpirar as celebrava:
Nada buſcava mais, mais naõ queria
Que o repouſo do fogo em que elle ardia.

IV.

Os repetidos jogos dos Paſtores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem ſuas dores,
Mas antes na alegria as vê creſcídas.
Como o repouſo roubam os amores
A's almas que para elles ſaõ naſcidas,
Delle, todo o repouſo que eſperava,
Conſiſtia na Nympha que buſcava.

V.

Com o choro, que já corria em fio
Por o pallido roſto, augmenta as fontes,
Que levam agua eſtranha ao claro rio
Que os valles vai regando entre altos montes.
Com ſuſpiros a quem o ecco pio
Reſponde de apartados Horizontes,
Os ventos parecia que enfreava,
Os montes parecia que abalava.

VI.

Que ás queixas de ſeus doces penſamentos
Se moveſſem os montes mais conſtantes,
Se paraſſem os mais veloces ventos,
Que eſtavam, que corriam circumſtantes;
Bem ſe devia á dor de ſeus tormentos,
E inda que foſſe em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triſte ſom das mágoas que dizia.

VII.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lhe encarecia, a que ſogeito
O tinha em pena eterna o amor puro:
Moſtrava-lhe eſte na alma mais perfeito,
Quanto mais offendido mais ſeguro:
A Nympha mais ſegura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

VIII.

As láſtimas aqui tanto creſcêram,
Que ſe em montes de Hircania ſe eſcuitáram,
Tigres nos ſeios ſeus mover pudéram,
E pedras nos ſeus cumes abrandáram.
Mas ſe no peito as triſtes vozes déram
De aquella fera humana que buſcáram,
Elle de as admittir ſe retirava;
Que na vontade de outro poſto eſtava.

IX.

Deſenganado já da triſte ſorte,
De que mal fino amor ſe deſengana,
Com a eſperança ſó de ſua morte
Aquellas penas ultimas engana.
Deixando na eſpeſſura o claro norte,
Para elle de outra luz mais ſoberana,
A hum valle aberto entaõ ſahir procura,
Canſado já de andar por a eſpeſſura.

X.

Deixando as ſuas cabras que paſceſſem
Naquelle verde prado as freſcas flores;
Porque os Satyros leves o ſoubeſſem,
Ou os ſylveſtres Faunos amadores;
Tambem porque os Paſtores o entendeſſem,
Todo o proceſſo, e fim de ſeus amores
Eſcreveo (ſem em nada haver mudança)
No tronco de huma faia por lembrança.

XI.

Por lembrança no tronco de huma faia,
Que vai ſahindo ao Ceo de puro altiva,
Na verde, prateada, e aurea praia,
Por onde o claro Tejo ſe deriva;
Porque tambem ao Ceo ſua dor ſaia,
Sobre aquella corrente fugitiva,
Eſcripta no papel da natureza,
Eſcreve eſtas palavras de triſteza.

XII.

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des que em mi ſentio que era captivo
De aquelle brando olhar que me enganou,
O amor tornava em deſamor eſquivo,
E de hum tormento tal a outro paſſou.
Em couſas taõ ſujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem ſua eſperança.

XIII.

Para dar proveitoſos deſenganos
Dos enganos que ſaõ de amor effeitos,
E dos dous ſexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de ſeus peitos;
Eſtas letras aqui por longos annos
Digam, (a coraçoẽs a amar ſujeitos)
Em peito varonil, que de ventura;
Em peito feminil, que de natura.

XIV.

Faltou-lhe aqui o alento, e já cansado
Cahio ao pé da faia em que escrevia,
Naõ podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia;
Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

ESTANCIAS QUINTAS.

I.

Cá nesta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano, e falsidade;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade:
Cá donde enrouqueceo da Lusitana
Musa o furor heroico, e suavidade;
Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o Mundo cria:

II.

Cá donde o puro amor naõ tem valia,
Porque Baccho o tem hoje desterrado;
Cá donde a frecha de ouro naõ feria,
Senaõ cabello preto, e alfenado:
Cá donde a loura trança naõ servia,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá donde nada val á gloria humana,
Que a mãi, que manda mais, tudo profana.

III.

III.

Cá donde o mal ſe affina, o bem ſe dana,
Se algum a terra em ſi quer produzir;
Cá donde a falſa gente Mahometana
A gloria toda funda em adquirir:
Cá donde multiplica a mão tyrana
Profeſſa em mais creſcer, matar, mentir;
Cá donde o fazer bem he villanía,
E póde mais que a honra a tyrannia:

IV.

Cá donde a errada, e cega Monarchia
De fabuloſas leis eſtá vivendo,
E á força de hum amor engrandecia
O nefando Alcoraõ em que eſtá crendo:
Cá donde nada val a Poeſia,
E ſe eſtá da lei della eſcarnecendo;
Cá donde a fidalguia Mahometana
Cuida com nome vão, que a Deos engana.

V.

Cá neſta Babylonia, onde a Nobreza
Da Luſitana gente ſe perdeo;
E do grão Sebaſtiam toda a grandeza
Irreparavelmente ſe abateo:
Cá donde algum mentir naõ he baixeza,
E os meritos eſmola (aſſi creſceo
Da cobiça mortal a ſemrazaõ)
Com esforço, e ſaber, pedindo vaõ.

VI.

VI.

A's portas da cobiça, e da vileza,
Eſtes netos de Agar eſtaõ ſentados,
Em bancos de torpiſſima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He do feo Alcoram ſumma a largueza
Que tem para que ſejam perdoados
De quantos erros commettendo eſtaõ
Cá neſte eſcuro cáos de confuſaõ.

VII.

Cumprindo o curſo eſtou da natureza,
Illuſtre Dama, neſte labyrinto;
Mas quem uſa comigo mais crueza,
He tua condiçaõ, que na alma ſinto.
Acabe-ſe algum dia tal triſteza,
E eſte ſentido mal que em verſos pinto:
E pois na alma he ſentido, e coraçaõ,
Vê ſe me eſquecerei de ti, Siaõ.

ESTANCIAS SEXTAS.

I.

SEnhora, ſe encobrir por alguma arte
Pudéra eſta occaſiaõ de meu tormento;
Naõ crêas que chegára a declarar-te
Eſte meu perigoſo penſamento:
Mas por mais que te offenda, naõ ſou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Elle he de amor, e delle fui forçado
A que te declaraſſe o meu cuidado.

II.

II.

Se merece caſtigo a confiança
Com que deſcubro agora o que padeço,
Aqui prompto me têes, toma a vingança
Que por taõ grave culpa te mereço.
Bem me podes negar toda eſperança,
Mas eu naõ deſiſtir deſte começo;
Porque tempo, e fortuna, naõ ſaõ parte
Para deixar hum'hora ſó de amar-te.

III.

Já que ver-te os meus olhos alcançáram,
Deſcanſem neſte bem com alegria,
Pois já com ver os teus tanto ganháram,
Quanto, eſtando ſem vê-los, ſe perdia.
Que gloria querem mais, ſe a ver chegáram
Aquella pura luz que vence ao dia?
Qual mór bem ha no Mundo que querer-te,
Senaõ ha mais que ver deſpois de ver-te?

IV.

Minhas dores mortaes, bella Senhora,
Tiráram á virtude ao ſoffrimento;
E fazendo-ſe mais em qualquer hora,
Levando vaõ traz ti meu penſamento:
Porém ſoberbos vejo deſde agora,
Por a cauſa gentil de ſeu tormento,
Minha alma, meu deſejo, meu ſentido,
Porque á tua belleza ſe haõ rendido.

V.

V.

A par de tua rara formoſura
Se deſconhece o mór merecimento:
A tua claridade torna eſcura
Do Sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A viſta em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o Mundo co' o traslado.

VI.

Aquelles que eſcrevêraõ mil louvores
De formoſura, graça, e gentileza,
Todos foram, Senhora, hũus borradores
De tua perfeitiſſima belleza.
Agora ſe vê claro em teus primores
Que em ti ſe eſmerou mais a natureza;
E que eram os ſeus cantos prophecias
Do que havias de ſer em noſſos dias.

VII.

Vê, pois, ſe vinha a ſer culpavel falta
Em mi o naõ render-te amante a vida,
E ſe a deixar de amar gloria taõ alta
Era digno da pena mais creſcida.
Em fim, eu te amarei: qué amor me exalta
Co' o caſtigo de culpa aſſi atrevida:
E quando della caia, maior gloria
Terá o Tejo, que o Pó com ſua hiſtoria.

ADVERTENCIA.

No tomo quarto dos ſeus Commentarios ás Rhythmas de Luis de Camões, pag. 134, *traz Manoel de Faria e Souſa as ſeguintes Eſtancias a Santa Urſula; e ahi meſmo em hum Ante-eloquio, ou Prologo, prova concludentiſſimamente ſerem do meſmo Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, que ſem algum pejo, no Livro intitulado Rhythmas ao Bom Jeſus, as imprimio por ſuas. Naõ temos neceſſidade de produzir por ora eſtas provas: ſómente advertimos ao Leitor curioſo, que queira conferir eſte Poema com o que publicou o meſmo Diogo Bernardes, no ſobredito Livro, (temos preſente a ediçaõ de 1594) e conhecerá a differença; quanto aqui vai melhorado; e quanto o meſmo Manoel de Faria foi mais feliz em achar melhores, e mais certos Manuſcriptos.*

ESTANCIAS SEPTIMAS.

I.

DE húma formoſa Virgem deſpoſada,
Que de outras onze mil, tambem formoſas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com corôas de lyrios, e de roſas;
De Chriſto Eſpoſo ſeu taõ namorada,
Que delle as quiz fazer todas Eſpoſas;
Amor, vida, e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que della eſpero.

II.

II.

Alcança, Urſula bella, (que diante
De taõ bello eſquadraõ foſte por guia)
Do teu ſuave Amor, que de ti cante
O ſeu amor que no teu peito ardia.
Meu verſo para ti mais ſe levante,
O' Chriſtifera, ó Heroica companhia:
Tanto ſe moſtre aqui mais ſoberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

III.

E vós, unica Mái, e Virgem pura,
Pois ſois das que tal ordem eſcolhêram,
Que foſtes, ſois, ſereis guarda ſegura
Da pureza que a Deos offerecêram;
Neſte canto me dai melhor ventura
Do que atégora as Muſas váas me déram:
Voſſas ſervas ſeraõ de mi ſervidas,
Cantadas ſuas mortes, ſuas vidas.

IV.

Sereniſſima Infante, produzida
Do grão Tronco Real, ſublime Planta;
No titulo, nas obras, e na vida,
Retrato natural de Urſula Santa;
Deſta Virgem, tambem de Reis naſcida,
Ouvi com lédo roſto o que ſe canta:
Dai o ſentido hum pouco a tal ſogeito;
Naõ lhe tire ſeu preço o meu defeito.

V.

No tempo que Cyriáco ſe ſentava
Na Cadeira de Pedro Peſcador;
De que com sãa doutrina apaſcentava
As Ovelhas de Chriſto, Bom Paſtor;
Teve Bretanha hum Rei, que profeſſava
A Lei que deo no Mundo o Redemptor,
Juſto, e temente ao Ceo, pio, e devoto,
Chamado Mauro de hũus, e de outros Noto.

VI.

De virtudes hum novo exemplo, e raro,
Em idade, e belleza, florecia
Urſula, por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que poſſuia;
Com quem em nada o Ceo quiz ſer avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honeſta, e docta, a maravilha,
De taõ ditoſo Pai ditoſa Filha.

VII.

Aquella que por o ar com ligeireza
As penas de mil azas abre, e cerra;
E que com velociſſima preſteza
Com outros tantos pés corre por terra:
Aquella, que de ſua natureza
Naõ cuida em quanto diz ſe acerta, ou erra;
E de huma em outra boca ſe derrama:
Aquella, em fim, a quem chamamos fama:

VIII.

VIII.

Hia por todo o Mundo divulgando
Extremos deſta Virgem ſoberana,
Aquella formoſura celebrando
Com que amor cego a tanta viſta engana:
Mais hia a da alma ſua publicando,
Porque era mais divina do que humana:
Já de huma, e de outra já, dizia tanto,
Que em hũus criava amor, n'outros eſpanto.

IX.

Ouvidos ſeus louvores, muitas vezes
Deſejou deſta Virgem fazer nora
Hum Rei que o ſceptro tinha dos Inglezes;
Idólatras entaõ, cegos agora.
O' povo cego, e leve; as torpes fezes
Aparta do ouro puro, e lança fóra.
Torna-te ao teu Paſtor, perdido gado;
Olha que vás ſem elle mal guiado.

X.

Hum filho deſte Rei, (de quem dizia
Que ſer de Urſula ſogro deſejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Já dentro no ſeu peito a namorava.
Alli ſeu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por o amor, della, ſuſpirava.
Suſpira elle por ella; ella ſuſpira
Tambem por outro amor que nunca víra.

XI.

Mandou o Rei Inglez Embaixadores
Com pompa Regia, e luſtre ſumptuoſo,
(Do grande Reino ſeu grandes Senhores)
A Noto, Rei naõ tanto poderoſo.
Pedio-lhe a bella Filha (que em amores
Ardia toda do celeſte Eſpoſo)
Para Eſpoſa do Filho, que ſabia
Que já de amores della todo ardia.

XII.

O Rei Bretaõ ſe achava deſcontente
Com a nova Embaixada de Inglaterra:
Recêa que ſe nella naõ conſente,
O Gentio lhe mova cruel guerra:
Porque ſendo mais rico, e mais potente,
Aſſi no largo mar, como na terra,
Quando deſprezos viſſe de ſeu rogo,
Podia pôr Bretanha a ferro, e fogo.

XIII.

Sobre eſte naõ errado penſamento
Do medo de perder ſeu ſenhorio,
Novo diſcurſo tinha, e novo intento,
Com que ſe achava mais medroſo, e frio.
Eſtranhava o fazer ajuntamento
Da Catholica Filha co' hum Gentio;
Pois nem a Lei de Chriſto o permittia,
Nem Urſula fiel o admittiria.

XIV.

Eſtando o Pai em tal anguſtia poſto,
Divinamente a Filha já inſpirada,
Lhe aſſegurava com ſereno roſto,
Que conſentir podia na Embaixada:
Dizendo que ſe o Inglez levava goſto
De ella com ſeu herdeiro ſer caſada,
Primeiro lhe mandaſſe dez donzellas,
Do Reino as mais illuſtres, as mais bellas.

XV.

Que mil daria a cada Virgem deſtas;
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro ſangue, e em viſta honeſtas:
Deſta arte a conta de onze mil fazia.
Que por trez annos dilaçaõ nas feſtas,
A'lém do já pedido, lhe pedia;
E náos, e mantimentos, porque todas
Foſſem com ella a Roma antes das bodas.

XVI.

Alli ſua pureza, e virgindade,
Queria com ſolemne, e ſacro voto
Conſagrar á Divina Poteſtade,
Que o Ceo, e a terra fez de proprio moto.
E que deixaſſe a vãa Gentilidade
Seu Filho, para genro ſer de Noto,
Para que neſte eſpaço doutrinado
Foſſe na Fé de Chriſto, e baptizado.

XVII.

XVII.

Com eſtas condiçõẽs Urſula diſſe
Ao charo Pai, que, a ſer dellas contente,
Podia reſponder, e deſpediſſe
A propoſta de aquelle Rei potente:
Ou porque ouvindo-as elle deſiſtiſſe,
Podendo-ſe acceitar difficilmente;
Ou porque, quando as Virgẽes concedeſſe,
Comſigo a ſeu Senhor onze mil déſſe

XVIII.

Oh Divino ſaber, quaõ ſoberano
Concelho he ſempre o teu! Quaõ remontado!
Oh quanto o mór ſaber te cede, humano,
Por mais que de razõẽs vá mais ornado!
Já dos idolos deixa o cego engano
O Principe, da Virgem namorado:
Já terno pede ao Pai quanto ella pede;
Já o Pai quanto lhe roga lhe concede.

XIX.

Já para ti, ó Virgem bella, e branda,
Com hũa ſingular velocidade,
Juntar ſe via de hũa, e de outra banda,
De feminil Nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o Rei já manda;
Já nellas ſe recolhe a Virgindade;
Já daõ para Bretanha ao vento vellas;
O coraçaõ do Noivo vai com ellas.

XX.

Já vem a tomar porto onde eſperava
Urſula alvoroçada em grão maneira;
Que para as receber alli ſe achava,
Como Senhora naõ, mas companheira.
Quaõ falſa era a Lei dellas lhes moſtrava,
A de Chriſto quaõ pura, e verdadeira.
Já ſe baptiza huma, e outra Dama;
Damas Urſula já, do Ceo, lhes chama.

XXI.

A fama, que naõ ſabe repouſar,
Voou de Reino em Reino, d'Ilha em Ilha;
A gente que concorre naõ tem par,
Por ver a nunca viſta maravilha.
Outros vem por ſervir, e acompanhar
A Virgem de Rei Nora, de Rei Filha.
Movem-ſe muitos Biſpos de Bretanha;
Pantolo em vida, e morte os acompanha.

XXII.

Por ti, deixando o Reino, co' a familia,
E quatro filhas ſuas, ſe embarcou
(Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
Hum filho tinha mais que mais levou)
Geraſina, Rainha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;
Que he juſto que comtigo vaõ Rainhas,
Quando tu para o Rei dos Reis caminhas.

XXIII.

Já ſe partem as bellas Peregrinas,
As mãos ao claro Empyreo levantadas;
Já rompem, já, por ondas cryſtallinas
As náos de formoſura carregadas.
Quando, dizei, ó aguas Neptuninas,
Foſtes de tal belleza navegadas?
Nunca, depois que a terra deſcobriſtes,
A tal frota por vós caminho abriſtes.

XXIV.

Com vento ſempre igual, com mar bonança,
Sem perigos algũus, ſem algum pejo,
Cicla foram tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coraçaõ da Virgem naõ deſcança,
Saudoſa do fim de ſeu deſejo:
Manda que levem ferro, ſoltem linho,
Que leve por o mar o negro pinho.

XXV.

O vento nova poſſe vai tomando
Das Virgẽes que lhe ſaõ encommendadas:
Com tal proſperidade vaõ voando,
Que já deixam atraz ondas ſalgadas:
Já nas doces do Rheno eſtaõ entrando,
Onde tem ſuas vidas limitadas:
Huma Cidade vem á lingua da agoa,
Que de vê-las morrer naõ teve mágoa.

XXVI.

XXVI.

Ah Colonia cruel, que naõ te encobres
A taõ formoſos olhos, que ſeguros
As altas torres viam que deſcobres,
Luſtroſos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Ceo que fama cobres
De ſer taõ dura mãi de peitos duros!
Duros peitos, que a tantos, limpos de erro
Víram abrir ſem dor com impio ferro.

XXVII.

Eſtando neſte porto a bella Armada,
Tomando o neceſſario mantimento,
Para poder ſeguir ſua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite já paſſada,
A Virgem lá no ſeu retrahimento,
Quando eſtava dormindo toda a Frota,
A Chriſto orou aſſi, branda, e devota:

XXVIII.

Amor, divino Amor, Amor ſuave;
Amor, que amando voũ toda rendida;
Com quem naõ ha na vida pena grave,
Sem quem gloria real naõ ha na vida;
Amor, que do meu peito têes a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida;
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXIX.

Amor, que de amor cheo, e de brandura,
De amor enches eſta alma ſaudoſa;
Amor, ſem cujo amor, e formoſura,
Naõ póde nunca haver couſa formoſa;
Amor, com cujo amor anda ſegura
Huma vida taõ fraca, e duvidoſa;
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja Amor, o que naõ vejo?

XXX.

Amor, que por amor te diſpuzeſte
A reſtaurar o Mundo errado, e triſte;
Amor, que por amor do Ceo deſceſte;
Amor, que por amor á Cruz ſubiſte;
Amor, que por amor a vida déſte;
Amor, que por amor a gloria abriſte;
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXI.

Amor, que mais, e mais ſempre te augmentas
No coraçaõ que lá comtigo trazes;
Amor, que de amor puro te ſuſtentas
No fogo em que tu meſmo arder me fazes;
Amor, que ſem amor naõ te contentas,
De tudo com amor te ſatisfazes;
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXII.

Amor, que com amor me captivaſte;
(Se livre póde ſer quem naõ captivas)
Amor, que em taes prisões me aſſeguraſte
As eſperanças de antes fugitivas:
Amor, que ſuſpirando me enſinaſte
A derramar por ti lagrimas vivas;
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXIII.

Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de Virgẽes appareça
Na tua ſoberana, e eterna Corte?
Onde lá cada huma te mereça,
Cá paſſando comigo a propria morte;
E todas dando o ſangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas.

XXXIV.

Faze-me já, Senhor, eſta vontade
Que tenho de te ver, que ſempre tive,
Des que me deo lugar a tenra idade,
E lume de razaõ neſta alma vive.
Naõ queiras, meu Amor, que a ſaudade
Sem tal bem a mi ſó da vida prive;
Que ſe muito ſe alarga eſte deſterro,
Por ella irei a ti, naõ por o ferro.

XXXV.

XXXV.

Deſata o meu eſpirito ſaudoſo,
Do nó mortal em que ſe vai detendo,
Primeiro que tres vezes preſuroſo
O Sol os doze Signos vá correndo.
Eſpaço he que tomei, meu doce Eſpoſo,
Para outro eſpoſo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creo
Que acabes com a vida o meu receo.

XXXVI.

Inda neſte fervente, e juſto rogo
Urſula ſuſpirando procedia,
Quando de hum reſplandor como de fogo,
Divina voz ouvio, que aſſi dizia:
O' Virgem, que ſoubeſte fazer jogo
Do que no Mundo tem maior valia;
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que ſeja o que tu queres.

XXXVII.

Tanto que tal reſpoſta do Ceo teve,
Naõ quiz do que eſperava perder hora:
Já lhe parece larga a noite breve,
E que Já tarda muito a bella Aurora.
Em deſcobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia ſahio fóra:
Já Baſiléa em breve tempo toma:
E a pé de alli partíram para Roma.

XXXVIII.

XXXVIII.

O Paſtor ſummo, Ciriáco ſanto,
As ſahe a receber, e as acompanha
Com gozo eſpritual, com grande eſpanto
De ver em tal idade fé tamanha.
Dizer ſe póde mal, mal cuidar quanto
Se goſa o Real ſangue de Bretanha,
Os veneraveis Templos viſitando
De aquelles que tambem foi imitando.

XXXIX.

Na propria noite deſte proprio dia
Que Roma ver as Virgées mereceo,
A quem de Pedro a Barca entaõ regia,
Revelou o que rege a terra, e Ceo;
Que martyrio tambem receberia
Onde Urſula co' as mais o recebeo:
Deixa contente o grão Pontificado,
Deſejoſo de ſer martyrizado.

XL.

Por mais que todo o Clero ſoffre mal
Mover-ſe por aquellas Eſtrangeiras,
Movido da Vontade divinal
O bom Paſtor ſe vai com as Cordeiras.
Hum Arcebiſpo leva, hum Cardeal:
Tres Biſpos deixam vagas tres Cadeiras,
De Luca, Ravicana, e de Ravenna:
Mauricio me ficava já na penna.

XLI.

Deſpois de na agua entrar donde ſahíram ,
Com taõ formoſo Sol tantas Eſtrellas ,
Já as ancoras debaixo acima tiram ,
E de cima já abaixo ſoltam vellas.
Eſtas náos lá adiante outras náos víram ,
Que fazendo-ſe vem na volta dellas :
Conhecêram-ſe logo as duas Frotas :
Ambas de hum Reino ſaõ , ambas devotas.

XLII.

Alli (já Rei erguido de Inglaterra)
Vinha de Urſula bella o bello Eſpoſo ,
Que reinar naõ queria já na terra ,
Do Ceo já namorado , e ſaudoſo.
Do ſeu primeiro amor venceo a guerra ,
A força de outro amor mais poderoſo :
Amando já em ſeu Deos a Eſpoſa bella ,
Para o poder achar buſcava a ella.

XLIII.

A Mãi , já convertida , traz comſigo ;
O Pai já Chriſtão feito fallecêra ,
Com que ſoube evitar o grão caſtigo
Que morrendo Gentio naõ ſoubera.
Amor celeſte , como aqui naõ digo
O teu ſublime obrar ? Ah quem pudera !
Por meio de huma Virgem foſte meio
Com que gente copioſa a Chriſto veio.

XLIV.

Vinha mais neſta nova companhia
Florencia, irmãa do Rei, da Mãi cuidado;
Florencia, que em belleza florecia,
Como flor em jardim bem cultivado.
Tambem a Frota Biſpos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:
O primeiro já em Grecia bago teve;
Do ſegundo o Biſpado naõ ſe eſcreve.

XLV.

Outra Virgem viuva alli mais vinha,
Que deſpoſada ſendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Chriſto a caſtidade.
Eſta do meſmo Rei era ſobrinha,
Filha da Imperatriz da grão Cidade,
Onde por culpa noſſa, ou pouca dita,
Seu throno agora tem o fero Scita.

XLVI.

Eſtes que advette repetida Hiſtoria
Deixáram ſó por Deos altos Eſtados,
Com outros de que he menos a memoria,
Foram divinamente amoeſtados,
Que todos (para entrar juntos na gloria)
Ao Coro Virginal foſſem juntados,
Com quem na terra Martyres ſeriam,
E no Ceo para ſempre reinariam.

XLVII.

Seria eſtranho o gozo que ſentíram
Aquellas bem naſcidas Almas ſantas,
Quando juntas alli todas ſe víram
De partes taõ remotas, e de tantas.
Sem eſtorvos, que de antes o impedíram,
As duas, mais que todas, bellas plantas,
Alli abraços ſe daõ ſem algum pejo,
Ambas conformes já n'hum ſó deſejo.

XLVIII.

Alli faria o Rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão governo;
E elle, conforme a ſeu merecimento,
Reſponderia com amor paterno.
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos eſtados differentes,
Todos ſeriam hũus em ſer contentes.

XLIX.

O vento as brancas vélas naõ enchia;
Corria o frio Rheno entaõ mais quedo;
Antes para Colonia naõ corria,
Porque as Virgées naõ foſſem lá taõ cedo.
Parece que já claro conhecia
(Oh Coro Virginal, ſereno, e lédo!)
Que lá vos eſperava a ímpia morte.
Agora, ó Muſa, conta de que ſorte.

L.

Aquelle que na fórma de ſerpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoſo de ver que tanta gente
Se convertia á Lei dos Baptizados;
No coraçaõ entrou manhoſamente
De dous Gentios, Principes damnados,
Da ſoberba Romãa Cavaleria,
Por encurtar a Fé que ſe eſtendia

LI.

A fama os aſſegura com certeza
Que a Virgem a Colonia já voltava,
Com toda a caſta juvenil belleza,
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizeram aviſar com grão preſteza
A hum parente, que Julio ſe chamava,
Soberbo Capitam dos Hunnos feros;
Que todos para todas foram Neros.

LII.

Eis logo o cego Principe Gentio,
Com gente innumeravel de ſeu mando,
A praia a tomar vem do meſmo rio
Por onde as Virgées vinham navegando.
Já deſcobrem aquelle, eſte navio,
Os que eſtaõ do mais alto atalaiando:
A's armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no ſangue novo.

LIII.

Vindo a Frota a ſurgir junto do muro,
Onde lhe parecia eſtar ſegura,
(Oh Virgẽes que buſcais lugar ſeguro
Adonde vos eſpera a ſepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por eſta peregrina formoſura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eis tudo ſangue já, já eis tudo mortes.

LIV.

Já nú todas as Virgẽes offreciam
O delicado collo, o tenro peito:
Era para caber quantas cahiam,
Todo largo lugar lugar eſtreito.
Do puro ſangue os rios que corriam,
Outro vermelho mar já tinham feito.
Tu ſó, Córdula, á morte te eſcondeſte;
Mas deſpois a buſcaſte, e recebeſte.

LV.

Ciriáco o primeiro, bem conſtante,
A vida ao ferro offrece ſem eſpanto:
O moço Rei Inglez cahio diante
De aquelles caſtos olhos que amou tanto.
Eſpera, brando Eſpoſo hum breve inſtante;
Eſpera a tua doce Eſpoſa, em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na Patria chara.

LVI.

Em qual terra, ó cruéis, em qual Cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se naõ uſou de amor, e de piedade,
Com formoſas donzellas deſarmadas?
Como belleza tanta, e tal idade,
Vos deixou arrancar voſſas eſpadas?
Ah lobos, carniceiros, tigres bravos,
Filhos de crueldade, de ira eſcravos!

LVII.

De quantos animais ſuſtenta a terra,
Nunca tanta crueza foi uſada;
Inda que tenham hũus com outros guerra,
Nunca do macho a femia he laſtimada:
Anda a cerva co' o cervo por a ſerra,
A novilha do touro acompanhada,
A' leoneza o leaõ defender préza:
Vós ſós quebrais as leis da natureza?

LVIII.

Puderam outros olhos por ventura
De lagrimas divinas eſcuſar-ſe,
Vendo, cuberta já de nevoa eſcura,
A luz de tantos bellos apagar-ſe?
Vendo a purpurea roſa, a cecem pura,
Em taõ formoſas faces deſcorar-ſe?
As tranças de ouro vendo, eſpedaçadas,
Por debaixo dos pés andar pizadas?

LIX.

Na força deſta furia acceſa, e brava,
O Tyranno cruel a viſta ergueo
A' Virgem, que invencivel animava
As Almas que juntára para o Ceo.
Aſſi já envolta em ſangue como andava,
Da ſua formoſura ſe venceo;
E com doces razões, que amor enſina,
A vencê-lá de amor ſe determina.

LX.

Fingindo ſe arrepende do paſſado,
(E de fingí-lo ſe arrepende azinha)
Sua vida lhe offrece, e ſeu Eſtado,
Sem ver que Eſtado, e vida a perder vinha.
O ſeu amor lhe pede confiado;
O ſeu amor que dado a ſeu Deos tinha:
Pede-lhe o ſeu amor, antes naõ ſeu,
Porque já dado o havia a quem lho deu.

LXI.

Uſa de mil liſonjas, mil enganos,
Por conſeguir o ſeu deſejo bruto.
A flor logra (dizia) de teus anos;
Colhe de eſſa belleza o doce fruto:
Naõ dês materia nova a novos danos,
Naõ pagues verde á morte o ſeu tributo:
Olha que têes em mi (naõ ſaõ cautelas)
Outro Reino, outro Eſpoſo, outras Donzelas.

LXII.

Naõ faças mentiroſa a natureza,
Que dá de amor em ti grande eſperança.
Que ſe póde alcançar de eſſa belleza,
Se já piedade della naõ ſe alcança?
Aos tigres, aos leões, deixa a braveza,
E deixa aos meus ſoldados a vingança.
Se por ver-me cruel queres ſer crua,
Já te vingas de mi em couſa tua.

LXIII.

Volve eſſes olhos já com mais brandura;
Eſſes olhos, de amor doce morada:
Delles naõ faça em mi a formoſura,
O que em tantos já fez a minha eſpada.
Se queres derribar minha ventura,
Que delles eſtar vejo pendurada,
Acabarei de ver quaõ pouca tenho,
Pois donde a matar vim a morrer venho.

LXIV.

Como do rogo meu naõ te aproveitas,
Quando o teu riſco a me rogar te obriga?
Ou naõ conheces bem a quem engeitas,
Ou me engeitas por mais que ſeja, e diga.
Em que cuidas, Senhora, ou que ſuſpeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas naõ conſente amor nome taõ duro,
Em parecer taõ brando, e taõ ſeguro.

LXV.

LXV.

Os raios deſſes olhos já ſerenos
Enxuguem deſſe roſto as puras roſas:
O triſte ſuſpirar já ſoe menos
Neſtas concavidades ſaudoſas.
Naõ façam grande mal males pequenos;
Quem naõ ſoffre eſperanças vagaroſas
Que anda coſtumado em ſeus amores
A medir por ſeu goſto ſeus favores.

LXVI.

Que goſto podes ter de maltratar-me?
Vendo-me do paſſado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que neſte deſtroço tẽes perdido.
Se queres inſiſtir em deſprezar-me,
Ver-me-has, ſobre amoroſo, enfurecido.
Naõ me declaro mais, porque naõ quero
Que o medo faça o que de amor eſpero.

LXVII.

Ah perfido amador! Deixa o teu erro.
Naõ vês quanto enganado, e cego andas?
Aquella a quem naõ vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a ſua alma já deſte deſterro,
Com eſſas que a ſeu doce Eſpoſo mandas.
Naõ a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe naõ queres ſuas dores.

LXVIII.

LXVIII.

Vendo o cruel, em fim, que o que dizia,
Tomava a bella Virgem por affronta;
E que quanto de amor mais ſe accendia,
Ella delle fazia menos conta;
No concavo arco que na mão trazia,
Huma ſétta embebeo de aguda ponta,
E o peito lhe paſſou de banda a banda.
Aſſi rendeo o eſprito a Virgem branda.

LXIX.

Vai-te, Eſprito gentil, deſta baixeza;
As azas abre já, já a luz derrama;
Vôa com deſuſada ligeireza,
Onde o teu Bem te eſpera, onde te chama.
Verás baixa do Mundo a mór alteza;
Verás que engana mais a quem mais ama;
E lá do teu Amor, cá ſuſpirado,
O fructo colherás taõ deſejado.

LXX.

Em paz te vai, ó Alma pura, e bella,
Mais bella inda no ſangue que verteſte;
Vai-te alegre a gozar, vai, já de aquella
Formoſa Regiaõ, alta, e celeſte.
Coroada de gloria, immortal nella
Com Chriſto lograrás, a quem te déſte
Com tantas, e taõ bem naſcidas Almas,
(Formoſura do Ceo) onze mil palmas.

INDICE DOS POEMAS

deſta Parte das Rhythmas,

Com a declaraçã o do aſſumpto, e argumento de alguns delles, mais difficeis de entender.

Os números marginaes accuſam as paginas.

SONETOS.

A

A Chaga que, Senhora, me fizeſtes. 86.

Acho-me da fortuna ſalteado 156.
Chora o tormento paſſado como ſe o tivera preſente.

A formoſura deſta freſca ſerra. 161.
Antepõe a viſta da ſua amada a tudo o que póde dar goſto.

Agora toma a eſpada, agora a penna. 121.
A Eſtacio de Faria, valeroſo Soldado, e Poeta inſigne.

Ah fortuna cruel! Ah duros fados! 112.
Na morte da ſua amada.

Ah minha Dinamene! Aſſi deixaſte. 110.
A huma Dama, que morreo indo de viagem.

Ai amiga cruel! Que apartamento. 109.
A huma Dama, que embarcava para fazer longa viagem.

A la margen del Tajo en claro dia. 105.

Vendo que a' ſua Dama ſe eſtava penteando.
Alegres campos, verdes arvoredos. 45.
Affectos de triſteza amoroſa, na contemplaçaõ do bem perdido, ou por morte, ou por auſencia, ou por outro incidente.
Alma minha gentil que te partiſte. 34.
Na morte da ſua amada, fallecida de curta idade.
Alá em Monte Rei, en Bal de Laça. 170.
Em Idioma Gallego.
Alma gentil, que á firme eternidade. 139.
Na morte de D. Antonio de Noronha, que morreo em Africa.
Alegres campos, verdes, deleitoſos. 128.
A huma Dama chamada Ignez.
Amor, que em ſonhos vãos do penſamento. 129.
Sonhando com a ſua amada.
Amor, que o geſto humano na alma eſcreve. 29.
Deſcripçaõ da belleza amada, e dos effeitos della, vendo-a chorosa.
Amor com a eſperança já perdida. 50.
Eſperanças perdidas.
Amor he hum fogo que arde ſem ſe ver. 65.
Varias definiçõos do amor.
A morte, que da vida o nó deſata. 92.
Triumpho grande de amor, em auſencia dilatada.
Aos homẽes hum só homem poz eſpanto. 147.
A Saõ Joaõ Baptiſta.
A peregrinaçaõ de hum penſamento. 156.
Creſce o tormento, á medida da cauſa.
Aponta a bella Aurora luz primeira. 145.
A' puriſſima Conceiçaõ da ſempre Virgem Maria, Senhora noſſa
Apollo, e as nove Muſas deſenntando 50.
Logo que ſe vio captivo da formoſura, começou a celebrá-la, por influencia de Apollo,

e das Muſas : mas o amor trocou tudo em triſteza.

Apartava-ſe Niſe de Montano. 51.

Apartamento de Niſe, que amando a Montano na India, o deixou lá, e ſe embarcou para Portugal.

A perfeiçaõ, a graça, o doce geſto. 70.

Deſcreve a formoſura amada, e lhe dá a entender o modo com que ella podia conhecer as penas amoroſas que elle por ella padecia.

Aquella que de pura caſtidade. 72.

A Lucrecia, belliſſima Matrona Romana, que ſe matou a ſi meſma, logo depois da força que experimentou no infame Sexto Tarquino.

Aquella fera humana, que enriquece. 62.

Lamentando ſeu tormento, moſtra deſvanecer-ſe delle.

Aquella triſte, e léda madrugada. 37.

Auſentando-ſe da ſua amada.

Aqui de longos damnos breve hiſtoria. 116.

Parece que eſcreveo o Poeta eſte Soneto para Prologo, ou Proëmio dos Sonetos Eroticos.

Ar, que de meus Juſpiros vejo cheio. 82.

Diz que vive contra toda a ordem natural, pois tem por contrárias aquellas couſas que conduzem para a conſervaçaõ da vida.

Arvore, cujo pomo bello, e brando. 93.

A huma arvore, a cuja ſombra eſteve o Poeta.

A violeta mais bella que amanhece. 84.

Eſcripto a huma Dama chamada Violante.

Ay quien dará a mis ojos una fuente. 126.

Manoel de Faria e Souſa quer que eſte Soneto ſeja ſobre as palavras de Jeremias no cap. 9.: *Quis dabit capiti meo aquam, & oculis meis fontem lacrymarum, & plorabo die ac nocte?*

E pouco mais abaixo: *Quis dabit me in ſolitudine diverſorium viatorum, & derelinquam populum meum, & recedam ab eis?*

Ayuda-me, Señora, a ſer vengança. 132.
Conſiderando-ſe inferior á ſua amada, lhe pede o caſtigue.

B

BEm ſei amor que he certo o que receo. 64.
Conhecendo que o amor o engana, ſe deixa enganar.

Brandas aguas do Tejo, que paſſando. 79.
Eſcreveo o Poeta eſte Soneto em Lisboa, no tempo em que eſtava de partida para a India. Diogo Bernardes o imprimio por ſeu, e he o 27 nas ſuas Rhythmas.

Buſque amor novas artes, novo engenho. 37.
Exquiſito tormento de amor; padecer ſem eſperança.

C

CAmbo nas Syrtes deſte mar da vida. 109.
Achando-ſe o Poeta fóra da Corte, e em lugar ſolitario.

Cá neſta Babylonia adonde mana. 122.
Eſcreveo o Poeta eſte Soneto na India, depois de haver experimentado que alli, álém de outros vicios, reinava huma cobiça inſaciavel.

Cantando eſtava hum dia bem ſegura. 111.
Chora as ſuas adverſidades, e a morte da ſua amada.

Chora minha inimiga, em cuja mão. 36.
A huma Dama, que o Poeta eſtimava, a qual morreo no mar.

Chorai, Nymphas, os fados poderoſos. 167.
Na morte de certa Senhora.
Coitado, que em hum tempo chóro, e rio. 100.
Contrariedades em que penoſamente vivia.
Com grandes eſperanças já cantei. 26.
Chora por haver cantado, e por lhe não reſtarem eſperanças de algum contentamento.
Como fizeſte, ó Porcia, tal ferida? 55.
A Porcia, Matrona Romana, filha de Catão o Maior, e mulher de M. Bruto, a qual ſe matou a ſi meſma, como ſeu pai.
Como louvarei eu, Seraphim Santo. 148.
A Saõ Franciſco de Aſſis.
Como quando do mar tempeſtuoſo. 65.
Sem temer o rigoroſo da viſta da ſua amada, torna repetidas vezes a ella.
Como podes, ó cego peccador. 142.
Deſperta a hum peccador adormecido na culpa.
Con razon os vays aguas fatigando. 136.
Parece que eſcreveo o Poeta eſte Soneto, vendo deſde algum dos montes de Santarem, onde aſſiſtia, como corriam as aguas do Tejo para Lisboa, onde ſe achava a ſua amada.
Contente vivi jà, vendo-me iſento. 149.
Queixa-ſe do tormento padecido, e cauſado do amor.
Converſaçaõ domeſtica affeicoa. 68.
Experimentando falta de fidelidade na Dama que amava. Tem Manoel de Faria eſte Soneto, entre todos os de Luis de Camões, pelo mais claro na phraſe, e mais eſcuro no conceito.
Correm turbas as aguas deſte rio. 122.
Sobre o engano com que vivem os homẽes, e dão credito ás couſa do mundo, para ſe perderem por ellas.

Creou a natureza Damas bellas. 101.
Perfeições da belleza amada.
Crecei deſejo meu, pois que a ventura. 89.
Anima-ſe a amar huma rara belleza, qual a da ſua Dama, eſperando, como de huma cauſa taõ nobre, o fim mais ditoſo.

D

DAi-me huma lei, Senhora, de querer-vos. 59.
Pede á ſua Dama lhe dê huma lei, para lhe querer bem, ſem que lhe deſagrade.
De amor eſcrevo, de amor trato, e vivo. 76.
Que ſó naſceo para amar, ainda a pezar de não ſer amado.
De Babel ſobre os rios nos ſentámos. 143.
Sobre o Pſalmo 136.
Debaixo deſta pedra eſta metido. 56.
Na morte de D. Fernando de Caſtro, filho baſtardo de D. Diogo de Caſtro, Senhor de Lanhoſo, Santa Cruz, Cinfães, e outras terras; o qual morreo na India com D. Alvaro da Sylveira.
Debaixo deſta pedra ſepultada. 140.
Na morte de D. Catharina de Ataïde, a quem o Poeta eſtimava, a qual morreo de curta idade.
De cá donde ſómente o imaginar-vos. 83.
Com as lembranças da ſua amada ſuavisa o duro tormento da auſencia.
De freſcas belvederes rodeadas. 126.
A certas Damas aſſiſtindo em huma caſa de campo.
De hum taõ felice engenho produzido. 165.
Não parece de Luis de Camões eſte Soneto, naõ ſó

só porque falla em Torquato Taſſo, cujos verſos não chegou a ver impreſſos, ſenão tambem porque chama noſſo a Boſcam, que era Biſcaïnho.

Deixa Apollo o correr tão apreſſado. 149.
Aos amores de Apollo, e Daphne.

De mil ſuſpiros vãos ſe me levantam. 85.
A humas ſuſpeitas que teve da ſua amada.

Depois de tantos dias mal gaſtados. 52.
Procura deſenganar-ſe com as ſem-razões do amor. Eſte Soneto imprimio por ſeu Diogo Bernardes, e he nas ſuas Rhythmas o 77 em número.

De quantas graças tinha a natureza. 90.
Retrato da belleza amada.

Deſpois que quiz amor que eu ſó paſſaſſe. 27.
Tormento amoroſo, e ingratidaõ para com o merecimento do Poeta.

Deſpois que vio Cybele o corpo humano. 120.
Fabula de Atys, e Cybelle, applicada a Dom Rodrigo Pinheiro, que foi Biſpo do Porto, varaõ de ſummo engenho, e doutrina.

Deſpois de haver chorado os meus tormentos. 125.
Eſte Soneto parece foi feito para ſervir de Proëmio aos Sonetos (que alguns intitulãram) triſtes em materia amoroſa.

Deſce do Ceo immenſo Deos benino. 124.
A' Incarnaçaõ do Verbo Eterno.

De tão divino accento em voz humana. 56.
Eſte Soneto he em reſpoſta a hum, de Author incerto, (diz Faria ſer de Joaõ Lopes Leitaõ) que em louvor ſeu ſe eſcreveo, o qual vai ao principio do primeiro tomo, e principia: *Quem he eſte, que na Arpa Luſitana.*

De vós me aparto, ó vida, e em tal mudança. 36.
Em huma deſpedida.

Dia-

Diana prateada, eſclarecida. 170
Apparecendo-lhe de noite a ſua amada.
Ditoſas almas, que ambas juntamente. 148
Ditoſa penna, como a mão que a guia 118

A Manoel Barata, publicando a ſua Arte de eſcrever, pelos annos de 1572. Era morador em Lisboa, mas natural de Pampilhoſa: foi o primeiro que na Europa publicou traslados abertos em chapa. Em poder de certo amigo vi neſte preſente anno de 1783 hum exemplar deſta Obra, em cujo principio ſe acha eſte Soneto, que lançarei aqui da meſma ſorte que alli vem; para que o Leitor veja, e pondere quanto o noſſo Poeta emendava, limava, e melhorava as proprias compoſições.

Ditoſa penna, ditoſa mão que a guia
Com tantas perfeições da ſubtil arte;
Que quando com razão venho a louvarte
Em teus louvores perco a phantaſia.
Mas o amor que effeitos varios cria,
Me manda de ti cante em toda a parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em ſuave, e branda melodia.
Teu nome Emanuel de hum a outro Polo
Correndo ſe levanta, e te apregoa,
Agora que ninguem te levantava:
E porque immotal ſejas, eis Apollo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de muitos annos te guardava.

Ainda muito mais conſideravel differença (como bem obſervei em hum Exemplar do Livro do meſmo Orta) ſe acha entre a Ode que o Poeta imprimio em Goa, no Livro de Garcia d'Or-

d'Orta, e a outra, que ao depois ſe achou em M. S., e ſahio impreſſa em Lisboa.

Ditoſo ſeja aquelle que ſómente. 62.
Moſtra-ſe arrependido de erros paſſados.

Diverſos dões reparte o Ceo benino. 96.

Divina companhia, que nos prados. 105.
Que tem conſeguido a immortalidade pelos ſeus verſos, como tambem para a ſua amada, celebrada nelles.

Diverſos caſos, varios penſamentos. 169.
Pondéra a incoſtancia grande que ha nas couſas do Mundo, menos no ſeu tormento.

Dizei, Senhora, da belleza idéa. 166.

Doce ſonho, ſuave, e ſóberano. 169.
A hum ſonho.

Doce contentamento já paſſado 158.
Chora o ver-ſe auſente, e o haverem-ſe-lhe fruſtrado as ſuas eſperanças.

Doces e claras aguas do Mondego. 91.
Auſentando-ſe o Poeta dos campos do Rio Mondego.

Dos Ceos á terra deſce a mór belleza. 124.
Ao Naſcimento de Chriſto.

Doces lembranças da paſſada gloria. 34.
Queixa-ſe de que lhe venham á memoria contentamentos paſſados, e o eſquecimento em que o tem poſto a ſua amada.

Dos antigos illuſtres, que deixáram. 68.
A D. Joaõ Coutinho, ſegundo Conde do Redondo, e Capitam de Arzilla. Floreceo reinando D. Joaõ o III., e foi de agradavel preſença, Cortezão entendido, de agudos ditos, grande Cavalleiro de gineta, e extremado valor. Foi filho de D. Vaſco Coutinho, Conde de Borba, e depois primeiro do Redondo.

Dulces engaños de mis ojos tristes. 137.
Sonhando com a ſua amada.

E

EL vaſo reluziente, y cryſtallino. 167.
Em Babylonia ſobre os rios, quando. 144.
Sobre o Pſalmo 136.
Em flor vos arrancou de então creſcida. 31.
Á morte de D. Antonio de Noronha, filho de D. Franciſco de Noronha, ſegundo Conde de Linhares, e ſobrinho de D. Pedro de Menezes, Capitam General de Ceuta, que era filho de D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares. Era D. Antonio Cavalheiro de grandes eſperanças, muito favorecedor do noſſo Poeta, e a quem eſte dirigio muitos dos ſeus Poemas. Morreo com o ſobredito ſeu Tio D. Pedro de Menezes em 18 de Abril de 1595, pelejando valeroſamente contra os Mouros de Tetuaõ. No Indice da primeira ediçaõ eſcrevi que eſte eſforçado, e entendido Mancebo morrêra na idade de 22 annos, mas foi equivocaçaõ, porque ao depois achei, que ao certo morreo na florente de 17. Conſta claramente da Inſcripçaõ da ſua ſepultura, que ſe lê na Capella mór do Moſteiro de Saõ Bento de Xabregas, dos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangeliſta, a qual, para que mais ſe dilate, e conſerve na poſteridade o ardente zêlo com que eſta Illuſtriſſima Familia ſe deſtinguio ſempre no ſerviço da patria, deixarei aqui, e he a ſeguinte:

Sepultura de D. Antonio de Noronha, primei-

ro filho do ſegundo Conde de Linhares Dom Franciſco, e da Condeſſa D. Violante, que os Mouros matáraõ em Ceuta em 18 de Abril de 1553 annos, ſendo elle de deſaſete. D. Joanna de Noronha, ſua irmãa, que nunca caſou, e fez eſta Capella á ſua cuſta, quando a acabou, que foi no anno de 1622, trasladou ſeus oſſos da Sé de Ceuta a eſta Sepultura; e naõ a deo aos mais Irmãos ſeus, porque dous delles morrêraõ em Africa com ElRei D. Sebaſtião, e os outros dous nas partes da India: e dous ſaõ Religioſos da Ordem de Santo Agoſtinho.

Em formoſa Lethéa ſe conſia. 38.

Fabula de Lethéa, e Oleno. Vide Ovid. Metamorph. lib. 10. verſ. 70.

Em huma lapa toda tenebroſa. 152.

Em prisões baixas fui hum tempo atado. 27.

Namorando-ſe de huma eſcrava.

Em quanto quiz fortuna que tiveſſe. 25.

Propoſiçaõ de todas as Rhythmas do Poeta.

Em quanto Phebo os montes accendia. 171.

Sobre a fábula de Venus, Marte, e Vulcano, bem ſabida.

En una ſelva al diſpuntar del dia. 107.

Queixa-ſe Endimião, amante da Lúa, porque o Sol ſahindo, foi cauſa de que ella lhe deſapparecêſſe.

Enos meus, má fortuna, agor ardente 121.

Reconhecimento de culpas paſſadas.

Eſforço grande, igual ao penſamento. 69.

Na morte de D. Henrique de Menezes, ſeptimo Governador da India, filho natural de Dom Fernando de Menezes, a que chamáraõ o Roxo.

Eſpanta creſcer tanto o crocodilo. 119.
A peſſoa condecorada com dignidade Epiſcopal.
Eſſes cabellos louros, e eſcolhidos. 77.
Eſtá o laſcivo e doce paſſarinho. 40.
Compara-ſe a hum paſſarinho, a quem inſperadamente mata o caçador.
Eſta-ſe a Primavera trasladando. 39.
Deſcripção de huma rara formoſura.
Eſte amor que vos tenho limpo, e puro. 160.
Eſte terreſtre cáos com ſeus vapores. 88.
Eu cantarei de amor taõ docemente. 26.
Eu cantei já, e agora vou chorando. 108.
Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo. 104.
Deſpedida das Damas Lisbonenſes, embarcando para a India.
Eu vivia de lagrimas iſento. 164.

F

FErido ſem ter cura parecia. 59.
Compara-ſe ferido da formoſura amada com Telepho ferido da inimiga lança de Achilles.
Fiou-ſe o coraçaõ de muito iſento. 130.
Diz Faria que lhe parece feito a haver-ſe namorado de alguma parenta mui chegada.
Foi já n'hum tempo doce couſa amar. 67.
A' ſua propria fortuna, pelo ter coſtumado a naõ ſentir deſgraças, por muito habituado nellas.
Formoſos olhos, que cuidado dais. 154.
A huns olhos.
Formoſos olhos, que na idade noſſa. 44.
Aos olhos da ſua amada.
Formoſa Beatriz, tendes taes geitos. 128.

Celébra os olhos de Beatriz.
Formoſura do Ceo a nós deſcida. 58.
Que a formoſura da ſua amada ſobrepoja a todo o encarecimento.
Fortuna em mi guardando o ſeu direito. 159.
Queixa-ſe da ſua fortuna.

G

GEntil Senhora, ſe a fortuna imiga. 96.
Achando-ſe auſente da ſua amada.
Grão tempo ha já que ſoube da ventura. 48.
Queixa-ſe do amor, e da fortuna.
Guardando em mi a ſorte o ſeu direito. 110.
Sentindo a morte de Dinamene, lamentada no Soneto 170.

H

HE o gozado bem em agua eſcrito. 90.
Que ſó no deſejo conſiſte o verdadeiro bem da formoſura amada.
Horas breves de meu contentamento. 115.
Queixa-ſe do amor, e da fortuna. Nas Flores do Lima meteo o uſurpador Bernardes eſte Soneto, e he o 75, aindaque differente em parte.
Hum firme coraçaõ poſto em ventura 81.
Queixa-ſe da crueldade da ſua amada. Tambem eſte Soneto ſe acha nas Rhythmas de Bernardes, e he o 20: tem lá ſua differença, porque Bernardes (o meſmo que lhe ſuccedeo com outros) o tirou de manuſcriptos viciados.
Hum mover de olhos brando, e piedoſo. 42.

Deſcreve, e pinta huma formoſura por hum novo eſtylo, e por huma nova idéa.

Huma admiravel herva ſe conhece. 89.

Diz que, para com a ſua amada, he como certa herva, que ha na Aſia (não he o heliotropio, ou Clicie) que á viſta do Sol ſe alegra, e o ſegue, e auſente elle ſe entriſtece, e deſmaia.

I

JA' a branca e roxa Aurora deſtoucava. 60.

Deſcreve huma madrugada.

Já claro vejo o bem, já bem conheço. 82.

Queixa-ſe de naõ achar amor na ſua amada.

Já cantei, já chorei a dura guerra. 114.

Pede licença ás Muſas para dizer os males que cauſa o amor.

Já do Mondego as eguas apparecem. 80.

Auſentando-ſe o Poeta de Lisboa para Coimbra. Eſte Soneto tambem foi uſurpado por Diogo Bernardes, e he o 29 nas ſuas Rhythmas.

Já he tempo, já, que minha confiança. 49.

A huma eſperança vãa, e inutil.

Já me fundei em vãos contentamentos. 151.

Reconhece o ſeu erro, e dá por perdido o tempo que empregou em amores.

Já naõ ſinto, Senhora, os deſenganos. 162.

Compadece-ſe de certa Dama, naõ obſtante dar-ſe por offendida della.

Já naõ fere o amor com arco forte. 174.

Illuſtre, e digno ramo dos Menezes. 28.

A hum Cavalheiro da Illuſtre familia dos Menezes, na occaſiaõ que partia de Goa com huma

ma Armada para o Eſtreito da Arabia, ou boca do Mar Roxo.

Illuſtre Gracia, nombre de una moça. 153.
A certa moça chamada Gracia.

Imagẽs vãas me imprime a phantaſia. 140.
Sobre o diſcorrer, e reſolver nas materias, approvando a reſolução, a conſtancia, e a liberdade para huma, e outra couſa.

Indo o triſte Paſtor todo embebido. 165.
Queixa-ſe de huma Nymipha, porque o naõ attendia.

Julga-me a gente toda por perdido. 100.
Que tratando outros, de outros empregos, e de outros intereſſes, elle ſó trata de contemplar na ſua amada.

L

LAs peñas retumbavan al gemido. 107.
Queixas de ſe naõ ver correſpondido. Nas Flores do Lima imprimio Bernardes eſte Soneto por ſeu.

Léda ſerenidade deleitoſa. 64.
Deſcreve huma formoſura por novo eſtylo.

Lembranças ſaüdoſas, ſe cuidais. 51.
Soffrimento, vendo-ſe deſcahido da graça da ſua Dama.

Lembranças que lembrais o bem paſſado. 113.
Queixa-ſe de que a memoria lhe faça repreſentações do bem perdido, por ſerem eſtas duro tormento, quando o meſmo bem ſe naõ póde recuperar.

Lembranças de meu bem, doces lembranças. 154
Eſperanças perdidas.

Levantai minhas Tagides a frente. 138

Ao Senhor D. Theodoſio, que ſendo filho do Duque de Bragança D. Jaime, neto do Duque D. Fernando, biſneto de D. Afonſo, filho d'ElRei D. Joaõ o I, e primeiro Duque de Bragança, herdou eſte Real Eſtado, Reinando D. Joaõ o III, e foi o primeiro do nome, quinto do titulo, e terceiro Duque de Guimaraães.

Lindo e ſubtil trançado, que ficaſte. 46.

Trançado que recebeo da ſua Dama por prenda.

Los ojos que con blando movimiento. 131.

M

MAl que de tempo em tempo vás creſcendo. 141.

Deſengana-ſe, e procura aborrecer os bens caducos.

Males que contra mim vos conjuraſtes. 38.

Aos tormentos procedidos da cauſa do ſeu amor.

Mi guſto y tu beldad ſe deſpoſaron. 134.

Mil vezes determino nãe vos ver. 86.

Mil vezes entre ſueños tu figura. 133.

Sonhando que a ſua amada o favorecia.

Moradoras gentis, e delicadas. 78.

Mudam ſe os tempos, mudam-ſe as vontades. 53.

Sobre a inſtabilidade de tudo o de que ſe compõe eſte miſeravel Mundo.

N

NA deſeſperação já repouſava. 95.

Que, poſtoque deſeſperado de conſeguir favores, com tudo ſe conſolava com alguns bens, miniſtrados pela phantaſia.

N'hum jardim adornado de verdura. 31.

A certa Dama, chamada Violante.
N'hum boſque, que das Nymphas ſe habitava. 35.
N'hum taõ alto lugar de tanto preço. 172.
Naiades, vós que os rios habitais. 53.
Na margem de hum ribeiro, que fendia. 98.
Na metade do Ceo ſubido ardia. 60.
Buſcando a ſua amada a horas de ſéſta.
Naõ ha louvor que arribe á menor parte. 83.
Que naõ ha louvor digno da belleza amada.
Naõ paſſes, caminhante. Quem me chama? 43.
Não conſta ao certo a quem foſſe eſcripto eſte Soneto: ſuppõe-ſe que a D. Joaõ de Caſtro.
Naõ vas ao monte, Niſe, com teu gado. 84.
Ná ribeira do Euphrates aſſentado. 166.
Allude ao Pſalmo 136.
Nas Cidades, nos boſques, nas floreſtas. 150.
A Noſſa Senhora dos Martyres.
Nem o tremendo eſtrepito da guerra. 130.
Que nenhum horror de conflictos marciaes teme, deſde que vio os olhos da ſua amada; e que naõ ha inimigo de quem naõ ſaiba defender-ſe, á excepçaõ do amor.
No baſtava que amor puro, y ardiente. 132.
No Mundo poucos annos, e canſados. 75.
Preſume-ſe ſer eſcripto na morte de Rui Dias, ſoldado nobre de Alemquer, a quem Afonſo de Albuquerque fez padecer no mar pena de morte, por achálo com huma eſcrava ſua.
No Mundo quiz o tempo que ſe achaſſe. 69.
Sobre a ſua adverſa fortuna. Entende-ſe que foi eſcripto na India.
No regaço da mãi amor eſtava. 88.
A huma pintura em que eſtava Venus, e Cupido dormindo em ſeus braços.
Nos braços de hum Sylvano adormecendo. 127.

No tempo que de amor viver ſohia. 28.
Diz que no tempo em que coſtumava viver de amor, nem ſempre andava captivo; mas ora preſo, ora livre.
Novos caſos de amor, novos enganos. 79.
Queixa-ſe dos enganos do amor. O célebre Bernardes tambem ſe aproveitou deſte Soneto, e o imprimio por ſeu.
Nunca em amor dannou o atrevimento. 91.
Que nunca no amor foi nocivo o atrevimento. Quer que nos amantes ſe verifique o *Audaces fortuna juvat* de Virgilio.

O

O Ceo, a terra, o vento ſocegado. 111.
Chora a morte da ſua Nympha, que ſe affogára, e pede ao mar lha reſtitua.
O Cyſne quando ſente ſer chegada. 46.
Compara-ſe ao cyſne, e diz que morre cantando os deſfavores da ſua amada.
O' claras agoas deſte brando rio. 133.
O' ceſſe ya, Señor, tu dura mano. 137.
Falla com o amor.
O culto divinal ſe celebrava. 63.
Signala Luis de Camões o tempo, e lugar em que teve principio a ſua inclinação amoroſa, que Faria quer que foſſe na Igreja das Chagas de Lisboa.
O filho de Latona eſclarecido. 93.
Contrapõe aos ſeus, os amores de Apollo, e Daphne.
O fogo que na branda cera ardia. 44.
Cahindo de hum candieiro huma vela acceſa, e queimando ao roſto a D. Guiomar de Blaſ-

fet, Dama da Raïnha D. Catharina, mulher d'ElRei D. Joaõ o III.

Oh Arma unicamente ſó triumphante. 146.

A' Santa Cruz.

Oh como ſe me alonga de anno em anno. 49.

Que havendo ſeguido eſperanças de amor, e fortuna, ſe acha já na ultima idade para as ſeguir: e ſe ainda impellido de alguma, corre a pez algum bem, deſmaia no caminho, e o perde de viſta.

Oh quanto melhor he o ſupremo dia. 142.

Oh quaõ caro me cuſta o entender te. 73.

A huns zelos, a que lhe deo occaſiaõ a ſua amada

Oh rigoroſa auſencia deſejada. 135.

Opprimido de adverſidades na patria, deſeja paſſar á India.

Olhos aonde o Ceo com luz mais pura. 101.

Aos olhos da ſua amada: he o meſmo argumento, que o do Soneto 38.

Olhos formoſos, em quem quiz natura. 175.

A huns olhos.

Ondados fios de ouro reluzente. 67.

A's repreſentações que a memoria lhe miniſtrava da formoſura amada, em huma auſencia.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado. 129.

Dama com appellido de Paz.

Onde porei meus olhos, que naõ veja. 80.

Conſidera-ſe ſem alguma eſperança de remedio, em pertenções amoroſas.

Onde acharei lugar taõ apartado. 115.

Profunda triſteza.

Onde mereci eu tal penſamento. 126.

Moſtra que a formoſa cauſa dos ſeus tormentos olhos torna glorioſos.

● rain cryſtallino ſe eſtendia. 74.
Apartamento de Nilel

Ornou ſublime eſforço ao grande Atlante. 119.
A D. Joaõ de Caſtro, Governador, e Viſo-Rei da India.

Orpheo enamorado que tañia. 108.
Fábula de Orpheo, e Eurydice.

Os meus alegres, venturoſos dias. 114.
Com grande triſteza reconhece erros paſſados.

Os Reinos, e os Imperios poderoſos. 35.
Ao Senhor D. Theodoſio, filho do Duque de Bragança D. Jaime, a quem he tambem o Soneto 27.

Os veſtidos Eliſa revolvia. 73.
Ao ſucceſſo de Dido, e Enéas, conforme o refere Virgilio no Livro 4. da Eneida.

Os olhos onde o caſto amor ardia. 118
Formoſura morta de curta idade.

O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora. 173.

P

PAra ſe namorar do que creou 123.
A' puriſſima Conceiçaõ da ſempre Virgem Maria Senhora noſſa.

Paſſo por meus trabalhos taõ iſento 30.
Que padecendo muito pela ſua amada, deſeja ainda maior tormento, pela maior gloria que dahi lhe reſulta.

Pede o deſejo, Dama, que vos veja. 40.
Vendo-ſe aſſaltado de hum deſejo laſcivo.

Penſamentos que agora novamente. 71.
Que no meio de continuadas triſtezas, pela morte da ſua amada, o aſſaltavam penſamentos

tos de novos amores, repreſentando-lhe algum futuro contentamento.

Pois meus olhos não cauſam de chorar. 58.

Quer que conſte ao Mundo o ſeu tormento amoroſo.

Pois torna por ſeu Rei, e juntamente. 120.

Ao clariſſimo D. Luis de Ataïde, voltando ſegunda vez a governar a India, que foi no fim do anno de 1577. Eſte Soneto, que o inſolente Bernardes imprimio por ſeu, e he nas ſuas Rhythmas o 115, foi das ultimas couſas que eſcreveo Luis de Camões, pois morreo logo no anno de 1579.

Por cima deſtas aguas forte, e firme. 94.

Em huma deſpedida, que ſe julga foi quando partio de Lisboa para a India.

Por gloria tuve un tiempo el ſer perdido. 106.

Eſte Soneto, em quanto ao argumento, eſtá claro: he feito com o artificio de principiar cada hum dos verſos repetindo a palavra ultima do antecedente, de que ſe acham exemplos, aſſim como nas Rhythmas de Vaſco Mauſinho de Quevedo.

Paſtora mia gloria de la vida;
Vida, que vida y muerte dás por ſuerte;
Suerte mejor que vida, y peor que muerte;
Muerte, &c.

Por os raros extremos que moſtrou. 47.

Elogiando igualmente a quatro Damas.

Porque quereis, Senhora, que offereça. 41.

Fallando com a ſua amada lhe diz, que ſe o deſpreza por elle merecer pouco, que bem fóra eſtá de que venha ao Mundo quem dignamente a mereça.

Porque a tamanhas penas ſe offerece. 125.

A ſacratiſſima Paixaõ de Chriſto, Senhor noſſo.
Porque a terra no Ceo agaſalhaſſe. 145.
Ao Naſcimento de Chriſto, Senhor noſſo.
Parque me faz amor inda acá torto. 171.
Em Idioma Gallego.
Por ſua Nymnha Cephalo deixava. 116.
Contém eſte Soneto a fabula de Cephalo, Procris; e a Aurora.
Preſença bella, Angelica figura. 94.
Eſte Soneto he todo continuado, e ſó no fim fecha, e tem clauſula. Tem Camões alguns deſtes, aſſim como o 35, que principia:
Hum mover de olhos brando, e piedoſo.
Raſto me tem fortuna em tal eſtado. 174.
Pues ſiempre ſin ceſſar mis ojos triſtes. 155.
Em hum manuſcripto foi achado eſte Soneto com eſte titulo: *De Luis de Camões a huma Dama, que lhe enviou huma lagrima entre dous pratos.*
Pues lagrimas tratais mis ojos triſtes. 175.
Eſte Soneto he o meſmo que vai na pag. 155, com o qual ſe póde cotejar: advertindo, que com a differença que ahi ſe verá ſe acháram em dous differentes Manuſcriptos.

Q

QUal tem a borboleta por coſtume. 153.
Compara-ſe á borboleta, buſcando a luz dos olhos da ſua Dama.
Quando da bella viſta, e doce riſo 33.
Perfeições da belleza amada.
Quando o Sol encoberto vai moſtrando. 42.
Penſamentos, e phantaſias varias na auſencia da ſua amada.

Quando vejo que meu deſtino ordena. 52.

Em huma deſpedida, que he a meſma que ſervio de argumento ao Soneto 47, que principia: *Se ſómente hora alguma em vós piedade.*

Quando de minhas mágoas a comprida. 61.

Sonhando com a ſua amada, que era fallecida.

Quando ſe vir com agua o fogo arder. 97.

Exaggera o Poeta a ſua fé, e a ſua conſtancia em amar a certa Dama.

Quando a ſuprema dor muito me aperta. 98.

Eſcripto em auſencia.

Quando os olhos emprégo no paſſado. 113.

Deſengano, com eſperanças perdidas.

Quando cuido no tempo que contente. 163.

Lembrando-ſe das perfeições da ſua amada, teme o morrer eſquecido dellas, pela grande diſtancia em que ſe acha.

Quando, Senhora, quiz amor que amaſſe. 164.

Offerece-ſe a padecer o maior tormento pela ſua amada.

Quanto tiempo ha que lloro un dia triſte. 138.

Apartando-ſe da ſua amada.

Quantas penas amor, quantos cuidados. 173.

Que baſta hum ſó olhar benigno da ſua amada, para lhe compenſar muitas horas de tormento.

Quantas vezes do fuſo ſe eſquecia. 45.

A huma Dama fiando, que por muito cuidadoſa de ſeus amores, deixava cahir o fuſo He penſamento de Ovid., Lib. 4. Metamorph. verſ. 231.

Pavet illa, metuque
Et colus, & fuſus digitis cecidere remiſſis.

E tambem de Chriſtovaõ Falcaõ, que diz no ſeu Criſtal:

Em huma roca fiando.

Po-

Porém cahia lhe o fuso
Dos dedos de quando em quando.

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento 112.
No pranto amoroso, procedido da crueldade da sua amada, se consola com as esperanças.

Quanta incerta esperança, quanto engano 141.
Que se naõ deve fazer confiança alguma nas cousas do Mundo, mas sómente no Author delle, amando-o; pois só elle naõ costuma faltar com o premio, a quem nelle põe suas esperanças.

Que vençais no Oriente tantos Reis. 57.
A D. Luis de Ataïde, Viso-Rei da India.

Que levas cruel morte? Hum claro dia. 66.
Na morte da Infanta D. Maria, filha ultima do Senhor Rei D. Manoel, e de sua terceira mulher D. Leonor, irmãa do Imperador Carlos V. Nasceo posthuma no anno de 1521, e falleceo no de 1578: no de 1579 foi o fallecimento de Luis de Camões: donde este Soneto seria talvez, ou o ultimo, ou dos ultimos que elle escreveo. Alguns casamentos se trataram para esta Infanta, dos quaes nenhum chegou a effeituar-se. Era de extremada formosura, e muito estudiosa. A sua casa era huma Universidade de mulheres eruditas, entre as quaes floreceo a famosa Toledana Luiza Sigea, cujo nome será sempre respeitado com assombro.

Que poderei do mundo já querer. 71.
Sobre muitas outras desgraças lamenta a morte da sua amada.

Que doudo pensamento he o que sigo. 81.
Entre os Sonetos de Bernardes he este o 79. Porém Manoel de Faria, que conhecia de esty-

tylos excellentemente, affirma, naõ ter o meſmo Bernardes cabedal, não ſó para o fazer, mas nem ainda para o entender.

Que modo taõ ſubtil da natureza 97.

A certa Senhora de pouca idade, e extremada gentileza, que ſe meteo Religioſa Franciſcana.

Que eſperais eſperança? Deſeſpero. 102.

Que naõ deſiſte de amor, poſtoque tenha perdidas as eſperanças.

Que me quereis, perpetuas ſaüdades. 135.

Que eſtilla a Arvore ſanta? Hum licor ſanto. 146.

A Chriſto Crucificado. He eſte hum Soneto Dialogiſtico, aſſim como são os 57, 59, 61, 83, 154, 198, 200; mas mais conforme ao 83, e ao 154, porque em cada verſo ha huma pergunta, e reſpoſta.

Que póde já fazer minha ventura. 163.

Que por muito coſtumado naõ ſente, nem ſentirá para o futuro o tormento que o penaliza.

Quem vê, Senhora, claro, e manifeſto. 33.

Clara, e docemente explica á ſua Dama deſejos amoroſos.

Quem jaz no grão ſepulchro que deſcreve. 54.

Epitaphio para a ſepultura do Senhor Rei Dom João o III., que falleceo no anno de 1557, tempo em que o Poeta andava na India.

Quem póde livre ſer, gentil Senhora. 55.

Que não he facil ver a belleza amada, ſem ficar captivo.

Quem foſſe acompanhando juntamente. 63.

Profunda triſteza.

Quem poderá julgar de vós, Senhora. 77.

Padecendo grandes dúvidas na intelligencia da vontade da ſua amada.

Quem, Senhora, preſume de louvar-vos. 78.
Que naõ ha louvores dignos da belleza amada.
Quem diz que amor he falſo, ou enganoſo. 127.
Quer Faria que Luis de Camões falle neſte Soneto do amor caſto, e puro.
Quem quizer ver de amor huma excellencia. 131.
Que nenhuma adverſidade da fortuna, nem ainda a meſma morte, o poderá ſeparar da ſua amada.
Quem vos levou de mim, ſaüdoſo eſtado. 168.
Lembrando-ſe de algum breve, e goſtoſo deſcanſo da vida paſſada
Quem preſumir, Senhora, de louvar-vos. 176.
Que naõ ha louvor digno da ſua amada.

R

REbuelvo en la inceſſable fantaſia. 106.
Quem eſtima em mais o captiveiro de amor, que o eſtado livre

S

SE a fortuna inquieta, e mal olhada. 159.
Parece que he feito em reſpoſta a alguns, em que o louvavam.
Se algum'hora eſſa viſta mais ſuave. 103.
Se as penas com que amor taõ mal me trata. 54.
Perſuade a ſua Dama a que, pondo de parte rigores, ſe aproveite da ſua florida idade; e lhe adverte, que perdida eſta, ſe naõ póde recuperar.
Se com deſprezos, Nympha, te parece. 87.

Conſtancia do Poeta, a pezar dos tormentos que lhe dá a ſua amada.

Se como em tudo o mais foſtes perfeita. 102.

Da crueldade da formoſura amada, e reſignaçaõ do amante.

Se da célebre Laura a formoſura. 76.

Se deſpois de eſperança taõ perdida. 74.

Eſcripto na India, quando ſe achava opprimido dos maiores trabalhos.

Se de voſſo formoſo e lindo geſto. 172.

O Leitor que tiver feito ſuas obſervações no eſtylo do Poeta, poderá julgar deſte Soneto, que he dos accreſcentados na Ediçaõ de Joſeph Lopes Ferreira.

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança. 152.

Se grande gloria me vem ſó de olhar-te. 160.

Seguia aquelle fogo que o guiava. 117.

Fabula de Leandro, e Ero.

Se lagrimas choradas de verdade. 151.

Os primeiros quatro verſos deſte Soneto ſão os quatro ultimos da Eſtancia 10 na Ecloga quinta, em quanto ao conceito.

Se me vem tanta gloria ſó de olha-rte. 99.

Que he maior a pena de naõ ver a ſua amada, que o goſto, e gloria de vê-la

Sempre a razaõ vencida foi de amor. 99.

Que ſe os mais morrem de amor, elle morre por hum effeito da razaõ.

Sempre, cruel Senhora, receei. 158.

Eſte Soneto, que duvidamos ſeja de Luis de Camões, he dos accreſcentados por Joſeph Lopes Ferreira.

Senhora minha, ſe eu de vós auſente. 87.

He traducção do Soneto 9 de Garcilaſſo.

Senhora já deſta alma, perdoai. 168.

Tambem eſte Soneto he dos accreſcentados pelo Lopes Ferreira, e naõ parece no eſtylo ſer do noſſo Poeta.

Senhor Joaõ Lopes, o meu baixo eſtado. 92.

A Joaõ Lopes Leitaõ, homem bem inſtruïdo, e agudo, e de quem he aquelle Soneto, que principia: *Quem he eſte, que na arpa Luſitana*, a quem o Poeta reſpondeo com o 62. Que foſſem muito amigos ſe colhe de que o Poeta lhe falla em materias amoroſas, e na pratica que tinha com a ſua Dama.

Se no que tenho dito vos offendo. 157.

Sentindo-ſe alcançada a bella eſpoſa. 117.

He huma continuaçaõ do Soneto 183, que contem a fabula de Cephalo, Procris, e a Aurora.

Se pena por amar-vos ſe merece. 66.

Se quando vos perdi, minha eſperança. 37.

Havendo perdido as eſperanças, ſe achava de novo aſſaltado dellas.

Se ſómente hora alguma em vós piedade. 48.

Deſpedindo ſe da ſua amada o Poeta, para ſe auſentar.

Se tanta pena tenho merecida. 41.

Offerece-ſe a padecer pela ſua amada.

Sete annos de Paſtor Jacob ſervia. 39.

Ao ſucceſſo dos amores de Jacob com Rachel. Por ſerem hoje hum pouco raras as *Horas Subſecivas* do Erudito Aleixo Collotes de Jantillet, ſignalado entre os que no ſeu tempo ſe ſouberão explicar melhor no Idioma Latino, (impreſſas em Lisboa na Officina de Joaõ da Coſta, anno de 1679) e em obſequio aos amantes das Traducções Literaes, deixarei aqui as duas, que elle, verſo por verſo, fez deſ-

te

te Soneto de Luis de Camões. Diz aſſim a primeira em verſos Senarios.

Deſerviebat annos per ſeptem Jacob
Paſtor, Labano bellæ Rachelis patri;
Non patri ſerviebat tamen, at filiæ,
Solam petebat quam laboris præmium.
In ſpem diei agebat unius dies,
Dulci contentus aſpectu illius frui.
Sed uſus arte fallaci vafer parens,
Ipſi Rachelis in locum dabat liam.
Aſpiciens triſtis Paſtor, cum dolo ſuam
Sibi puellam denegatam, non ſecus
Ac ſi nequaquam promeritus illam foret;
Alios per annos ſeptem ſervire occipit,
Dicens, diutius ipſe ſervirem, niſi
Eſſet, tam longum ad amorem, vita tam brevis.

ALITER.

Septem annos Paſtor curabat ovile Labani
Cujus erat Rachel filia pulchra, Jacob.
Non famulabatur patri tamem ille, ſed illi,
Quam ſibi poſcebat præmia ſola dari.
Cernere dilectam contentus, ſpéque diei
Ducebat placidos unius ipſe dies.
At pro formoſa genitor Rachele, ſororem
Subdebat tacitâ çallidus arte Liam.
Mœſtus ut advertit paſtor, ſibi fraude negata
Tanquam non merito, Virginis ora ſuæ.
Deſervire iterum ſeptenis incipit annis,
Taliaque ex imo pectore verba refert:
Servirem longo mage tempore tam breve vitæ
Si non pro tanto tempus amore foret.

Se tomo minha pena em penitencia. 72.
Parece que ſe deſviou a amada, por alguns defeitos que deſcobrio no amante.
Si el fuego que me enciende conſumido. 134.
Encarecimento da ſua firmeza.
Sobre os Rios do Reino eſcuro, quando. 144.
Sobre o Pſalmo 136.
Soſpechas que en mi triſte fantaſia. 161.
A humas ſuſpeitas.
Suſpiros inflammados, que cantais. 61.
Deſenganos de amor, e fortuna.
Suſtenta meu viver huma eſperança. 162.

T

TAl moſtra de ſi dá voſſa figura. 95.
Exaggera as perfeições da ſua Dama.
Tanto de meu eſtado me acho incerto. 29.
Que tudo no eſtado em que vive, e em que ſe acha, são incertezas.
Tanto ſe foram, Nympha, coſtumando. 103.
Tem feito os olhos neſte apartamento. 155.
Em huma deſpedida.
Todo animal da calma repouſava. 32.
Queixa-ſe da inconſtancia da ſua Dama.
Tomava Daliana por vingança. 47.
Caſa-ſe Daliana com hum ruſtico, por ſe vingar da perfidia de Silvio. Eſte Soneto deve ler-ſe depois do 41.
Tomou-me voſſa viſta ſoberana. 43.
Que naõ póde deixar de ſer vencido da ſua amada.
Tornai eſſa brancura á alva açucena. 85.
Transforma ſe o amador na couſa amada. 30.
Que para ſua ſatisfaçaõ lhe baſta o empregar-ſe

ſe em amar. Parece que foi o Poeta aſſaltado de algum deſejo menos decente.

V

VEncido eſtá de amor meu penſamento. 104.
Verdade, amor, razaõ, merecimento. 143.
Deſengano das couſas do Mundo.

Vi queixoſos de amor mil namorados. 150.
Que tudo no amor he triſteza, e tormento.

Vósoutros que buſcais repouſo certo. 123.
Ao engano com que os homẽes vivem, e daõ credito ás couſas do Mundo, procurando achar repouſo nellas, e perdendo-ſe pelas meſmas.

Vós Nymphas da Gangetica eſpeſſura. 139.
A D. Leonis Pereira, filho illegitimo de Dom Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira. Tendo á ſua conta a Praça de Malaca, entaõ huma das mais importantes daquelle Eſtado, e ſendo eſta invadida por ElRei de Achem com huma poderoſa Armada, elle a defendeo valeroſamente. Succedeo iſto no anno de 1568., em que o Poeta ſahio da India para Soſála, donde partio para Lisboa, chegando aqui no anno de 1569.

Vós, que de olhos ſuaves, e ſerenos. 70.
He do meſmo argumento que o Soneto 87, e vem a ſer ciume a que a ſua Dama deo cauſa.

Vós que eſcutais em Rhythmas derramado. 75.
He traducçaõ de hum Soneto, que ſerve de Proemio aos Sonetos de Petrarca, e principia:
Voi ch'aſcoltate in Rime ſparſe il ſuôno,
Di quei ſuſpiri ond'io nudriva il cuore, &c.

Voſ-

Voſſos olhos, Senhora, que competem. 57.
Aos olhos da ſua amada.
Vós ſó podeis, ſagrado Evangeliſta. 147.
A Saõ Joaõ Evangeliſta.

CANÇÕES.

A *Inſtabilidade da fortuna.* 182.
Enganos, e deſenganos de amor, e de fortuna. Falla tambem contra o amor vicioſo, e deſordenado.
A vida já paſſei aſſaz contente. 233.
A' morte de D. Antonio de Noronha. Veja-ſe a advertencia, no fim da pag. 233.
Com força deſuſada. 193.
Foi eſcripta na India, e deſcreve o Poeta a ſua fortuna naquelles Eſtados.
Formoſa e gentil Dama, quando vejo. 179.
Deſcreve a formoſura da ſua amada, e o tormento amoroſo, que por ella padecia.
Já a roxa manhãa clara. 185.
Deſcreve a ſerenidade de huma manhãa clara, e diz que nella vê a formoſura amada.
Junto de hum ſecco, duro, eſteril monte. 206.
Foi eſcripta em Goa, depois de voltar da Arabia Feliz. Lamenta o Poeta nella as proprias deſgraças, e os ſeus amoroſos cuidados.
Manda-me amor que cante docemente 197.
Deſcreve o primeiro aſſalto amoroſo, fundamento de quaſi todas as Rhythmas que o Poeta eſcreveo.
Manda-me amor que cante o que a alma ſente. 200.
Eſta Canção, e a ſeptima, que principia: *Manda-me amor que cante docemente*, ambas são ao meſ-

meſmo aſſumpto, e ambas á imitaçaõ de outra de Pedro Bembo, como fica dito em huma advertencia na pag. 200.

Nem roxa flor de Abril. 218.

Tem por argumento huma rara formoſura natural, ſem algum enfeite, ou adorno da arte.

Oh pomar venturoſo. 220.

A hum pomar.

Por meio de humas ſerras mui fragoſas. 229.

Deſcripçaõ de huma ribeira, e prado adjacente.

Que he iſto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura. 226.

Sobre hum ſonho, de que trata na Eſtancia quarta da Cançaõ que principia: *A inſtabilidade da fortuna.*

Quem com ſólido intento. 223.

Tem por argumento o naõ produzirem no Poeta as cauſas os ſeus communs, e devidos effeitos, ſenaõ outros muito contrarios: e que elle vive daquillo meſmo de que outros morrem. Imita Luis de Camões neſta Cançaõ, e em parte traduz humas Lyras de Luis Grotto, impreſſas na primeira parte das ſuas Rhythmas.

Se eſte meu penſamento. 190.

He o meſmo argumento, que o da Cançaõ que principia: *Formoſa e gintil Dama, &c.*

Tomei a triſte penna. 203.

Cançaõ para ſe enviar como carta a huma Dama.

Vaõ as ſerenas agoas. 188.

Eſtando o Poeta auſente de Coimbra, onde lhe ficára o emprego do ſeu cuidado.

Vinde cá meu taõ certo Secretario. 210.

Refere o Poeta as couſas mais principaes da ſua vida.

ODES.

ODES.

Aquelle moço fero. 259.
Achando-ſe namorado de huma eſcrava ſua.
Aquelle unico exemplo 254.
Foi eſcripta em Goa a D. Franciſco Coutinho, Conde de Redondo, e Viſo-Rei da India, na occaſiaõ em que Garcia de Horta, Medico d'ElRei, imprimio alli o ſeu *livro* das drogas Orientaes, que foi no anno de 1563, por Joaõ de Endem.
A quem daraõ de Pindo as moradoras. 252.
A D. Manoel de Portugal, filho do primeiro Conde de Vimioſo D. Franciſco de Portugal. Foi D. Manoel Poeta inſigne, grande favorecedor dos que ſe applicavam ao eſtudo da Poeſia, e o que neſte Reino poz os verſos hendecaſyllabos no ſeu devido eſplendor.
Detém hum pouco, Muſa, o largo pranto. 237.
Eſta Ode foi eſcripta em Cintra, ſerra a que os Antigos chamáraõ da Lũa: eſcraveo-a o Poeta por occaſiaõ de ſe achar alli a ſua amada.
Fogem as neves frias. 257.
Deſcreve a entrada da Primavera, e logo o Eſtio, o Outono, e o Inverno, e como eſtas Eſtações ſe vaõ ſucceſſivamente ſeguindo huma a outra; tirando deſta viciſſitude, e conſtante mudança, huma moralidade verdadeira, da pouca duraçaõ da vida humana, e proſperidades do Mundo. Em fim, he eſta Ode huma imitaçaõ (em parte traducçaõ) da Ode VII. do Livro IV. de Horacio.

Formoſa fera humana. 245.
A certa Dama Lisbonenſe, que pelo contexto ſe entende ſer ſemelhante á da que falla Horacio na Ode X. do Livro terceiro.
Já a calma nos deixou. 265.
He o meſmo argumento, que o da Ode IX., com a differença de que lá principiou com a entrada da Primavera, e aqui começa com o rigoroſo do Verão.
Naquelle tempo brando. 262.
Amores de Peleo, e Tethys, e como delles naſceo o forte Achilles.
Nunca manhãa ſuave. 248.
Eſcripta em obſequio de certa Dama.
Póde hum deſejo immenſo. 249.
Foi eſcripta em auſencia, na qual ſó em vivas repreſentações da imaginaçaõ via a ſua amada.
Se de meu penſamento. 242.
Eſcreveo o Poeta eſta Ode, quando já canſado com as trabalhoſas experiencias de amor, e fortuna, que o haviam reduzido a hum eſtado de naõ poder cantar como coſtumava.
Taõ ſuave, taõ freſca, e taõ formoſa. 240.
Da Eſtancia ſeptima deſta Ode ſe entende que foi eſcripta em huma deſpedida; porque diz que aquelles que ſe vaõ ſoffrem ſaüdades, ſuſpeitas, temores, penas, &c., e conclue o Poeta dizendo, que ſe expõe a ſoffrer tudo. He eſcripta com o meſmo artificio que outras, que eſcrevêram Poetas inſignes, aſſim como Franciſco Petrarca, Pedro Bembo, e Luis Grotto na Italia: na Heſpanha Alonſo Peres; e em Portugal Fernando Alvares do Oriente. Ha ſuſpeita de que eſta de Luis de Ca-

Camões ſe acha aqui truncada, ou diminuta, por culpa de Copiadores ignorantes.

SEXTINAS.

A Culpa de meu mal fó tem meus olhos. 270.
Lamenta o tormento amoroſo: mas, que vive nelle voluntario, e com goſto.

Foge-me pouco a pouco a curta vida. 269.
Foi eſcripta na India, nos ultimos annos da vida do Poeta, eſtando auſente da Patria, e de quem nella amava.

Oh triſte, oh tenebroſo, oh cruel dia. 272.
Na morte da ſua amada Natercia.

Sempre me queixarei deſta crueza. 273.
Tambem tem por argumento a morte da meſma Natercia.

ELEGIAS.

A O pé de huma alta faia vi ſentado. 303.
Vergel de amor. Com eſte titulo ſe achou a preſente Elegia em hum Manuſcripto.

Aquella que de amor deſcomedido. 282.
A D. Antonio de Noronha, eſtando o Poeta deſterrado em Ceuta.

Aquelle mover de olhos excellente. 293.
Deſcreve perfeições da ſua amada, e dá por bem empregado o tormento amoroſo que padece.

A vida me aborrece, a morte quero. 311.
Eſcreveo o Poeta eſta Elegia entre os 17, e 18 an-

annos da ſua idade, e no principio da ſua inclinaçaõ amoroſa.

Beliſa, unico bem deſta alma triſte. 307.

A Beliſa perſuadindo a a que o naõ trate com crueldade, pois que com eſta naõ conſeguirá o deixar elle de a amar.

De peña en peña muevo las paſſadas. 340.

He do meſmo argumento daquella que principia: *La ſierra fatigando de contino.*

Deſpois que Magalhães teve tecida. 289.

A D. Leoniz Pereira, que ſendo Capitam, e Governador de Malaca a defendeo valeroſamente do poder de Achem, no anno de 1568. Neſta Elegia o diſpõe o Poeta, para que receba benignamente o Livro das couſas do Braſil, impreſſo em Lisboa, no anno de 1576, que Pedro de Magalhães Gandavo lhe dedicava.

Entre ruſticas ſerras, e fragoſas. 295.

Fabula de Narcizo.

Fai me alegre o viver, já me he pezado. 333.

Queixa-ſe da ſua fortuna, por lhe conceder a dita de ver huma formoſura, da qual ſempre ficou captivo, ſem reſgate.

Illuſtre e nobre Sylva deſcendido. 342.

A Pedro da Sylva.

Juïzo extremo, horrifico, e tremendo. 325.

Contém eſtes Tercetos acroſticos huma traducçaõ do vaticinio que a Sibylla Erythrea eſcreveo em verſos Gregos.

La ſierra fatigando de contino. 338.

Foi eſcripta em auſencia, naõ obſtante a qual, promette huma conſtante firmeza á ſua Dama.

Naõ porque de algum bem tenha eſperança. 330.

Deſeſperado de conſeguir o objecto dos ſeus deſ-

deſvelos deſeja com a morte dar fim a ſeu tormento.

Naõ me julgueis, Senhora, atrevimento. 351.
Pede á ſua Dama ſe compadeça do cruel tormento em que vive, e de que ella meſma he cauſa.

Nunca hum appetite moſtra o dano. 336.
Foi feita eſtando deſterrado; e nella ſe queixa de que amando tanto a ſua Dama, ella lhe naõ correſponda igualmente.

O Poeta Simonides fallando. 275.
Foi eſcripta em Goa, nos fins do anno de 1553, e iſto ſe ſabe por dar nella conta de huma victoria que os Portuguezes alcançáram (em que tambem ſe achou o Poeta) do Rei de Pimenta. Tambem aqui deſcreve ſucceſſos da ſua viagem para aquelles Eſtados.

O Sulmonenſe Ovidio deſterrado. 286.
Eſcreveo o Poeta eſta Elegia aos 19, ou 20 annos da ſua idade, e no ſeu primeiro deſterro, que foi em Santarem.

Que triſtes novas, ou que novo dano. 313.
Deixou Luis de Camões eſta Elegia, ſem alguma lima, talvez por lhe naõ agradar a ordidura della. Era eſcripta na morte de D. Miguel de Menezes, filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Idanha a velha, e Azinhaga, e ſexto Governador da Caſa do Civel, no principio do Reinado d'ElRei Dom Joaõ III: a mãi ſe chamava Dona Beatriz de Vilhena, e tiveram os filhos ſeguintes: Dom Joaõ, D. Rodrigo, D. Antonio, D. Franciſco, D. Miguel, D. Philippe, D. Joaõ, Dona Branca, D. Maria, D. Leonor, e D. Joanna. Toda eſta noticia he neceſſaria para a intelligen-

gencia deſte Poema. Morreo D. Miguel na India; e fazendo Manoel de Faria toda a diligencia, lhe não foi poſſivel deſcobrir em que occaſiaõ.

Saiam deſta alma triſte, e magoada. 344.

Na morte de D. Tello, a quem matâram na India.

Se obrigações de fama podem tanto. 327.

Eſcripta em Damaõ a D. Maria de Figueiroa, filha do Meſtre Melchior.

Se quando contemplamos as ſecretas. 319.

A' Paixaõ de Chriſto S. N. He imitaçaõ (em parte) do Poema Latino, que deſte meſmo argumento eſcreveo Sanazzaro, e principia:

Si quando magnum mirati ſurgere Solem
Oceano, & toto flammas diffundere Cælo, &c.

ESTANCIAS.

CA' neſta Babylonia adonde mana. 379.

He huma gloſa do Soneto 194, que principia: *Cá neſta Babylonia, &c.*

Como nos voſſos hombros taõ conſtantes. 365.

A D. Coſtantino de Bragança, Viſo-Rei da India. Era filho do IV. Duque de Bragança Dom Jaime, e peſſoa, que álém deſta primeira qualidade, teve hum talento de taes quilates, que pareceo que ſó por elle podia ſer reſtaurada a India, que naquelle tempo ameaçava a ultima ruïna. Foram eſcriptas eſtas eſtancias em Goa anno de 1560.

De huma formoſa Virgem deſpoſada. 384.

A Santa Urſula. Na pag. 384. deixámos huma advertencia, em que puſemos patente ſerem eſ-

deſvelos deſeja com a morte dar fim a ſeu tormento.

Naõ me julgueis, Senhora, atrevimento. 351.
Pede á ſua Dama ſe compadeça do cruel tormento em que vive, e de que ella meſma he cauſa.

Nunca hum appetite moſtra o dano. 336.
Foi feita eſtando deſterrado; e nella ſe queixa de que amando tanto a ſua Dama, ella lhe naõ correſponda igualmente.

O Poeta Simonides fallando. 275.
Foi eſcripta em Goa, nos fins do anno de 1553, e iſto ſe ſabe por dar nella conta de huma victoria que os Portuguezes alcançáram (em que tambem ſe achou o Poeta) do Rei de Pimeuta. Tambem aqui deſcreve ſucceſſos da ſua viagem para aquelles Eſtados.

O Sulmonenſe Ovidio deſterrado. 286.
Eſcreveo o Poeta eſta Elegia aos 19, ou 20 annos da ſua idade, e no ſeu primeiro deſterro, que foi em Santarem.

Que triſtes novas, ou que novo dano. 313.
Deixou Luis de Camões eſta Elegia, ſem alguma lima, talvez por lhe naõ agradar a ordidura della. Era eſcripta na morte de D. Miguel de Menezes, filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Idanha a velha, e Azinhaga, e ſexto Governador da Caſa do Civel, no principio do Reinado d'ElRei Dom Joaõ III: a mãi ſe chamava Dona Beatriz de Vilhena, e tiveram os filhos ſeguintes: Dom Joaõ, D. Rodrigo, D. Antonio, D. Franciſco, D. Miguel, D. Philippe, D. Joaõ, Dona Branca, D. Maria, D. Leonor, e D. Joanna. Toda eſta noticia he neceſſaria para a intelligen-

gencia deste Poema Morteo D. Miguel na India; e fazendo Manoel de Faria toda a diligencia, lhe não foi possivel descobrir em que occasiaõ.

Saiam desta alma triste, e magoada. [illegible]

Na morte de D. Telio, a quem matarão na India.

Se obrigações de fama podem tanto. [illegible]

Escripta em Damaõ a D. Maria de Figueiroa, filha do Mestre Melchior.

Se quando contemplamos as secretas. [illegible]

A' Paixaõ de Christo S. N. he imitaçaõ (em parte) do Poema Latino, que deste mesmo argumento escreveo Sanazaro, e principia:

Si quando magnum mirati surgere bilem
Oceano, & toto flammas diffundere Cælo [illegible]

ESTANCIAS.

CA' nesta Babylonia adonde mana. [illegible]

He huma glosa do Soneto [illegible], que principia: *Cá nesta Babylonia*, [illegible]

Como nos vossos [illegible] [illegible]

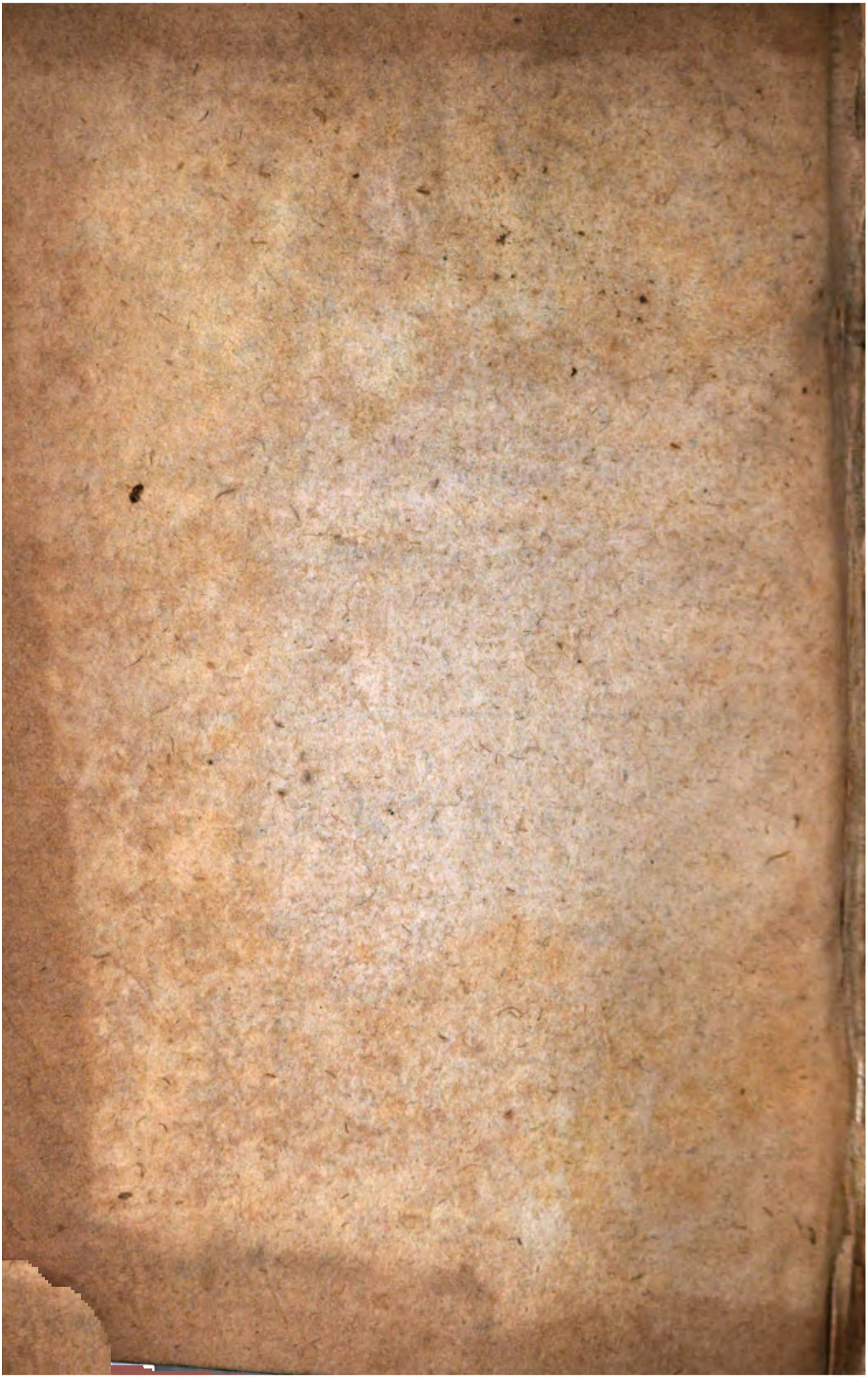
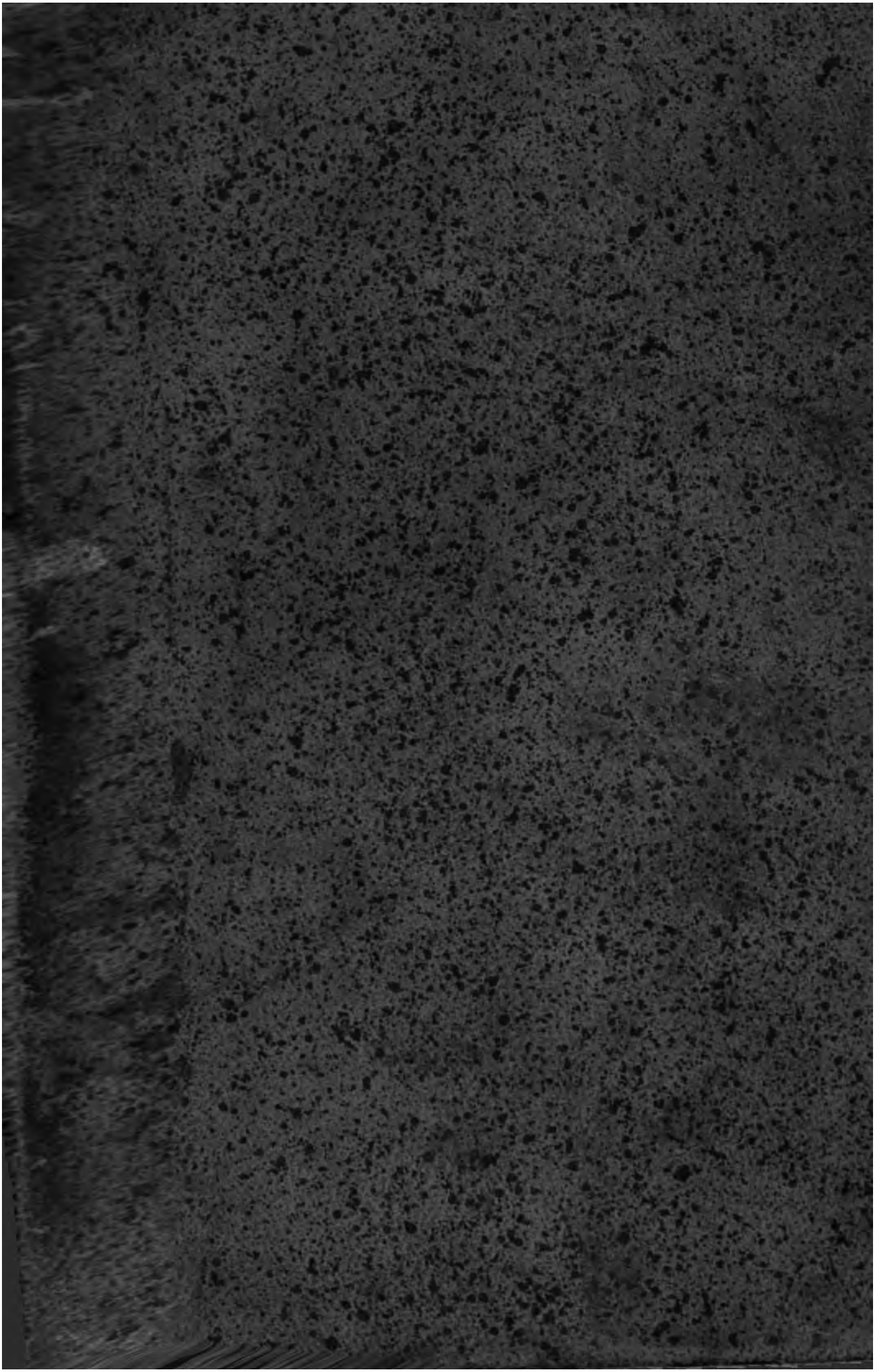
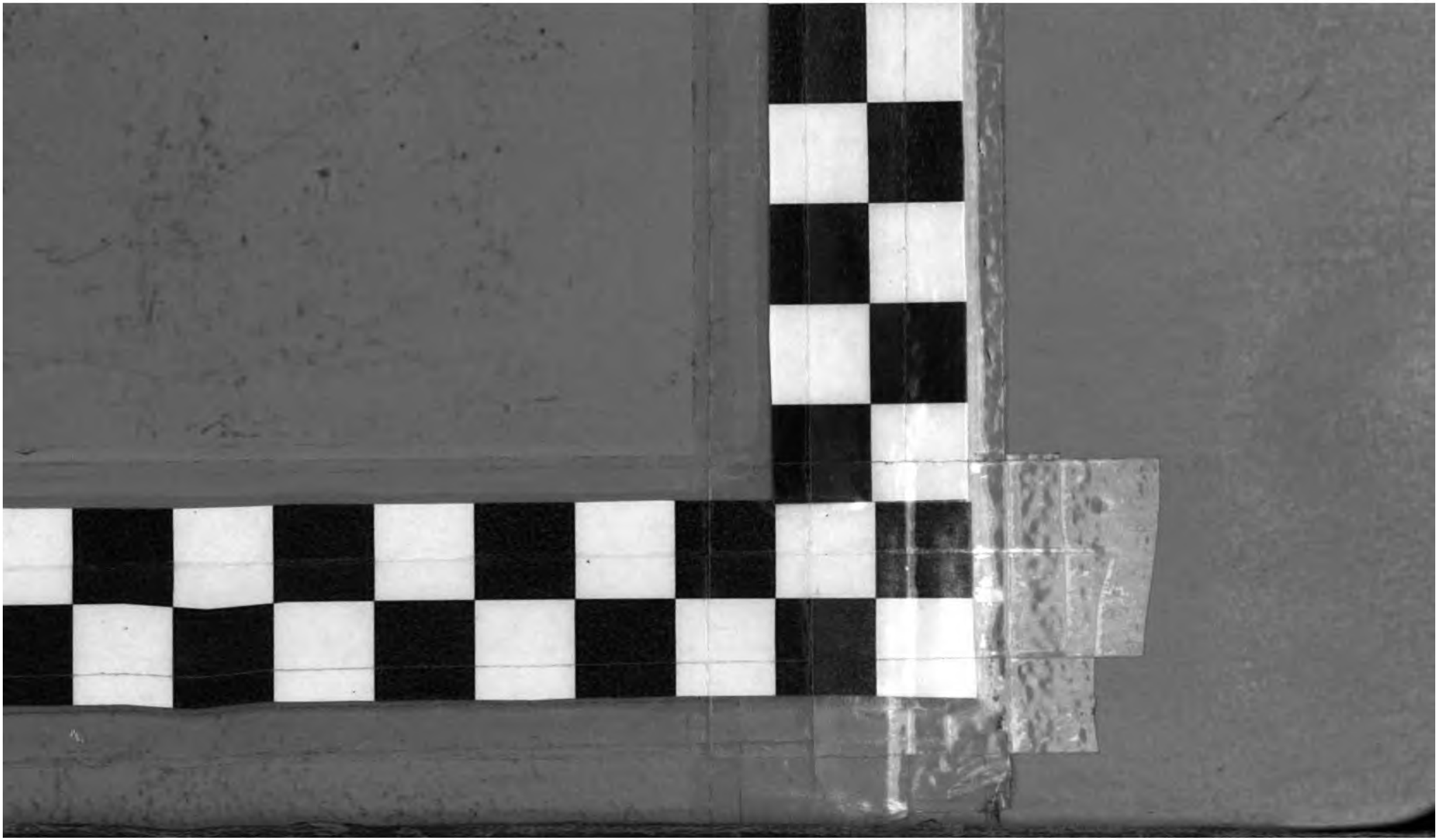
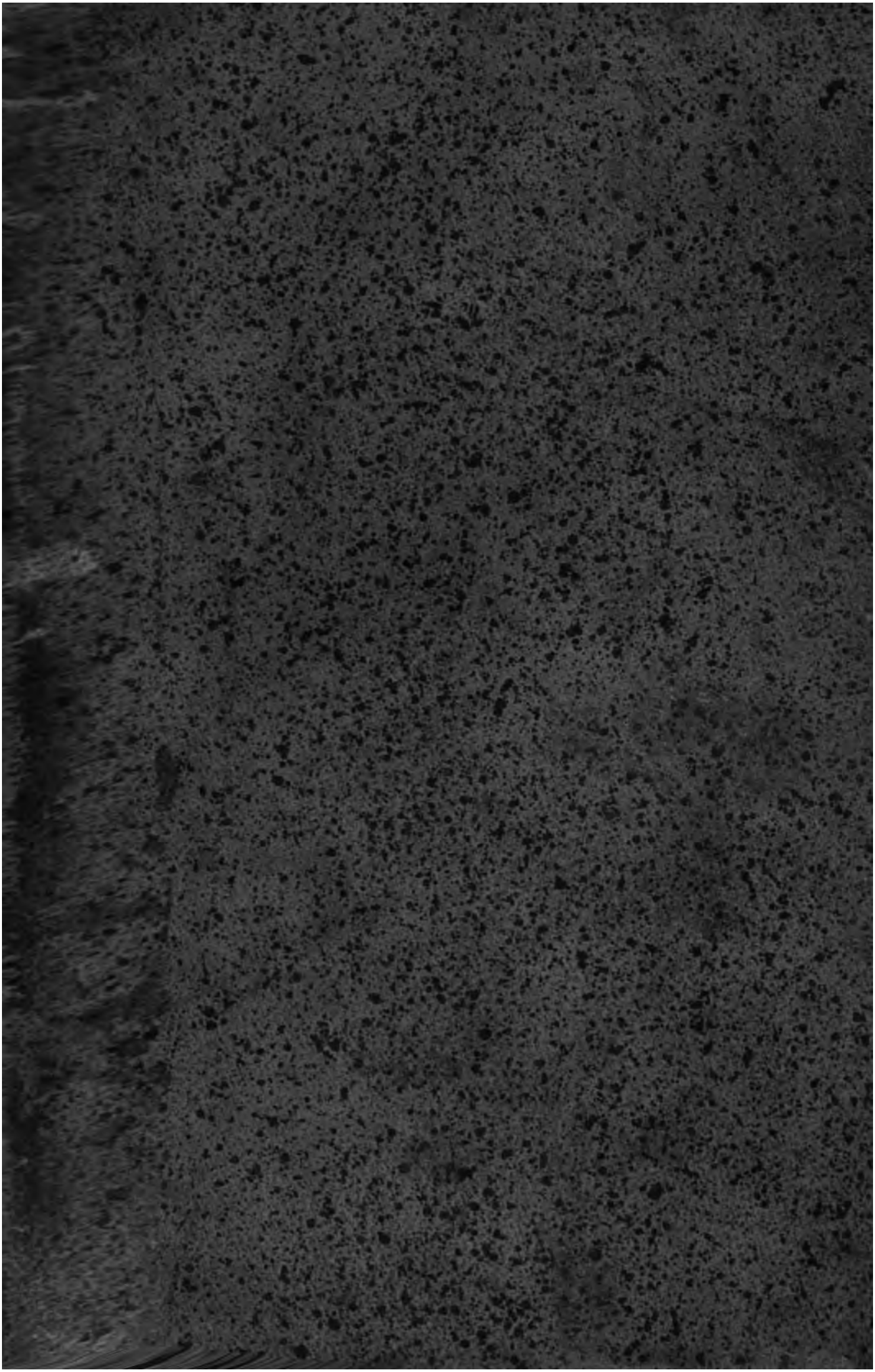
A D. Costantino de Bragança [illegible] na India. Era filho do [illegible] de Bragança Dom Jaime, e pessoa, [illegible] qualidade, [illegible] tes, que [illegible] restaurada a India, [illegible] çava a ultima ruina. [illegible] tancias em Goa [illegible]

De huma formosa Virgem [illegible]

A Santa Ursula. [illegible] advertencia, em que [illegible]

eſtas Eſtancias de Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, que as imprimio por ſuas.
Deſpois que a clara Aurora a noite eſcura. 374.
He huma gloſa do Soneto 14. que principia: *Todo o animal da calma, &c.*
Mui alto Rei, a quem os Ceos em ſorte. 371.
Sobre a ſétta que o Santo Padre mandou a El-Rei D. Sebaſtiam no anno de 1575.
Quem póde ſer no mundo taõ quieto. 355.
A D. Antonio de Noronha, ſobre o deſconcerto do Mundo.
Senhora, ſe encobrir por alguma arte. 381.
Eſtancias eſcriptas a certa Dama.

Fim do Tomo ſegundo.

ERRATAS.

Pag.	*regr.*	*Erros.*	*Emendas.*
54	12	De que ſempre	De quem ſempre
112	6	E gora	E agora
120	4	Atis	Atys
Ibid.	10	pinheiro	Pinheiro
Ibid.	14	pinheiro	Pinheiro.